USA Today and NYT Best-Selling Author

RACHEL HIGGINSON

Every Wrong Reason





Rachel Higginson

Livro Único

Every Wrong Reason

Every Wrong Reason Copyright © 2015 Rachel Higginson

SINOPSE

Primeiro vem o amor.

Em seguida, vem o casamento.

Então vem o... divórcio realmente desagradável.

Kate Carter achou que tinha se casado com seu companheiro de alma. Ela achou ter encontrado seus felizes para sempre. Mas aos sete anos de casamento de Kate, ela percebe que seu marido, Nick, não é o que ela queria. Ele é egoísta, ele é alheio e ele não a ama mais.

Talvez ela não o ame mais também.

O divórcio é a única opção se algum deles quer encontrar a felicidade.

Kate e Nick pensavam que sabiam o que queriam, mas não estão preparados para a dor de cabeça que a separação vai trazer para eles. A viagem a qual eles embarcam não é a liberdade que desejavam, mas um olhar doloroso para as pessoas que se tornaram.

No final disso, Kate tem de decidir se esta é realmente a vida que ela quer ou se talvez haja uma forma de salvar seu coração partido.

PRÓLOGO

Razões pelas quais ele não é a pessoa certa para mim.

1. Ele é a pessoa mais **egoísta** que eu conheço.

2. Eu seria mais **feliz** sem ele.

3. Ele não consegue tomar banho sem espalhar água **por todos os lados.**

4. Se eu tiver que limpar a pasta de dentes que ele derrubou **mais uma vez,** vou enlouquecer.

5. É **tão difícil** assim guardar o leite?

6. Eu não **o amo mais.**

7. **Nunca** fomos certos um para o outro.

Como chegamos até aqui?

De novo?

Eu só queria ir para a cama. Eu tive o dia mais desagradável da minha vida, e tudo o que eu queria fazer era voltar para casa, tomar o banho mais longo e quente da história dos banhos, e enterrar o rosto nos meus travesseiros.

Em vez disso, são três horas da manhã e eu estou com uma enxaqueca que está tentando assassinar meu cérebro. Maldição.

— Isso não é por causa da água por todo o chão do banheiro, Nick. Deus, honestamente! É sobre o *princípio* da água por todo o chão do banheiro!

— Você está brincando comigo? O que diabos isso quer dizer? — Seu belo rosto estava contorcido de frustração. Ele nem sequer olhava para mim.

Eu tentei me lembrar da última vez que ele olhou para mim,

realmente olhou para mim, e não consegui. Quando foi a última vez que ele me viu? Quando foi a última vez que não brigamos por tempo suficiente para que seus olhos azuis claros olhassem nos meus e estabelecessem uma conexão verdadeira?

Fazia anos.

Talvez ele nunca tenha me enxergado.

— Isso significa que tem água por todo o chão! De novo! Quantas vezes eu te pedi para secar o chão depois do banho? Eu não estou pedindo muito! Eu só queria que o chão do banheiro estivesse seco, para quando eu entrar lá não encharcar minhas meias *todas às vezes!*

— Você vai tirar as suas meias de qualquer jeito! Por que isso importa? — Seus braços longos voaram de um lado para o outro enquanto ele caminhava por toda a extensão do nosso quarto.

Eu me joguei na cama e os travesseiros afundaram com o peso da minha cabeça. Tive vontade de chorar, mas eu não deixaria que algo tão estúpido me levasse às lágrimas. Eu *não faria* isso.

Não de novo.

Essa discussão não era realmente sobre a água. Ele estava certo; Eu estava planejando tirar minhas meias. Mas eu estava tão cansada de ter que pedir para ele fazer algo tão simples. Por que ele não podia me ouvir? Pelo menos uma vez?

— Tudo bem. — Cedi. — Eu não me importo. Vamos apenas ir para a cama.

— Típico. — O ouvi murmurar.

Eu afastei meus dedos do rosto e me apoiei sobre os cotovelos. Ele estava de costas para mim, enquanto encarava nossas cortinas fechadas. Eu podia ver a tensão em seus ombros largos. Sua camiseta fina estava esticada contra os músculos esculpidos dos quais ele era tão orgulhoso.

Era muito tarde, e nós dois tínhamos que trabalhar na parte da manhã, o que só serviu para aumentar a minha frustração. Sua corrida demorou horas hoje à noite. Ele saiu logo depois do jantar e não voltou para casa até perto das dez. Eu tinha começado a pensar que algo tinha acontecido com ele.

Quando eu perguntei onde ele estava, ele me disse que seu grupo

de corrida tinha saído para tomar algumas cervejas depois do treino. Ele tinha saído para tomar algumas cervejas e não tinha se dado ao trabalho de me enviar uma mensagem, ligar ou me avisar que ele estava vivo e não morto em uma vala em algum lugar.

Eu tive um dia terrível e o meu marido saiu para tomar algumas cervejas depois de uma corrida excessivamente longa, enquanto eu lavava a louça, limpava a cozinha, lavava a sua roupa e separava os documentos.

E em seguida, depois de tudo isso, caminhei sobre uma poça de água parada no chão do nosso banheiro, porque ele não se incomodava em limpar.

E ele quer ficar jogando em mim a palavra 'típico'.

Ok, talvez não fosse uma poça *enorme*. Isso pode ter sido um pequeno exagero.

Pelo menos Nick era inteligente o suficiente para não ressaltar isso.

Ele era inteligente o suficiente ou ele valorizava a sua vida. E pela sua vida eu queria dizer as suas bolas.

— O que isso quer dizer? — Minha voz estava baixa e comedida, em completa oposição com as batidas do meu coração e o sangue correndo em meus ouvidos.

Esta não foi a primeira vez que tivemos uma grande explosão de raiva. Na verdade, nós brigávamos mais do que nos acertávamos. Se eu fosse realmente honesta comigo mesma, não conseguia lembrar a última vez que eu apreciei estar por perto dele.

— É típico, Kate. Justamente quando eu finalmente consigo chegar ao ponto do motivo pelo qual você está tão chateada, você decide parar de falar e se afastar. Você está pronta para dormir, e eu finalmente descobri o que te deixou tão chateada. Então, o que eu devo fazer agora? Esquecer? Ignorar e fingir que você não me manteve por horas acordado enquanto estava brigando por causa disso? Deus sabe que *você* vai.

— Estou cansada, Nick. São três horas da manhã. Nós dois temos que trabalhar amanhã! O que você *quer* que eu faça? Eu acho que nós poderíamos sentar aqui e discutir até o sol nascer, mas como você mesmo falou, você finalmente entendeu!

— Deus, você pode ser uma cadela.

Suas palavras me atingiram como um tapa no rosto.

— E você pode ser um babaca egoísta.

Eu assisti sua expressão falhar. Era esse tipo perfeito de golpe que levava o vento todo para longe de suas velas. Seu corpo inteiro murchou, e eu sabia que tinha machucado ele tanto quanto ele tinha me machucado. Exceto que ao invés de me fazer sentir melhor comigo mesma, percebi que nunca tinha me sentido pior.

Ele sentou na beira da nossa cama e cobriu o rosto com as mãos. Seu cabelo claro e desgrenhado caiu sobre as pontas de seus dedos e me lembrou de quando eu costumava afastar ele para longe de seus olhos.

Mesmo agora, depois de sete anos de casamento, ele ainda era um dos homens mais lindos que eu já tinha visto. Seu corpo alto estava cheio de massa muscular magra e membros longos. Seu rosto era abençoado com ângulos agudos e profundos, comoventes olhos azuis e um queixo quadrado escondido atrás de uma barba curta, como se ele tivesse esquecido de fazê-la por alguns dias. Seu cabelo selvagem era um pouco mais comprido em cima do que nas laterais, e apesar de sua rebeldia, ele sempre estava casualmente aparado. Sem piercings. Sem tatuagens. E seus lábios sempre eram secos, desde que eu podia me lembrar. Mas ele tinha um jeito de passar sua língua por eles que costumava me deixar com água na boca.

Eu me apaixonei por ele no nosso segundo encontro. Nós tínhamos amigos em comum, que nos apresentaram. Minha companheira de quarto, Fiona, estava namorando seu colega de equipe, Austin, e em um sábado de outubro durante nosso primeiro ano de faculdade ela finalmente me arrastou até um de seus locais de encontro.

Nós nos encontramos depois que ele chegou em primeiro lugar entre duzentos e trinta, e ele estava em um estado de espírito comemorativo o suficiente para não parar de sorrir. *Eu* não conseguia parar de olhar para sua covinha solitária ou seus brilhantes olhos azuis. Ele tinha a percepção aguçada para saber que tinha me encantado.

Ou talvez ele simplesmente leu os sinais muito evidentes. Eu não era boa em esconder os meus sentimentos.

No entanto, nosso primeiro encontro foi um desastre absoluto. Eu era desajeitada e ele estava nervoso. Não tínhamos muito que conversar e quando ele me deixou no dormitório, afirmei para Fiona que ele nunca mais me chamaria para sair.

Eu nunca entendi por que ele me convidou para um segundo encontro, mas foi assim, quando ele me levou para o meu restaurante italiano favorito e em seguida para um passeio que terminou com uma invasão e uma caminhada ao luar através de campos aleatórios no meio do país, que me fez perceber que eu nunca iria encontrar um homem igual a ele.

Ele tinha algo que eu decidi que não poderia viver sem. Suas perguntas deliberadas e seu senso de humor prenderam a minha atenção, e seu grande sorriso fez meu corpo derreter por dentro. Eu nunca tinha conhecido alguém que fez eu me sentir assim... Que fez parecer como se eu fosse a única pessoa viva que tivesse algo interessante a dizer.

Se todas as noites pudessem ser como aquele segundo encontro, eu nunca iria duvidar do que havia entre nós, nem mesmo por um segundo. Mas depois de lutar para que nos acertássemos por todos esses anos, e sabendo que toda a química que tivemos um com o outro fracassou há muito tempo atrás, eu estava exausta.

E eu também estava começando a perceber que estava machucada. Ou se não machucada, então me machucando.

Eu não podia continuar fazendo isso.

E enquanto eu estava decidindo isso, tinha começado a enumerar as razões pelas quais não fomos feitos um para o outro... Por que ele não era a pessoa certa para mim. Eu era organizada por natureza. Eu era uma fazedora de listas. Eu não podia deixar de compilar todas as razões pelas quais éramos errados um para o outro.

Mesmo que isso me machucasse.

Mesmo que isso nos destruísse.

— O que estamos fazendo? — Ele murmurou contra suas mãos.

Lágrimas quentes escorregaram pelos cantos dos meus olhos, mas eu as enxuguei antes que ele pudesse vê-las.

— Eu não sei. — Sussurrei. Minhas mãos caíram para descansar contra meu estômago plano. — Nós odiamos um ao outro.

Ele virou a cabeça e olhou para mim por cima do ombro.

— É isso que você acha? Você acha que eu odeio você?

— Eu acho que nós nos distanciamos tanto, que nem sequer nos conhecemos mais.

Era sua vez de me olhar como se eu tivesse lhe dado um tapa.

— O que você quer Kate? Me diga o que você quer fazer. Me diga como consertar isso?

Eu reconheci o tom suplicante em sua voz. Era isso que sempre acontecia. Começávamos a brigar por algo simples que não importava para nenhum de nós, e isso, inevitavelmente, revelava nossos problemas de verdade, aqueles que geralmente tentávamos ignorar. Então, finalmente, a noite terminava com Nick prometendo fazer o que fosse preciso para que isso desse certo entre nós. Só que na manhã seguinte, acordávamos e nada podia ser mudado ou corrigido ou esquecido e iniciávamos todo o ciclo ilusório de novo.

Eu estava de saco cheio. Eu estava cansada de me sentir assim e pisar em ovos todas as vezes que não estávamos brigando. Eu estava cansada de me sentir mal por causa dos meus sentimentos e das coisas que eu falava. E eu estava realmente cansada do olhar em seu rosto neste momento, sabendo era eu quem o tinha colocado lá.

Eu queria sair deste trem louco. Eu queria acordar de manhã me sentindo bem comigo mesma, e queria ir para a cama à noite sabendo que eu não era um grande fracasso.

Minhas mãos se fecharam em punhos fortemente contra minha barriga e eu fechei meus olhos antes que eles tentassem vazar memórias mais dolorosas. Olhei à minha esquerda, visualizando minha aparência no espelho da porta que dava para nosso banheiro. Meu cabelo comprido parecia preto com a iluminação fraca, e minha pele estava tão pálida que eu quase podia ver através dela. Olhei para os meus olhos que estavam tão escuros e vazios quanto um buraco negro, e me perguntei se eles estavam refletindo o meu espírito despedaçado.

— Eu não acho que nós possamos. — Minhas palavras saíram em um sussurro despedaçado, mas elas soaram claras... Como uma verdade. Elas eram dolorosas, mas elas eram libertadoras. — Acho que estamos muito quebrados, Nick. Eu acho que é tarde demais para nós dois.

— O que você está dizendo, Katie?

Eu ignorei a agonia rouca em sua voz. Se eu começasse a me sentir mal por ele agora, eu nunca colocaria isso para fora.

— Acabou, Nick... *Nós* acabamos. Eu acho que está na hora de sermos honestos com nós mesmos e admitir isso.

Sua resposta foi imediata.

— Você está falando sério? Você realmente não quer mais tentar?

Meu temperamento explodiu novamente e meu rosto ficou vermelho por causa da raiva bombeamento através de mim.

— Eu tenho *tentado*! O que você acha que eu tenho feito pelos últimos sete anos? Eu tenho tentado todo o santo dia! E não é o bastante! *Nunca* é o bastante! Eu não posso continuar fazendo isso dia após dia. Eu não posso continuar fingindo que as coisas estão bem e em seguida, cair aos pedaços todas as vezes que começamos a discutir. Nick, eu estou exausta até os *ossos*. Você é uma boa pessoa, mas é como... É como se eu trouxesse o que há de pior em você. E o mesmo acontece comigo! Eu sou divertida. Eu sou uma pessoa muito divertida. As pessoas *gostam* de mim! Todas as pessoas, exceto *você.* E eu não culpo você! Quando estamos juntos eu sou uma megera, eu sou ingrata, eu sou simplesmente... Terrível. E eu odeio essa pessoa. Eu odeio a pessoa que sou quando estou com você. E eu odeio a pessoa que você é...

Sua cabeça se levantou. Eu não tinha a intenção de ir tão longe ou terminar aquele pensamento, mas Nick era muito perceptivo para não entender.

— Você odeia a pessoa que eu sou quando estou com você. É isso que você ia dizer?

Eu encolhi os ombros, envergonhada por ter deixado essas palavras escaparem. Eu não deveria ter dito isso, mesmo que fosse verdade. Porém elas ressaltavam o meu ponto. Eu era uma pessoa terrível com Nick. *Para Nick.* Nós tínhamos transformado um ao outro em pessoas terríveis.

Nosso relacionamento era tóxico. Ele estava me envenenado lentamente.

Eu estava o envenenando lentamente.

— Então, o que você está dizendo? — Ele perguntou com a voz rouca. — Você quer o divórcio? É isso que você quer? Você acha que

devemos nos divorciar?

Eu assenti, incapaz de deixar essas palavras saírem dos meus lábios.

— Nós não somos bons juntos. Nós odiamos um ao outro.

— Sim, você deixou isso bem claro hoje à noite.

— Você pode pensar em alguma razão para ficarmos juntos? Me dê uma boa razão que justifique continuarmos fazendo isso com nós mesmos e eu vou tentar. Eu juro para você, se você puder me dar uma razão para ficarmos juntos, eu vou continuar fazendo isso. Mas Nick, *Deus*, isso está me arruinando. Eu não sei o quanto mais posso aguentar antes de desmoronar.

Desta vez, quando as lágrimas começaram a cair, eu não as enxuguei ou tentei pará-las. Meu queixo tremia com a força da minha emoção e um soluço devastador se acumulou em meu peito. Aquela era a verdade. Toda ela. Eu me odiava e eu o odiava porque era ele quem tinha me transformado nesta pessoa horrível.

Eu não podia mais fazer isso.

Se ele me desse uma boa razão, eu não sabia o que iria fazer. Eu sabia que disse para ele que continuaria tentando, mas neste momento, eu não aguentava mais fazer isso. Eu nunca mais tentaria de verdade neste relacionamento destruído. Eu não tinha mais nada dentro de mim para dar.

Ele me encarou por um longo tempo. Eu podia vê-lo processando tudo por trás de seus olhos cerrados. Eu sabia que ele pensava que estava escondendo suas emoções de mim, mas depois de sete anos de casamento e dez anos juntos, eu podia ler ele como um livro.

Esta era sua fase analítica. Ele tinha que pesar cada pedaço de informação, emoção contra verdade, acusação contra realidade, antes que ele pudesse chegar a uma conclusão lógica.

Meu marido, o pensador de coração frio. A lógica e a razão superavam todo o resto. Se não fosse um fato, então não existia para ele.

Ou pelo menos não importava.

— Se é isso que você quer, então tudo bem. Divórcio, separação... O que te fizer feliz.

O que me fizer feliz. É isso? É isso o que eu queria? Mas eu já tinha dito a ele que era. Imediatamente me arrependi de tudo o que aconteceu esta noite, tudo o que eu tinha dito e tudo que eu o acusei. Mas eu não podia continuar me sentindo assim. Eu não podia esquecer isso novamente, só para que acontecesse de novo amanhã, ou no dia seguinte, ou no dia depois desse. Estava na hora de pensar em mim mesma e lutar pela minha felicidade. Ninguém mais faria isso por mim.

Nem mesmo Nick.

— Obrigada. — Sussurrei.

Vários minutos de silêncio se passaram, como se ele estivesse esperando que eu voltasse atrás, fizesse com que minhas palavras finais desaparecessem. Eventualmente, com a voz rouca e torturada, ele disse:

— Eu vou, uh, dormir no sofá esta noite. Eu posso levar minhas coisas amanhã de manhã.

Inspirei profundamente. Ele estava falando sério? Nós realmente estávamos fazendo isso?

— Para onde você vai?

— Eu vou ficar com o meu irmão até que eu possa conseguir um lugar só pra mim.

— Jared não vai se importar? Quero dizer… O que ele vai pensar?

— Você não pode ter as duas coisas, Kate. Você não pode pedir o divórcio e depois esperar que isso seja mantido em segredo. Além disso, é melhor do que ficar em um hotel.

— Não, você está certo. — Sussurrei. Esfreguei meu estômago e tentei ignorar o sentimento em meu estômago. Eu pedi por isso. Eu praticamente exigi o divórcio. Então por que eu tinha um sentimento tão horrível de decepção.

Parecia que meu corpo estava sendo rasgado em todas as direções. Eu sentia que meu coração estava sendo pisoteado por uma debandada de touros. Isso deveria fazer com que eu me sentisse melhor. Isso deveria fazer com que eu me sentisse libertada. Eu estava finalmente desenterrando meu corpo para fora dos destroços de nosso casamento e ainda assim, me sentia mais destruída neste momento do que qualquer outro momento antes deste.

— Nós realmente vamos fazer isso? — Minhas palavras não

conseguiam sair mais fortes do que um sussurro fraco.

— É você quem tem que me dizer. Foi você quem pediu o divórcio. Não é a primeira vez que você pede isso, Kate. Estou francamente cansado de tentar te convencer a desistir.

— Eu só... Eu só não sei o que mais podemos fazer. Nick, nós tentamos. Nós demos o nosso melhor e agora acho que é melhor seguirmos em frente... Separados um do outro.

— Sim. — Ele respirou. — Tentamos e não conseguimos, eu acho.

Eu queria discutir com ele. Eu queria dizer a ele que estava errado e que não tínhamos falhado, que havia muitos momentos bons entre nós como havia ruins, mas eu não tinha mais forças. Ele estava certo. Nós falhamos.

Tínhamos falhado em nosso casamento.

Quando eu não disse mais nada, ele pegou seu travesseiro e desceu as escadas até a sala de estar. Rolei na cama, puxei o edredom sobre meus ombros e chorei até cair no sono.

Quando eu acordei de manhã, ele já tinha ido embora.

Capítulo um

8. Minha vida vai ser **melhor** sem ele.

O sinal tocou e meu estômago roncou. Olhei para minha sala de aula, para as crianças colocando papéis e livros em suas mochilas e as conversas energéticas que guerreavam com o toque estridente do sinal indicando o quarto período, e me perguntei se eu tinha alguma resposta pavloviana[1] para aquele som.

Eu tinha sido condicionada a sentir fome, mas eu não tinha sentido isso há meses.

Eu sorri para meus alunos enquanto eles saíam da sala e lembrei a alguns deles sobre a lição de casa que me deviam, mas eu mal ouvi as palavras que saíram da minha boca ou reconheci as instruções concisas pelas quais eu era famosa.

Por trás da minha boca sorridente e responsabilidades de professora, eu era feita de um vidro frágil e vazio. Eu não era nada além de defesas finas como o papel e areia peneirada.

Eu nunca tinha conhecido esse tipo de depressão antes. Eu mal podia tolerar o meu futuro ex-marido e ainda assim sua ausência me deixou inesperadamente abalada.

Assim que minha aula de Inglês preenchida com uma mistura de juniores e seniores tinha terminado, deixei escapar um longo suspiro e voltei para minha mesa. Deixei cair o corpo na minha cadeira de rodinhas e procurei meu almoço dentro da gaveta de baixo que estava trancada.

Eu o coloquei sobre o metal frio e encarei o triste sanduíche de presunto e a maçã machucada que eu tinha preparado no último minuto esta manhã. Eu não conseguia encontrar energias para dar uma mordida, e muito menos terminar a coisa toda. Eu tinha perdido sete quilos ao longo dos últimos quatro meses, um para cada ano do meu casamento desastroso. E mesmo que eu tenha apreciado poder

[1] É um tipo de condicionamento. Como se a barriga dela roncando fosse uma resposta automática para o som do sinal tocando.

usar um tamanho menor, eu sabia que essa era a maneira errada passar por isso.

Minha amiga Kara chamava isso de Dieta do Divórcio. Mas eu sabia a verdade. Isso não era uma dieta. Eu tinha me perdido em algum lugar nas ruínas do meu casamento, e agora que meu relacionamento tinha acabado meu corpo tinha começado a desligar sistematicamente. Primeiro meu coração se partiu. Depois meu espírito se fragmentou. Agora o meu apetite estava em risco, e eu não sabia o que fazer com isso. Eu não sabia se eu sentiria fome novamente.

Eu não sabia se eu *sentiria* algo novamente.

Eu costumava almoçar na sala dos professores, mas ultimamente eu não conseguia ir até lá e enfrentar as outras pessoas, especialmente meus colegas intrometidos.

Todo mundo tinha ouvido falar sobre o meu casamento fracassado. Eles me paravam nas salas para oferecer suas condolências ou serviços de pistoleiros com expressões de empatia ou sorrisos brincalhões. Eles me olhavam com olhos compadecidos e carrancas simpáticas. Eles sussurravam pelas minhas costas ou faziam perguntas invasivas.

Mas nenhum deles se importava. Não de verdade.

Eles gostavam de poder falar sobre alguém diferente de eles mesmos, e um tema que não se aprofundava em suas vidas pessoais. Eu era o mártir das fofocas. Enquanto eles pudessem analisar minhas más decisões e argumentar se foi a minha frigidez ou as tendências de playboy de Nick que tinham martelado o último prego no nosso caixão, eles compartilhavam uma sensação macabra de comunidade.

Eles não se importavam que cada comentário insensível me despedaçava cada vez mais, ou que eu podia os ouvir cacarejando do fundo do corredor.

Eles não levavam em conta seus próprios divórcios, casamentos infelizes, falhas, hipocrisia ou deficiências. Eles só viam os meus.

E agora eu também

Eu deveria pelo menos receber um *muito obrigada* pelos meus esforços.

Ou um café com um pouco de álcool.

Onde estava a gratidão?

A porta se abriu e minha melhor amiga e colega professora/orientadora escolar, Kara Chase entrou com sua cabeça consideravelmente vermelha na sala. Seu nariz insolente se enrugou com a visão de meu almoço intocado, e ela alisou um pouco do frizz selvagem em seus cabelos com sua mão com unhas perfeitamente pintadas. Ela tinha cachos intermináveis e volumosos, mas com o passar do dia e com ela tendo que lidar com mais e mais crianças apáticas do ensino médio, seu cabelo bonito se expandia assim como sua impaciência.

— Isso parece... gostoso. — Seus olhos cinza tempestuosos levantaram para encontrar os meus, e eu não pude deixar de sorrir.

Eu enruguei meu nariz para ela.

— Não julgue! É tudo o que eu tinha.

Ela percorreu todo o caminho pela sala e se encostou na parede de cimento branca com as mãos enfiadas nas costas.

— Você costumava ser melhor em ir ao supermercado.

A pequena observação me atingiu mais profundamente do que deveria.

— Eu estive ocupada.

Seus lábios formaram uma carranca preocupada e eu me ressenti levemente.

— Você não pode chafurdar para sempre, Kate. Foi seu casamento que terminou, não o mundo.

Mas ele era o meu mundo. Eu mantive esse pensamento para eu mesma. Agora não era a hora nem o lugar para analisar meus sentimentos complicados por Nick. Eu queria isso. *Eu queria esse divórcio.* Eu não tinha o direito de estar tão chateada ou deprimida.

Inalei profundamente.

— Você está certa. — Eu disse a ela. — Eu simplesmente não peguei o jeito de cozinhar só para uma pessoa. Da última vez que fui ao supermercado, acabei comprando coisas demais e depois tive de lidar com as laranjas podres e o queijo mofado. Além do mais, eu não quero que o cara que entrega a comida chinesa se sinta abandonado.

Tão gentilmente quanto era possível, ela disse.

— Você vai pegar o jeito.

Eu empurrei minha cadeira até que a parte de trás dela colidiu com o quadro branco atrás de mim.

— Eu espero que isso seja verdade.

Porque se não fosse...

Eu simplesmente tinha cometido o erro mais colossal da minha vida?

Não. Isso era certo.

Mas então por que isso parecia tão... Errado?

— Até lá, vamos sair e comprar alguma coisa melhor do que... Do que o que está na sua mesa agora. — Sua expressão se iluminou até que eu me senti sorrindo para ela. Nós tínhamos nos tornado amigas desde que começamos na Hamilton High School, há oito anos. Tivemos aquele tipo de conexão natural que você só tem uma ou duas vezes durante sua vida toda. Nos tornamos instantaneamente inseparáveis. Mesmo que Nick e eu já estivéssemos juntos, nós éramos apenas noivos naquela época. Kara tinha sido minha dama de honra no nosso casamento, e minha confidente mais próxima ao longo dos anos. Ela sabia das piores partes do meu casamento, e dos maus momentos que eu tinha enfrentado desde que ele tinha terminado.

Eu mal posso imaginar onde eu estaria se não fosse por ela.

Olhei para o meu pulso e conferi as horas.

— Eu tenho vinte minutos. Podemos estar de volta a tempo?

— Nós vamos nos apressar. — Seus saltos baixos clicaram contra o chão polido quando ela se moveu para manter a porta aberta para mim.

Ela era a única professora nessa escola que tinha algum senso de estilo. Seu gosto por coisas caras não se entrosava muito bem com o salário de professora de escola pública, mas felizmente para ela, seus pais ricos suplementavam sua renda insuficiente.

Meus pais questionavam minhas escolhas e supunham que eu era um fracasso na vida.

Eles poderiam não estar assim tão errados.

Ainda assim nós duas sabíamos o que era se esforçar para atender expectativas impossíveis e se sentir insignificante na sequência de avaliações frias de nossos pais.

Eu poderia não ter um guarda-roupa cheio de roupas de designers, mas pelo menos os meus pais não tentavam comprar o meu amor.

Peguei minha bolsa de dentro da mesma gaveta trancada que eu tinha escondido meu almoço e endireitei minha saia lápis quando fiquei em pé. Senti meu espírito se elevar imediatamente.

Kara geralmente tinha esse efeito sobre mim. E ajudava que estávamos saindo furtivamente de nossos postos de trabalho, que íamos fazer algo proibido.

Eu amava quebrar as regras.

Só não conte aos meus alunos.

Estávamos no meio do corredor rindo uma com a outra quando fomos pegas.

— E para onde é que vocês senhoras estão saindo hoje? Estou certo de que a Sra. Carter tem aula em poucos minutos. — A voz profunda fez minha pele se apertar e meu interior se aquecer lentamente.

Eu me virei, encarei os ricos olhos castanhos de Eli Cohen e tentei não sorrir muito abertamente.

— Me monitorando? — Eu levantei uma sobrancelha desafiadoramente.

Eli se aproximou.

— Eu estava no refeitório e ouvi alguns meninos discutindo sobre sua professora de Inglês gostosa.

Aquilo apagou a expressão arrogante do meu rosto.

— Nojento. Não me fale quais. Eu não quero saber.

O rosto de Eli se dividiu em um sorriso e uma rica risada em tom de barítono estrondoso saiu de seus lábios cheios.

— Com uma condição.

— Isso é chantagem!

Ele riu de mim de novo, mas quando ele ergueu as sobrancelhas escuras e me deu um olhar de expectativa, eu não pude evitar concordar com ele. Ele era adorável.

— Me traga algo da Garmans.

Eu não podia acreditar.

— Como você sabia que estávamos indo até o café? Nós poderíamos estar só... estar só... indo ao banheiro juntas.

Ele balançou a cabeça lentamente e sorriu.

— Eu posso ver o olhar determinado nos olhos de Kara. Conheço esse olhar. Ela está com fome. E ela recrutou você para ajudá-la a fugir.

— Ele é bom. — Kara meditou. — Acho que nosso professor de ciências é um pouco bom demais.

— Estou morrendo de fome. — Ele admitiu. — Estive observando o refeitório há cinco minutos, esperando pegar algum professor saindo. — Ele estendeu as mãos vazias. — Eu esqueci o meu almoço em casa hoje e eu tenho uma reunião em três minutos.

Olhei para Kara e tentei descobrir o que ela estava pensando. Eli tinha sido transferido para nossa escola há dois anos, e durante esse tempo eu tinha conhecido ele lentamente. No momento eu poderia dizer que o chamava de meu amigo, mas por um longo tempo eu tinha mantido ele à distância. Ele era bonito demais, perfeito demais. Sua pele era bem bronzeada, seu cabelo perfeitamente arrumado, e para um professor de ciências, seu corpo era surpreendentemente tonificado. Eu tinha achado ele um pouco intimidante no início e como eu era casada com um homem bonito e supostamente apaixonada por esse homem, eu achava que era absolutamente ridículo ficar tão afetada com sua presença.

Eu era uma bagunça. Até mesmo naquela época.

Mas eu tinha mantido distância até poucos meses atrás. Até depois de Nick sair de casa.

— Acho que podemos ter pena dele. — Kara suspirou. — Ele parece faminto.

Corri meus olhos sobre o peito largo e a barriga lisa.

— Ele está praticamente morrendo de fome.

— Quer que eu traga uma salada? —Kara perguntou inocentemente.

Eli apontou um dedo brincalhão para ela.

— Não se atreva. Eu não saberia o que fazer com algo verde. Eu provavelmente faria com que meus alunos a dissecassem.

Era a minha vez de balançar a cabeça.

— Você é hilário.

Ele sorriu para mim de forma ampla e despreocupada.

— Eu te devo uma.

— Claro que você deve. — Kara e eu começamos a andar novamente. — E eu vou ter certeza de cobrar.

— Estou contando com isso. — Sua voz baixa nos seguiu pelo corredor e eu tive que me virar antes que ele visse o rubor se espalhando por minhas bochechas.

Eu pressionei minhas mãos frias contra meu rosto e tentei ignorar o calor em meu abdômen. Fazia um bom tempo desde que eu tinha flertado com alguém, ainda mais com alguém que não fosse Nick.

O cotovelo de Kara encontrou com minhas costelas alegremente.

— O que foi aquilo?

— Um favor? — Eu virei meus olhos arregalados para ela e silenciosamente pedi que ela me dissesse que isso não estava sendo tão rápido como eu pensava que estava.

Ela apertou os lábios para esconder o sorriso.

— Claro que era.

— Nós somos apenas amigos.

— E agora você está solteira.

Um suspiro trêmulo balançou meus pulmões.

— Na verdade, não. Ainda não.

— Logo. — Argumentou. — Quando o divórcio for concluído, você vai estar oficialmente de volta ao mercado. Obviamente, Eli sabe disso.

A excitação do flerte se transformou em ácido no meu estômago e

de repente eu tinha perdido o apetite novamente. O rubor foi drenado do meu rosto, e me senti ficar pálida e translúcida.

Kara notou imediatamente.

— Eu sinto muito, Kate. Eu não queria te... Te deixar chateada. Eu apenas pensei que... Já faz quatro meses, querida. Nick nem sequer tentou entrar em contato com você. Não realmente, de qualquer forma. Eu pensei que você já poderia estar pronta para seguir em frente.

Pronta para seguir em frente depois de quatro meses? Era tudo o que eu precisava para deixar para trás os últimos dez anos de minha vida? Para esquecer sete anos de casamento? Eu tinha estado com Nick por uma década, mas eu deveria apagar ele completamente do meu coração em quatro meses?

Como?

Eu não era contra a ideia. Na verdade, eu teria gostado de esquecer ele e a relação venenosa que tínhamos criado. Eu adoraria que esta dor no meu peito se dissipasse e o mal estar que parecia constante e incansável diminuísse.

Mas não era assim tão fácil. Eu não poderia apagar a nossa relação ou a presença dele no meu coração.

Nem tudo sobre ele era ruim. Na verdade, a maior parte dele era boa, bonita e certa. Mas comigo, ele não era todas essas coisas e muito menos eu.

Mas como é que eu iria esquecê-lo? Eu o amava. Eu o amei por dez anos e não sabia de mais nada além de amá-lo.

Como eu poderia superar ele, ou até mesmo cogitar a ideia de outro homem depois de tudo o que eu tinha passado? Eu não tinha certeza se eu iria namorar novamente, muito menos tão rápido depois do meu último relacionamento fracassado.

Não. *Epicamente fracassado.*

Nick era para ser meu para sempre. Nick era para ser meu "até que a morte nos separe". E agora que o resto da minha vida tinha dado uma guinada, eu não sabia mais para onde ir.

Eu estava perdida.

Eu estava sem rumo.

Eu estava flutuando num mar de confusão e mágoa. Eu precisava de algo para me acorrentar, para me puxar de volta à margem. Mas eu sabia, mais do que qualquer outra pessoa na minha vida, que eu não iria encontrar isso com um novo homem.

— Está tudo bem. — Eu disse para Kara com um sussurro rouco. — Eu simplesmente não estava... Eu não estava esperando isso dele.

Ela apertou meu braço e manteve seus pensamentos.

— Eu sei que o que você está passando com o Nick é tudo muito intenso, mas você ainda é jovem. Você ainda é linda. Você ainda tem muito para viver. Eu não quero que você desista só porque a primeira tentativa não foi bem sucedida. Você é um bom partido, amiga. Você tem que saber que Eli não é o único homem fazendo fila para tirar proveito de erro colossal de Nick.

— O divórcio foi ideia minha. — Eu a lembrei. — Eu sou a razão de nós termos terminado. — As palavras pareciam pedras na minha língua. Senti seu gosto sujo e arenoso, e queria cuspi-las para fora e lavar minha boca com algum produto de limpeza.

Algo como água sanitária.

Ou ácido da bateria.

— Sim, talvez. — Ela suspirou. — Mas ele nunca deveria ter deixado você fugir.

Algo afiado cortou meu peito. Eu me sentia da mesma maneira. Se ele realmente me amasse, ele não teria me deixado fazer isso. Certo? Se ele realmente queria que as coisas funcionassem entre nós, ele não teria se mudado.

Ele não teria parado de falar comigo.

Ele não teria ido embora.

Desesperada para mudar de assunto, empurrei a porta de trás e pisquei contra a luz solar intensa do lado de fora.

— Então, almoço?

— Sim! — Ela sorriu para mim. Eu podia ver a preocupação flutuando por todo seu rosto, mas ela segurou a língua, em um esforço para me manter firme. — Garmans tem a maldita da melhor carne defumada do planeta.

Eu nunca entenderia como Kara conseguia comer tanto e continuar tão magra. Ela não tinha que fazer o que o resto de nós mortais fazíamos, que neste caso era uma quantidade insana de exercícios e uma proibição universal de açúcar. Ela podia comer o que quisesse.

Eu olhava para um pedaço de chocolate e minhas coxas começavam a balançar.

Era como um sistema de alarme para a minha flacidez.

Bem, até recentemente.

Nós cruzamos o longo estacionamento e a movimentada Rua Chicago até chegarmos ao pequeno café na esquina, que se vangloriava por colocar picles inteiros em cada compra e por fazer sanduíches do tamanho da minha cabeça. Era o lugar favorito de todo mundo que trabalhava nesta quadra, mas especialmente dos professores da Hamilton. Com as opções de comer a comida terrível do refeitório, um almoço preparado rapidamente em casa ou um dos bem feitos, suculentos e deliciosos sanduíches da Garmans, a escolha era óbvia.

Mas depois de um incidente na primavera passada quando um grupo de estudantes tinha deixado a escola para encurralar e ameaçar um professor do lado de fora, nosso administrador tinha proibido os professores de sair do campus durante o dia letivo, então tecnicamente nós estávamos nos esgueirando e quebrando as regras.

Hamilton estava localizado em um dos bairros menos privilegiados de Chicago. Nós estávamos na cidade propriamente dita, não nos subúrbios influentes ou perto de uma área mais rica da cidade. Não, Hamilton estava exatamente no meio da violência de gangues, de casas de baixa renda e de guerras raciais.

Eu tinha recebido propostas de emprego em algumas das escolas mais estáveis na cidade, e até mesmo de uma escola particular de prestígio em um subúrbio bem afortunado. Mas quando eu escolhi Hamilton, foi com o meu coração. Eu tinha examinado todas as minhas opções, e sabia que aceitar este trabalho era um risco profissionalmente, mas eu não podia negar que sentia algo significativo por estas crianças.

Eu queria fazer a diferença. Não o tipo que você vê na TV ou de quando você assiste a um filme comovente, mas uma diferença real. Eu queria capacitar essas crianças com conhecimento que nunca iria deixá-los e ferramentas para um futuro além deste bairro. Eu queria

inspirar algo dentro desses adolescentes negligenciados que tinham todas as probabilidades contra eles, e tinham que lutar para simplesmente vir à escola todos os dias.

Eu estava lutando uma batalha perdida todos os dias e eu estava exausta. Mas valia a pena.

Eu podia sentir isso nos meus ossos.

Os saltos de Kara clicavam contra a calçada quebrada enquanto nós caminhávamos até o Garmans, se misturando com os sons do tráfego enraivecido e da confusão da cidade. O sol aquecia meus braços e rosto expostos, e eu levantei meus olhos fechados para absorvê-lo.

Aquilo era um bálsamo em meio ao caos industrial. Havia algo de bonito em meio à loucura barulhenta que parecia limpo e terapêutico. Aquilo não iria durar. Eu pagaria pelo meu sanduíche, voltaria para a minha mesa e a realidade da minha vida destruída iria desabar sobre mim.

Mas por alguns segundos, eu tinha o sorriso do flerte de um homem atraente na minha memória e um minuto de trégua das demandas da minha vida. Eu inalei profundamente, sentindo os gases de escape e areia da cidade. E, no entanto, meus pulmões sentiam-se cheios pela primeira vez em tanto tempo quanto eu conseguia lembrar.

— Vai ficar melhor. — Kara disse tão baixinho que eu mal a ouvi.

Abri os olhos para não tropeçar e eles imediatamente focaram a calçada rachada e a grama irregular do outro lado.

— Eu não tenho certeza disso. — Eu disse a ela honestamente.

Ela baixou a mão no meu ombro e apertou, me puxando para um abraço de lado.

— Há mais vida além de Nick, baby. Eu prometo. E não vai demorar muito para você descobrir isso. Você só precisa assinar o divórcio para que possa seguir em frente. — A risada vibrava através dela. — E Eli seria um lugar muito bom para começar.

— Talvez. — A palavra saiu de meus lábios, mas eu não tive nenhum sentimento por trás dela. Senti uma nova onda de enjoo e um suor frio no meu pescoço. Engoli para evitar o aumento das náuseas e não vomitar.

Eu estava me divorciando, mas até mesmo pensar em outro

homem ainda me parecia adultério. Mesmo com todos os nossos problemas, Nick e eu sempre tínhamos sido fiéis um ao outro. Seguir em frente parecia impossível, quando eu tinha dedicado toda a minha vida a um homem.

Para o único homem que tinha me decepcionado e pisado sobre o que restava da minha felicidade.

Nick e eu éramos passado, eu prometi a mim mesma.

Gostaria de seguir em frente, eventualmente.

E Nick também seguiria.

Nós pegamos nossos sanduíches, mas deixei que Kara entregasse o de Eli. Eu tinha perdido qualquer desejo de me comunicar com outras pessoas. Eu praticamente rastejei de volta à minha sala de aula e afundei em minha cadeira. O meu sanduíche não foi consumido, assim como o que eu trouxe de casa, porque eu não conseguia me sentir bem o suficiente para comer.

Kara teve a intenção de me incentivar, mas ela tinha feito o oposto.

Eu percebi que ela estava certa. Que um dia eu iria seguir em frente.

Mas que eu estava certa também. Nick iria seguir em frente também.

Eu sabia que poderia encontrar alguém melhor para mim. Eu sabia que minha vida seria melhor sem ele.

Eu simplesmente não conseguia engolir a difícil realidade de que a sua vida seria melhor sem mim também.

Que ele iria encontrar alguém melhor do que eu.

Capítulo dois

9. Ele **odeia** a minha mãe.

O domingo chegou com um final terrível que fazia minhas pernas travarem e meus olhos rolarem contra minha vontade.

Era o apocalipse.

Também conhecido como almoço em família.

Desde que me lembro, isso sempre foi uma tradição na minha casa. Foi cimentado quando meu irmão mais velho, Josh, foi para a faculdade; escrito com o sangue de todos os membros da família quando ele se casou há doze anos; e quem não comparecesse era amaldiçoado diretamente para os abismos do inferno depois que me casei há sete anos.

Minha mãe não tolerava nossas ausências. Nem meu pai. Ele não era o homem vivo mais carinhoso; de fato, algumas pessoas poderiam interpretar seu comportamento estoico e a falta de afeto como uma indicação de que ele não nos amava — ou, pelo menos, não gostava muito de nós. Mas isso era o oposto da verdade. Ele nos amava. Mais do que gostava de admitir. Ele só nos demonstrava o seu amor com grandes expectativas que eram tanto eternas como bem programadas.

Tradução: Nunca se atrase. Jamais.

Como eu disse, domingo significava ir almoçar com os meus pais. Nenhum deles se incomodava em ligar durante a semana para ver como eu estava, mas por Deus, se eu não aparecesse no domingo, era melhor que estivesse morta.

Nick sempre achou minha família indiferente, na melhor das hipóteses. Ele detestava qualquer compromisso com eles, principalmente os almoços de domingo. Meu pai, um encanador bem sucedido e trabalhador notório, não queria nem tentava entender as aspirações de Nick em ser um músico profissional. E minha mãe, que tinha sido emocionalmente negligenciada em todo seu casamento e também completamente desvirtuada por meu pai, que só esperava que

ela cozinhasse, limpasse, passasse suas camisas e fosse para a cama com ele às nove da noite, todas as noites, se recusava a respeitar um homem que tinha escolhido uma carreira instável e por consequência precisava do apoio de sua família.

Minha mãe sempre achou que eu poderia encontrar alguém melhor e nunca manteve essa opinião para si mesma. Meu pai não expressava sua opinião abertamente, mas nunca tinha sido fã número um de Nick, mesmo que eles tivessem a mesma opinião a respeito dos Bears e Blackhawks[2].

Quando entrei na casa antiga de tijolo vermelho que pertencia aos meus pais, cinco minutos antes do almoço começar, senti o peso do fracasso sombrio se assentar sobre meus ombros.

Por mais que meus pais tivessem ficado desapontados quando eu escolhi Nick, eles ficaram ainda mais com o meu divórcio.

Amor e felicidade nunca tiveram um papel importante em seu casamento. Eles casaram e fizeram promessas um ao outro, e por mais miseráveis que se sentissem, mantiveram a palavra.

Era embaraçoso para eles ter uma filha que não conseguiu manter a dela.

Especialmente porque meu irmão perfeito, Josh, tinha casado com uma agradável moça católica, seu casamento nunca esteve em perigo e, consequentemente, suas almas nunca correram o risco de ser condenadas. A cereja do bolo era que meu irmão tinha dois filhos lindos. Josh tinha um trabalho fantástico e não existia uma dona de casa melhor do que Emily, sua esposa.

Eu, a caçula da família, ainda estava agindo como uma criança. Meu trabalho perigoso, meu casamento fracassado e minha falta de filhos falavam por mim. Eu tinha decepcionado meus pais. De todas as maneiras possíveis.

— Aí está você. — Minha mãe anunciou quando entrei na casa, deixei cair minha bolsa sobre a mesinha perto da porta da frente e entrei na sala de jantar. O cabelo castanho escuro da minha mãe, que tinha fios grisalhos que ela nunca tinha se preocupado em cobrir com tinta, estava puxado para longe de seu rosto em um coque severo no alto da cabeça. Suas maçãs do rosto salientes e lábios franzidos fizeram o meu estômago se torcer de pavor. Eu me senti como um de meus

[2] São times de futebol americano.

alunos, quando eu os repreendia por não ter feito o dever de casa.

Eu deveria ser mais agradável com eles, pensei.

Não, espere. Eu esqueci momentaneamente que amava torturá-los.

Aparentemente, minha mãe e eu tínhamos mais em comum do que eu imaginava.

— Me desculpe, estou atrasada. — Bufei, mesmo que tivesse chegado cedo. — O trânsito estava terrível.

Meu pai fez um grunhido de aprovação. Ele odiava o trânsito mais do que qualquer coisa. Se ele pudesse vender a sua alma por ruas livres e sinais verdes para o resto de sua vida, ele venderia.

Ele nem sequer pediria para ler os termos e condições.

É só assinar aqui, Satanás? Com certeza.

— Acabamos de nos sentar. — Minha mãe admitiu. Seus olhar cor de avelã cruzou a mesa e analisou minha aparência de forma surpreendentemente rápida. — Você está muito magra. É bom que tenha vindo até aqui para almoçar.

Eu sentei na cadeira de carvalho e agarrei as bordas da mesa que tinha sido a peça central da minha infância. Ela disse isso todas as vezes que me viu durante o divórcio. Antes disso, era: "Você está muito gorda. Precisa se exercitar".

— Ela está sob muito stress Ma, dê a ela um tempo.

Eu atirei um sorriso fraco para Josh. Ele deixou a minha vida mais difícil porque fez tudo certo da primeira vez, mas sempre cuidou de mim. Ele realmente era um bom rapaz, e por isso que era tão fácil odiá-lo.

— Ela está sob muito stress porque ela se coloca sob muito stress. — Minha mãe alcançou o prato de feijão verde para minha cunhada Emily, a pegando desprevenida. Ela deu um pulo em sua cadeira, e eu tive que pressionar os lábios para não rir.

Eu tinha trinta anos de idade e saí de casa um ano antes de me casar, mas minha mãe conseguia me tirar do sério como ninguém.

Ela era equipada com um radar interno para saber quais botões tinha que pressionar para me irritar ainda mais. Do zero à raiva

instantânea em menos de trinta segundos.

Era realmente muito impressionante.

— Você pode me passar o pão, por favor? — Mantive minha voz uniformemente otimista e mostrei um sorriso falso. Se eu não os provocasse, poderia sair daqui a duas horas.

Nick sempre falava uma palavra de segurança antes que entrássemos na casa, para que eu soubesse quando ele tinha chegado ao seu limite.

Bananas podres.

Frango teriyaki.

O inverno está chegando[3].

Ele simplesmente deixava escapar qualquer que fosse a palavra de segurança que tinha combinado comigo no início ou no meio de uma conversa, e depois ficava em pé como se não pudesse ficar *por mais um segundo* com a minha família. Algumas vezes tinha sido no meio da refeição. Em outras ele esperava até a sobremesa.

Às vezes, ele começava a falar as palavras de segurança antes mesmo de entrarmos pela porta da frente.

Enquanto éramos casados, eu me irritava com seu desespero por ficar longe da minha família. Eu queria que ele, de alguma forma, gostasse de passar algum tempo com eles, mesmo que eu não suportasse.

Mesmo que eles fossem rudes e não o aceitassem.

Ao longo dos últimos quatro meses, percebi que era uma das coisas que eu poderia ter sido mais compreensiva. Eu sentia falta das suas palavras de segurança agora. Eu sentia falta do seu impulso em sair de lá, para que não precisássemos ficar presos em uma maratona interminável com minha família amarga e seus comentários sarcásticos. Eu sentia falta de sua reprovação em relação à forma que eu era tratada pela minha mãe.

Ele sempre era respeitoso na frente dela, mas depois que entrávamos no carro, ele me garantia que eu era bonita, bem sucedida e que eu não precisava da aprovação dela.

---

[3] Winter is Coming – Frase famosa da série Game Of Thrones.

Eu nunca tinha feito o mesmo por ele, e agora me perguntava o quão fundo as unhas dela tinham cortado sua pele. Eu me perguntei se ele precisava do meu incentivo tanto quanto eu precisava do dele.

Me perguntei se ainda estaríamos juntos eu tivesse me divertido com suas palavras de segurança e sua tolerância sarcástica com minha família. Gostaria de saber se essas pequenas coisas teriam nos corrigido.

Ou pelo menos, nos impedido de magoar um ao outro.

Mas tudo isso era inútil agora. Nick tinha ido embora e eu tinha sido deixada para enfrentar minha família sozinha.

— Pegue dois biscoitos. — Ela exigiu. — Você nunca encontrará outro homem com essas maçãs do rosto.

— Cess. — Meu pai advertiu com sua voz estrondosa. — Deixe a menina comer. Ela não precisa de suas ordens. Tenho certeza de que ela já consegue se virar sozinha.

A expressão descontente da minha mãe me disse que ela pensava de forma diferente, mas tentou disfarçar. Cecily Simmons era uma força a ser reconhecida. Eu nunca tive outra impressão. Minha mãe tinha intimidado o mundo desde o primeiro dia.

Mas eu tinha nascido selvagem e indiferente. Minha mãe me dominava facilmente. Eu sabia que não devia responder. Eu sabia que não deveria discutir com ela.

E ainda assim, eu não conseguia manter minha boca fechada.

Isso devia de ser algum tipo de doença.

Eu provavelmente deveria me preparar para ir embora.

Eu disse para o meu purê de batatas:

— Não tenho certeza se eu quero encontrar outro homem.

Minha mãe soltou uma risada amarga e eu senti o meu pai congelar do outro lado da mesa. Não tive que olhar para ele para saber que tinha ficado chocado com a minha declaração, e não de uma maneira boa.

— Claro que você quer encontrar outro homem. — Minha mãe insistiu. — Você está pensando isso agora, mas espere mais alguns meses ou um ano. Você não vai querer ficar sozinha. Você vai se sentir

solitária, então você vai entender. Você vai saber quando precisar de um homem.

Como se as palavras da minha mãe não estivessem me machucando o bastante, meu pai entrou na conversa.

— É perigoso, Katie.

Senhoras e Senhores, a opinião dos meus pais sobre mim. Nenhum deles achava que eu era capaz de cuidar de mim mesma. Um homem tinha que ser parte da minha vida, ou eu estaria destinada a me transformar em uma senhora louca, cheia de gatos, que uma noite foi estuprada e roubada em sua própria casa pelo entregador de pizza.

Como se o meu futuro não parecesse triste o suficiente... Jesus. *Obrigada, mamãe e papai.*

E, obviamente, meu exército de gatos iria me proteger.

— Vamos lá, pessoal. — Josh interrompeu novamente. — Isso já é o bastante. Ela entrou na casa há cinco minutos e vocês já estão a deixando estressada. Deixem ela respirar um pouco, tudo bem?

Pareceu que meu pai e minha mãe queriam sumir. Eu tive vontade de chorar.

Uma das minhas sobrinhas veio correndo, querendo mais batatas trufadas e atenção, que felizmente, foi desviada de mim.

Josh tinha duas meninas bonitas que eram mais bem comportadas do que qualquer criança poderia ser, e ainda assim eram crianças. Elas choramingavam e gritavam como loucas quando ficavam com raiva, mas eram bonitas, adoráveis e tão preciosas que faziam meu útero doer.

Delaney e Adalyn tinham sido um desafio fácil para Josh e Emily. Eles haviam engravidado na época certa, com suas vidas perfeitas. Josh tinha acabado de atingir a posição que queria e a promoção que precisava quando decidiram começar uma família. A vida deu certo para Josh de uma forma que era completamente desconhecida para mim.

Não que eu não achasse que ele se esforçou. Eu achava. Eu sabia que ele tinha dado cento e dez por cento de si mesmo, e trabalhado muito para estar onde estava hoje. Mas ele brilhava com mais intensidade, algo assim. O universo o amava ou talvez ele tivesse uma vantagem para atingir a perfeição.

Eu também tinha me esforçado. Também trabalhei muito. E no entanto... Havia algo faltando.

Eu não tinha uma belíssima casa nos subúrbios ou duas crianças. Eu mal tinha uma cachorrinha e um emprego que pagava menos do que salários toleráveis.

Eu tinha uma montanha de dívidas por causa do crédito estudantil, e um marido que não tinha lutado por mim.

Era digna de piedade.

Eu era tão digna de piedade que ficava enjoada comigo mesma e com os pensamentos egoístas que eu não conseguia evitar. Ugh.

Eu precisava acordar para a vida.

Ou uma garrafa gigante de vodka.

— Então, como está o ano letivo até agora? — Emily perguntou enquanto meus pais perturbavam Josh sobre sua mais recente oportunidade de promoção.

— Difícil. — Eu disse honestamente.

— Por causa do divórcio? — Seu tom de voz era suave e sem julgamento. Eu amava minha cunhada, apesar de seu casamento perfeito com meu irmão. Nós não éramos melhores amigas, mas Josh tinha escolhido bem.

Eu mastiguei um pouco do meu pedaço de bisteca de porco enquanto eu decidia como responder a ela.

— Isso é definitivamente parte da razão. Mas eu tenho algumas turmas difíceis este ano. Estamos apenas na metade de setembro e alguns já estão desistindo. Eu sinto que está ficando cada vez mais difícil chegar até eles.

Sua carranca era tanto autêntica quanto simpática.

— Eu acho que o que você está fazendo é incrível, Kate. Esses alunos, *todos* os alunos, precisam de professores que realmente se preocupem com eles. Você está fazendo algo grande. Você precisa se lembrar disso.

Emily era seis anos mais velha do que eu, e mesmo que fosse difícil para nós nos conectarmos, algumas vezes ela dava conselhos muito bons. Isso era algo que valia a pena ouvir.

— Obrigada, Emily. Eu precisava ouvir isso.

Ela sorriu suavemente para mim.

— E não se preocupe em ter pressa para entrar qualquer outro relacionamento. Eu sei que o divórcio é algo que você quer, mas tenho certeza que ainda está lutando para seguir em frente.

Eu assenti, incapaz de formar as palavras que seriam necessárias para explicar como eu estava relutante, até mesmo em considerar seguir em frente.

— Não é como se ele fosse um cara mau... — Minha tentativa idiota de explicação foi tão fraca quanto o gosto em minha boca. Era muito mais complicado do que duas pessoas bem-intencionadas seguindo em frente com suas vidas. Havia tantas nuances sutis que levariam dias para explicar. Eu precisava de gráficos e tabelas coloridas. Eu precisava assistir o filme do meu casamento e analisar exatamente onde as coisas deram errado. Dizer que o Nick era um cara legal para as pessoas, porém, geralmente fazia com que elas questionassem meus motivos.

Eu estava tendo um caso?

Eu era uma cadela de coração frio?

Eu tinha sido abduzida por alienígenas que sugaram minha alma e me deixaram vazia e quebrada?

Eu ainda não tinha descartado essa última opção. Poderia ter sido isso que aconteceu.

Porque por mais eu teria sugerido que o meu marido me deixasse? Definitivamente.

Aliens eram uma possibilidade legítima.

— É claro que ele não é um cara mau! — Emily se apressou em concordar. — Mas às vezes... Às vezes as coisas dão errado.

Não eram as suas palavras que me incomodavam, mas sua falta de convicção. Eu odiava que tudo tinha se tornado tão pessoal para mim ultimamente. Eu não conseguia ter uma conversa sem um lembrete de como Nick era legal, e como eu era uma idiota por tê-lo deixado. Eu estava tão obcecada comigo mesma como todos os outros.

Só que eu estava realmente, realmente, ficando enjoada e cansada de eu mesma.

Limpei a garganta para evitar mais algum comentário.

— Divórcios são difíceis. — Emily continuou. — Quando meus pais se divorciaram, minha mãe disse que era como sofrer a morte de um ente querido. Ela lutou por muito tempo contra a depressão.

Eu me virei para ela na tentativa de mudar o assunto completamente, ou pelo menos desviá-lo de mim.

— Isso deve ter sido muito difícil. Quantos anos você tinha?

Ela assentiu lentamente, claramente lutando com a emoção escondida.

— Eu tinha oito anos. — Ela admitiu. — Eles pensaram que ficariam melhores sem um ao outro.

As palavras dela bateram muito perto de casa, e eu imediatamente quis mudar o assunto para outra coisa. O clima. Futebol. Aliens e sondagem anal. *Qualquer outra coisa.* Em vez disso, eu disse.

— Eles ficaram?

Ela rapidamente balançou a cabeça.

— Honestamente, eu não sei. Meu pai nunca se casou novamente. Minha mãe sim. Ela parece feliz agora. Mas nós passamos por vários anos dolorosos. Foi muito, muito duro para minhas irmãs e eu.

— Pelo menos não temos filhos. — Murmurei para eu mesma.

Se Emily me ouviu, ela não respondeu. E fiquei grata por isso. Eu não precisava falar sobre crianças hoje à noite, ou como era não tê-las.

Eu sabia como era. Eu sabia exatamente.

Sorri para minha sobrinha mais nova, Adalyn, quando ela tentava empurrar feijões verdes de volta para a vasilha. Eu balancei a dedo para ela brincando e observei seu rosto de cinco anos de idade ficar vermelho de vergonha.

Até mesmo Nick achava que minhas sobrinhas eram preciosas. Ele tinha um irmão, mas Jared era mais novo do que nós e ainda não tinha se casado, então Delaney e Adalyn eram tudo o que tínhamos. Nós dois amávamos tê-las por perto, para que pudéssemos mimá-las ou levá-las para se divertir pela cidade.

Elas nos davam desculpa para comer nuggets de frango em forma de dinossauros e assistir desenhos animados.

Eu não gostava do jeito que ele tratava a minha mãe, mas ele sempre tinha sido o melhor dos tios. Ele teria sido um pai fenomenal.

Se apenas as coisas tivessem sido diferentes para nós.

Depois que Josh e eu limpamos a mesa e começamos a lavar os pratos, um trabalho que ainda era nosso, não importava quantos anos tivéssemos, senti seus olhos me sondando. Eu estava sentindo que a conversa séria começaria em breve, mas eu esperava poder evitar esta parte estranha da tarde.

— Eu pensei que vocês dois já teriam voltado, por agora. — Ele disse sem enrolação, com bolhas de sabão até os cotovelos e um prato de porcelana espremido entre suas mãos.

Eu quase deixei cair o copo molhado que estava secando no piso de linóleo.

— O quê?

— Eu não achei que você estivesse falando sério sobre o divórcio. — Explicou. — Eu pensei que vocês poderiam estar tendo uma fase difícil, mas esperava que resolvessem.

Meu estômago revirou e meu coração apertou com o pânico. Eu tentei manter minha voz firme quando respondi.

— Era mais do que uma fase difícil.

— Ele não bateu em você ou qualquer coisa, não é? — Josh fez uma pausa em sua tarefa de lavar para me olhar com seriedade.

Eu odiava que as pessoas sempre chegassem a essa conclusão. Será que todos os homens achavam que este era o único motivo para um divórcio? Eles sempre se questionavam silenciosamente sobre abusos?

— Ele nunca me tocou dessa forma, Josh. Nunca pense isso. Nós apenas... Nós não nos dávamos muito bem. Nós não fomos feitos um para o outro.

— Você não tentou de verdade. — Ele respondeu imediatamente. — Vocês são recém-casados. Dê tempo ao tempo.

— Estamos casados há sete anos.

Meu irmão era terrivelmente persistente. Ele tinha puxado isso de nossa mãe.

— Isso não é nada que algumas crianças não consertem. Tente. Veja o que um bebê pode fazer por vocês. Você ainda pode salvar isso.

Eu inalei profundamente e mantive meus pensamentos para eu mesma. Eu poderia ter dito a ele que não tinha conversado com meu marido por quatro meses, e que se ele queria falar comigo, teria tentando até agora. Se ele se importasse apenas um pouco em salvar o que tínhamos, teria me procurado. Eu poderia ter dito a Josh que nós nos conhecíamos muito bem. Que nossas falhas haviam se tornado muros que mantinham um ao outro para fora, e que nossas brigas tinham nos machucado tão profundamente que nunca iríamos nos curar.

Eu deveria ter dito a ele que um bebê não era uma poção mágica que fazia as pessoas parar de brigar e todos os problemas desaparecerem.

Mas em vez disso, falei algo que iria calar ele pelo resto da tarde, a única coisa que ele não poderia discutir comigo.

— Nós tentamos ter filhos. — Minha voz era um sussurro trêmulo, refletindo todas as emoções destroçadas que eu não conseguia conciliar. — Nós tentamos por dois anos.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Eu tinha mantido isso em segredo durante todo esse tempo. Apenas Nick sabia o quão desesperadamente eu queria um bebê e como isso parecia impossível. Nós não tínhamos contado para os nossos pais ou nossos familiares porque queríamos evitar essa conversa. Queríamos evitar as perguntas, a piedade e as tentativas de entender algo que devastava aos dois — nem mesmo nós mesmos entendíamos.

— Oh. — Josh finalmente suspirou. — E qual...

— Sou eu. — Eu disse rapidamente. — Ou pelo menos é o que os nossos exames dizem. Sou eu quem impediu isso de acontecer.

Meu irmão tinha enrolado as mangas da sua camisa e parecia fora do lugar ao lado da água com sabão e a pilha de pratos sujos. Ele parecia um homem de negócios. Era cheio de ângulos limpos e bordas afiadas.

Mas neste momento, ele parecia tão perdido quanto eu.

— Isso não é motivo para se divorciar, Katie. — Sua voz rouca parecia ralar contra o meu coração, e eu queria chorar.

— Não é por isso que estamos nos divorciando, Josh.

— Mas é a razão para alguma coisa. — Ele pressionou.

— Então é a razão que levou à razão pela qual estamos nos separando. Há muito sobre nós que você nunca viu ou ouviu falar. Algumas coisas que você nunca vai ouvir. Quaisquer que sejam as minhas razões para acabar com o meu casamento, são só minhas. Eu não espero que você entenda.

— Será que ele sabe?

— Ele sabe o que?

— Suas razões para deixá-lo.

Perdi meu fôlego e pensei que fosse desmaiar por um minuto. A dor era muito aguda, muito forte. Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia *passar* por isso. Meu irmão tinha desferido o golpe final, mas a expressão no rosto de Nick quando ele tinha agarrado o travesseiro da nossa cama para levá-lo até lá embaixo a meses atrás, tinha aniquilado o que restava do meu coração.

— Sim. — Eu sussurrei. — E ele tem suas próprias razões para querer me deixar também.

Nós terminamos de lavar os pratos em silêncio. Eu deixei a casa dos meus pais logo depois, usando a desculpa de que tinha uma tonelada de trabalhos para corrigir. Meus pais não estavam felizes em me ver saindo, mas eu não tinha certeza de que eles teriam ficado felizes se eu tivesse ficado.

Eu dirigi de volta para a casa pequena que tinha compartilhado com Nick durante os últimos cinco anos. Que estava vazia quando cheguei, exceto pela minha cachorrinha. Claro. Eu vivia sozinha agora.

Também estava tranquilo.

Muito quieto.

Estava escuro e silencioso, e pela primeira vez desde que nós compramos esta casa, caramba, eu odiei isso. Odiei porque isso representava tudo o que eu não poderia ter. Tudo o que eu tinha perdido.

Eu também odiava Nick.

Ele não deveria ter deixado nosso casamento terminar dessa forma. Ele não deveria ter deixado as coisas chegarem a esse ponto.

E acima de tudo.

Eu me odiava.

Eu não conseguia evitar. Afinal de contas... Depois de todas as minhas explicações e escolhas lógicas, depois das minhas listas com suas ações ruins e com todas as razões de que éramos errados um para o outro, eu me odiava pelo que tinha feito.

Eu me odiava por que não poderia voltar atrás.

Capítulo três

10. Ele sente falta da **cachorra.**

Joguei minhas chaves no balcão e olhei para os pratos que tenham ficado na pia ontem à noite. Eu deveria ter lavado eles depois do jantar, mas estava sem energia. Naquele momento, disse a mim mesma que era uma recompensa por não ter comprado fast-food no caminho do trabalho até em casa mais uma vez, mas agora reconhecia a minha preguiça pelo que ela era.

Era engraçado como estar sozinha tinha destacado todos esses defeitos que eu não tinha notado antes. Quando Nick morava aqui, eu sempre lavava os pratos após o jantar. Ele não pedia ou esperava que eu fizesse isso, mas eu sempre sentia vontade de agradá-lo.

Ok, talvez não em todos os sentidos. Mas ele fazia coisas por mim. Ele levava o lixo para fora sem que eu tivesse que pedir. Ele trocava as lâmpadas quando elas queimavam. Ele passeava com nossa cachorrinha quando chovia. Lavar os pratos era parte das minhas tarefas e mesmo com outras coisas que pudessem ser faladas sobre mim, ou sobre como eu tratava Nick, pelo menos eu mantive essa parte do nosso trato.

Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, você corta a grama e eu esfrego as panelas.

Agora os meus votos eram tão vazios e sem sentido como as minhas tarefas. Qual era a necessidade de fazer limpeza, se não havia ninguém aqui para apreciar o meu esforço?

Eu queria estrelas de ouro e afirmação verbal.

A cachorra não me dava nenhuma dessas coisas.

Meus pés doíam e minha cabeça zumbia com o caos do dia. Eu bocejei tão alto que achei que meu queixo fosse quebrar.

Me escorei no balcão e fiquei ouvindo os sons da casa. A máquina de gelo estalou e a geladeira começou a fazer barulho. Eu podia ouvir o tique-taque do relógio que ficava no corredor enquanto o tempo

passava. A cachorrinha mais linda do mundo todo se estatelou no chão aos meus pés e soltou um suspiro longo como um filhote.

Eu podia ler seus grandes olhos castanhos. *Finalmente você está em casa, mulher. Agora preste atenção em mim e busque meus petiscos.*

Para ser honesta, ela não era realmente a cachorrinha mais linda do mundo, mas estava muito perto. E ela era extremamente mimada, o que a deixava intoleravelmente sedenta de atenção e certinha. Mas ela era minha. Eu a amava tanto quanto eu amava qualquer ser humano.

Ela era uma beagle petite com grandes orelhas de abano que se levantavam quando ela estava interessada em algo, e enormes olhos de chocolate que transmitiam mais emoção do que eu pensava que um cachorro pudesse ser capaz de transmitir. Sua pelagem brilhante era uma mistura de caramelo com branco, e era macia e sedosa porque Nick insistia em alimentá-la com ração cara e levá-la para banhos semanais.

Eu dei a ela o nome de Anne por causa da minha professora favorita, Anne Shirley, e dos livros da Anne de Avonlea. Mas Nick tinha começado a chamá-la de Annie desde o início, e o apelido pegou. Ela era a minha menina Annie, e quando todas as outras pessoas me abandonavam, ela me mantinha sã.

Eu me abaixei e esfreguei suas orelhas com as minhas duas mãos. Imediatamente o stress do dia começou a derreter dos meus ombros e a louça, as contas largadas na mesa, e meu divórcio iminente não pareciam mais tão terríveis.

— O que você fez o dia todo? — Perguntei a ela com uma voz suave. — Você sentiu saudades de mim?

Uma voz profunda e masculina saiu dela, respondendo minha pergunta.

— Eu duvido disso. Ela estava muito ocupada comendo as minhas meias.

Deixei escapar um grito ensurdecedor e caí para trás. Depois de alguns segundos de pânico cego em que eu calculei a distância que estava da minha faca de açougueiro mais próxima, minha sanidade retornou. Eu finalmente reconheci a voz, e percebi que ela não tinha vindo da minha cachorrinha.

Ela tinha vindo do meu marido. Meu futuro *ex*-marido.

Eu não tinha visto ele por quatro meses, e agora ele estava aqui. Eu tive que me preparar antes que pudesse olhar para ele.

— Nick! Deus! — Pressionei minha mão no peito, tentando abrandar meu coração disparado. — Você me assustou *pra caralho!*

Ele se inclinou sobre a ilha de azulejos brancos e olhou para mim com os olhos apáticos.

— Eu pensei que você tivesse ouvido eu me aproximando.

Apertei os lábios e tentei ignorar a pontada de dor em meu estômago. Seus olhos costumavam ser sua característica mais expressiva. Eles brilhavam com humor ou escureciam com desejo em três segundos. Foram eles que fizeram com que eu me apaixonasse por ele tão profundamente em tão pouco tempo. Tudo o que ele teve que fazer foi olhar para mim, e eu já era sua.

Até agora. Agora ele me olhava como se eu fosse a coisa mais desinteressante do planeta. Seus olhos não acenderam quando eu entrei na sala. Eles não dançavam com algum pensamento sarcástico se passando por sua mente afiada. Eles não aqueceram de desejo ou endureceram de frustração.

Ele mal olhou para mim, com o olhar fechado e apático.

— Eu não ouvi. — Respondi. Meu coração ainda não estava no ritmo normal, e minha voz parecia frustrantemente sem fôlego.

Ele se moveu em torno da ilha e estendeu a mão para mim. Eu a aceitei com relutância e tentei ser educada.

Nós tínhamos prometido um ao outro um divórcio amigável. Isso era algo que nós dois queríamos. Nós não tínhamos nenhuma razão para ser qualquer coisa além de bons um com o outro.

Assim que eu estava em pé ele me olhou novamente, mas se absteve de dar sua opinião. Tentei engolir meu aborrecimento. Depois de viver com ele por sete anos e ouvir cada pensamento insignificante que saía de sua boca, me incomodava que ele tivesse de repente aprendido a se conter.

O que ele achava da minha roupa? Será que ele tinha percebido que eu perdi peso? Ele conseguia ver as olheiras escuras sob meus olhos?

Será que ele achava que eu estava sem dormir por causa dele?

Hábitos, lembrei a mim mesma. Esses eram apenas hábitos familiares do nosso casamento. Eu estava acostumada a poder perguntar o que ele estava pensando, e ele sempre respondia livremente.

Agora nós agíamos como estranhos, mesmo que nos conhecêssemos mais intimamente do que eu conhecia qualquer outra pessoa.

— O que você está fazendo aqui? — Eu perguntei finalmente, quando ele não deu sinal de que iria explicar sua presença.

— Eu não pensei que você estaria aqui.

Suas palavras casuais acenderam um fogo dentro de mim que eu não podia ignorar. Minha resposta educada foi mais amarga e ácida do que eu queria.

— A reunião dos professores de hoje à noite foi cancelada. Sr. Kellar teve uma emergência familiar.

— Está tudo bem? — Finalmente, algum tipo de simpatia tocou seus olhos azuis, mas não era por mim.

O diretor da escola merecia sua compaixão, mas não sua esposa.

— Sua filha de oito anos quebrou a perna. Não é nada sério. — Minhas palavras saíram ríspidas e diretas. Nick percebeu imediatamente. Seu olhar se aguçou e seus lábios se entreabriram, como se para se defender.

Eu me preparei para suas palavras, aquelas que nos levavam a uma discussão interminável. Ele tentaria me calar, e eu iria retaliar com algo afiado e cortante. Ele iria me importunar até a morte, até que eu explicasse até a última das minhas emoções, até um ponto em que eu iria me fechar, e a barreira em volta do meu coração iria engrossar e expandir.

Em algum momento nos últimos sete anos, eu tinha começado a prestar atenção às nossas brigas. Nós brigávamos em etapas, cada discussão tentando superar a anterior. O que era pior é que tínhamos desenvolvido esse ciclo tóxico que não tinha fim.

— Huh. — Foi a resposta inteligente de Nick.

— Então, por que você está aqui?

Seu olhar se desviou para a cachorrinha.

— Eu precisei pegar algumas coisas minhas.

Ira se espalhou a partir do fogo em meu estômago, serpenteando através das minhas veias e alcançando meus dedos das mãos e dos pés.

— Você deveria ter me ligado primeiro. Você não pode simplesmente entrar aqui sem aviso. Essa não é mais a sua casa.

Nick deu um passo agressivo para frente.

— Essa não é a minha casa? Você está brincando comigo? Essa é a *nossa* casa. Até onde eu sei, meu nome ainda está na hipoteca. Eu posso ir e vir como quiser.

— Eu sou uma mulher solteira, que vive sozinha. Você não acha que eu mereço privacidade? Eu pensei que você fosse um assassino!

— Você é uma mulher solteira, hein? Simplesmente assim? Eu estou fora por alguns meses e de repente você está vivendo a vida?

— Isso não é o que eu quis dizer! E você sabe disso! — Dei mais um passo para frente e engoli a amargura que borbulhava em minha garganta. Eu queria arranhar minha pele por causa da coceira, e explodir em lágrimas histéricas. Como chegamos a esse ponto?

Por que não poderíamos ter uma conversa decente?

O rosto de Nick se aqueceu com sua raiva crescente.

— Eu não sei *o que* você quis dizer, Kate. Estou começando a me perguntar se alguma vez eu já soube o que você quis dizer. Você *me* colocou para fora.

— Oh, isso é legal. Isso é realmente adorável. — Me virei e joguei minhas mãos para cima. — Eu adoro a forma como sou a pessoa má nessa situação. Como é tudo *minha* culpa. — Me virei para encará-lo e deixei as minhas palavras no ar, com cada gota de ressentimento e cansaço que sentia. — Tomamos esta decisão juntos, Nick. Não se atreva a colocar a culpa em mim. Eu tenho sido a vilã por sete malditos anos, mas eu me recuso que seja assim desta vez. Nós decidimos isso juntos.

Ele se balançou sobre os calcanhares, e seus ombros murcharam enquanto a raiva era liberada de seu corpo. Ele era como um balão cheio de ar com um buraco do tamanho do quarto. Mas ele não me enganava. A raiva silenciosa era a que mais machucava, cortado em formatos irregulares, incuráveis.

— Claro, Kate. Nós dois queríamos isso. — Sua voz soou baixa e firme quando ele lançou seu ataque final. — Pelo menos é o que nós dois queremos agora. Você não é a única que tem aproveitado sua liberdade recentemente. Deus, é bom sair de debaixo... — Esperei o fim da frase, sabendo que seria um lembrete angustiante de como eu era uma esposa terrível. Mas ele me chocou quando ele terminou com: — Desse teto.

Não era menos doloroso, mas não era tão forte quanto o soco que eu estava esperando.

Minha surpresa reprimiu um pouco da minha fúria, e consegui responder a ele sem uma nova provocação. Corri minhas mãos sobre o rosto e com uma voz vazia, perguntei.

— O que você realmente está fazendo aqui Nick? Eu sei que você não passou aqui para brigar comigo.

Ele virou o queixo para outro lado, para que não tivesse que olhar para mim.

— Eu não pensei que você estaria aqui.

— Nick, *Deus*. Só fale logo a verdade. — Uma onda de exaustão violenta me abateu, e eu oscilei para trás. Ele fazia isso comigo. Ele me desgastava completamente. E ele nem percebia. Ele nem sequer olhava para mim.

E de alguma forma isso era ainda pior. De alguma forma, eu conseguia aguentar suas palavras duras e acusações cruéis, mas era sua negligência que deixava tudo mais difícil.

— Eu senti falta da Annie. — Ele murmurou.

Eu sabia que tinha entendido mal. Ele a odiava. Reclamava sobre ela todos os dias.

— O quê?

Ele ergueu o queixo como se estivesse preparado para defender suas palavras e a maldita cachorra até o túmulo.

— Eu senti falta da Annie, tudo bem? Eu só queria... Precisava ter certeza de que ela estava bem.

Uma mistura estranha de tristeza e afeto cruzou meu corpo. Eu não sabia se gritava com ele ou o abraçava. Confusa e cansada, me afastei dele e encarei a pia. Eu precisava fazer alguma coisa. Eu

precisava movimentar minhas mãos e pensar em outra coisa que não meu marido e minha cachorrinha.

— Eu pensei que você a odiava. — O acusei fracamente, minha voz quebrada com os sentimentos de mágoa e perplexidade.

Sua voz estava mais perto do chão quando ele respondeu. Ele se inclinou e começou a fazer carinho nela de sua forma áspera e carinhosa.

— Eu pensava isso também.

Uma bola enorme e intrusiva entupiu minha garganta e me impediu de respirar. Eu não me incomodei em limpar as lágrimas escapando dos meus olhos. Eu não queria chamar atenção para isso.

Assim, enquanto Nick acariciava a cachorrinha que ele tinha evitado, se queixado e reclamado pelos últimos três anos, eu me concentrei em esfregar os pratos que não tinha lavado na noite passada. A água queimou minhas mãos, fazendo minha pele ficar vermelho brilhante, mas eu me senti grata com o calor e a dor. Eu precisava me concentrar em outra coisa. Eu precisava redirecionar minha mente de qualquer lugar perigoso ela quisesse ir.

Nick murmurou coisas doces para Annie, e eu proibi meu corpo de virar. Ouvir a sua voz familiar, com seu tom baixo e rouco de barítono fazia coisas engraçadas com minha determinação. Eu comecei a questionar tudo o que tinha decidido. Eu queria reconsiderar minhas decisões e acusações.

Eu queria cair de joelhos ao lado dele e implorar pelo seu perdão.

O que era completamente idiota. *Completamente ridículo.*

Mais do que qualquer coisa, sua visita surpresa serviu para ressaltar um ponto. Nós não éramos certos um para o outro. Nós não conseguíamos nem mesmo ficar no mesmo ambiente juntos sem querer estrangular um ao outro.

Podíamos ser boas pessoas separadamente, mas éramos dois monstros juntos.

Eu estava fazendo a coisa certa. Eu queria ser feliz. Eu queria viver uma vida sem gritos e xingamentos.

Eu queria respirar novamente.

— Você já a levou para uma caminhada hoje? — Sua pergunta foi

feita em um tom tão articulado e suave que eu não pude ignorar, não importava o quanto meu amargor quisesse puni-lo e torturá-lo.

Eu balancei a cabeça, incapaz de falar as palavras que arranhavam minha garganta. Mantive meu queixo abaixado em direção ao meu peito, para que meu cabelo escuro caísse na frente do meu rosto e cobrisse as lágrimas marcando minhas bochechas.

Sua voz ficou rouca quando ele perguntou.

— Você se importaria se... Você se importaria se eu a levasse?

Eu esperava que ele não tivesse percebido meu choro silencioso. Eu não conseguia suportar a ideia de que ele visse como eu estava fraca. Mas quanto mais eu pensava sobre isso, decidi que a emoção evidente em sua voz provavelmente veio por ter de me pedir permissão.

Nick era nada se não orgulhoso.

Em vez de usar este momento contra ele, eu me surpreendi por encolher um ombro e sussurrar com a voz grossa.

— Vá em frente. Ela vai adorar.

Ele ficou em silêncio por um longo minuto. Senti seus olhos em minhas costas. Inalei lentamente e tentei não me mover. O único som na cozinha era o das patas de Annie ressoando no assoalho e o som da água enquanto eu lavava os pratos.

Finalmente, depois de intermináveis minutos, ele perguntou.

— A coleira dela está no mesmo lugar?

— Sim.

— Vamos lá, garota. — Ele falou com voz amigável. — Vamos dar um passeio. Quer ir para uma caminhada?

Annie saltou animadamente, suas unhas dos pés clicando cada vez mais rápido. Ela soltou um latido animado e seguiu Nick até o corredor, onde a coleira estava pendurada na parede.

Ele a prendeu rapidamente na coleira, e eles saíram pela porta da frente.

— Traidora. — Sussurrei quando eles saíram.

O silêncio novamente me atingiu com mais força do que qualquer outra coisa. Eu tinha morado sozinha por algum tempo, mas sempre

tive Annie comigo. Ela sempre estava aqui para me cumprimentar na porta da cozinha quando eu chegava em casa do trabalho ou se enrolava comigo no sofá.

Logicamente, eu sabia que ela só iria ficar fora por meia hora mais ou menos. Eu sabia que Nick iria trazer ela de volta para mim sã e salva.

Mas a casa parecia imensamente solitária agora. E isso caiu sobre meus ombros com um peso esmagador. Meu peito abaixou e meus pulmões esvaziaram.

Eu caí de joelhos, chorando incontrolavelmente. Minhas mãos molhadas umedeceram toda minha roupa, mas eu não conseguia encontrar energia para me importar. Eu estava muito envolvida na minha própria dor, muito perdida no coração partido dentro do meu peito.

Uma onda inesperada de tristeza me abateu, e ofeguei por ar, exausta pelo esforço de continuar vivendo através desta agonia.

Por que isso machuca tanto? Se era isso o que nós dois queríamos, por que isso se parecia com morte e não com vida?

Eu já tinha amado esse homem. Eu o amava mais do que qualquer outra coisa na vida. E agora nós tratávamos um ao outro como inimigos. Eu o machucava todas as vezes que o via. E eu fazia isso de propósito.

Eu era uma pessoa decente e boa. Eu acreditava na minha carreira. Eu queria mudar vidas e dar às crianças com quem eu trabalhava um futuro que eles não poderiam ter de outra forma. E ainda assim, quando eu estava com meu marido, eu me transformava em uma harpia enlouquecida e viciosa, que não conseguia ouvir a razão ou racionalizar logicamente. Todas as coisas boas e legais sumiam de dentro de mim e eu começava a arremessar insultos com a intenção de ferir e machucar permanentemente... Com a intenção de matar qualquer pessoa boa ou decente que ainda estava dentro dele.

Eu odiava quem eu era quando estava com Nick.

E eu tinha que ser honesta comigo mesma e admitir que não era Nick que fazia eu ficar desse jeito. Tinha algo feio dentro de mim... Algo monstruoso e vingativo.

Eu não queria continuar a falar com ele desse jeito; Eu não queria continuar machucando ele. Qual era o ponto afinal de contas? Nós

tínhamos terminado. Estávamos separados. O mínimo que eu podia fazer, depois de anos e anos e anos, era tratá-lo como um ser humano digno de respeito.

Nós não seríamos mais marido e mulher, mas isso não fazia de nós dois inimigos.

Só porque nós não amávamos mais um ao outro, não significava que nossa única opção era odiar um ao outro.

Eu agarrei a toalha de cozinha pendurada no armário ao lado da minha cabeça e a usei para secar minhas lágrimas e minhas mãos. Eu fiquei sentada enquanto tentava reconstituir meus fragmentos quebrados e me recompor.

Não foi fácil e eu não fui inteiramente bem sucedida. Mas eu consegui perceber algo dentro de mim, algo duradouro e intencional. Eu não tinha que tratar Nick mal para que me sentisse melhor.

Isso era difícil para nós dois. E não parecia que para ele estava sendo mais fácil.

Mas se eu pudesse resistir a esta tempestade, se eu pudesse terminar essa jornada sem infligir qualquer ferida mais duradoura, poderia existir uma cura no final para mim também.

Eu queria esse divórcio porque eu estava doente e cansada de me sentir miserável, de desejar que eu pudesse ser feliz, de querer uma vida melhor. No chão da minha cozinha, sozinha e me sentindo terrível, percebi que não precisava esperar Nick ir embora para que eu pudesse pegar essas coisas e torná-las realidade em minha vida.

Eu não tinha que esperar os papéis serem assinados para não me sentir mais miserável... Para ter uma vida melhor.

Essas eram coisas que eu tinha o poder de mudar.

E eu gostaria de mudá-las. Começando agora mesmo.

A porta da frente se abriu e eu pulei para ficar em pé. Fechei a torneira, então a água poderia parar de correr e levar embora minha tristeza.

Joguei a toalha em cima do balcão e limpei meu rosto novamente com meus dedos antes de me mover rapidamente para encontrar Nick na porta. Ele soltou a coleira de Annie e deu um tapinha na cabeça dela antes de se levantar em sua altura impressionante.

Eu tinha certeza, pelo jeito que ele estava me olhando, que ele sabia que eu estava chorando. Palavras defensivas imediatamente surgiram na ponta da minha língua, mas eu as segurei e engoli meu orgulho.

— Obrigada. — Eu falei humildemente. — Eu não estava realmente pronta para caminhar com ela hoje à noite.

Sua expressão mudou novamente. Nuvens de tempestade se moveram dentro daqueles olhos azuis, e seu rosto escureceu com algo que eu não pude dizer o que era. Ele esfregou a palma da mão sobre a nuca e ao longo de sua mandíbula.

— Quando precisar é só chamar.

— Você também. — As palavras me surpreenderam tanto quanto a ele. — Quer dizer, se você quiser sair com ela, só, talvez ligue primeiro?

Ele assentiu.

— Eu posso fazer isso.

Olhamos um para o outro sem jeito, deslocando nossos pés enquanto o silêncio se arrastava e nenhum de nós conseguia pensar em algo para dizer. Eu não sabia se tínhamos de alguma forma conseguido chegar a uma trégua ou se isso era apenas um tratado provisório, mas Nick parecia tão cansado de brigar quanto eu.

Seu olhar se fixou no meu, acidentalmente a princípio, mas conforme ele o sustentou, percebi que estava tentando me dizer algo com seu silêncio. No entanto, eu não consegui entender. Ou eu tinha esquecido como o entender nos poucos meses que estávamos separados, ou talvez eu nunca tenha entendido.

Finalmente, ele disse.

— Bem, eu preciso ir.

Eu não consegui dizer adeus. Não fazia qualquer sentido. Mas nada que eu fazia tinha algum sentido nos dias de hoje. Ele tomou meu silêncio como uma rejeição e saiu sem olhar para mim.

Eu estava sozinha de novo, mesmo que Annie estivesse aqui agora. E mesmo que nós tivéssemos compartilhado alguns momentos hospitaleiros, e eu tivesse conseguido segurar minha língua e não tivesse machucado ele ainda mais, me senti mais triste do que nunca.

Toda vez que ele saía, eu ficava destruída.

Capítulo quatro

11. Ele não me **entende**.

Uma semana e meia se passou desde que Nick veio até aqui para ver Annie. Por alguns dias, eu tinha esperado por seu telefonema. Eu me peguei olhando para meu celular obstinadamente ou esperando para sair e caminhar com Annie, caso Nick chegasse e quisesse sair ele mesmo.

Eu não conseguia explicar meu comportamento.

Este homem não deveria ter acesso ao meu coração depois de tudo o que tínhamos passado.

Depois de tudo que nós iríamos passar.

Quando percebi o que eu estava fazendo, quantas vezes tinha conferido meu celular e o quanto meu coração doía cada dia que ele não ligava, considerei temporariamente me internar na reabilitação.

Existia algum tipo de reabilitação para relacionamentos ruins?

Ou talvez algum tipo de reunião dos Alcoólicos Anônimos para pessoas viciadas nos homens errados?

Deveria existir.

— Senhora C, eu preciso ir ao banheiro.

Me virei da posição em que estava, de frente para o quadro, e levantei meu marcador.

— Você já foi ao banheiro, Jay. Duas vezes.

Os olhos de Jay Allen se estreitaram e seus lábios se curvaram com um sorriso esperto. Esta era a segunda vez que Jay estava em minha turma. A primeira vez foi há dois anos, quando ele ainda era um calouro. Ele tinha sido difícil de lidar na época, mas nada comparado com a arrogância que ele carregava agora.

Ele passou a mão sobre a cabeça raspada e seus olhos brilharam

com malícia.

— Comi alguma coisa estragada. — Sua grande mão caiu até seu estômago, e ele o esfregou de forma dramática. — Estou com dor de barriga.

Eu engoli de frustração quando o resto da turma riu e gritou insultos grosseiros para ele. Ele sempre fazia isso. Mesmo que fosse inteiramente possível que o Taco Bell tinha lhe causado dor de barriga – todos nós já passamos por isso. Mas este era seu modo de agir regularmente. Ele queria irritar minha sala de aula até que se transformasse em um caos completo.

Ele não gostava de mim, e eu o tolerava. Ele era um incômodo há dois anos, mas este ano declarou guerra contra mim desde o primeiro dia, quando pedi que ele ficasse quieto e ele me perguntou se eu estava menstruada. Na frente de toda a turma.

Suas palavras exatas foram: "Porra, Professora, você está de TPM? Por que você está tão irritada? Nós só estamos brincando."

Eu tinha feito ele escrever "Me desculpe Sra. Carter, você está se sentindo bem? Você parece triste. Sinto muito por ter interrompido sua aula" quinhentas vezes, no lugar de uma prova.

Ele tinha me irritado como nunca desde então.

— Tudo bem, Sr. Allen, vá ao banheiro cuidar de seus... Problemas intestinais. — A classe estourou em histeria novamente.

Jay me deu um sorriso largo e cheio de dentes. Ele saltou de sua cadeira e passeou pelos corredores estreitos. Ele colocou dois dedos na borda da mesa de Keira Williams e bateu duas vezes. Keira afundou em sua cadeira, um sorriso bobo no rosto.

A observei enquanto Jay seguia em direção ao banheiro, caminhando pela sala e fazendo tanto barulho e agitação quanto possível. Keira olhou para a porta com aquele sorriso feliz ainda em seu rosto.

Ela se virou para mim e timidamente levantou a mão.

Aparentemente, essas crianças achavam que eu era um idiota.

— Sim, Keira?

— Eu também preciso ir ao banheiro. — Ela disse timidamente.

Resisti à vontade de revirar os olhos e dar a ela uma palestra sobre como o amor não era de verdade; apenas algo que nossa imaginação inventava para que nossa libido se sentisse melhor sobre a respeito de si mesma na parte da manhã.

Infelizmente, não acho que a diretoria da escola apreciaria essa lição de moral em particular.

— Me deixe adivinhar, você comeu um Taco Bell no almoço também? — Me arrependi imediatamente do tom sarcástico na minha voz quando os olhos de Keira ficaram enormes de constrangimento e ela tentou se esconder em sua cadeira.

Percebi tarde demais que, apesar de sua excitação causada pelos hormônios adolescentes não terem lugar na escola, não era minha responsabilidade avisá-la sobre os homens. Eu só era responsável até a formatura.

— Não. — Ela respondeu rapidamente.

Malditas meninas do ensino médio e sua baixa autoestima.

— Sinto muito, Keira. — Disse a ela com um remorso real. — Mas você vai ter que esperar até Jay voltar.

Ela olhou para a porta com saudade e eu assisti a decepção em suas feições.

Ela realmente achava que eu iria deixá-la sair no meio da aula para um amasso dentro do banheiro? Olhei de volta para o quadro branco e considerei desistir da minha aula sobre particípios oscilantes e substitui-la por uma de respeito próprio.

Um amasso no antigo vestiário dos meninos não daria nada a ela além de um fungo e um motivo para se sentir envergonhada.

Eu odiava que ela fizesse isso consigo mesma. Eu odiava que Jay esperasse isso dela.

Jay finalmente voltou, parecendo impaciente e irritado. Não pude deixar de notar o olhar que ele atirou para Keira. Ela encolheu os ombros se desculpando, mas não havia nada que pudesse fazer. A professora tinha a última palavra.

O resto da aula transcorreu sem maiores incidentes, mas eu podia sentir o olhar irado de Jay à medida que os minutos passavam. Por mais frustrada que eu estivesse com ele, sua raiva fervia sob minha

pele.

Medo vibrou no meu peito e se enrolou em meu estômago. Aquele garoto podia ser treze anos mais novo do que eu, mas ele era maior, mais alto e tinha mais músculos do que eu sequer poderia sonhar.

Eu imaginei que ele fosse retaliar de uma forma que me deixasse louca, mas não me prejudicar fisicamente. Ele não era estúpido. Ele era inteligente demais para seu próprio bem.

Mas imaginar não ajudava.

Respirei lentamente quando o sinal finalmente tocou. Riso e falatório alto encheram o espaço antes tranquilo, mas desapareceram quando os alunos se direcionaram para o corredor.

Jay ficou para trás. Eu vi Keira esperando por ele no corredor, mas ele não estava com pressa de chegar até ela.

— Você arruinou o meu jogo, Sra. C.

— Você arruinou a minha aula, Sr. Allen. — Inclinei meu queixo em uma demonstração de confiança que eu não sentia.

Seus profundos olhos castanhos se estreitaram.

— Eu não achava que você fosse esse tipo de professora.

Eu me inclinei para frente, encorajada pela raiva.

— E eu não achava que você fosse esse tipo de idiota, Jay. Durante a aula? Sério? Tenha um pouco de respeito por ela.

Ele inclinou a cabeça para trás, chocado com a minha franqueza. Um sorriso lento puxou seus lábios e minha boca ficou seca. Ele iria me dedurar? Contar tudo para o Sr. Kellar? Eu poderia me meter em um monte de problemas por falar com um estudante dessa forma.

— Quando ela pedir por isso, eu vou dar. — Ele sorriu, insinuação gritando através de suas palavras.

Ele se afastou de mim e caminhou em direção à porta. Eu não consegui evitar em completar.

— Seja melhor do que isso!

Ele acenou para mim sem olhar para trás.

— Com certeza, Sra. C.

A porta se fechou atrás dele e eu resisti à vontade de vomitar. Coloquei as mãos em minha mesa e me apoiei pesadamente sobre elas. Abaixei minha cabeça e foquei em minha respiração. *Puta merda.*

Jay Allen não era o primeiro aluno difícil que eu tive. Eu tinha chamado a polícia mais de uma vez e era ameaçada pelo menos uma vez por semestre, desde que comecei aqui.

O ego que estes meninos possuíam era imenso. Eles achavam que eram donos do mundo, e ainda pior, que *mereciam* o mundo. Eles não gostavam de professores que esperavam que eles se esforçassem e tentassem fazer outras coisas além de praticar esportes e foder com as meninas.

Às vezes, as meninas eram ainda piores.

Arrogantes.

Pretenciosas.

Desleixadas.

Desprivilegiadas.

Apáticas.

Essas crianças eram uma mistura perigosa de abandono e excesso de promessas. Eu tinha que caminhar reto sobre uma linha tênue entre as expectativas realistas e a disciplina severa.

Nenhuma delas me respeitava por isso.

Uma batida na porta e uma voz profunda me arrastaram de volta através da turbulência de meus pensamentos.

— Kate, você está bem?

Olhei para cima e encontrei Eli Cohen em pé na minha porta, com uma expressão preocupada no rosto. Seus olhos escuros me analisaram, fazendo um balanço de tudo o que poderia estar errado.

— Dia difícil. — Respondi com a voz estridente. O medo ainda apertava meu peito, e eu me perguntava se precisava ir conversar com Kellar. Não aconteceu nada. Jay ainda não tinha me ameaçado. Mas anos de experiência me ensinaram que eu deveria confiar no meu instinto.

— Seu ex-marido? — Eli tentou adivinhar.

Estremeci, despreparada para sua pergunta. Um sorriso cínico inclinou meus lábios, e eu olhei para meus sapatos quando respondi.

— Não, não é nada com Nick. Eu, uh, eu tive uma discussão com um aluno.

Eli cruzou a porta e estava diante de mim em três segundos. Suas mãos grandes pousaram em meu bíceps, apertando com compaixão.

Eu dei um salto com seu toque. Quando foi a última vez que um homem tinha me tocado? Até mesmo Nick?

Não por um bom tempo.

A proximidade de Eli imediatamente me pareceu errada. Eu desejava fortemente sorrir e me afastar dele. Mas percebi que aqueles pensamentos eram tolos. Eu não iria trair Nick.

Não havia mais nada para trair.

— Eu sinto muito. — Eli pediu desculpas. — Eu não deveria ter assumido... eu sinto muito. De verdade. Isso foi realmente estúpido da minha parte.

— Está tudo bem. — Prometi. Depois dei de ombros para afastar suas mãos. Aquilo era muito estranho, e minha cabeça não estava certa. Além disso, comecei a me preocupar com alguém entrando na sala e tendo uma ideia errada do que estava acontecendo. — Poderia facilmente ter sido o meu divórcio. Têm sido alguns meses estranhos.

A carranca de Eli fez eu me sentir um pouco melhor.

— Eu sou um idiota.

Sorri surpresa.

— Você não é.

— Eu sou. Só um idiota vê uma mulher chateada e imediatamente pergunta se é por causa do seu divórcio.

Meu sorriso suavizou.

— Não tem problema.

Ele me deu um olhar irônico e balançou a cabeça.

— Eu me divorciei há três anos. Eu deveria saber.

Seu comentário tirou meu fôlego. Eu nunca tinha pensado muito

sobre pessoas passando por um divórcio antes de me divorciar. Eu nem sequer sabia que tantas pessoas passavam por isso. Pareciam ser apenas histórias que minha mãe contava nos almoços de domingo. *Tal e tal pessoa estão se divorciando. Eu sabia que não iria durar. Ele sempre foi preguiçoso. Ela nunca conseguia se acalmar.*

Nunca pensei que poderia ser eu. Nunca pensei que seria a garota inquieta ou que Nick seria o marido caloteiro. Porque de acordo com a minha mãe, somente pessoas inúteis se divorciavam.

— Sinto muito. — Eu disse a ele rapidamente. Desta vez fui eu quem colocou a mão no seu ombro. — Eu não sabia.

Seus olhos cor de chocolate encontraram os meus.

— Foi antes de eu vir para cá.

— Quanto tempo você foi casado? — Não consegui evitar a curiosidade. Eli era lindo, e um excelente professor. Ele era definitivamente um bom partido. Eu não podia imaginar porque qualquer mulher não iria querer ficar com ele.

Mas há algum tempo, eu pensava isso sobre Nick também.

— Dez anos. — Ele respondeu com um pequeno vacilo na voz. — Nós fomos namorados no ensino médio.

Ficamos em silêncio por um tempo enquanto eu ouvia todas as palavras que ele não tinha falado. Os sentimentos que ele não admitiu.

— Nick e eu nos conhecemos na faculdade. — Admiti baixinho.

Ele se virou e sentou na borda da minha mesa. Suas mãos pousaram ao lado dos seus quadris e ele se inclinou para frente atentamente.

Eu achei estranho ter a atenção total daquele homem. Nick não me escutava, a menos que estivéssemos no meio de uma discussão.

Eu nem sequer me lembrava da quantidade de vezes que estávamos conversando e ele simplesmente levantava a cabeça e olhava para mim como um cachorrinho perdido: “Huh? — Ele falava. — Você disse alguma coisa?”.

Eu engoli a mágoa daquela memória e me permiti desfrutar da atenção de Eli. Lambi meus lábios que estavam secos e falei através do caroço em minha garganta.

— Eu pensava que nós éramos perfeitos um para o outro.

— Não existe perfeição. — Eli considerou.

Eu suspirei.

— Eu sei disso agora.

Eli olhou para seus sapatos marrons e eu aproveitei a oportunidade para estudar as linhas e planos de seu rosto. Sua mandíbula estava lisa e bem barbeada e seu nariz tinha pequenos vincos, onde os óculos descansavam. Eles estavam em seu bolso agora, com ponta de uma das hastes para fora de uma forma adorável.

Ele tinha cabelo comprido, ombros e mãos grandes. Ele era tão puramente masculino que eu sabia que metade da população feminina da Hamilton High já estava profundamente apaixonada por ele, e era apenas Setembro.

Sem mencionar que eu tinha ouvido coisas realmente boas sobre suas aulas. Ele não era apenas um bom homem, ele era também um bom professor.

E ele entendia pelo que eu estava passando.

Isso ficou evidente quando ele começou a falar.

— Me lembro de chegar a este ponto com Naomi, e me odiar por isso. O problema não era que eu não a amava mais, era que eu não conseguia ficar em torno de *mim*. — Seus olhos levantaram lentamente para encontrar os meus. Senti seu embaraço através de seus cílios grossos. — Isso faz com que eu seja o homem mais egoísta do mundo?

Me apressei em assegurar a ele que não.

— Eu sei exatamente o que você quer dizer. — Puxei meu cabelo sobre o ombro e passei os dedos através das pontas nervosamente. — Na verdade, eu tenho pensado muito sobre isso. É como se Nick e eu fôssemos, na maior parte do tempo, pessoas boas... Até que estivéssemos juntos. Então éramos miseráveis e mesquinhos. Eu nunca tinha tratado... Eu falava algumas coisas horríveis... — Deixei escapar um suspiro trêmulo. Eu mal conhecia Eli. Essas coisas eram pessoais; Eu não precisava compartilhar elas com estranhos.

— Vocês simplesmente não eram certos um para o outro, é isso? Vocês eram pessoas boas, mas eram melhores separados.

Eu bravamente encontrei seu olhar novamente.

— É exatamente isso. Nós éramos mais como melhores amigos do que marido e mulher. — No momento que pronunciei as palavras percebi que elas eram mentira. Nós não éramos melhores amigos. Nós nunca fomos amigos. E eu duvidava seriamente da probabilidade de nos tornarmos amigos agora.

— Será que vai ficar mais fácil? — As palavras saíram trêmulas de meus lábios. Eu precisava que ele falasse que sim. Eu precisava que ele me desse alguma esperança.

— Vai. — Ele disse solenemente. — Pode ter certeza.

Alívio pulsou através de mim. Senti as lágrimas quentes se formando em meus olhos. As segurei, frustrada por eu ainda chorar tão facilmente. Eu precisava me recompor. Eu precisava retomar o controle.

Para minha vergonha, ele percebeu de imediato.

— Ei. — Ele sussurrou. Ele passou seus grandes braços em volta dos meus e me puxou para um abraço reconfortante.

Fiquei tão chocada num primeiro momento que não soube o que fazer. Mas ele não me soltou, não me deixou fugir. Depois de alguns momentos, não consegui mais lutar contra o calor de seu toque ou a promessa de conforto. Deixei meus braços cercarem seu torso firme e me afundei nele.

— Obrigada.

Ele me apertou com força por mais um momento antes de me libertar.

— Ainda é recente. — Ele me confortou. — Dê mais um tempo. Relembre como é viver sozinha e você vai ficar bem, Kate. Você é osso duro de roer.

Eu enruguei meu nariz.

— Como você sabe disso?

— Você trabalha aqui, não trabalha? — Seu sorriso brincalhão fez com que eu sorrisse também. — Você tem que ser forte.

— Ou estúpida. — Eu ri.

Sua expressão endureceu, ficando séria por um momento.

— Bem, você definitivamente não é estúpida.

Meu estômago vibrou inesperadamente. Eu não esperava receber um elogio tão doce.

— Obrigada. — Eu disse a ele. — De novo.

Ele se moveu em direção à porta, acenando discretamente quando puxou seus óculos de armação preta do bolso.

— Estou aqui quando você precisar. Realmente estou. Sempre que você precisar de alguém para conversar, estou só algumas portas adiante.

Eu estava muito nervosa para responder, então assenti lentamente e apertei os lábios para não sorrir muito.

Ele desapareceu através do batente da porta e eu fiquei lá por um bom tempo, apenas olhando para o espaço vazio. Eu precisava me preparar para minha próxima aula, mas não conseguia esquecer Eli e sua amizade surpreendente.

Eu não tinha me aberto com alguém que não fosse Kara por um bom tempo. E eu não conversei com um homem sobre a minha vida por mais tempo ainda.

Nick não contava, já que ele raramente me dava a sua.

Nem meu pai ou meu irmão, já que eu nunca os escutava.

E Eli não tinha sido só legal... Ele também me entendia.

Ele não tinha me julgado. Ele não tinha diminuído os meus sentimentos ou fez com que eu me sentisse mal por eles. Ele tinha passado pelas mesmas coisas que eu, e prometeu que tudo ficaria melhor.

Segurei essas palavras junto do meu coração partido. Eu as deixei criar raízes no meu peito e florescer com a promessa.

Eu precisava disso para ficar melhor. Eu precisava saber que eu poderia sobreviver a isso.

Porque neste momento... neste momento, esquecer Nick... curar nossos machucados... Seguir em frente com minha vida...

Tudo parecia impossível.

Capítulo cinco

12. Nós **nunca** mais conversamos.

Sexta-feira à noite costumava ser a melhor noite da semana. Antigamente... Antes de a minha idade começar a se aproximar dos trinta, e a responsabilidade se tornar mais importante do que tequila e dançar a noite toda.

Além disso, desde quando ressaca evoluiu para peste bubônica? Quando éramos mais jovens, Nick e eu conseguíamos beber até chegar perto de um coma alcoólico ou desmaiar nos arbustos de um amigo e acordar no dia seguinte revigorados e prontos para fazer tudo de novo.

Agora duas cervejas eram o suficiente para fazer com que eu quisesse ficar deitada pelo resto do fim de semana com uma dor de cabeça desagradável e vomitando no estilo e*xorcista*.

No entanto, Nick não era como eu. Ele ainda conseguia festejar enlouquecidamente como tinha feito em sua despedida de solteiro todas as noites. O que parecia perfeito para ele.

Ele estava em uma banda. Uma *banda*.

Mas não no Backstreet Boys. Nick era o mais diferente possível de um Backstreet Boy. *Graças a Deus*.

O nome dele era Nick Carter antes do membro da boy band ficar famoso.

Nick odiava compartilhar seu nome com outra pessoa. Eu amava. Não porque eu tinha uma queda por boy bands. Mas porque eu podia irritar ele com isso.

Vamos ser sinceros. Algo como isso nunca ficava velho.

Além disso, eu podia cantar *I Want It That Way* e fingir que era só para irritar ele.

Com trinta anos, meu marido ainda não tinha desistido dos seus sonhos de se tornar a próxima grande estrela.

Todo nosso casamento tinha sido centrado em torno de sua grande oportunidade, sua grande chance que nunca veio. Nossos fins de semana eram reservados para seus shows em casas noturnas locais decadentes. Sua graduação na faculdade com honras foi simplesmente esquecida, para dar lugar à sua busca pela felicidade.

Ele era bom nisso. Eu nunca afirmaria o contrário. Meu marido cantava e tocava guitarra agitando o palco como se o seu lugar de verdade fosse o rádio ou os estádios, cercado por centenas de milhares de fãs. Ele pertencia aos palcos. Fiquei paralisada desde a primeira vez que o vi lá em cima. Ele nunca deixou de fazer com que eu me apaixonasse novamente por ele todas as vezes que subia no palco e abria a boca.

Mas a indústria da música não era um lugar justo. Ele sabia disso mais do que ninguém.

Tínhamos perdido muito dinheiro com péssimos agentes e álbuns independentes. Eu tinha visto minhas economias diminuírem e meu suado salário desaparecer com equipamentos novos e demos.

Era incrível enquanto estávamos namorando. Eu costumava adorar ter atenção total do vocalista da banda. Eu adorava que ele escrevesse músicas sobre o quanto me amava. Eu adorava que o meu marido *estivesse em uma banda.*

Sete anos depois, isso não era mais tão legal assim. A excitação tinha se desgastado, e a emoção tinha desvanecido. Eu estava cansada de nos sustentar com o meu salário patético de professora, e comecei a implorar para que ele arranjasse um emprego de verdade, um emprego que pagasse alguma coisa.

E eu percebia que *ele* estava cansado. Ele estava cansado de fracassar. Ele estava cansado que não desse certo. Com o passar dos anos, ele ficou mais cínico... Mais exaurido.

Suas músicas ainda eram ótimas. Suas músicas sempre seriam ótimas. Mas em algum momento, nós teríamos que crescer.

Eu o apoiei pelo máximo de tempo que eu consegui - tanto emocionalmente como financeiramente. Mas cheguei ao meu limite, e não conseguia mais esconder.

Eu não conseguia nem pensar no que isso tinha feito com ele... Qual era a sensação de a pessoa que deveria amá-lo mais do que qualquer coisa no mundo estivesse desistindo dele.

Culpa embrulho meu estômago, fazendo com que eu perdesse a fome e a determinação para abastecer minha geladeira vazia.

Empurrei o carrinho para frente e o deixei ir por alguns segundos. Fazer compras no supermercado em uma sexta-feira à noite. Mais adulto do que isso impossível.

Mas não de uma forma positiva.

Olhei para os poucos artigos no meu carrinho e tentei não revirar os olhos. Eu estive vagando pelo supermercado por quarenta e cinco minutos e não tinha sido capaz de encontrar qualquer coisa parecesse boa.

Eu peguei várias coisas que Nick gostava, antes mesmo de me dar conta de que ele não morava mais comigo. Colocar tudo de volta na prateleira fez com que eu me sentisse ainda mais patética. Eu não conseguia afastar a sensação de fracasso quando reconheci que cuidar de Nick era um hábito difícil de perder.

Além do mais, isso me fez perceber que eu tinha me preocupado com as necessidades dele por tanto tempo que não sabia como cuidar das minhas próprias.

Por que eu não sabia o que eu gostava de comer? Por que eu não conseguia escolher coisas que agradassem a *mim*?

A parte mais constrangedora foi que eu comecei a perceber o quanto Nick tinha sido uma muleta para mim. Quando nos casamos, me sentia completamente bem em comprar porcarias para comermos, porque eram as coisas que Nick gostava. Percebi que eu o culpava pelos nossos maus hábitos alimentares quando na verdade, este era o tipo de comida que eu preferia.

Agora minha consciência não me deixava escolher entre os cereais açucarados ou as montanhas de chocolate, que eu tanto desejava, e estava extremamente culpada por não comprar alimentos orgânicos e barrinhas de cereal.

Maldito Nick e sua obsessão por alimentos processados.

E maldito Dr. Oz, por fazer um especial sobre excesso de peso e o alto consumo de xarope de milho[4].

Eu amava xarope de milho.

[4] Tipo de molho que é muito consumido nos Estados Unidos.

Peguei meu carrinho e recostei a cabeça na barra de metal frio.

— Isso não deveria ser tão difícil. — O frio do congelador arrepiou os pelos dos meus braços e pernas, mas eu não tinha força de vontade para continuar caminhando.

Eu só queria desistir e ir para casa. Eu poderia pedir comida chinesa. Mais uma vez.

Ou comer o equivalente ao meu peso de bolachinhas de água e sal.

Meu corpo estremeceu quando alguém bateu seu carrinho no meu. O som do metal e das rodas raspando me despertou e ergui a cabeça, pronta para arrancar os cabelos de alguém.

Ou pelo menos, dar um sermão.

Ok, mais provável que eu daria apenas um olhar significativo. Mas faria com que a pessoa se sentisse envergonhada.

Eu deixaria ele ou ela totalmente envergonhado com meu olhar maléfico.

Hoje não era um bom dia para mexer comigo.

Meus lábios se abriram e minhas sobrancelhas levantaram até o cabelo quando vi Nick controlando o outro carrinho. Meus olhos analisaram sua camiseta marrom desbotada e suas calças jeans de cintura baixa. Um segundo depois, notei que seu cabelo estava apenas um pouco mais longo e sua barba mais áspera, tomando conta de toda a mandíbula. Eu poderia fechar os olhos e imaginar este homem completamente nu. Quando ele apareceu do nada, vi as diferenças nele num piscar de olhos.

— O que você está fazendo aqui? — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse controlar minha reação.

Seus lábios tremeram com um quase sorriso.

— Eu acho que você esqueceu de que eu ainda estou vivo. É quase como se você não esperasse que eu continuasse existindo, agora que não estou na sua vida todos os dias.

Seu tom era quase de brincadeira. Principalmente ressaltado por um pouco de amargura.

— Isso é ridículo. — Reagi imediatamente. Mesmo assim, talvez

ele estivesse um pouco certo. — Você simplesmente me surpreendeu. Duas vezes.

Ele se inclinou para frente, como se fosse me contar um segredo.

— É ridiculamente fácil de te surpreender.

O choque de ver ele aqui diminuiu, e apertei os lábios quando senti o riso se formando dentro de mim.

— Que seja. — Memórias de nosso relacionamento surgiram na minha cabeça, mas eu as suprimi. Eu já era um desastre emocional. Não precisava que ele testemunhasse meu mais recente colapso.

Nick puxou a orelha, seu tique nervoso.

— Então, uh, de verdade, você me surpreendeu. Eu não esperava ver você por aqui. Ainda mais numa sexta-feira à noite.

— Sorvete. — Decidi repentinamente. Era muito melhor do que a verdade. — Eu precisava comprar sorvete.

Ele levantou uma sobrancelha e me encarou de uma forma que eu costumava amar.

— Semana ruim?

— Semana do inferno.

— Sim, a minha também. — Suas palavras saíram em um sussurro desesperado, e eu desejei imediatamente perguntar o porquê.

Em vez disso, forcei meus lábios a ficarem fechados. Olhamos um para o outro sem jeito, sem saber como lidar com nosso frágil tratado de paz da semana passada. Longos segundos se passaram, pessoas se movimentavam ao redor de nós e uma música pop terrível flutuou através dos autofalantes do supermercado.

— Então, você está atrás de qual sabor? — Seu olhar se voltou para as portas dos congeladores, onde os potes de sorvete estavam escondidos atrás de um vidro turvo.

A pergunta de um milhão de dólares.

— Eu provavelmente deveria pegar o restante das coisas primeiro, não é mesmo? Se eu pegar o sorvete agora, ele vai derreter até eu chegar ao carro.

— Sim eu também.

Olhei novamente para Nick, e o encontrei me observando. Seus dedos estavam flexionados e as palmas das mãos esticadas, enquanto ele as descansava na barra de metal. Ele estava tentando não puxar a orelha.

— Qual sabor você vai comprar? — Perguntei em voz baixa.

Era estranho conversar com ele. Mesmo que fosse apenas sobre mantimentos. Nosso relacionamento sempre girou em torno de conversas, mesmo quando estávamos gritando um com o outro. Mas ele estava fora da minha vida pelos últimos cinco meses. Não tínhamos nenhum motivo para brigar no momento, mas nós não poderíamos exatamente desnudar nossas almas no meio do supermercado, de qualquer forma.

Nós nunca tínhamos sido bons em jogar conversa fora. Nem mesmo no início.

O que você mais quer na vida? Essa tinha sido a primeira pergunta que ele me fez no nosso segundo encontro fatídico.

Lembro que o encarei por mais tempo do que era confortável. Lembro de estar inquieta, mas querer entender ele melhor.

Quando respondi, eu não sabia o que ia dizer ou se aquilo era mesmo verdade. *Eu quero uma vida, uma de verdade. Eu quero ter a certeza de que todos os dias vão significar algo profundo, e no fim de tudo, quero ter certeza de que a viagem valeu a pena.*

Isso não parece nada fácil, ele tinha respondido. Seus lábios tinham se inclinado de um lado, em um meio sorriso torto que tinha feito borboletas voarem por todo meu corpo.

Eu não disse que queria algo fácil. Eu quero algo lindo.

Ele me encarou e pela primeira vez percebi como os seus olhos eram azuis. Eles eram elétricos de intensidade, queimavam com o foco. Então ele se inclinou para frente e sussurrou, *Você é linda.*

Limpei a garganta e tentei apagar aquela memória do nosso passado. Era uma das minhas favoritas. Foi ali que me apaixonei, que ele se enterrou sob minha pele e se envolveu em torno do meu coração.

— Eu não sei como fazer isso. — Ele murmurou.

Suas palavras me atingiram inesperadamente, e como de costume quando ele estava por perto, senti vontade de chorar.

— Ah, claro. — eu disse rapidamente. Tentei levantar as defesas em torno do meu coração, mas já era tarde demais. Ele conseguiu penetrar nelas rapidamente. — Não é justo da minha parte pedir para que tenhamos conversas fiadas sobre... Sorvete. Tenho certeza de que você tem outras coisas para fazer.

Virei meu carrinho, pronta para me retirar rapidamente quando ele me parou com uma risada.

— Kate. — Ele falou. — Eu quis dizer que estou achando difícil fazer as compras no supermercado. Eu não sei como fazer *isso*. — Ele fez um gesto em torno dele, com um movimento preguiçoso de sua mão. — Você costumava... Isso costumava ser algo que você fazia. Estou completamente fora do meu elemento.

Por mais terrível que tenha sido sua rejeição, o alívio foi tão poderoso quanto. Eu oscilei com a sensação, e logo em seguida me repreendi por deixar que ele controlasse as minhas emoções dessa forma.

Por deixar que ele *continuasse* controlando minhas emoções dessa forma.

— Quer ajuda? — Ofereci suavemente.

Ele puxou a orelha enquanto pensava na minha pergunta. Eu podia ver a indecisão cintilando em seus olhos azuis brilhantes. Ele queria saber o que isso lhe custaria.

Me senti imediatamente culpada.

— Também preciso de ajuda. — Falei. — Eu não consigo lembrar de nada que eu goste. Só lembro das coisas que *você* gosta.

Seus lábios levantaram em um pequeno sorriso.

— Esse é exatamente o meu problema.

Foi a minha vez de me sentir indecisa. O que eu estava fazendo? Antes que eu pudesse ouvir meus instintos, sugeri.

— Nós poderíamos... Poderíamos fazer compras juntos. Você faz eu me lembrar do que gosto, e eu vou fazer o mesmo por você. Pode ser?

Seu pomo de Adão balançou quando ele engoliu em seco.

— Claro. Pode ser.

Viramos nossos carrinhos para que pudéssemos caminhar lado a

lado. Funcionou bem na área dos congeladores porque os corredores eram mais largos, mas o restante estava lotado, por isso, tomei a liderança.

— Você gosta de manteiga de amendoim. — Falei.

— Mas que tipo? — Ele olhou para as prateleiras. Seus lábios se apertaram em uma carranca, e eu vi seus olhos se moverem ao longo dos diferentes tipos e tamanhos de frascos com uma concentração determinada.

Foi a minha vez de sorrir.

— Você não sabe que marca de manteiga de amendoim você gosta?

Ele passou a mão pela lateral da mandíbula, sua barba escura arranhando a palma da mão.

— Eu sei qual eu gosto, mas essa é mais barata. — Ele apontou para a marca do supermercado e meu sorriso aumentou. — Será que tem o mesmo gosto?

Quando suas sobrancelhas abaixaram e ele olhou para mim com uma expressão de menino perdido, não pude deixar de rir. Eu balancei a cabeça lentamente e respondi.

— Não, não tem. Você não pode comprar a opção mais barata de manteiga de amendoim.

— Mas a marca que eu gosto é três dólares a mais.

— E vale a pena.

Sua testa se suavizou, e seus lábios tremeram novamente.

— Você promete?

— Prometo.

— Ok, e a geleia? — Ele colocou sua marca favorita de manteiga de amendoim no carrinho e se dirigiu para a próxima prateleira.

— Você é menos exigente com isso. Eu costumo comprar o que está em promoção e tem um sabor que eu gosto.

Sua risada baixa o seguiu quando ele pegou um frasco de geleia de framboesa.

— Estamos muito velhos para comer sanduiches de manteiga de amendoim e geleia?

— Não diga isso. Nós dois sabemos que é o café da manhã dos campeões.

— Então, o caixa não vai me julgar?

— É só mencionar as crianças que estão esperando você em casa.

O frasco caiu de suas mãos para dentro do carrinho. Ele ignorou a geleia e se virou para mim.

— Você não faz isso.

— Cereal e enroladinhos de salsicha são suas comidas favoritas. É claro que eu faço isso!

Sua risada profunda esquentou o ar entre nós e eu me encontrei sorrindo também.

— Você é um gênio do mal, Katherine Claire.

Eu ignorei a maneira que sua provocação queimou através do meu corpo, ou a nostalgia que fez cócegas na minha barriga quando ele usou o meu nome completo. Eu empurrei meu carrinho para frente e nos dirigi para outro corredor.

— Foram seus alunos? — Sua voz profunda me perseguiu.

Evitei correr para outro supermercado quando virei a esquina e processei suas palavras.

— O que deixou a minha semana difícil?

— Sim, o que deixou a sua semana difícil. Foram os seus alunos? Ou o novo diretor? O que está acontecendo na Hamilton?

— Principalmente os alunos. — Expliquei sobre meu ombro. — Nós ainda estamos estabelecendo a ordem de hierarquia. Eles ainda não estão prontos para admitir que eu estou no comando.

— Porque alunos do ensino médio são idiotas. — Ele acrescentou em minha defesa.

Meus lábios levantaram em outro sorriso.

— Isso eles são. — Esfreguei meu queixo no ombro enquanto olhava para ele. — O início do ano letivo é sempre o período mais difícil.

Ele encontrou meus olhos com um olhar firme.

— Eu lembro.

Meu coração bateu dolorosamente no peito e eu inalei profundamente antes de conseguir desviar minha atenção dele.

— Macarrão.

— O que? — Sua voz saiu mais áspera do que há alguns segundos.

— Você gosta de massas. E é fácil de fazer. — Apontei para o seu tipo favorito de macarrão e molho antes de adicionar alguns no meu próprio carrinho. — Basicamente, tudo que você precisa saber para ser capaz de fazer é ferver a água.

Ele pegou um pouco de macarrão.

— Eu acho que posso lidar com macarrão. Se eu tiver que comer outro hambúrguer essa semana, talvez eu vá assassinar o Jared.

Eu ri.

— Seu irmão não cozinha?

Nick me atirou um olhar irritado.

— Jared come McDonalds. Em todas as refeições.

Eu enruguei o nariz. Eu achava que Nick e eu nos alimentávamos mal, mas isso era muito pior do que um pote de sorvete todas as noites.

— Ele vai ter um ataque cardíaco. E ele tem vinte e seis anos! Ele não pode viver assim para sempre.

Nick assentiu.

— Eu falo isso para ele todo santo dia.

Eu sorri pensando no irmão mais novo de Nick, e em como ele era imaturo.

— Ele precisa de uma mulher para colocar ele na linha.

Meu sorriso morreu quando Nick se encolheu. Percebi meu erro, mas não sabia como voltar atrás. Eu só queria engolir minhas palavras estúpidas e fugir.

Ou jogar um pote de molho no chão para distraí-lo.

Me virei para as prateleiras novamente, e procurei cegamente pelos molhos. Escolhi um e tentei ler o rótulo, mas não conseguia ver nada além das lágrimas nadando em meus olhos.

Finalmente Nick falou, e eu desejei mais do que qualquer coisa que tivesse pedido comida chinesa.

— Uma mulher pode salvar você de um ataque cardíaco, mas vai te matar de qualquer outra forma. — Sua voz mudou para um tom baixo e sua senti a amargura cruel em meus ossos.

Foi um milagre eu não ter jogado o vidro de molho no chão afinal de contas - só que desta vez teria sido na sua cabeça. Eu estava zangada demais para olhar para ele, e machucada demais para respirar. Eu me senti sufocada pela sua presença, sua atitude amarga, sua língua afiada. Eu queria abandonar o meu carrinho e fugir, mas não consegui convencer os meus pés de se moverem.

Aquilo era tão idiota. Ele não tinha falado nada chocante. Não era como se eu nunca tivesse ouvido isso antes.

Eu era uma destruidora de sonhos. Eu era a megera de coração frio, cega pelo pensamento racional e praticidade. Eu era a razão pela qual Nick não conseguiu.

Eu era a razão pela qual Nick teve que desistir do seu sonho.

E lá estávamos nós mais uma vez. Mesmo que estivéssemos separados. Mesmo que Nick pudesse fazer o que bem entendesse com a sua vida. Mesmo que eu não pudesse dizer a ele o que fazer nunca mais.

Ainda era minha culpa.

— Isso foi estúpido. — Sussurrei de forma trêmula, uma parte em lágrimas e a outra vibrando de raiva. — O que nós estamos fazendo?

Nick se inclinou e rosnou.

— Eu me pergunto isso todos os malditos dias.

Minha cabeça se levantou e eu tentei não vomitar.

— Eu quero dizer neste supermercado. Quero dizer aqui, agora. O que estamos tentando fazer em levar uma vida de solteiros juntos? Somos tão estúpidos?

Seu rosto ficou vermelho e mais emoções que eu poderia nomear

cruzaram através de mim. Eu me odiava novamente. Eu o odiava novamente.

Eu só queria parar de me sentir dessa forma.

— Nós devemos ser. — Ele admitiu. — Não há obviamente, nenhuma outra explicação do porque continuamos fazendo isso um com o outro.

Eu assenti. Mesmo que eu me sentisse da mesma forma, me deixou em pedaços o ouvir dizendo isso em voz alta. Levantei meu queixo e disse a ele bravamente.

— Eu contratei um advogado. — Eu não tinha contratado. Mas eu queria. Estava na hora de deixar de ser uma covarde.

Ele deu um passo para trás, como se eu tivesse o acertado com um tapa. Seu rosto perdeu imediatamente toda a cor, e por um segundo, eu pensei que ele iria passar mal. Depois de um minuto eterno enquanto encarávamos um ao outro na frente da prateleira de macarrão, ele respondeu.

— Ótimo. Isso é ótimo.

Imediatamente me senti culpada e tentei explicar.

— Não podemos ficar separados desse jeito para sempre. Achei que você gostaria de seguir em frente com a sua vida.

— Assim como você.

Inalei profundamente e ignorei sua acusação.

— Eu só estou tentando fazer com que nós dois fiquemos em paz.

— Ouvi esse tipo de coisas sobre divórcios. É algo extremamente pacífico para todos os envolvidos.

Bile subiu pela minha garganta.

— Por que você está fazendo isso?

— Fazendo o que, Kate? Não sou eu quem está falando em divórcio.

— Você está fazendo parecer que é tudo culpa minha. Isso é algo que nós dois queremos. — Eu enxuguei rapidamente uma lágrima rebelde e tentei não vomitar.

Ele se balançou sobre os calcanhares e engoliu em seco.

— Eu continuo me esquecendo dessa parte.

— Eu preciso ir. — Antes que eu despedaçasse na frente dele. Antes que eu admitisse que isso era muito mais difícil do que eu pensei que seria. Antes que eu falasse qualquer coisa para tirar aquele olhar do seu rosto.

— Claro.

— Tchau, Nick.

Ele olhou para mim sem dizer mais nada. Eu realmente não esperava uma despedida sincera, mas eu não podia suportar a dor em seus olhos ou a curva caída de seus lábios, porque eu tinha colocado eles lá. Eu odiava a forma como suas roupas amassadas estavam em seu corpo, porque isso significava que eu não estava lá para dobrar elas para ele. Eu odiava ver o seu carrinho vazio, porque ele não sabia o que gostava de comer, ou seus cabelos muito longos, porque eu não tinha lembrado ele de ir cortar.

Nossas vidas já tinham sido separadas. Tínhamos vivido mais da metade delas separados. Mas ao longo dos últimos sete anos elas tinham sido unidas, elas tinham se tornado uma existência, uma vida. E agora nós estávamos rasgando tudo o que tínhamos construído em pedaços. Nós estávamos rasgando e arrebentando as costuras. Nós estávamos mergulhando para frente em direções opostas.

Eu estava perdendo metade de eu mesma.

E eu não tinha certeza se havia o suficiente de mim para fazer uma pessoa inteira novamente.

— Chocolate com cerejas. — Ele falou de repente.

Eu quase tropecei quando minha cabeça se virou para olhar na direção dele.

— O-o quê?

— O sorvete. O que você mais gosta é chocolate com cerejas.

Corri para fora da loja. Deixei meu carrinho e compras para trás e corri até o meu carro. Eu desmoronei assim que a porta se fechou e não consegui me acalmar até muito tempo depois de estar trancada com segurança dentro da minha casa novamente.

Entretanto, fiz uma parada no caminho para casa. Mesmo que meu rosto estivesse uma bagunça de rímel e grandes lágrimas, eu não conseguiria ir para casa antes de comprar um pote de sorvete de chocolate com cerejas.

Podíamos ser pessoas diferentes agora.

Mas ele ainda me conhecia melhor do que ninguém.

Capítulo seis

13. Ele parou de **tentar**.

— Kara, o que estamos fazendo aqui? — Coloquei minha mão contra uma parede invisível e disse aos meus pés para pararem de andar.

Eles não escutaram.

Principalmente porque a minha melhor amiga estava segurando meu bíceps com um aperto mortal, e eu estava com medo de que se parasse de me mover, ela iria rasgar meu braço do corpo.

— É dia de lamentar. — Ela falou por cima do ombro.

Como se isso explicasse tudo.

— Não, é *quarta-feira.* E nós temos que trabalhar amanhã de manhã. — As luzes de néon sobre o bar piscaram de forma reveladora. Elas soltaram um chiado e piscaram, claramente prestes a parar de funcionar. Olhei para elas até que vi manchas.

Kara fez um som descontente na parte de trás da garganta.

— *Nãão,* é dia de *lamentar*, e merecemos uma recompensa por fazer isso no meio da semana!

Seu tom excessivamente animado disfarçava a frustração crua que ela sentia. Tinham sido duas semanas difíceis para nós duas. Tinha que ter algo na água este ano, porque nossos alunos eram alguns dos mais difíceis que já tive de lidar.

Eu não conseguia fazer muito mais do que cair de cara no meu sofá depois do trabalho, na maioria dos dias. Avaliações para corrigir só aumentavam o meu stress, já que a maioria dos meus alunos pensava que era ou comediante, ou acima de qualquer regra.

— Tudo bem, vamos receber essa recompensa em outro lugar. — Eu olhei para a porta. O tapume pendurado torto e a música alta filtrada através da porta de tela escura. — *Qualquer* outro lugar.

Seu aperto de morte afrouxou.

— Pelo menos você não está reclamando das bebidas.

— Claro que não. — Eu assegurei a ela. — Na maioria das vezes, eu sou a favor de bebidas.

Ela olhou para a placa rosa pink.

— Então o que você tem contra o Starla's?

— Além do meu primeiro encontro com Nick ter sido aqui? E de que às vezes ele ainda toca aqui? O bar está cheio com os nossos colegas de trabalho.

Ela fez uma pausa, seus sapatos pontudos pairando precariamente no chão de cascalho.

— Eu esqueci que ele costumava vir aqui. — Ela não mencionou a banda de Nick, porque ela raramente via um show. Kara tentava de todas as formas viver como um espírito livre, mas a verdade era que sua família tinha exigido padrões muito altos dela. A falta de um emprego em tempo integral e aspirações para o mundo real de Nick a incomodavam. Ela poderia não ser a favor do divórcio, mas ela certamente não tentaria me convencer do contrário.

— Você está com medo de que Nick vai estar lá?

Mordi meu lábio inferior, lutando até o ultimo fio de cabelo com o meu medo.

— Na verdade, não. É mais as memórias deste lugar. E os nossos colegas de trabalho. Eu odeio os nossos colegas de trabalho.

— Bem, obviamente. Todo mundo odeia os seus colegas de trabalho.

Eu não tinha certeza de que isso era verdade, mas era verdade para mim, então fiquei em silêncio. Eu balancei minhas botas de couro e olhei para os restos de cascalho que estavam se espalhando aos meus pés. Eu queria estar em qualquer lugar, menos aqui. Mas mesmo as pessoas idiotas com quem eu trabalhava eram melhores do que ir para minha casa vazia e ficar remoendo os pensamentos na minha cabeça.

— Eu achava que isso seria mais fácil. — Admiti.

Ela se inclinou para frente até que estivéssemos a apenas alguns centímetros de distância.

— Você continua repetindo isso, querida. Está na hora de mudar suas expectativas. Então talvez *vá* ficar mais fácil.

Ignorando a dor, reprimi um sorriso, porque ela estava certa.

— Tudo bem.

— Tudo bem para: "Kara você é brilhante e eu deveria contratar você como minha mentora para a vida?" ou tudo bem para o bar nojento onde nossos colegas professores de meia-idade estão ficando bêbados o suficiente para cantar no karaokê? — Ela deu um sorriso enorme e retomou seu aperto de aço no meu braço para pudesse me puxar para dentro do bar.

— Você não disse nada sobre karaokê! — Engasguei com o ar espesso que cheirava a cerveja choca e restos de cigarros acesos. O hábito de fumar em restaurantes e bares tinha sido proibido em Chicago, mas alguns lugares, como esse, mantinham para sempre a memória do cheiro, de quando ainda era permitido.

A porta de tela bateu atrás de mim e eu senti como se isso fosse um ultimato que penetrou em meus ossos. Eu estava aqui. E eu aparentemente iria ficar.

E se Kara sequer insinuasse a ideia de cantar no karaokê, eu faria uma conta fake para ela no Match.com e arrumaria encontros com jogadores de *World of Warcraft* que ainda viviam nos porões de suas mães. *Por Deus.*

Quando Kara e eu começamos a lecionar na Hamilton, o corpo docente preferia aproveitar as horas de folga em um estabelecimento mais próximo à escola. Um bar tão terrível quanto, o O'Connor, tinha bebidas por um dólar nas quintas-feiras e DST's se proliferando nos banheiros. Mas ele tinha pegado fogo há quatro anos e os proprietários tinham decidido se aposentar em vez de reconstruir. Ansiosa para impressionar os meus novos amigos, eu tinha falado do Starla como uma alternativa. Nick e eu frequentávamos este lugar desde a faculdade, Kara tinha vindo em uma noite que não tinha música ao vivo, e era a apenas cinco minutos de carro da escola.

Ao entrar aqui hoje à noite, com o Sr. Bunch, o professor de artes, no microfone gritando *Tainted Love,* percebi o meu erro.

Se algum dia nos perguntássemos por que tínhamos relações tumultuadas com os nossos alunos... poderia ser esta a razão.

A razão exata.

— Vamos pegar uma bebida! — Kara gritou por cima dos gritos do Sr. Bunch.

— Por favor!

Ela sorriu para mim, seu riso dançando em seus olhos e foi em frente através dos corpos suados se esmagando e as mesas frágeis. O bar de madeira polida tomava todo comprimento de um lado do ambiente principal. Dois barmen trabalhavam incansavelmente enchendo os copos de cerveja e misturando drinques. Dei um suspiro de antecipação e tentei não me apegar sobre o quanto eu estava planejando usar o álcool como uma muleta emocional hoje à noite.

É quarta-feira, eu lembrei.

Eu não posso dar aula de ressaca, me repreendi.

Me dê, me dê, me dê, meu cérebro gritava, ignorando todas as boas e bem-intencionadas razões para ficar sóbrio.

Kara se inclinou sobre o balcão e pediu dois uísques e refrigerantes diet. Eu poderia a beijar quando ela me entregou o copo preenchido com líquido escuro. Eu tomei um gole e fechei os olhos com a ardência gelada quando o líquido deslizou por minha garganta.

O uísque barato me bateu imediatamente. Eu tomei mais um gole e a sensação de calor se propagou da minha garganta para os meus membros, queimando meu sangue e fazendo meus dedos formigarem. Abri os olhos e lambi meus lábios já úmidos.

Inalando profundamente, me libertei da tensão que prendia meu pescoço e deixava meu estômago em nós. Eu normalmente não abusava do álcool, mas era tentador. Era tentador fazer qualquer coisa para me livrar de todos os sentimentos, dúvidas e medos. Toda essa dor e miséria nas quais eu estava envolvida.

— Ele está olhando para você. — Kara falou no meu ouvido.

Fiquei instantaneamente alerta, meus olhos examinando a multidão atrás de Nick.

— Quem?

— Eli. — Ela respondeu alegremente. — Ele está perto do palco!

Eli. Eu assenti. Eu não estava esperando por isso. Ou por ele. Ou que Kara notasse. Eu o avistei do outro lado do ambiente, sentado em uma mesa pequena com um dos nossos colegas de trabalho. Seu cabelo

normalmente domado estava desgrenhado e selvagem, seus óculos fora de vista. Ele não se preocupou em desviar o olhar. Ele manteve seus olhos escuros diretamente sobre mim.

Algo quente explodiu no meu estômago. Me mexi desconfortavelmente em meus saltos baixos e tentei não me entregar.

— Vamos lá. — Gritou Kara.

Eu podia ouvir o sorriso na voz dela, mas não queria conferir.

— Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Deus, você está tão desmancha prazeres hoje à noite!

Eu desviei meu olhar de Eli e encarei minha melhor amiga.

— Ele é gostoso, Kara.

Seu sorriso voltou.

— Eu sei, certo!

Eu balancei minha cabeça. Eu podia sentir o medo como um balde de água fria em todo aquele calor delicioso do uísque.

— Eu não sei o que fazer.

Seus ombros se levantaram quando ela puxou fôlego, se preparando para a batalha.

— Você não precisa fazer nada, Kate. Basta ir conversar com ele. Basta ser normal.

— Eu nunca admiti que outro cara era gostoso...

Ela acenou freneticamente com as mãos na frente do meu rosto.

— E você também não vai fazer isso agora! Eu não estou pedindo para você ir até lá e dizer para o Eli o que você pensa dele. Eu apenas estou pedindo para que você tenha uma conversa. Eu quero que você tente relaxar. Eu quero que você tente ser a Kate novamente.

— Eu deveria ir para casa.

— Você deveria pegar outra bebida e se lembrar do que é ser solteira.

Se qualquer outra pessoa tivesse falado isso para mim, eu teria me virado e ido embora. Eu podia ser muito cabeça dura. Contrariando

só para contrariar.

Mas ela não era qualquer outra pessoa. Ela era a pessoa que eu mais confiava na vida. Ela era minha amiga, que só queria o que era melhor para mim.

E eu sabia que eu estava exagerando. Não tinha problema nenhum em conversar. Eu poderia conversar com Eli, assim como fiz na escola há alguns dias.

Só para garantir, tomei todo meu drinque e pedi outro. Uma coisa era surtar na frente de Kara. Eli não precisa ver minha loucura.

Er, não precisava ver mais das minhas loucuras.

Nós caminhamos através das mesas lotadas até o outro lado do ambiente. Parecia que todo o corpo docente tinha saído hoje à noite. Sra. Patz, a bibliotecária da escola, tinha subido no palco para fazer um dueto com a Sra. Chan, a professora de geografia. Eu nunca tinha ouvido Cher cantar algo parecido antes.

Quando finalmente chegamos até a mesa de Eli, meus olhos estavam arregalados e um sorriso dançava nos cantos da minha boca. Deve ter sido uma semana difícil para todos nós.

Essa era a única explicação que eu tinha para toda essa... Insanidade.

Essa insanidade musical.

Eli deslizou uma cadeira para que eu pudesse sentar ao lado dele. O professor de ginástica e assistente do treinador de futebol, Kent Adams, abriu espaço para Kara. Kent era solteiro, jovem e tinha uma queda por Kara. Eles já tinham saído em um encontro antes, mas ela tinha falado que faltou química.

Eu sabia a verdade. Ela estava com medo.

Kara meu completo oposto. Eu me apaixonei no segundo encontro e casei um ano depois que me formei na faculdade. Kara se recusou a deixar que alguém chegasse assim tão perto dela. Suas defesas eram muito maiores do que a Grande Muralha da China. Ela deixava pouquíssimas pessoas entrarem.

Eu era uma das sortudas.

Kent era uma pessoa legal, e sempre tinha sido bom para mim. Eu desejava - silenciosamente, é claro, porque eu não gostaria de ter

meu cabelo arrancado – que ela desse mais uma chance para ele.

Eli se inclinou com um meio sorriso torto.

— Oi.

Mordi o lábio inferior para evitar um sorriso ainda maior.

— Oi.

— Você colocou seu nome na lista? — Sua cabeça se inclinou em direção ao palco.

— Foi a primeira coisa que fiz quando cheguei aqui.

Seu sorriso se alargou e seus dentes retos e brancos piscaram para mim por trás de seus lábios cheios.

— Mentirosa. — Ele brincou. — Você foi direto para o bar.

Eu tomei um gole da minha nova bebida e senti um rubor se espalhar nas minhas bochechas. Eu culpava o álcool.

— E você não colocou?

— Claro que sim. — Ele riu. — Esta tem sido uma semana de merda.

Eu assenti e inspirei profundamente. Os policiais tinham sido chamados ontem depois de duas crianças brigarem durante o almoço. Hoje alguém disparou o alarme de incêndio e interrompeu o segundo período. Isso estava acima de todos os outros dramas do dia-a-dia, dos quais este ano parecia estar repleto.

— É verdade. — Eu concordei.

Nós nos sentamos em silêncio enquanto novos professores subiram ao palco. As notas da música do Journey, *Don't Stop Believing* começaram e eu tomei um rápido gole de minha bebida para esconder a emoção.

A respiração de Eli roçou meu pescoço.

— Eu percebi. — Sua voz baixa retumbou no meu ouvido.

Eu olhei para ele por debaixo dos meus cílios e perguntei inocentemente.

— Percebeu o quê?

— Você gosta dessa música. — Ele ressaltou.

— Todo mundo gosta dessa música! — Minha defesa foi arruinada com uma risada. — Talvez seja a música mais agradável na história da música.

Seus olhos escuros se iluminaram, brilhando sob as luzes ofuscantes do bar sombrio.

— Você quer se juntar a eles? Tenho certeza que tem mais um microfone.

— *Just a small town girl*. — Murmurei para ele. — *Living in a lonely world*. — Segurei meu copo nos lábios, o apertando de forma dramática. — *She took the midnight train goin' anywhere!*[5]

A cabeça de Eli se inclinou para trás quando ele riu alto.

— O que é necessário para você faça isso no palco?

— Um milhão de dólares e seu primogênito.

— Você é dura na queda, mas pode valer a pena. — Ele se inclinou para mais perto novamente, e eu inalei seu perfume. Meu estômago se apertou e um calafrio deslizou pelas minhas costas. — Você gostaria que eu assinasse esse contrato com sangue? Ou será que uma simples caneta, como de costume, serve.

— Sangue, se você quiser.

Eu esperava que ele respondesse algo espirituoso e encantador, mas em vez disso o seu sorriso morreu e sua expressão se tornou séria.

— É bom ver você sorrindo de novo, Kate. Fica bem em você.

Meu rubor se transformou em um vermelho tomate, e eu queria pressionar meu copo gelado contra minha bochecha.

— Obrigada. — Sussurrei.

— Tem mais espaço aqui?

Minha cabeça levantou e eu forcei um sorriso. Nosso momento foi interrompido por duas colegas de trabalho. Eu podia sentir o olhar de Kara do outro lado da mesa, mas eu não conseguia olhar para ela ou cairia na gargalhada.

---

[5] Apenas uma garota do interior/ Vivendo em um mundo solitário / Ela pegou o trem da meia noite para algum lugar. (Don't Stop Believin' – Journey).

Andrea Turner e Meg Halston se juntaram ao nosso grupo, arrastando suas cadeiras com elas. Eli e eu fomos forçados a nos separar, para que elas pudessem se sentar entre nós.

Eu tomei um longo gole e me preparei para aguentar duas das pessoas mais irritantes que já conheci. Andrea e Meg trabalhavam na escola. Meg era a enfermeira e Andrea trabalhava na recepção. Ambas estavam com aproximadamente trinta e tantos anos, e eram o centro de controle das fofocas em Hamilton.

Eu nunca tinha passado muito tempo perto de Andrea. Ela tinha sido sarcástica comigo desde o primeiro dia, e eu não tinha nenhuma razão para procurar pelo seu lado bom. Eu a evitava tanto quanto eu podia, especialmente depois que eu a ouvi dizer para Meg que Nick tinha me deixado porque eu era tão fria no quarto quanto eu era na sala de aula.

— Claro. — Eli respondeu educadamente.

Eu não tinha ideia se ele realmente gostava dessas duas ou se ele estava apenas sendo educado, mas eu mal conseguia conter minhas garras. Eu me concentrei em terminar minha segunda bebida e analisar meu telefone, para ver se eu precisava fazer o download do app da Uber para chegar até em casa.

— Eu não suporto essas cadelas. — Kara murmurou no meu ouvido.

— Nem eu. — Concordei.

— Onde está o seu marido? — A voz detestável revirou meus nervos até que percebi que Andrea estava falando comigo. Em seguida, ela passou de revirar para esfaquear, e desejei poder fugir.

Eu levantei meu queixo e encontrei seu olhar implacável.

— Eu? — Perguntei inutilmente.

Eu tentava não odiar Andrea só porque ela tinha um cabelo perfeito que caía em ondas brilhantes até os ombros, um nariz pequeno e uma pele de porcelana. Ela parecia uma boneca Barbie. Até mesmo os peitos dela eram proporcionais.

Olhei para os meus peitos e tentei não estremecer. Peitos não eram uma razão legítima para odiar alguém.

Certo?

Claro. Certo.

Não, ela tinha qualidades muito piores do que a sua aparência perfeita. Sua personalidade era absolutamente intragável.

— Nós não estamos mais juntos. — Respondi de modo pouco convincente. — Você sabe disso.

Ela inclinou a cabeça para mim e riu.

— Eu?

Limpei a garganta e desejei que um garçom viesse até aqui só pela força da minha necessidade desesperada por outra bebida.

Andrea deixou o silêncio constrangedor se arrastar por mais alguns minutos dolorosos antes de consolidar seu lugar no inferno e dizer.

— Isso é terrível, Kate. Ele um bom partido.

— Vamos pegar mais algumas bebidas! — Kara gritou.

Graças a Deus pelas melhores amigas.

Eu me levantei tão rápido que minha cadeira quase caiu para trás. Kara a segurou com seus reflexos de pantera, e em seguida, fugimos para o bar.

— Doses! — Ela gritou para o barman. — Precisamos de doses!

— De quê? — Ele ergueu as sobrancelhas para nós, curiosidade divertida dançando em sua expressão.

— Algo forte. — Kara respondeu.

— Algo extremo! — Acrescentei.

O rosto do jovem barman se iluminou com um sorriso.

— Tudo bem. — Ele olhou entre nós e perguntou. — Dois?

— Dois. — Respondi imediatamente. Eu vi os olhos de Kara virarem de volta para a mesa, e nem em um milhão de anos que eu a deixaria levar as doses até lá, só para Andrea comprovar o quão patética eu era. Sem dúvidas, ela já sabia. Eu não precisava anunciar essa merda.

O barman serviu dois copos pequenos com gasolina, quero dizer, tequila barata, e nos entregou. Por meio segundo, eu deliberei em pedir

um limão, mas eu não podia perder mais tempo. Peguei o líquido transparente e o engoli completamente, tentando evitar a ardência.

— Oh, Deus. — Gemi.

— Eu quase vomitei. — Kara se encolheu. — Eu não estou brincando. Isso é terrível.

— Mais uma! — Gritei para o barman.

Ele olhou para mim como se eu fosse absolutamente louca, sua diversão se esvaindo e sendo substituída pela preocupação. Eu balancei o dedo entre eu e Kara, e olhei para ele com expectativa.

— Tudo bem. — Ele murmurou. Desta vez, ele serviu algo um pouco mais suave e nos entregou limas para consumir junto.

Kara e eu engolimos nosso segundo conjunto de doses e mordemos nossas limas para diminuir a queimação.

— Eu odeio meninas malvadas. — Kara assobiou depois de acalmar a queimação do álcool.

— Eu odeio divórcios.

Ela colocou a mão no meu ombro com simpatia, mas não havia mais nada a dizer.

O resto da noite foi assim. Eli e Kent vieram conversar conosco depois de um tempo, e nós rimos sobre outra rodada de tequila. O karaokê terrível e as fofocas continuaram, mas o restante decorreu sem problemas.

Evitei Andrea e Meg tanto quanto possível, e deixei Eli me entreter com suas histórias engraçadas e sarcasmo espirituoso.

Eu não estava acostumada a receber a atenção de um homem. E eu realmente não estava acostumada com um homem como Eli, um homem que prestava atenção em tudo o que eu falava. Um homem que prestava atenção em *mim*.

— Já está tarde. — Eu falei depois de olhar em meu telefone. Kent tinha convencido Kara a ir dançar com ele e Eli e eu tínhamos sido deixados sozinhos. Me encostei no bar pegajoso, sabendo que não seria capaz de ficar muito tempo sem o seu apoio. — Amanhã eu vou estar inútil.

Eli me deu seu meio sorriso.

— Você quer uma carona para casa?

Eu não tinha visto ele beber nada além de água pelas últimas duas horas, então eu esperava que isso significasse que ele estava sóbrio.

— Você tem certeza?

Ele assentiu.

— Seria um prazer.

— Deixe eu ir buscar a Kara.

Seu olhar se moveu para a pista de dança, e quando ele voltou para mim, era ilegível. Mas novamente, poderia ser impressão por causa da bebida.

Eu busquei minha amiga na pista de dança. Ela veio de bom grado, mas eu percebi que ela estava gostando. Ela estava mais relaxada do que o habitual e eu odiava a ter interrompido. Mas nós tínhamos que estar na escola no início da manhã, e a nossa sanidade ainda estava a salvo se fôssemos embora agora.

Eli liderou o caminho até sua caminhonete. Minha visão estava um pouco embaçada, mas eu não conseguia parar de sorrir com as calotas das rodas enferrujadas e com a pintura desbotada. O Chevy velho de Eli parecia simplesmente se encaixar nele de uma maneira que eu não podia explicar. Ele era velho, mas ele também era confortável e cheio de personalidade.

Ele segurou a porta aberta para nós e Kara me cutucou para que eu entrasse primeiro. Eu tentei não tatear muito enquanto deslizava para o assento do meio. Kara subiu atrás de mim e Eli fechou a porta. Meus ouvidos zumbiam por causa do silêncio, machucados por causa do barulho no bar. Eu caí contra o banco, o tecido áspero arranhando as costas dos meus joelhos, e percebi como estava cansada.

Eli subiu no banco do motorista, enchendo a cabine com o cheiro de seu perfume e um pequeno fio de suor. Sua coxa quente pressionou contra a minha, mas eu estava muito bêbada para me sentir autoconsciente. Deixei minha perna descansar contra a dele e senti o calor de seu corpo até as pontas dos meus dedos.

Esse pequeno toque me manteve mais alerta do que eu deveria estar com todo o álcool no meu sangue. Seu toque fez todos os tipos de coisas com minha cabeça, incluindo me manter em silêncio. Eli e Kara

conversaram todo o caminho até sua casa, mas eu não conseguia encontrar coragem para abrir a minha boca.

Era estúpido. Completamente estúpido. Esse pequeno contato não deveria significar nada. Eu nem deveria estar preocupada com a perna de Eli pressionada contra a minha. E, no entanto, era o mais próximo que eu já tinha estado de outra pessoa desde que conheci Nick. Eu nunca estive tão perto de outro homem. Nunca. Eu nunca precisei.

Toda a viagem até o apartamento de Kara eu travei uma guerra entre a emoção e a vergonha. A emoção da minha atração por Eli lutava com os sete anos de lealdade com o meu marido. Eu não sabia se queria sorrir como uma idiota ou vomitar.

Por fim, Kara saiu e eu quebrei o contato entre nós, deslizando para o lado do passageiro. Eu dei o meu endereço para Eli com uma voz trêmula. Eu não conseguia mais olhar para ele. Eu tinha cruzado alguma barreira invisível que eu tinha criado esta noite.

Eu estava muito confusa e muito bêbada para saber se o zumbido em minhas veias era excitação ou tristeza. E eu estava cansada demais para me importar.

— Eu me diverti saindo com você hoje à noite, Kate. — A voz baixa de Eli flutuou no ar quente da cabine.

Desta vez o meu sorriso veio facilmente, e eu parei de me preocupar com todas as regras que quebrei hoje à noite, ou as consequências das minhas ações.

— Eu me diverti saindo com você também.

Senti seus olhos em mim, mas eu não conseguia olhar para ele.

— Você vai ficar bem quando entrar? — Ele perguntou suavemente.

— Sim, eu vou ficar bem.

Nós nos sentamos em silêncio até que ele se tornou um pouco estranho, até que eu soube que deveria me mover.

Eu tinha acabado de tocar a maçaneta quando a voz de Eli me parou.

— Kate?

Dessa vez eu arrastei meu olhar até o seu.

— Sim?

— Vejo você amanhã, certo?

Eu sorri lentamente.

— Eu posso não estar tão bonita, mas sim, vou estar lá.

Seus lábios se inclinaram para cima em um sorriso de flerte.

— Eu estou esperando ansiosamente, bonita ou não.

Eu desci da camionete com um sorriso no rosto, um sorriso que não diminuiu até eu entrar na minha casa escura, um sorriso não diminuiu até depois de eu ter escovado os dentes e subido na cama com Annie se enrolado ao meu lado.

Foi então que o meu sorriso desapareceu lentamente... Que ele se transformou em uma careta enquanto eu encarava o ventilador de teto e espalhava o meu corpo em uma cama que eu tinha compartilhado com meu marido, em uma casa que compramos juntos.

Eu esperava adormecer rapidamente, mas me revirei na cama até que a embriaguez do álcool diminuiu, e meus olhos já doíam por causa das lágrimas não derramadas.

Eli era uma distração da minha verdadeira miséria. Era divertido flertar com Eli, e desviar a atenção da minha mente focada, mas ele não corrigia os problemas dentro de mim. Ele não resolveria o meu casamento ou o meu divórcio doloroso.

Quando eu finalmente caí no sono, pensei que já estivesse sóbria. Então quando acordei na manhã seguinte e encontrei uma nova mensagem de texto no meu telefone, ninguém ficou mais surpresa do que eu.

Nick tinha me enviado uma mensagem: *Eu também.*

Eu estava confusa, até que vi a mensagem enviada imediatamente antes da dele... Enviada por mim às três da manhã. *Isso está me matando.*

Capítulo sete

14. Ele não nota **as pequenas coisas.**

A manhã seguinte foi brutal. Eu acho que nunca tinha me sentido tão mal.

Além da mensagem surpresa de Nick, parecia que a minha cabeça tinha sido espremida e preenchida com centenas de macacos dançando – aqueles do tipo que possuem uma bateria – e o meu estômago ameaçava se revoltar todas as vezes que eu me movia, caminhava, falava, respirava ou decidia continuar viva.

Eu rastejei para fora da cama, sentindo como se a minha boca estivesse cheia de algodão e arrastei meu corpo até o banheiro, para tomar um banho frio. A água gelada foi terrível para a minha enorme dor de cabeça, mas pelo menos meu corpo ficou super-resfriado.

Eu cuidadosamente providenciei o meu café da manhã, composto por um efervescente estomacal e um Tylenol, e os engoli com um enorme copo de água, o que não fez nada para resolver minha dor de estômago.

Até o momento em que eu tinha vestido minha saia lápis preta e blusa como de costume, eu já sentia como se estivesse morrendo. Olhei para os sapatos no meu armário e retirei prontamente todas as peças de roupa que eu tinha colocado.

Hoje era um dia para sapatilhas e calças. Eu não iria sobreviver a saltos altos, saias ou qualquer coisa além da roupa mais confortável que eu tinha disponível. E já que calças de ioga eram geralmente barradas pela administração, minhas opções, calças boca de sino e um suéter rosa claro, teriam que servir.

Felizmente, em meados de outubro, o clima já tinha esfriado significativamente.

O clima em Chicago poderia mudar do calor abafado para invernos que enchiam o chão de neve e gelo. Este Outono, felizmente, o clima estava em um meio termo. A brisa era gelada o suficiente para

usar jaquetas e blusas leves, a grama do meu pequeno jardim da frente tinha começado a amanhecer com geada e a árvore solitária na frente da minha casa tinha virado um arco-íris brilhante de amarelo e vermelho.

Parecia quase como futebol e Dia das Bruxas, e eu amava cada segundo daquilo.

Até o momento em que parei meu velho Ford Focus no estacionamento dos professores, eu já me sentia quase como um ser humano novamente. Claro, um ser humano com uma ressaca desagradável, dor de cabeça e náuseas que deixavam a minha pele verde. Mas ainda assim, já era um começo.

Encontrei a Sra. Chan nas caixas de correio e notei um tom igualmente doentio em seu rosto. Ela encarava fixamente sua caixa de correio, com um olhar vago que eu compreendia esta manhã.

— Vai ser um longo dia. — Resmunguei.

Ela pulou, assustada ao perceber que eu estava ao seu lado. Eventualmente, sua expressão mudou novamente para miserável.

— Ugh. — Ela concordou.

Ofereci a ela um sorriso triste.

— É uma má ideia ir ao Starla's durante a semana.

Ela assentiu e disse.

— Se algum desses pequenos bastardos acionar o alarme de incêndio hoje, eu vou os matar.

Minhas sobrancelhas levantaram até o cabelo, e eu tive que pressionar os lábios para que eles não caíssem abertos. A Sra. Chan tinha em torno de 50 anos de idade, cabelos grisalhos e um sorriso doce. Eu nunca tinha ouvido ela falar assim antes.

Nunca.

— Você quer uma xícara de café? — Ofereci tranquilamente.

Ela ergueu sua caneca de viagem e mexeu suavemente.

— Espero que isso funcione, pelo bem da minha turma.

— Acho que todos nós estamos esperando que isso funcione. — Murmurei para eu mesma enquanto ela se arrastava para longe.

Eu estava atrapalhada com os vários papéis que tinham sido colocados na minha caixa de correio quando Eli se esgueirou ao meu lado. Nossas caixas de correio ficavam na mesma coluna. Apenas Kara e a Sra. Chan nos separavam, pela ordem alfabética.

Quando Nick e eu nos casamos, meu sobrenome mudou de Simmons para Carter. Minha caixa de correio tinha sido movida da parte de baixo para uma exatamente ao lado da caixa de Kara. Tinha sido um grande dia para nós duas. Mas especialmente para mim. De vez em quando ela aparecia com um café e um bolinho. Obviamente por isso que éramos tão inseparáveis.

As melhores amizades nasciam e se fortificavam com café. Isso acontecia todos os dias.

— Bom dia Sra. Carter. — Ele disse maliciosamente.

Eu amava a profundidade da sua voz, a rouquidão do início da manhã, e o estrondo que parecia me atingir no estômago todas as vezes que ele falava.

— Bom dia Sr. Cohen.

Senti seu olhar de soslaio quando ele percebeu minha aparência.

— Você mentiu para mim na noite passada.

Seu comentário me pegou desprevenida, por isso deixei cair alguns dos meus papéis. Eu abaixei para recolhê-los e ele me acompanhou, de cócoras a apenas alguns centímetros de mim.

— Quando? — Perguntei. Medo me atingiu. O que eu tinha falado enquanto estava bêbada? Eu não acreditava. Eu não me lembrava de ter mentido. Eu lembraria se tivesse mentido para ele, mesmo se estivesse bêbada.

Não é mesmo?

— Você me disse que não estaria bonita hoje de manhã. — Ele me entregou alguns papéis. — Isso foi claramente uma mentira.

Rubor tomou meu pescoço ao mesmo tempo em que meu estômago virou desagradavelmente. Eu não sabia se devia me sentir lisonjeada ou mandar ele embora por ser desagradável. Eu me conformei em enrugar o nariz para ele.

Seus olhos brilharam com humor e ele leu minha mente.

— Isso foi idiota, não é mesmo?

— Foi amável. — Eu assegurei. — Especialmente porque eu não estou me sentindo muito bonita hoje.

Nós nos levantamos, e Eli olhou ao redor do escritório silencioso. Havia professores perto da cafeteira e sentados nas cadeiras esperando a manhã começar, mas ninguém estava realmente interagindo com ninguém.

— Pelo menos você não está sozinha. — Ele sorriu.

— De quem foi a ideia afinal de contas?

Eli se aproximou, em tom conspiratório.

— Tim.

— Sr. Bunch? — Eu ri.

— Ele sugeriu durante o ensaio de prevenção de incêndios.

Bem, eu não o culpava. Ensaios de prevenção de incêndio eram sempre um pesadelo. Controlar todas as nossas crianças era quase impossível. O prédio da Hamilton foi construído em uma rua movimentada no centro de negócios. Nosso protocolo era fazer uma fila o mais longe possível do prédio, o que geralmente se transformava em uma quantidade enorme de alunos abandonando as aulas pelo resto do dia. E não tínhamos professores o suficiente para manter todos na fila.

Gritar 'Façam boas escolhas!' enquanto eles se afastavam com seus dedos médios acenando orgulhosamente nunca pareceu ter muito efeito.

— Dá pra entender porque tantas pessoas estavam lá ontem à noite. — Eu abracei meus papéis no peito e olhei ao redor da sala. — Você acha que hoje vai ser mais fácil?

Eli franziu os lábios e balançou a cabeça.

— Eu gostaria de poder dizer que sim.

— Eu também gostaria que você pudesse.

Ele virou na minha direção tão rápido que dei um passo para trás de surpresa.

— Ei, eu posso trazer o seu almoço hoje?

Fiquei nervosa e hesitei. Por um lado, tudo o que Eli me trouxesse seria melhor do que a barra de granola e banana que eu tinha trazido. Por outro lado, eu então não estava com vontade de comer nada além de bolachas de água e sal. Mas talvez até a hora do almoço...?

— Eu prometo que você vai gostar. — Ele insistiu depois que minha hesitação se transformou em um silêncio constrangedor. — Estou te devendo um almoço, de qualquer maneira. Por aquela vez do Garmans.

— Claro. — Sorri. — Eu tinha esquecido.

— Eu vou te trazer alguma coisa. — Ele falou. — Você vai amar.

— Obrigada. — Olhei para cima e encontrei seus olhos de chocolate, deixando minha gratidão transparecer. — Sério, obrigada. Você acabou de salvar o dia.

Ele fez uma pausa no meio do caminho e sorriu para mim.

— Esse é o objetivo.

Nos separamos e eu fui para minha sala de aula. Notei que foi mais fácil enfrentar o dia depois da nossa conversa agradável. Meu estômago não parecia mais tão terrível, e minha dor de cabeça tinha diminuído para algo como uma britadeira silenciosa.

Ou o Tylenol tinha feito efeito, ou Eli tinha poderes de cura além de suas super-habilidades em trazer o almoço.

Eu pensei em Eli todo o tempo em que eu estava me preparando para o dia letivo. Seu interesse em mim era tão inesperado. Claro, ele flertava comigo levemente ao longo dos últimos dois anos, mas tinha sido algo inofensivo. Ele era apenas um cara de boa aparência que gostava de se divertir, e eu uma mulher casada que gostava de atenção.

Mas eu nunca tinha falado sério, e também nunca tinha pensado que ele estava falando sério.

Minha manhã foi um borrão de alunos indisciplinados e aulas sobre gramática. Quando cheguei ao terceiro período, que era uma mistura de alunos do segundo e do terceiro ano, fiquei aliviada por estar em uma turma que não precisava aprender o básico do idioma Inglês. Até eu sabia que minhas aulas de manhã eram chatas. Eu tinha lutado com os bocejos por horas.

O terceiro período era a minha turma mais desafiadora do dia,

mas acabou por ser exatamente o que eu precisava. Eu finalmente acordei, graças à turma mais animada e nossa discussão sobre *A Letra Escarlate.* Era um dos meus livros favoritos para ler e para ensinar, porque mesmo que eu não conseguisse fazer com que os meus alunos lessem, todos eles adoravam dar as suas opiniões sobre adultério.

Quer dizer, quem não gostava?

— Essas pessoas são tão estúpidas. — Jay Allen declarou, dando sua opinião e batendo o livro sobre a mesa. — É só um bebê. Não é como se ela fosse uma serial Killer, comesse pessoas ou algo assim.

Eu tentei não sorrir. Comesse pessoas? Tentei e falhei.

— Mas era uma época diferente, Jay. A cultura naquela época levava o sexo, casamento, filhos fora do casamento e todos os outros pecados muito a sério. Era o modo de vida deles.

— Bem, é um modo de vida estúpido. — Ele resmungou com rebeldia. — Eles que deixassem a mulher em paz. Ela já tinha que cuidar de uma filha sozinha. Ela já tinha problemas o suficiente. Ela não tinha nem acesso a uma cesta básica.

— Isso é verdade. — Concordei, feliz com a direção de seus pensamentos. — Não havia um sistema para proteger ela da fome ou da pobreza.

Jay continuou balançando a cabeça com as circunstâncias trágicas de Hester.

— Ser uma mãe solteira é difícil de qualquer maneira, mas pelo menos minha mãe tem ajuda. E ninguém está fazendo com que ela fique no centro da cidade para que possam gritar besteiras pra ela.

André Gonzalez riu do outro lado da sala de aula.

— Isso é porque ninguém quer ter que olhar para a sua mãe por mais tempo do que o necessário. Hester era gostosa.

Jay pulou para fora da sua cadeira para defender a honra da sua mãe. Senti uma onda de apreensão e me perguntei se não teria que pedir ajuda.

— Cala a boca, Gonzalez. — Jay gritou. — Se você falar assim sobre a minha mãe mais uma vez, nós vamos ter uma conversa.

— Tudo bem, já chega. — Exigi com minha voz mais severa de professora. — André, se você falar sobre a mãe de outro aluno na minha

turma de novo, vou mandar você para a detenção. — Jay sorriu orgulhosamente até que me virei para ele e completei: — E você, Sr. Allen, se ameaçar outro estudante novamente, vai receber o mesmo.

O silêncio reinou mais uma vez, então eu tentei voltar para o assunto.

— Como você sabe que Hester Prynne era gostosa, André? — Eu duvidava que ele tivesse lido o livro, por isso fiquei surpresa por ele estar fazendo julgamentos sobre ela.

Ele olhou para mim por um longo minuto antes de finalmente decidir responder.

— Ela ficou com o pastor, não é? Isso é como um... um... um pecado, ou algo do tipo. Ele provavelmente era virgem e sabia que ia para o inferno por causa disso. É preciso ser certo tipo de mulher para que um homem decida ir para o inferno por ela.

Eu balancei para trás em meus calcanhares, surpreendida com seu pensamento. André era tão terrível quanto Jay na maioria dos dias, ao menos quando ele decidia vir para a aula. Alguns dias ele era pior.

— Esse é um bom ponto. — Falei calmamente. — Ou talvez ele só estivesse desesperado? Talvez ele só quisesse se dar bem?

As crianças riram de mim, algumas soltaram comentários grosseiros e iniciaram uma conversa inadequada para o horário escolar, mas pelo menos eles estavam interessados.

— Nah. — Jay falou sobre o barulho estridente. — Ele não estava saindo com qualquer uma. Era só ela. Só aquela garota.

— Então ele a amava? — Perguntei.

— Claro. — Jay concordou. — Amor verdadeiro. Não seria apenas a beleza que faria ele trair seus votos. Precisaria de algo mais forte do que isso.

— E ela o amava?

Jay assentiu como se fosse óbvio.

— Sei lá, ela adorava aquele Dimmesdale, mas o marido dela era um psicopata. Ela queria fugir com ele todos aqueles anos depois.

Eu deixei a turma absorver suas palavras e me perguntei se aquelas crianças sabiam alguma coisa sobre amor. Como elas

poderiam? Eu não sabia nada sobre amor, e tinha quase o dobro da idade deles.

— Então? O que vocês acham sobre isso? — Olhei para eles, mas ninguém teve coragem de responder. — Amor verdadeiro é o suficiente? Foi o suficiente para Hester e a forma como ela foi forçada a viver? Tornou seus crimes perdoáveis? Será que isso a redimiu?

— Não. — André anunciou em voz alta. — Só fez com que ela fosse estúpida.

O sinal tocou e as crianças saltaram para fora de suas cadeiras antes que eu pudesse falar mais alguma coisa. Porém eu não tinha realmente algo a dizer.

Eu estava inclinada a concordar com ele.

— Não se esqueçam do seu projeto sobre *A Letra Escarlate!* Agora que terminamos o livro, vocês precisam começar a planejar como vão apresentar ele à classe. — Gritei atrás deles. — Eu quero ouvir suas propostas na segunda-feira! — Eles resmungaram enquanto saíam da sala, mas isso não me incomodava.

Senti como se tivéssemos feito um avanço hoje. De alguma forma, apesar da minha ressaca e da habitual falta de entusiasmo dos meus alunos, chegamos a um conjunto de questões sociais que todos pudessem se relacionar.

Quantos deles tinham mães solteiras?

Quantos deles tinham sido abandonados pelas pessoas que amavam?

Kara entrou na minha sala de aula e eu alcancei a lixeira.

— Não vomite!

Após murmurar uma série de palavrões, ela caiu na minha cadeira.

— Não fale essa palavra. Deus, nunca fale essa palavra de novo.

Eu suspirei de alívio por ela não estar despejando seus cookies sobre a minha mesa e sorri.

— Você se divertiu na noite passada, Kara? Você está super feliz pelo nosso *dia de lamentar?*

— Eu quero morrer. — Ela murmurou. — Por que *diabos* eu

deixei você me convencer a beber tequila?

Eu tentei não rir. Quer dizer, eu tentei não rir alto o suficiente para que ela me escutasse.

— Estou interrompendo? — Eli perguntou da porta.

Me virei e ofereci a ele um sorriso.

— Não, de forma alguma. Kara está morrendo.

— Eu posso ver. — Ele riu.

— Tequila. — Ela fez uma careta.

Eli se virou para mim com as sobrancelhas levantadas e um sorriso brincalhão em seus lábios.

— Morta pela tequila. Não é uma forma muito agradável de morrer.

— Eli, eu odeio você. — Ela resmungou.

— Pelo menos você não tem que compartilhar seu almoço com ela. — Ele falou para mim.

Senti o cheiro celestial de comida frita e meu estômago roncou alto.

— O que você trouxe?

— Ruby's[6].

— Oh meu Deus. Você é mesmo o meu herói!

Ele colocou três recipientes de isopor na minha mesa e os abriu lentamente. Minha boca começou a salivar assim que vi os *rolinhos primavera* fritos e o prato de *comida temperada*.

— Essa é a minha cura definitiva para ressaca. — Explicou. — Ruby's é a cura para qualquer coisa.

Kara se encolheu.

— Nem tudo... — Ela deslizou para fora da minha cadeira e praticamente desabou no chão. Ela se enrolou em uma bola e enfiou o braço sob a cabeça. — Me acorde em dez minutos.

Eli e eu compartilhamos um olhar. Em seguida, atacamos o nosso

[6] Restaurante de Chicago.

almoço.

— Então, pode ser isso?

— Eu *amo* a comida do Ruby's. — Falei com a boca cheia de *rolinho primavera.* Eles eram a combinação perfeita de crocante por fora e picante por dentro, exatamente como um rolinho primavera Filipino deveria ser. — Nick e eu costumávamos ir lá nos fins de semana depois que nos casamos, porque podíamos comer muito e pagar pouco.

Eli esperou um pouco antes de responder. Percebi que o coloquei em uma posição estranha com aquela conversa, mas como ele era habitualmente franco, não desviou a atenção.

— Por que vocês pararam?

Olhei para Kara no chão, mas ela parecia completamente fora de si. Eu não sei por que não queria que ela soubesse que me abri com Eli sobre o divórcio. Ainda era algo estranho para mim, e eu não queria que Kara pensasse nisso como uma coisa boa.

Eu não tinha certeza que era uma coisa boa.

— Provavelmente pela mesma razão que paramos de fazer a maioria das outras coisas. — Abaixei o olhar para mexer com um dos recipientes de molho, deixando meus dedos pegajosos. Isso não era exatamente honesto. — Eu não sei, na verdade. Nós sempre nos divertíamos no Ruby's. Nós simplesmente paramos de ir. Talvez tenhamos ficado muito ocupados.

— Ou talvez vocês tenham parado de querer passar algum tempo um com o outro?

Engoli uma grande quantidade de arroz e carne temperada, tentando não engasgar. Ele estava certo? Ao invés de sentir a dor ou a insegurança que eu deveria sentir pela verdade de suas palavras, me senti irritada.

Meu primeiro pensamento foi: *'O que ele sabe sobre mim?'*

O que deu a ele o direito de fazer julgamentos sobre o meu casamento?

Mas eu engoli novamente e tentei esquecer aqueles pensamentos. Ele estava apenas tentando ser meu amigo. E ele provavelmente estava *certo*.

— Talvez. — Eu disse descompromissadamente. —

Honestamente, eu ainda estou tentando descobrir a maioria das razões pelas quais o nosso casamento não deu certo.

Ele se inclinou, e senti o calor de seu corpo quando o seu braço roçou o meu.

— Quer saber, você não tem que se torturar com todos esses porquês. Isso já é difícil o suficiente para você.

Eu o encarei, notando as linhas de sua mandíbula barbeada e a pele suave sobre as maçãs do seu rosto. Ele estava usando óculos hoje, e as luzes fluorescentes da sala de aula criavam reflexos em suas lentes, escondendo seus olhos de mim.

— Será que isso funciona? — Perguntei em voz baixa. — Se eu disser a mim mesma para parar de analisar tudo, eu vou escutar?

Seu sorriso estava cheio de tristeza, por causa da sua própria dor do passado.

— Não. — Ele disse com a voz grossa e rouca. — Mas você pode tentar. Talvez você faça melhor do que eu.

Acabamos os nossos almoços com uma conversa mais leve. Surpreendentemente, eu não perdi o apetite. Eu comi tanto quanto pude, até meu estômago ficar cheio e eu ter certeza que teria que lutar para dar minhas aulas à tarde.

Nós acordamos Kara e Eli se ofereceu para levá-la até sua sala de aula, já que ainda parecia que ela estava à beira de vomitar suas entranhas e cada gota de álcool que ela tinha consumido ontem à noite.

Assim que eles saíram, eu tinha cerca de cinco minutos até que o sinal tocasse, então procurei meu telefone dentro da minha gaveta trancada e olhei para a tela por dois minutos. Bati minhas unhas contra a parte de trás do telefone enquanto eu o embalava na palma da mão. Curiosidade e uma sensação masoquista de autoanálise zumbiam através de mim, de uma forma que eu não conseguia ignorar.

Finalmente, mandei uma mensagem para Nick perguntando: *Hoje eu almocei a comida do Ruby's. Foi tão bom. Por que nós paramos de ir lá?*

Um minuto depois, ele respondeu: *Eles tiveram um surto de Ebola no ano passado.*

Mentira!!!

Ele mandou de volta um rosto sorridente, e por um minuto eu pensei que aquilo era tudo. O sinal tocou, mas eu não consegui levantar e cumprimentar a turma. Eu fiquei encarando o telefone, à espera de mais.

Assim que os estudantes começaram a entrar na sala, meu celular vibrou e eu li sua resposta antes ter que colocar o aparelho na gaveta pelo resto da tarde.

Eu gostaria de não ter parado.

Capítulo oito

15. **Nunca** concordamos em nada.

— Eu não consigo acreditar que vocês estão se divorciando. — A voz aguda lamentou através do telefone. Eu queria lançar o aparelho contra a calçada.

— Pode acreditar, Fi.

Eu saí do carro e tropecei quando a força do vento do fim da tarde me deu um tapa no rosto. Por um minuto, não consegui ouvir nada do que Fiona falou por causa da estática e da interrupção do vento.

— Espere um minuto! — Gritei para Fiona, minha colega de faculdade, enquanto me atrapalhava com as chaves da porta lateral.

Nossa casa pequena só tinha uma garagem aberta, o que fazia com que o tempo fosse uma preocupação real quando queríamos entrar ou sair de casa. Como Illinois só tinha cerca de três meses com boas condições meteorológicas durante o ano antes de se transformar na superfície do sol ou no ártico, sair de casa a qualquer momento era algo desagradável.

Exceto perto do Lago Michigan. Lá havia níveis diferentes de violência dos ventos.

Quando estávamos procurando por casas, Nick tentou me convencer de que a garagem seria um problema, mas eu não estava disposta a ouvir. Eu me apaixonei por essa casa assim que a vi da rua. Eu adorava seu aconchego, o piso de madeira original bem conservado e a cozinha novinha em folha, que era pequena, mas moderna. Eu amava o quarto em estilo loft no andar de cima e o escritório com portas francesas no primeiro andar.

Nós sempre soubemos que não iríamos viver aqui para sempre. Essa não era uma casa na qual você poderia criar uma grande família e quando nós estávamos procurando casas, assumimos que teríamos uma grande família.

Isso era algo que nós facilmente concordávamos.

Mas precisávamos de algo para poder começar, algo que fosse do tamanho perfeito para nós dois, e algo que poderíamos pagar facilmente, mesmo com o nosso orçamento apertado.

Esta casa tinha sido perfeita.

E apesar de tudo o que aconteceu, eu ainda achava que ela era perfeita.

Com exceção da situação da garagem.

— Desculpe. — Bufei assim que entrei pela porta. Larguei minha sacola cheia de papéis e cadernos que precisavam ser corrigidos, meu laptop, minha bolsa e meu saco com comida no chão logo que entrei. Parecia que meu braço ia quebrar. Annie correu em volta dos meus pés, lambendo minhas pernas e implorando por atenção. — Estou de volta.

— Eu simplesmente não consigo acreditar. — Ela gemeu. — Vocês dois são tão perfeitos um para o outro.

Meu pescoço imediatamente começou a doer.

— Eu não tenho certeza disso.

— Mas, K! O que aconteceu? — Ela fez a pergunta e murmurou algo para o seu bebê agitado.

Fiona e eu não conseguíamos conversar com muita frequência, mas geralmente passávamos horas tagarelando sobre nada ou tudo, ou sobre os bons tempos dos nossos anos de faculdade.

Porém hoje, eu esperava que o choro do seu bebê significasse que ela precisava desligar. Eu realmente não queria ter essa conversa. Eu realmente queria falar sobre qualquer coisa, menos sobre o meu divórcio, Nick, ou eu.

O bebê chorou novamente e dor amargurou meu coração.

— Shh. — Fiona sussurrou. — Isso, bom menino. — Para mim ela disse. — Ele ainda é um bebê agitado. Ele simplesmente nunca está satisfeito.

Eu disfarcei a tristeza na minha voz brincando.

— Porque ele é um homem. — Eu abaixei para acariciar meu próprio bebê.

Fiona riu da minha piada e o bebê se acalmou.

— Então me diga o que aconteceu. Da última vez que conversamos, vocês estavam indo muito bem!

Nós não estávamos indo muito bem. Nós não estávamos indo bem há um bom tempo. Mas eu nunca tinha falado isso para ela.

Me conformei de que teria que contar toda a história para ela. Fiona não deixaria aquilo para trás, então eu poderia muito bem dar a ela o que ela queria o mais rápido possível e em seguida, desligar o telefone para que eu pudesse me afundar na minha própria pena. Só que quando virei a esquina e entrei na cozinha, o tema da nossa discussão estava sentado na ilha se servindo do meu sorvete de chocolate com cereja.

— Puta merda!

— Você está bem? — Fiona perguntou do outro lado da linha.

Nick acenou em desculpa, mas não fez nenhum movimento para se levantar.

— Uh, um, er, sim.

A voz de Fiona ecoou pela cozinha enquanto eu puxava o telefone para longe da minha orelha.

— K, o que está acontecendo?

Eu coloquei o celular lentamente de volta contra meu rosto.

— Eu já te ligo de volta, Fi. Tem uma coisa aqui que eu preciso resolver.

— É bom mesmo! — Eu a ouvi falar, mas desliguei sem dizer adeus.

— Era a Fiona? — Nick perguntou sem preâmbulos.

— Sim. — Eu levei um bom minuto para me acostumar com sua presença, e em seguida, perguntei. — O que você está fazendo aqui?

Ele deu outra mordida no sorvete para esconder seu sorriso.

— Você literalmente fala isso todas as vezes que me vê.

— Você só... eu só... Nick!

Ele sorriu para mim e fiquei surpresa ao ver sua expressão tranquila. Sua barba tinha sido aparada ordenadamente e seu cabelo

tinha sido colocado para longe do rosto. Notei sua camisa azul escura e suas calças pretas, me perguntando do aquilo que se tratava. Suas mangas estavam arregaçadas, expondo seus antebraços, e engoli em seco, numa tentativa desesperada de parar de olhar para sua pele bronzeada e músculos definidos.

Foi um choque vê-lo, ainda mais por ele estar tão atraente. Parecia que eu não tinha visto ele há anos, ou como se eu nunca tivesse visto ele antes. Meu corpo todo reagiu, tomando conhecimento de cada ângulo do seu corpo e característica única do seu rosto.

Quando foi a última vez que eu tinha olhado para ele dessa forma?

Quando foi a última vez que eu tinha visto *ele?*

— Kate, você está bem?

Limpei a garganta e assenti.

— Estou bem. Só, você sabe, surpresa por ver você.

Ele inclinou a cabeça na direção da janela da cozinha.

— O Sr. Kirkpatrick pediu meu macaco[7] emprestado. Vim até aqui pegar para ele.

— Você poderia ter me ligado. Eu poderia ter levado até o vizinho. — Ele levantou uma sobrancelha e eu me encontrei sorrindo. — Tudo bem, você tem um ponto.

— Levou só um minuto, de qualquer maneira.

— E um sorvete?

— Eu não almocei, e alguém estava me provocando ontem com mensagens sobre o Ruby's. Estou faminto. Eu estava na verdade procurando por algo mais substancial.

Eu senti um rubor manchar meu rosto.

— Eu estou precisando ir ao supermercado.

Ele me encarou por um minuto. Eu não sabia o que ele estava procurando, ou eu teria tentado esconder isso dele. Seu silêncio começou a ficar estranho, então virei para minhas coisas no chão e decidi arrumar tudo antes que eu me esquecesse.

[7] Aparelho que é utilizado para levantar os carros.

— Você tem um show hoje à noite? — Mantive os olhos na minha tarefa, na esperança de evitar olhar para seus antebraços e não sentir as coisas bobas que eles estavam fazendo com meu interior.

Ele não respondeu de imediato, e eu estava pronta para pedir que ele saísse se não fosse falar comigo, quando ele respondeu.

— Não, não hoje à noite.

— Então porque você está com essas roupas?

— O quê?

Olhei para ele, e nossos olhares se encontraram por um momento antes de eu desviar o olhar novamente.

— Você está bonito. Eu pensei... Eu pensei que talvez você tivesse algum lugar para estar hoje à noite. É sexta feira.

Senti seu sorriso do outro lado da sala, mesmo que eu não estivesse olhando para ele.

— Eu sei que é sexta-feira.

— Bem, você geralmente tem shows às sextas-feiras.

— Nem todas as sextas-feiras.

Irritação borbulhou através de mim.

— Você está *certo*; às vezes eles são nos sábados.

Ele empurrou o banquinho para trás e se levantou. Ouvi ele fazendo barulho quando levou seu prato até a pia e o lavou. Me inclinando ligeiramente, notei que ele já tinha lavado os pratos que eu tinha deixado na pia. Eles estavam no escorredor de pratos perfeitamente limpos.

— Eu, uh, eu estou fazendo uma pequena pausa com a banda. Você sabe, enquanto resolvo minhas merdas.

Meu coração disparou no peito. Isso era algo que eu queria ouvir por um longo tempo. Eu nunca tinha desejado que ele parasse com a música completamente. Eu sabia que ele não conseguiria. E eu também sabia que ele não deveria. Ele era muito bom. E também era algo vital para ele como ser humano.

Eu nunca quis destruir os seus sonhos.

Mas eu também tinha me perguntado se talvez seus sonhos não precisassem mudar. Ele estava cansado de shows constantes que pagavam pouco e não o levavam para lugar algum. Ele estava esgotado, se sentia fracassado e nunca chegava ao lugar que ele queria estar.

Quando começamos a namorar, a música fazia com que ele permanecesse vivo. Depois dos shows, era como se ele estivesse drogado, zumbindo com a energia que se apresentar dava a ele.

Mas ultimamente ele voltava para casa com raiva e irritado. Era mais certo que os shows iriam sugar toda a sua alegria do que dar a ele aquela mesma descarga de adrenalina e satisfação.

Ele odiava apontar isso. Ele me odiava por não acreditar nele... Por eu achar que ele não conseguiria.

O que ele não compreendia é que não era eu que não o achava bom o suficiente, eu podia ver que *ele* tinha começado a pensar que não era bom o suficiente.

E isso me entristecia tanto quanto o entristecia.

Eu parei de mexer com as minhas sacolas e as coloquei em cima da nossa mesa da cozinha, suspirando pesadamente.

— Você realmente não tem um show hoje?

Ele virou e se encostou no balcão, cruzando os braços sobre o peito.

— Eu realmente não tenho um show.

— Oh. — Tentei não encarar suas roupas. Ele trabalhava meio período para uma empresa de mudanças, portanto ele nunca iria vestir roupas bonitas para trabalhar.

Ele tinha um encontro?

Oh, Deus. Eu pensei que fosse vomitar com a súbita explosão de ciúme dentro de mim.

Ele se virou para lavar o prato que tinha usado, e eu me virei para esvaziar a sacola que levei com lanche no lixo, tentando não planejar o assassinato de uma mulher desconhecida. Eu o ouvi mexer com a torneira, mas me recusei a virar. Eu não podia ficar encarando ele o tempo todo que ele estivesse aqui. Talvez se eu o ignorasse, ele perceberia a dica e iria embora.

— Isso está vazando. — Ele anunciou bruscamente.

Imediatamente eu me senti na defensiva.

— Não fui eu quem quebrei.

Sua risada me surpreendeu, e eu me virei para encará-lo.

— Eu não disse que você tinha quebrado.

— Bem, você não mora mais aqui. Imaginei que a acusação estivesse implícita.

Algo escuro brilhou em seus olhos, e eu tive que desviar o olhar. De repente, meu coração estava na garganta e eu me esqueci de como respirar.

— Eu não estou culpando você, Kate. Uma pia com vazamento dificilmente é um pecado, de qualquer maneira.

Eu assenti, ainda incapaz de olhar para ele. *Deus, porque eu me sentia tão culpada?* Quando eu tinha começado a me preocupar com os sentimentos dele, ou se eu o tinha machucado?

O silêncio entre nós se tornou inquietante e desconfortável. Eu tinha acabado reunir coragem o suficiente para pedir para que ele fosse embora, para que ele pudesse ir ao seu encontro idiota, quando ele me assustou pra caralho ao perguntar:

— Você quer que eu conserte? A maioria das minhas ferramentas ainda está na garagem.

— Se você não consertar, vai tipo... Destruir a casa?

Seus lábios tremeram e eu notei que ele também teve que desviar seu olhar. Mas não porque ele estava com peso na consciência. Ele estava tentando não rir.

— É melhor eu consertar. — Ele respondeu.

— Isso seria ótimo. Obrigada.

Ele puxou as mangas da camisa para cima e em seguida, se abaixou para que pudesse olhar embaixo da pia. Eu aguardei, hesitante. O que eu deveria fazer? Será que eu deveria lhe fazer companhia? Será que eu precisava o vigiar, para que ele não tentasse roubar a minha cachorrinha?

Será que eu conseguiria roubar seu telefone e descobrir quem era

a outra mulher? Ou que ele planejava se casar esta noite, e ter dez bebês com ela até amanhã?

Será que eu deveria me internar em um manicômio, porque claramente eu tinha ficado malditamente doida?

— Pode ir fazer suas coisas. — Ele falou debaixo da pia, com a voz um pouco abafada. — Não se preocupe comigo.

Me debrucei sobre a ilha para que eu pudesse vê-lo melhor.

— Você tem certeza? Você não quer que eu pegue algo para você?

— Pode ir, Katie. Eu sei que você quer tirar essas roupas.

Olhei para a minha roupa, me perguntando como ele sabia disso. Er, como ele se lembrava disso. Obviamente, tínhamos vivido juntos por sete anos para que ele soubesse alguns dos meus hábitos.

Meu olhar viajou sobre suas costas tonificadas e sua camisa que abraçava o seu corpo de corredor perfeitamente. Eu tinha na ponta da língua uma pergunta sobre seu encontro ou as roupas que ele estava usando, mas mudei de ideia no último minuto. Se ele quisesse se trocar, ele iria. Certamente tinham algumas coisas no seu armário que ele poderia usar.

Em vez de o incomodar ainda mais, subi para o andar de cima. Eu olhei para meu armário por mais tempo do que deveria, debatendo o que vestir.

Minha inclinação natural era usar calças de ioga e uma camiseta, mas havia uma parte de mim que se perguntava se eu deveria me vestir um pouco melhor enquanto Nick estivesse por aqui. Não era que eu quisesse que ele se sentisse atraído por mim ou qualquer coisa do tipo; Eu só não queria que ele pensasse que eu era um pateta.

Não que ele já não soubesse.

Não que ele já não tivesse me visto com calças de ioga e camiseta um milhão de vezes.

Mas eu não podia deixar de querer mostrar um pouco para ele. Eu queria que ele me notasse, assim como eu tinha notado ele. Eu queria que ele olhasse para mim e pensasse, eu realmente já tinha visto essa garota antes? Eu sei o que eu perdi?

Porque talvez fosse apenas eu, ou talvez eu estivesse louca, mas aqueles eram os pensamentos na *minha* cabeça.

Eu tinha perdido a melhor coisa da minha vida? Eu tinha perdido o melhor de mim? O único homem que me aturava e me amava pelo que eu *era*?

Mesmo que nós estivéssemos com problemas?

Engoli meu remorso e coloquei minhas calças de ioga pretas e uma camiseta velha. Eu tinha cortado seu pescoço na faculdade, por isso ela ficava pendurada no meu ombro de uma forma que maximizava seu conforto e fofura.

Ou pelo menos era o que eu achava.

Tomei meu tempo no andar de cima, brincando com meu cabelo escuro. Ele era naturalmente encaracolado, não como o cabelo selvagem de Kara, mas definitivamente tinha alguns problemas de volume que eu precisava me preocupar diariamente. Eu normalmente o prendia para trabalhar, mas não havia nada melhor do que o fim do dia, quando eu podia chegar em casa e prendê-lo em cima da minha cabeça com um coque bagunçado.

Eu tinha certeza de que era como estar no céu. O sentimento deveria ser algo como mil anos de coques desarrumados.

Me olhei no espelho por alguns minutos depois disso. Olhei para os meus olhos castanhos escuros e as sardas que salpicavam meu nariz e bochechas. Tentei esfregar os pés de galinha que tinham começado a se formar ao lado dos meus olhos e as linhas de expressão ao lado da boca que eu sabia que só aumentariam.

Trinta.

Eu teria trinta anos em breve.

E foi nesse momento que eu finalmente percebi que estava ficando velha. Se não é velha, envelhecendo.

Me lembrei de quando conheci Nick, e de como eu tinha imaginado que seria a minha vida quando chegasse aos trinta.

Não era desse jeito.

Eu não tinha planejado me divorciar.

Eu não tinha planejado morar em uma casa pequena na periferia da cidade.

Eu não tinha planejado sentir tanto estresse ou me sentir tão

sozinha.

Naquela época, parecia que quando eu chegasse aos trinta eu já teria tudo o que eu queria.

Parecia meu destino.

Um *bom* destino.

Não era justo da minha parte pedir para que Nick mudasse as suas expectativas, se eu não estava disposta a mudar as minhas. Porque a minha vida era tão ruim?

Além do divórcio, era realmente tão terrível que eu não tivesse a casa perfeita, o trabalho perfeito e os filhos perfeitos?

Minhas mãos se estabeleceram no meu abdômen, e senti uma dor aguda por toda a minha alma.

Algumas coisas estavam bem. Eu amava esta casa. Havia dias em que eu ainda amava o meu trabalho. E mesmo que eu não amasse, pelo menos eu me sentia completa com ele.

Mas havia coisas que eu queria muito, coisas que não eram tão terríveis para querer, coisas que valia a pena se desapontar por não ter.

Meu casamento, por exemplo.

Minha incapacidade de conceber filhos.

Essas coisas destruíam o meu coração e o meu espírito.

Eu precisava fazer alguma coisa. Eu precisava corrigir esse buraco dentro de mim e descobrir o que mais eu poderia fazer para substituir essas coisas.

Ou pelo menos eu precisava me curar e seguir em frente.

Eu precisava mudar minhas expectativas... Meus sonhos. Eu precisava encontrar outros.

Eu precisava encontrar algo mais para sonhar e desejar.

Incapaz de olhar para eu mesma por mais um segundo, virei as costas para o espelho e voltei para o andar de baixo. Meu estômago roncou alto e eu estava feliz por sentir fome novamente.

O almoço do Ruby's de ontem tinha sido um catalisador. Desde lá eu tinha sido capaz de comer novamente, e meu corpo estava

agradecido por finalmente receber algum alimento.

Nick estava terminando com a pia quando entrei na cozinha. Ele tinha tirado seu sapato e estava apenas com a camisa preta que antes ele usava por baixo da outra.

Eu engoli convulsivamente.

Isso não era justo.

Eu tinha que investir milhões de dólares em cremes antienvelhecimento e me preocupar com meus seios tentando se encontrar com meu umbigo. E ele tinha feito trinta e estava assim. Como se fazer trinta foi a melhor coisa que já aconteceu com seu rosto.

E para as mulheres.

Os homens eram terríveis.

Ele se virou, com um meio sorriso inclinando os lábios.

— Quando eu fui até a garagem, verifiquei seu carro. Quando foi a última vez que você trocou o óleo?

Engoli novamente, mas por razões completamente diferentes.

— O óleo? — Oops. Ele ia ficar bravo. — Acho que foi, provavelmente, no mês passado.

Ele ergueu as sobrancelhas em desafio.

— Mês passado?

— Talvez tenha sido no mês anterior...?

— Ou talvez tenha sido quando me mudei na primavera passada?

Apertei os lábios e tentei não parecer culpada.

— Isso é ruim?

Ele soltou um suspiro paciente. Eu esperava uma discussão, ou que ele me repreendesse sobre como eu sempre destruía tudo o que tocava, mas ele não falou nada disso. Em vez disso, ele pegou as chaves e disse.

— Você quer que eu troque enquanto estou aqui?

— Não, está tudo bem. — Eu corri em responder. — Eu posso levar ele amanhã.

— Levar para onde?

Eu esperava que ele não tivesse percebido a pausa ponderada enquanto eu lutava para descobrir.

— Para... O lugar em que se faz troca de óleo.

— O lugar em que se faz troca de óleo?

Limpei a garganta.

— Claro. O lugar... Cheio de óleo.

— Que tal se eu simplesmente trocasse agora, para que você não tenha que descobrir onde é o lugar cheio de óleo.

Eu pisquei rapidamente e tentei descobrir como sair dessa. Eu não podia deixar ele trocar o meu óleo. A pia era uma coisa. O nome dele ainda estava na hipoteca, então ele tinha todo interesse em fazer com que a casa não caísse aos pedaços. Mas meu carro era outra coisa. Era minha responsabilidade. Ele tinha perdido o direito de ajudar quando saiu de casa.

Por que nos casamos tão jovens? Eu deveria saber como fazer essas coisas estúpidas sozinha!

Eu tinha me mudado direto de um dormitório na faculdade para um apartamento com ele, e nunca tinha aprendido a fazer algumas coisas por minha conta. Nick sempre tinha tomado conta de tudo.

Ele sempre tinha cuidado de mim.

— Me deixe fazer isso, Kate. Eu vou me sentir melhor, e o seu carro vai se sentir melhor.

Olhei para o balcão, onde ele tinha largado sua taça de sorvete enquanto trabalhava na pia.

— Então me deixe pelo menos pedir o jantar. Como uma forma de agradecer.

Seus olhos azuis se iluminaram com algo que eu não consegui descrever. Felicidade? Satisfação?

Fome?

— Sério? — Ele estava hesitante, mas eu percebi que estava interessado.

— Nós dois estamos com fome, certo? Considere isso como um muito obrigada por me deixar longe da oficina.

Sua boca se espalhou em um largo sorriso.

— Tudo bem, sim. Parece bom.

— Pizza?

— Você escolhe. Eu vou gostar de qualquer jeito.

— Tudo bem. Você vai trocar o óleo. Eu vou providenciar o jantar.

— Parece um bom plano.

— Parece um bom plano.

Ele saiu da cozinha e meu estômago revirou com os nervos.

O que eu tinha acabado de fazer?

Capítulo nove

16. Ele é um **mau hábito** que eu não consigo largar.

Esperei para encomendar a pizza quando Nick voltou da garagem. Nesse meio tempo, eu tinha cortado um pouco de queijo e o colocado em um prato com biscoitos. Eu não tinha muito para comer, mas eu sempre tinha queijo e biscoitos.

Eu sobrevivia à base de queijo e biscoitos.

Um bom queijo, como cheddar branco e gouda defumado. Não Polenguinho - para desgosto de Nick.

Ele pegou algumas fatias da bandeja e sorriu para mim.

— Isso é legal.

— Imaginei que você já estaria morrendo de fome.

Ele assentiu e pegou outra fatia de queijo.

— Você se importa se eu tomar um banho antes de comer?

Eu ignorei o zumbido em meus ouvidos. Mil emoções se misturaram, fazendo com que eu me sentisse quente e fria, tudo ao mesmo tempo. Eu estava frustrada por ele ficar tanto tempo aqui, enraivecida por ele sequer vir até aqui, ferida por causa do nosso passado, com o coração partido por causa do nosso presente, mas também alguma outra coisa. Algo que eu não sabia o que era.

Algo que eu não *queria* saber o que era.

Engoli em seco e levantei o queixo.

— Você ainda tem alguma roupa por aqui?

Os olhos extremamente azuis de Nick se fixaram em mim.

— Tenho certeza que posso encontrar alguma coisa.

Meus pensamentos continuaram a se emaranhar e de repente, meu coração disparou. Limpei a garganta seca e disse.

— Vou pedir a pizza.

Ele deu um passo para mais perto de mim, apoiando as mãos na ilha da cozinha. Nós só estávamos separados pela bandeja que continha meu pequeno aperitivo bobo. Sua voz caiu um tom quando ele perguntou.

— Você já sabe o que vai pedir?

Era um teste? Nick e eu nunca concordávamos com o sabor da pizza. Nós gostávamos de coisas diferentes. Nick por exemplo adorava azeitonas, mais do que qualquer coisa, e eu não suportava. Eu amava tomates em qualquer coisa, e Nick nunca comeria um tomate, nem cru nem cozido. Isso era algo que nunca tinha feito sentido para mim, já que ele gostava de molho de tomate, mas não de tomates em sua forma natural. Esse era um dos caprichos com os quais eu nunca tive paciência. E em troca, ele não suportava minha antipatia por azeitonas.

Isso tudo parecia algo tão infantil agora... agora que não estávamos no calor do momento ou lidando com as idiossincrasias irritantes um do outro todos os dias. Mas durante nosso casamento, essas pequenas coisas podiam causar horas de briga e arruinar noites inteiras.

Levantei o olhar de onde ele estava fixado, em minhas mãos se remexendo, e encarei Nick a apenas alguns centímetros longe de mim. Será que eu realmente deveria torturá-lo por causa dos tomates?

Eu realmente queria punir ele emocionalmente porque ele queria azeitonas na nossa pizza?

Oh meu Deus, eu era a pessoa mais imatura de todo o universo???

Ele se inclinou e senti seu cheiro familiar. Ele cheirava a suor por estar trabalhando lá fora, misturado com um pouco de graxa e sujeira do carro, como se aquele fosse o seu perfume, que eu poderia escolher em uma prateleira e apreciar... aquele aroma rico, viril que era só dele.

Era o cheiro que eu tinha sentido ao acordar por sete anos, o cheiro que me atraía quando estávamos em pé ou sentados longe um do outro, o único cheiro que ainda permanecia no meu armário e em meus lençóis, o cheiro que, até mesmo agora, conseguia penetrar na minha pele e fazer meu corpo voltar à vida como se fosse algo quente e doce.

— O que você está pensando Kate? — Sua voz não era nada mais do que um sussurro áspero. Senti o calor de seu corpo enquanto ele se

aproximava... Mais perto do que tinha estado em meses.

— Nossas brigas por causa dos tomates e das azeitonas eram realmente estúpidas. — Confessei. — Sinto muito por dar tanta importância para isso.

Ele prendeu meu olhar com seus olhos tão intensamente, que eu os senti brilhar através de mim, senti seu calor tocar minha pele e agarrar pedaços metafísicos de mim.

— Eu também sinto muito.

E ele falou com sinceridade. Eu senti a profundidade de seu sentimento, a verdade em seu pedido de desculpas. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que ele também viu o que eu tinha visto, que ele percebeu os erros dele assim como eu tinha percebido os meus.

Isso não deveria ter sido algo tão importante. Era um motivo idiota para brigar, para início de conversa. Imaturo, mesquinho, trivial... E ainda assim, seu pedido de desculpas me atingiu como um terremoto. Eu dei um passo para trás e inalei profundamente para me estabilizar.

Era como se suas palavras tivessem me feito flutuar e me transportado para o outro lado do mundo. Ou talvez elas tivessem me levado para um mundo completamente diferente. Um mundo que não fosse movido por pontos que precisassem ser provados, ou convicções estúpidas que não pudessem ser alteradas.

Seu pequeno pedido de desculpas foi *profundo*.

E tarde demais.

Por que não poderíamos ter feito isso anos atrás? Ou pelo menos um ano atrás? Ou até seis meses atrás?

A voz profunda de Nick me trouxe de volta dos meus pensamentos rodopiantes.

— Se você quiser tomates, Kate... Peça tomates.

Fiquei com a coluna ereta e tomei uma decisão.

— Eu simplesmente vou pedir meio a meio. — Eu disse a ele. — Eu vou pedir o que você gosta e vou pedir o que eu gosto, então nós dois vamos ficar satisfeitos.

Seu sorriso era triste quando ele respondeu.

— Por que não pensei nisso antes?

Eu não queria responder. Eu não queria admitir que fui muito teimosa para deixar ele escolher o sabor que queria, que eu pensava que tinha alguma questão filosófica para provar, fazendo com que ele comesse os tomates.

Deus, isso era sem dúvida, a coisa mais estúpida pela qual tínhamos brigado.

— Vá tomar um banho. — Eu disse a ele. — Eu vou pedir a pizza.

Ele bateu no balcão com os nós dos dedos e em seguida, desapareceu dentro da casa. Minha casa. Eu escutei seus passos na escada e fiquei em silêncio enquanto tentava me acalmar.

Quando ouvi seus passos novamente na escada, me movi em direção ao telefone. Eu ainda não tinha ouvido o chuveiro, mas ele pensaria que havia algo de errado comigo se eu não conseguisse nem sequer fazer a ligação.

Depois que fiz o pedido na nossa pizzaria favorita e desligado o telefone, percebi que Nick estava tomando banho no banheiro de hóspedes.

Eu não sabia o que pensar sobre isso. Ele me deixou chocada pra caralho.

Eu esperava que ele usasse o nosso banheiro... Er o banheiro do quarto principal, porque, bem, porque essa era a escolha óbvia. Mas era meio que amável que ele tivesse usado o outro banheiro. Fez com que eu me sentisse respeitada, de uma forma estranha... isso fez com que eu sentisse que ele levava a minha privacidade em consideração, e se preocupava com o nosso divórcio.

Ou talvez fosse o contrário. Talvez ele não tivesse estômago para estar no mesmo lugar que tínhamos compartilhado diariamente... sorrido... brigado... feito amor.

Ele reapareceu na cozinha com o cabelo molhado e uma camiseta velha extremamente desgastada. Seus shorts eram da época da faculdade, e eram um pouco curtos para o seu estilo atual. Eles deixavam à mostra suas coxas musculosas, seus pelos escuros que se espalhavam dos quadris até os tornozelos.

Seu corpo era insano. Sempre tinha sido assim. Desde o primeiro dia que o conheci.

Se atração fosse tudo, nós nunca teríamos tido problemas.

Ele me pegou olhando e advertiu.

— Não ria de mim. Eles foram tudo o que eu consegui encontrar.

— Eu não iria rir de *você*. — Prometi. — Talvez eu iria rir de seus shorts curtos. Mas não leve isso para o lado pessoal.

Sua risada foi inesperada, e eu não pude deixar de sorrir.

— Você já pediu a pizza?

Eu assenti.

— Sim, ela deve estar chegando em mais ou menos vinte minutos.

— Você... você quer assistir alguma coisa enquanto esperamos?

Eu mordi meu lábio inferior para não concordar, mas minha cabeça assentiu de qualquer maneira.

Um canto de sua boca se curvou em um sorriso torto.

— Ótimo. Jared não tem televisão a cabo e senti falta dos nossos seriados.

Antes que eu pudesse responder, ou lembrar a ele de que não eram mais os nossos seriados, ele se virou e caminhou até a sala de estar. Peguei a bandeja com queijo e segui atrás dele.

Parecia surreal que nós estivéssemos caminhando até a sala de estar; era quase uma experiência fora do corpo. Eu estava muito nervosa com a situação, muito tensa. Aquele era o meu ex-marido. Ou logo seria, de qualquer maneira. Por que nós estávamos passando um tempo juntos?

Por que estávamos sendo gentis um com o outro?

Por que as coisas finalmente estavam dando certo para nós?

Talvez nós realmente fossemos melhores amigos. Talvez a gente tivesse que se separar para apreciar um ao outro, do jeito que cada um era.

Nossa sala de estar não era grande. A enorme televisão de Nick estava pendurada em uma parede, com nosso console de videogame em baixo. A televisão era muito grande para aquele cômodo, e eu sempre disse isso a ele. Mas meninos adoram os seus brinquedos, e toda essa

merda. Especialmente eletrônicos. Minha opinião não foi levada em conta sobre isso.

Eu tinha sido encarregada de decorar a outra metade da sala. Tínhamos um sofá cinza, longo e confortável, contra a parede oposta, que era ladeado por duas poltronas cor de mostarda. As poltronas eram muito bonitas, mas para ser honesta, não eram realmente confortáveis, portanto, nós nunca as utilizávamos.

A mesa de centro estava na frente do sofá, baixa e prática. Eu tinha comprado ela em uma loja de móveis usados, e Nick tinha a restaurado e pintado de cinza. Era a minha peça favorita no andar de baixo.

Nos sentamos no sofá, tão longe quanto o possível um do outro. Nick assumiu o controle do remoto, o que para mim estava tudo bem, porque eu estava tendo dificuldades para me concentrar e teria sido inútil para escolher algo.

Eu ainda não podia acreditar que isso estava acontecendo. Eu estava gastando minha sexta-feira à noite passando um tempo com o meu ex-marido.

Nick apertou os botões que levavam à lista de não assistidos, e prendi a respiração. Este era um segredo que eu não queria que ele soubesse. Esta era uma parte da nossa separação que era tão boba e inexplicável, que eu realmente me sentia envergonhada.

— Você ainda não assistiu nenhum desses? — O cursor amarelo destacou um dos seriados que sempre assistíamos juntos... Um dos seriados que eu não consegui me obrigar a assistir sem ele. — Ou esse? — Ele continuou a passar pela lista de não assistidos enquanto eu me encolhia, incapaz de o encarar ou oferecer alguma explicação. Finalmente, senti seu olhar em mim. A intensidade do seu olhar queimado minha pele, deixando cicatrizes permanentes e destruindo minha alma. — Kate, por que você não assistiu nenhum deles? O que você estava esperando?

Que você voltasse, minha mente sussurrou.

— Eu não tive tempo. — Respondi ao invés da verdade. — Estive muito ocupada. Tem sido um ano letivo realmente difícil. E eu... — A campainha tocou, me salvando de inventar mais desculpas.

Eu pulei do sofá e praticamente corri para a porta. Eu a abri bruscamente, assustando o pobre rapaz da entrega do lado de fora.

Ele riu nervosamente e murmurou.

— Whoa.

Fechei os olhos por um breve segundo e tentei me recompor desesperadamente.

— Oi. Desculpe.

— Você pediu uma pizza? — Ele perguntou desnecessariamente. Ele abriu seu sua bolsa térmica vermelha e me mostrou as duas pizzas e meu pedido de pão torrado. — Vinte e três e trinta e oito.

— Sim, claro. — Em minha corrida para chegar à porta da frente, esqueci de pegar minha bolsa. — Espere um segundo.

— Pode deixar. — Disse Nick atrás de mim. Ele me pegou pela cintura, parando ao meu lado quando entregou o dinheiro para o rapaz. — Pode ficar com o troco. — Eu podia ouvir o sorriso educado na voz de Nick enquanto estava ali congelada e confusa.

O cara me entregou as pizzas e eu dei um passo à frente, segurando-as sem jeito.

— Obrigada. — Murmurei, mas ele já estava voltando para seu carro.

Dei um passo para dentro de casa e me virei.

— Eu pensei que te devia o jantar. Você sabe, por você ter me ajudado com a casa.

Ele puxou a orelha e não encontrou meus olhos quando respondeu.

— Sim, bem, você pode me pagar qualquer outro dia. A pizza de hoje é por minha conta.

Eu não consegui pensar em nada para dizer. Nada. Não havia nada no meu cérebro.

— É só uma pizza, Kate.

— Obrigada. — Sussurrei.

Ele mal ouviu.

— Eu vou pegar os pratos. Você leva tudo isso para o sofá.

— Tudo bem.

Eu caminhei roboticamente até a sala de estar, e coloquei as pizzas na mesa de centro. Eu pedi para ele uma pizza de carne com cogumelos e azeitonas extras. Minha escolha foi uma pizza supreme, sem azeitonas ou cogumelos, mas com tomate extra. Dividi os pães meio a meio.

Eu tinha acabado de sentar quando ele voltou segurando os pratos, guardanapos e duas garrafas de cerveja.

— Está tudo bem? — Ele levantou a cerveja na minha direção.

— Tudo bem. — Eu honestamente não sei se beber com Nick era a melhor ideia da noite, mas certamente uma cerveja não faria mal. Talvez fosse me deixar mais relaxada. Eu precisava desesperadamente de algo para aliviar a tensão.

Ele me entregou uma cerveja e um prato sorrindo, então sentou no seu lugar, um pouco mais perto de mim do que da primeira vez. Eu suspirei e pedi para minha mente parar de analisar cada pequena coisa. Era tão estúpido.

Eu era tão estúpida.

— Legal. — Ele sorriu para sua pizza. — Por que *não* pensamos nisso antes?

Eu sentei mais à frente, um pouco mais perto dele também, mas só para que pudesse alcançar a comida. — Acho que eu estava tentando fazer um ponto. É idiota, certo?

Ele me deu um olhar de lado e um sorriso torto.

— Eu não posso concordar que você seja idiota, porque senão teria que admitir ser um idiota também. Meu ego não permitiria isso.

Eu apertei os lábios para não sorrir, mas ele me deu uma cotovelada na lateral e eu não consegui me controlar, sorrindo e balançando a cabeça.

— Nós podemos ser idiotas.

Eu pensei que ele iria rir ou fazer qualquer outra coisa além de ficar completamente calado e olhar para mim de forma penetrante, algo que ele parecia estar fazendo a noite toda.

— Nós podemos ser. — Ele disse em voz baixa.

Me virei para a televisão e dei uma grande mordida no meu

pedaço de pizza. Por que ele estava me deixando tão nervosa hoje à noite? Por que suas palavras pareciam tão sinistras?

Ele escolheu um dos nossos seriados, um que nós estávamos muito atrasados já que tínhamos passado tantos meses sem assistir, e nos enterrados em nossa pizza.

Nós não falamos muito durante o episódio, apenas comemos em silêncio.

Em algum momento, percebi que ele não tinha um encontro com outra pessoa hoje à noite. Meu ciúme insano foi por nada. Decidi ignorar o alívio intenso que inundou meu corpo da cabeça aos pés.

Tentei diminuir meu alívio ao lembrar de que ele acabaria namorando em algum momento.

Eu teria que encarar isso, *eventualmente.*

Eventualmente.

Mas não hoje à noite.

— Mais um? — Ele perguntou quando o episódio terminou e ele pegou outro pedaço de pizza.

— Claro. — Sussurrei.

O início da noite se transformou em tarde da noite, enquanto passamos mais uma hora em silêncio assistindo outro episódio. Ocasionalmente, ele fazia um comentário ou dava um suspiro de surpresa, mas nossa interação se deu principalmente em comer a pizza, que foi desaparecendo lentamente na nossa frente.

Depois de mais um episódio, ele fez uma pausa para usar o banheiro e pegar outra cerveja. Quando ele voltou para a sala, apagou as luzes e sentou no meio do sofá sem pedir permissão ou perguntar se estava tudo bem.

Não sei por que, mas não reclamei ou fiz qualquer comentário.

Depois de mais um episódio terminar, ele disse.

— Quer saber, se você não está assistindo os episódios sem mim, nós provavelmente deveríamos assistir mais um. Nós não sabemos o que vai acontecer.

— É um bom ponto. — Concordei.

Ele virou a cabeça na minha direção e prendeu meu olhar. Por um minuto, nós só olhamos um para o outro. Nada foi dito. Nada foi pensado. Eu não tinha certeza se estava respirando.

Eu não tinha certeza que poderia respirar, mesmo que tentasse.

Ele se inclinou, aproximando seu corpo do meu. De alguma forma, tínhamos nos aproximado cada vez mais durante a noite. Agora eu podia sentir o calor de seu corpo. Se ele se movesse mais um pouco, sua perna iria pressionar as minhas por um breve momento, ou seu cotovelo seria roçaria no meu braço.

Eu podia sentir seu cheiro novamente.

E era inebriante.

Lambi os lábios secos e tentei encontrar minha sanidade... Racionalizar. Tentei me lembrar do nosso divórcio ou o que levou a ele. Tentei encontrar alguma maneira de sair dessa loucura, na qual eu tinha entrado voluntariamente.

— Kate. — Ele sussurrou e sua voz tocou diretamente meu coração, dentro do meu corpo.

Com medo desse momento, da nossa trégua, de cada coisa sobre ele, virei novamente para a televisão e me concentrei nela. Ou pelo menos fingi.

Eu não conseguia ver nada do que estava na minha frente, ou compreender o que estava acontecendo. Mas eu não poderia enfrentar qualquer coisa que Nick quisesse falar. Eu não poderia olhar para ele por mais um segundo e não me perder completamente.

Ele pareceu perceber que eu tinha me afastado, porque se virou para a televisão sem mais uma palavra.

Na verdade, nós não falamos um com o outro novamente pelo resto da noite.

Eu estava planejando pedir para que ele fosse embora depois do próximo episódio, mas ele terminou com um cliffhanger[8] e eu fiquei desesperada para descobrir o que iria acontecer. O seriado continuou e continuou, nós não tínhamos o assistido durante todo o verão e havia

[8] Cliffhanger, na tradução literal para a língua portuguesa “à beira do precipício”, ou “à beira do abismo”, é um recurso de roteiro utilizado em ficção, que se caracteriza pela exposição do personagem a uma situação limite, precária, tal como um dilema ou o confronto com uma revelação surpreendente.

muitos episódios para pôr em dia. Finalmente, consegui me concentrar no que estava acontecendo e não no homem sentado ao meu lado, que eu não conseguia deixar de lado.

Mas minha mente nunca se afastava dele.

E aparentemente, meu corpo também não.

Devo ter caído no sono em algum momento, porque em um segundo eu estava piscando lentamente tentando ficar envolvida com o episódio, e no outro senti dedos se enrolando no meu cabelo, o escovando suavemente para trás da minha orelha.

Eu suspirei profundamente com a carícia, a luxuosa sensação de ser tocada depois de tanto tempo. Então eu percebi que aqueles dedos pertenciam a Nick. Percebi que estava estirada no sofá e tinha colocado a cabeça em seu colo. Percebi que sua outra mão estava em minha cintura e tinha deslizado sob minha camiseta para pressionar contra a curva lateral do meu corpo.

Acalmei minha respiração e tentei não me mexer. Eu não podia deixar ele saber que eu estava acordada. Eu não podia deixar ele saber que eu não queria o confrontar sobre isso.

Eu era uma covarde.

Eu era fraca.

Eu estava tão frustrantemente confusa.

Ele se mexeu no sofá e eu fingi me espichar de forma sonolenta. Seu corpo ficou rígido sob o meu, e eu não tinha certeza se era porque ele sabia que eu estava fingindo ou porque ele estava envergonhado por ter sido pego.

Mantive meus olhos fechados e se me recusei a abri-los. Eu iria fingir que estava dormindo até o fim da minha vida. Era algo sobre o que eu estava disposta a cometer perjúrio na frente de um júri. Você sabe, se eu tivesse que jurar sobre isso no tribunal. Eu nunca iria deixar ele saber que eu tinha acordado.

Finalmente, depois de alguns momentos intermináveis, depois de eu perceber que a televisão não estava mais ligada e estávamos sentados no escuro completo, ele gentilmente levantou e recostou meu corpo contra o sofá. Senti sua presença enquanto ele pairava sobre mim. Eu não poderia adivinhar o que ele estava pensando, fazendo ou não fazendo.

Ele era, talvez pela primeira vez desde que nos conhecemos, um mistério completo e complexo para mim.

Quando pensei que ele finalmente iria sair, ele se inclinou e deu um beijo quente e familiar em minha têmpora.

Um gemido escapou dos meus lábios e meus olhos se apertaram com mais força, me entregando, mas ainda assim me recusei a olhar para ele, me recusei a reconhecer o que tinha acontecido entre nós.

Ele saiu um momento depois. Ouvi seus pés descalços contra o chão de madeira, seus movimentos enquanto ele colocou os sapatos e recolheu suas roupas, ouvi a porta da frente se abrir e fechar, e sua chave quando ele trancou a porta atrás dele.

Eu não me movi o tempo todo.

Eu não me movi do sofá pelo o resto da noite.

Capítulo dez

17. Nós estamos **despedaçados.**

Passei o resto do fim de semana deprimida. Não conseguia me concentrar nos trabalhos para corrigir e quando tentei limpar a casa, explodi espontaneamente em soluços incontroláveis que duraram até minha voz ficar rouca, eu me sentir mal do estômago e não ter mais lágrimas para chorar.

Oficialmente, eu estava doente de mim mesma.

Enquanto caminhava até a casa da minha mãe no domingo, eu mal podia esperar para voltar à escola na segunda-feira, para que eu pudesse ficar longe de mim.

Esse era meu nível de desespero.

Na verdade, eu *precisava* voltar a trabalhar.

Eu estava cansada de pensar. Cansada de analisar tudo exaustivamente. Cansada de culpar Nick pelo meu coração partido e meu casamento fracassado.

Eu também precisava assumir a responsabilidade.

Mas eu também esperava que ele nunca descobrisse. Gostaria de assumir a responsabilidade em silêncio. Eu iria aceitá-la e nunca contar a ele sobre isso.

Eu esperava que um dia, pudéssemos seguir em frente. Eu esperava que nós pudéssemos nos curar.

Até lá... eu só precisava superar isso o mais rápido possível.

Eu tinha chegado cedo para o almoço de domingo. Eu não conseguia respirar no ambiente de memórias sufocantes na minha casa, então escapei para um tipo diferente de inferno - minha família.

Josh e Emily ainda não estavam aqui. Na sala de estar, meu pai estava assistindo um jogo de futebol - não dos Bears - com os pés para cima e recostado em sua poltrona desgastada. Ele estava muito

relaxado para estar assistindo a um jogo dos Bears. A visão dele me fez sorrir. Era tão familiar... tão reconfortante que eu não pude evitar de fazer uma pausa na porta e sorrir para ele.

Ele olhou para mim com os olhos cansados, como se estivesse à beira de cair no sono.

— Ei, garota.

— Oi pai.

— Você chegou cedo.

— Eu pensei em ajudar hoje.

Ele sorriu preguiçosamente e voltou sua atenção para a televisão.

— Sua mãe vai gostar.

— Precisa de alguma coisa? Chá gelado? Cerveja?

— Cerveja. — Ele resmungou. — Mas não deixe sua mãe ver.

Caminhei até a cozinha, me sentindo mais como eu mesma do que eu tinha sentido em meses. Na maior parte do tempo, eu não suportava a minha família, mas era irritação de amor. Eu os amava ferozmente. Acabava que eu também ficava irritada com eles ferozmente.

— Oi mãe. — Eu disse suavemente. Caminhei até a geladeira e peguei uma lata de cerveja e a jarra de chá gelado, escondendo um atrás do outro. Coloquei o chá gelado em cima do balcão e voltei para a sala de estar para entregar a cerveja para meu pai. Larguei minha bolsa no sofá e voltei para a cozinha.

Cerveja entregue com êxito.

Missão cumprida.

— Eu vi isso. — Minha mãe não levantou os olhos das batatas-doces que estava esmagando.

— Viu o quê?

Ela fez um barulho no fundo da garganta, mas não discutiu. Meu pai abriu a lata e ouvimos o clique do metal, e seu subsequente “Ah” ecoou pela casa.

Minha mãe bufou novamente, descontente.

Eu não pude deixar de sorrir.

— Se isso te incomoda, você tem que falar alguma coisa. — Brinquei com ela.

Ela me lançou um olhar por cima do ombro.

— Se eu falar alguma coisa todas as vezes que o seu pai faz alguma coisa que me incomoda, não teríamos passado nem pelo nosso primeiro ano de casamento.

— Mas se você falasse algo agora, ele iria te ouvir. — Por alguma razão, eu não conseguia deixar para lá. Eu tinha que fazer com que ela visse que precisava dar sua opinião. Meu pai não era completamente irracional. Ele faria o que fosse preciso para manter a paz.

— Katherine, seu pai sabe o que ele é e o que ele quer desde o dia que eu o conheci. Se ele quiser tomar uma cerveja antes do almoço, por Deus, ele vai tomar. — Eu abri minha boca para argumentar, mas ela ergueu a espátula e me silenciou. — Eu respeito isso. Eu respeito *ele*. Eu não tenho que gostar disso, mas eu tenho que confiar nele. E eu confio nele para cuidar de mim, desta família, e dele próprio. Isso é tudo o que eu preciso.

Suficientemente castigada, tudo o que eu pude responder foi um suave "Oh".

— Mas seria bom se meus filhos não fossem cúmplices de todos os seus caprichos.

Desta vez eu ri.

— Eu pensei que tinha sido sorrateira o suficiente para você não perceber.

Ela me deu um olhar aguçado sobre o ombro.

— Criança, eu vejo tudo. Eu sei de tudo. — Meu sorriso se alargou e eu ri até que ela disse: — Agora venha até aqui e derreta a manteiga para que eu possa misturar com os marshmallows.

— Sim senhora. — Mas por dentro eu estava fazendo uma dança feliz porque teríamos batata-doce.

Nick teria ficado tão decepcionado se ele soubesse que perdeu a famosa caçarola de batata-doce da minha mãe. Era sua comida favorita, e ela fazia isso para ele pelo menos uma vez por mês.

Era a única maneira que conseguia convencer ele de voltar aqui para os almoços de domingo.

Eu balancei minha cabeça para afastar os pensamentos de Nick. Evidentemente eu estava tendo problemas em deixar meu casamento de lado.

O que já era de se esperar, certo? Nós estivemos juntos por um longo tempo. Ele estava enraizado nos meus pensamentos, tatuado na minha alma, gravado nos meus ossos. Nosso relacionamento era o único relacionamento adulto que eu conhecia. Eu não estava acostumada a tomar decisões sem ele. Eu nunca tinha passado muito tempo sozinha. E fazia um bom tempo desde que eu tive que lidar com minha família sozinha.

Passamos por tantas coisas juntos que eu fisicamente não conseguia imaginar minha vida sem ele.

Ao mesmo tempo, não conseguia imaginar continuar vivendo com ele, estar com ele ou brigar com ele sobre pequenas coisas.

Eu estava fazendo a coisa certa, só levaria algum tempo.

Eu precisava de tempo.

Poucos minutos depois, Josh e Emily chegaram com as meninas e parecia que mais cem pessoas haviam aparecido. As meninas estavam por toda parte, correndo por todos os lados para dizer olá a todo mundo, pedindo pedaços de comida e em geral, apenas sendo fofas e alucinantes, como de costume.

— Por que você não as leva para o quintal, Kate. — Minha mãe sugeriu. — Elas estão morrendo de saudade de você, e desse jeito eu não vou conseguir servir o almoço sem pisar nelas.

— Claro. — Eu disse. Eu tinha oficialmente sido chutada para fora da cozinha. Não era segredo que Emily era melhor nos afazeres domésticos do que eu, e eu suspeitava que minha mãe estava cansada de ficar em cima para se certificar que eu estava fazendo tudo certo.

— Laney, Addy! Venham até aqui fora comigo!

Eu comecei a andar em direção à porta de trás e elas abandonaram sua posição roubando marshmallows e me seguiram. Eu sabia que elas me seguiriam. Eu era uma tia incrível.

O dia estava ensolarado, mas gelado, e olhei para elas me

certificando que estavam com os seus casacos.

Meus pais tinham um pequeno quintal, mais longo do que largo e imprensado entre cercas vivas idênticas dos dois lados. O quintal era contornado por uma cerca de arame que se conectava em todas as direções. Havia um espantalho que estava pendurado na parte de trás da cerca, e guardava o jardim que minha mãe trabalhava incansavelmente, e que se estendia de um lado do quintal para o outro. Eles tinham uma pequena plataforma que suportava a grade e no pátio debaixo, um balanço coberto no qual nós três nos encaixávamos perfeitamente.

Eu cresci nesta casa. Meus pais eram nascidos e criados em Chicago, e eles garantiram que seus filhos tivessem a mesma sorte.

Essa era uma das coisas pelas quais eu era mais agradecida. Eu amava essa cidade. Eu amava sua arquitetura e o movimentado centro da cidade. Eu amava o bairro dos meus pais, meu bairro e a sensação específica de estar em casa. Eu amava o Lago Michigan. Eu amava as armadilhas para turistas e as lojas. Eu amava os restaurantes. Eu amava as músicas. Eu amava tudo nesta cidade.

A casa dos meus pais não tinha mudado muito desde que eu era criança. Eles haviam substituído o balanço de metal frágil com o qual Josh e eu crescemos, somente para que pudessem substituí-lo com brinquedos mais seguros para as meninas. Agora havia uma caixa de areia onde costumava ser o balanço, e um escorregador de plástico solitário que as meninas mal brincavam hoje em dia. Elas estavam ficando muito grandes.

Delaney tinha oito anos e Addison tinha cinco. Eu sabia que Josh e Emily não teriam mais filhos, então me perguntava se meus pais pretendiam manter os brinquedos ou se livrar deles. Eu obviamente não estaria cumprindo minha parte de netos para eles.

— Tia Kate, nos empurre! — Addy exigiu docemente.

Enfiei os pés no cimento e empurrei com tanta força que o balanço foi para frente e para trás. As meninas riam incontrolavelmente enquanto forçávamos o balanço para ir tão alto e tão rápido quanto possível.

Eu estava convencida que teria de comprar um novo balanço para minha mãe, porque estávamos à beira de quebrar o dela, quando Emily colocou a cabeça para fora da porta de trás e nos chamou para almoçar.

As meninas pularam e correram para dentro, agindo como se nunca tivessem sido alimentadas. Eu caminhei mais devagar. Tinha sido uma lufada de ar fresco brincar com minhas sobrinhas, mas elas frequentemente deixavam um buraco no lugar que desejava que fossem meus próprios filhos.

Emily esperou por mim na porta, e percebi seu sorriso nervoso assim que pisei na varanda.

— O que há de errado? — Perguntei cuidadosamente.

— Seus pais fizeram algo realmente estúpido. — Ela sussurrou. — Eu sinto muito. Gostaria de ter te avisado antes, se eu soubesse.

— O que eles fizeram? — Pânico e medo me cegaram. Pensei em todas as coisas estúpidas que eles tinham feito ao longo dos anos, e só podia imaginar que hoje era muito pior, já que Emily tinha saído para me avisar.

— Nick está aqui. — Ela sussurrou.

— O que? — Minha voz não foi nem perto de um sussurro. Foi quase um grito, ou um grunhido demoníaco. Eu não conseguia nem sequer imaginar por que ele estaria aqui. Eu não conseguia imaginar qualquer cenário em que meus pais iriam convidá-lo.

— Oh meu Deus. A caçarola de batata doce.

Emily colocou a mão quente no meu ombro.

— Eu sinto muito. Eu não sei o que eles estavam pensando.

— Eles obviamente não estavam. — Respondi rispidamente, e imediatamente me senti mal. — Me desculpe. — Estremeci. — É só que... este é o pior momento possível para eu ver ele de novo.

Fechei os olhos e me lembrei da nossa sexta-feira à noite juntos. Senti seus lábios na minha têmpora, me dando um beijo de boa noite. Pisquei e nos imaginei gritando um com o outro do outro lado da casa, chateados, implacáveis e despedaçados. Imaginei a última noite em que nós brigamos, como ele pegou seu travesseiro e me deixou na cama... me deixou por meses sem uma palavra.

Eu me lembrei dele no supermercado, perdido... perdido sem mim... perdido em uma nova existência que nenhum de nós esperava.

Eu não precisava ver Nick agora. Eu precisava de tempo e distância, o mais que eu pudesse ter. A única coisa que esse almoço

faria era me confundir ainda mais. E nós teríamos que ser tão falsos. Não é como se pudéssemos botar para fora todos os nossos anos de problemas na frente dos meus pais, do meu irmão e da sua maldita família perfeita.

Olhei para o quintal e pensei em fugir.

— Você realmente vai fugir?

Eu percebi que Emily estava rindo de mim, mas isso era muito mais sério do que ela percebeu.

— Eu estava pensando nisso. — Deixei escapar um suspiro pesado.

— Emily e Kate, a comida está ficando fria! — A voz da minha mãe soou estridente e irritada de dentro da casa.

Olhei para Emily, esperando que ela encontrasse alguma solução.

— É só um almoço. — Ela deu de ombros. Ela segurou a porta aberta e eu entrei, sabendo que não tinha como evitar o acidente de trem iminente.

Inalei profundamente e entrei na sala de jantar, onde parei de respirar completamente.

Com certeza Nick estava lá.

Nossos olhos se encontraram e pude sentir a incerteza pulsando dele em ondas. Ele se levantou quando me viu, empurrando a cadeira para trás e fazendo um gesto desajeitado de impotência com as mãos.

Seu sorriso era nervoso e ele parecia tão bem como ele estava no outro dia. Outra camisa, dessa vez uma cinza escura que ressaltava o azul de seus olhos.

— O que você está fazendo... — Eu estava pronta para perguntar por que ele estava aqui, mas ele estava certo quando me acusou de sempre ficar surpresa ao vê-lo.

Mesmo que dessa vez fosse justificado.

Comecei a me perguntar se eu realmente esperava que ele parasse de viver depois que terminamos. Não que eu quisesse que ele morresse, eu só não conseguia imaginar sua história separada da minha. Eu não conseguia imaginar ele em uma vida que não me incluísse, ou um futuro que não girasse em torno de mim.

Será que isso me fazia a pessoa mais egoísta do mundo?

Os lábios de Nick se contraíram de forma reveladora, por causa do nervosismo.

— Eu liguei para o seu pai na semana passada para ver se eu poderia pegar os amplificadores que tínhamos deixado na garagem.

— Eu tinha esquecido. — Desviei o olhar para meu pai, que estava empenhado em evitar contato visual comigo.

— Eu sabia que estaríamos em casa hoje. — Meu pai falou.

— Eu o convidei para almoçar. — Minha mãe declarou. Eu olhei para ela, com os olhos esbugalhados. — O quê? — Ela engasgou inocentemente. — Só porque você não quer mais o menino, não significa que estamos prontos para desistir dele. Ele é nosso filho. Sentimos falta dele.

Filho deles???

Sentiram falta dele? Eles não o suportavam!

Me virei para Nick com os olhos arregalados, esperando que ele estivesse tão cético em relação aos meus pais quanto eu. Mas seu olhar tinha diminuído e seu sorriso se transformado em uma linha dura.

— Sinto muito. — Eu disse a ele sinceramente.

— Você não tem por que se desculpar. — Ele respondeu secamente.

— Sente-se. — Meu pai ordenou. — A comida está ficando fria.

Eu fiz como me foi dito, o que significava que tomei o assento ao lado de Nick. Era convenientemente o único que estava vazio.

Começamos a passar a comida ao redor da mesa e a conversar, mas era forçado e nada natural. Meu corpo inteiro formigava de inquietação. Uma coisa era enfrentar Nick na minha casa, longe das outras pessoas e dos olhares curiosos. Mas era algo completamente diferente estar em exposição na frente da minha família.

Senti seu julgamento como um foguete. Senti minha própria culpa triplicada. Isso era tão estúpido. Eu não deveria ter de lidar com isso!

Quando todo mundo, menos Nick e eu, estava envolvido na conversa, ele se inclinou e murmurou.

— Você não tem que ficar irritada. Eu não vou te incomodar por muito tempo.

Eu dei um olhar rápido para ele e mantive o foco em destruir meu almoço em pedaços.

— Eu não estou irritada.

— Oh, é mesmo? — Sua risada era escura e sem humor.

— Por que você precisa dos amplificadores? Pensei que você não gostasse do som deles?

Ele espetou seu frango com o garfo e faca, cortando de forma selvagem.

— É um crime vir até a casa dos seus pais? Para buscar as *minhas* coisas?

— Pare de evitar minha pergunta.

— Pare de agir como uma criança de três anos de idade.

Era isso. A gota d'água. Minha cadeira rangeu sobre o piso de madeira quando a empurrei para trás e saltei do assento. Fugi pela porta, ignorando os protestos frustrados e as vozes chamando meu nome. Eu tinha que sair daqui.

Eu não poderia fazer isso.

Eu não poderia voltar com ele.

Peguei minha bolsa no sofá e deixei a porta de tela bater atrás de mim. Ela estalou contra a moldura uma segunda vez quando Nick me seguiu para fora.

— Kate, você está falando sério?

Eu me virei e tentei respirar através de minha raiva.

— Nick, *você* está?

— Qual é o seu problema! Pensei que estávamos bem. Sexta-feira à noite nós...

Meus olhos se inundaram de lágrimas e eu não tinha certeza do por que.

— Não. — Sussurrei.

Ele deu um passo para trás. Sua mão, que estava estendida para mim, caiu.

— Você está falando sério. — Disse ele.

— Eu não posso fazer isso. Eu não posso ter você aqui com os meus pais, agindo como se nada estivesse errado. Como se nós estivéssemos bem e não no meio de um divórcio.

— Nós não estamos no meio de um divórcio. — Ele respondeu. — Nós estamos separados, Kate. Nenhum de nós levou isso adiante. Nenhum de nós tem que levar isso adiante.

— O quê? — Todo o ar sumiu de meus pulmões e por um segundo eu não achei que seria capaz de ficar de pé.

— Você me ouviu. — Ele ergueu o queixo desafiadoramente e estreitou seu olhar novamente.

Por um segundo histérico, achei que ele estivesse me desafiando a não me divorciar dele. Como se tudo o que eu precisasse fosse um desafio, e que isso faria tudo entre nós dar certo e eu esquecesse o desejo de deixá-lo.

Como se eu fosse aceitar o seu desafio.

Como se fosse assim tão fácil.

— Você precisa mesmo dos seus amplificadores? — Dei um passo em direção a ele, sem ter certeza do que eu iria fazer ou dizer. Parte de mim queria o sacudir. Outra parte queria entrar em colapso nos seus braços e dizer que ele estava certo. Tão. Certo. — Ou isso foi apenas uma desculpa para me ver de novo?

Ele devolveu minha pergunta com uma própria.

— Por que você está tão malditamente empenhada em me deixar? É sobre ter um bebê? Kate, eu...

Meu coração pulou no peito, e em seguida caiu de volta no lugar, só que desta vez, ele foi quebrado em um milhão de pedaços.

— Não. — Eu implorei a ele com uma voz quebrada, desesperada. — Não. — Um soluço silencioso e sem lágrimas sacudiu todo meu corpo, e eu tive que segurar minha mão no rosto para evitar que ele caísse aos pedaços. — Nick, isso. — Apontei meu dedo entre nós. — É disso que se trata. Não são crianças, meus pais ou qualquer outra razão que possa existir. Quando estamos juntos, somos infelizes. Eu estou

cansada de ser infeliz.

— Nós não estávamos na outra noite. — Ele rapidamente me lembrou. — Nós não estávamos infelizes.

— Aquela foi uma noite! Uma! E todas as outras noites? E todos os outros dias de brigas e anos não ficando juntos? Eu não estou tentando te machucar. Pelo menos não intencionalmente. Eu estou tentando te dar uma chance de encontrar a felicidade em outro lugar.

— Porque você quer encontrar a felicidade em outro lugar.

Eu poderia ter argumentado. Eu poderia jurar que não era só sobre mim, que eu queria que nós dois fôssemos felizes, que eu estava pensando nele tanto quanto em mim mesma. Mas eu não falei.

Em vez disso, deixei ele acreditar. Deixei ele pensar o pior de mim.

Deixei ele decidir que não valia a pena lutar por mim.

— Eu tenho que ir. — Sussurrei.

Ele não disse nada. Ele não discutiu e não veio atrás de mim novamente.

Eu entrei no meu carro e fui embora. Eu não dirigi um quarteirão antes de começar a chorar novamente, antes das lágrimas e da dor se tornarem tão insuportáveis que eu tive que estacionar e suportar toda a pressão no meu peito e os soluços que faziam todo o meu corpo estremecer.

Eventualmente, eu parei de chorar. Eventualmente, eu parei de tremer. Mas quando cheguei em casa, eu não me senti melhor. E quando arrastei o corpo para minha cama vazia naquela noite, começou tudo de novo.

Eu não iria aos almoços de família pelo resto do mês.

Capítulo onze

18. Ele não consegue **superar**.

Me escorei no batente da porta da sala de Kara e deixei cair minha bolsa nos pés. Ela olhou para mim de onde estava sentada, examinando alguns papéis, e franziu a testa.

Ao contrário do resto da escola, a sala de Kara era calorosamente iluminada e cheirava como o céu. Ela acendia velas durante o ano todo, mesmo que fosse contra as políticas da escola. Sr. Kellar ignorava, porque ela argumentava que seus alunos precisavam se sentir seguros e confortáveis. Ele aparentemente concordava, porque nunca disse nada, exceto quando houve uma inspeção.

— Você parece uma merda.

Eu olhei para ela.

— Obrigada.

— O que aconteceu? — Sua voz suavizou com preocupação.

— Nunca se case. Não vale a pena.

Seus lábios franziram e ela endireitou os ombros.

— Eu não estava planejando, mas obrigada pelo conselho de qualquer maneira.

Eu não sabia se tinha a ofendido ou não. Ela não era casada, não estava nem mesmo namorando, mas não porque havia algo de errado com ela. Ela era bonita, tinha uma carreira bem-sucedida, e era a melhor pessoa que eu conhecia. Ela não estava com alguém porque não queria.

Eu sempre a vi como uma mulher imponderada. Mas havia algo em sua expressão agora... algo que eu não conseguia ler.

Entrei e desabei em uma das poltronas confortáveis que estavam em frente à sua mesa. Ela não tinha me convidado para sentar, mas eu estava muito miserável para me importar.

— Você não tem uma reunião ou qualquer coisa assim, não é?

Sua expressão mudou para uma análise cuidadosa, e me perguntei se ela iria me cobrar por seu tempo.

— Não até daqui a alguns minutos. O que está acontecendo? — Desta vez ouvi a preocupação real em sua voz. Ela tinha ido para casa, visitar sua família no fim de semana, por isso não tínhamos conversado desde que saímos da escola na sexta-feira. Ela não sabia de todo o meu drama com Nick, e eu estava relutante em compartilhar isso com ela.

Eu não queria deixar ela sobrecarregada com meus problemas, e eu tinha certeza de que ela estava tão cansada de ouvir sobre eles quanto eu. Mas eu também não conseguia falar a verdade em voz alta. Eu não queria contar a ela sobre minha sexta-feira à noite com Nick, porque eu queria manter isso para mim... Eu queria manter isso como algo especial e intocado de análises sarcásticas.

Eu não queria que ela apontasse o possível motivo pelo qual Nick não queria seguir em frente com o divórcio. E eu não queria que ela fizesse perguntas para descobrir se talvez eu também não quisesse seguir em frente com o divórcio.

Nós tínhamos um passado... Muitas histórias que nunca fariam que isso fosse mais fácil. Nós só precisávamos cortar esse cordão umbilical e seguir em frente.

— Eu fui ver o advogado de divórcio hoje de manhã. — Confessei.

Assisti seus ombros caírem e sua boca virar para baixo em uma carranca.

— É isso que você foi fazer?

— Eu fui hoje de manhã. Eu não podia mais esperar. — Eu belisquei os buracos desgastados no braço da cadeira. — Meus pais convidaram Nick para o almoço de domingo. As coisas ficaram um pouco fora de controle.

Suas sobrancelhas se ergueram e ela bateu as palmas das mãos na mesa.

— Eles fizeram o que?

— Aparentemente, eles sentiram a falta dele.

— Eles odeiam ele!

— Aparentemente, eles só *me* odeiam.

Ela acenou com a mão, desconsiderando.

— Confie em mim, eles não te odeiam. *Meus* pais me odeiam. Os seus pais te amam. Talvez um pouco demais, mas eles definitivamente te amam.

Pisquei para ela, sem saber se ela estava falando sério ou não. Kara mantinha grande parte da sua vida familiar para si mesma. Ela compartilhava todo o resto, portanto eu nunca quis me intrometer. Eu não tinha sequer conhecido seus pais. Não era como se estivéssemos na faculdade, aonde a maioria dos pais dos meus amigos vinha nos visitar ou recebia um grupo de alunos no fim de semana. Como só conheci Kara depois da faculdade, não havia nenhuma razão para eu conhecer sua família. Eu nunca tinha pensado em nada disso. Ela só tinha se encontrado com os meus algumas vezes ao longo dos anos.

Inclinei meu queixo teimosamente.

— Se eles me amassem, eles não teriam convidado o meu ex-marido para almoçar. Isso não é amor. Isso é tortura.

— Ele ainda não é seu ex-marido. — Ela disse com uma quantidade óbvia de paciência em seu tom. — Talvez eles estivessem tentando fazer com que vocês voltassem? Talvez eles não o odiassem tanto quanto você imaginava.

— Eles eram parte do problema! Eles deixavam as coisas *tão* difíceis para nós! Nós brigávamos constantemente por causa deles. Eu tinha que arrastar Nick para lá. Ele ficava tão irritado todos os domingos, que eu sempre me sentia como a malvada da história. Ainda mais minha mãe! Deus, minha mãe era tão irritante. Ela fazia eu me sentir o pior tipo de ser humano do mundo por ter me casado com ele. E agora... *Agora* eles querem ser simpáticos? Não é justo!

Ela não disse nada por um bom tempo. Eu tive a sensação de que ela não sabia o que dizer.

— Eu só estou frustrada. — Suspirei. — Não é como se eu pudesse dizer tudo isso para a minha mãe. Ela vai entender como se eu estivesse culpando ela pelo meu divórcio, e eu não estou. Havia tantos outros problemas além desse. Mas esse era um problema. Um problema semanal. Às vezes até mais.

— Se Nick odiava tanto, e aparentemente, você também, então por que vocês continuavam indo lá todos os domingos? Isso parece

excessivo.

Senti como se um pedregulho tivesse caído no meu estômago e perturbado tudo dentro de mim, como se eu fosse uma poça de água, e o pedregulho tivesse espalhado toda a água dentro de mim, drenando tudo até que eu não fosse nada além de um buraco de terra arenosa.

— Porque é isso que meus pais esperavam que nós fizéssemos. — Mas a minha explicação soou muito fraca agora.

— Mas Kate, por que vocês não iam lá só uma vez por mês? Ou a cada duas semanas?

Me sentei em um silêncio atordoado. Por que nós não fazíamos isso? Por que não tínhamos imposto melhores limites para nossa família? Eu não gostava de ter que lidar com minha mãe mais do que Nick. Então por que eu tinha nos torturado semana após semana? Por que eu tinha insistido que Nick gostasse de ir até lá todo santo domingo? Por que eu tinha deliberadamente determinado uma linha entre nós, por causa da minha família?

Porque isso é o que as pessoas fazem, minha mente respondeu imediatamente. Elas gastam tempo com a família porque ela é a sua família.

Mas minha resposta não parecia tão boa como já tinha sido um dia.

Eu não acreditava mais nela com tanta convicção.

Não era como se Nick não tivesse sugerido a mesma coisa em mais de uma ocasião, mas eu tinha culpado ele por não estar disposto a tentar. Eu tinha culpado ele, como se fosse sua culpa. Eu tinha acusado ele de causar drama com meus pais e ser egoísta. Era nossa obrigação, eu falava para ele. *Isto é o que as famílias fazem.*

Mas ele não era a minha família? Suas necessidades, desejos e vontades não deveriam vir antes das dos meus pais? Ele nunca tinha sugerido se afastar deles completamente. Ele só queria passar menos tempo com eles.

Não foi até que Kara tivesse salientado o óbvio que eu finalmente vi as coisas como deveriam ter sido.

Inferno, neste exato momento, eu não tinha planos de voltar lá para o almoço de novo. E embora eu soubesse que mudaria de ideia eventualmente, eu não teria que me forçar a ir até lá todos os domingos.

Eu poderia criar os meus próprios limites. Eu poderia me dar alguns domingos de folga por mês e me sentir realmente descansada quando fosse hora de voltar para a escola na segunda-feira.

Louco.

Kara me encarou por um bom tempo antes de finalmente falar.

— Eu estou surpresa que Nick tenha aparecido, já que ele odeia tanto os seus pais.

— Eu também. — Suspirei. — Ele precisava pegar alguns amplificadores que meu pai tinha guardado para ele, e então minha mãe o convidou para almoçar. Talvez ele tenha se sentido mal em recusar, ou algo assim.

— Talvez. — Seu olhar gentil se encontrou com o meu sobre a mesa. — Talvez ele quisesse usar os seus pais como uma desculpa para te ver de novo.

Eu não sabia se ria ou se chorava.

— Eu pensei que você não gostasse dele?

Ela revirou os olhos e soltou um suspiro.

— Eu não gosto que ele ainda esteja tentando ser uma estrela do rock. Eu quero que ele cresça e consiga um emprego de verdade. Claro que eu gosto de Nick como pessoa. É impossível não gostar dele. Eu só odiava que você estivesse sempre tão triste, e que vocês estivessem sempre brigando. Não tinha nada a ver com ele. E eu nunca sugeri um divórcio. Honestamente, eu nem sequer sabia que vocês tinham considerado isso.

— Ele é muito bom, você sabe. Quero dizer, com a banda.

— Kate, eu nunca disse que ele não era. Eu só... Você sabe o que quero dizer.

— Sim, eu sei.

— E então? E se Nick não for tão à favor do divórcio como você pensava que ele era? O que você vai fazer?

— Meu advogado me fez exatamente a mesma pergunta. Junto com mais um milhão de pessoas. Eu sinceramente não sei. Se Nick *for* a favor do divórcio, o procedimento não parece tão difícil. É quase só papelada e taxas. Vamos ter que ir até o tribunal para concluir, mas

tudo antes disso pode ser tratado pelos nossos advogados. Podemos pedir o divórcio juntos e dividir tudo igualmente. Espero que eu possa assumir a hipoteca integralmente. Eu já estou pagando, de qualquer maneira. Não temos mais muitas contas para dividir além da casa. Ele pode pegar as suas coisas e eu as minhas. Simples assim.

— E se ele não quiser?

— Daí fica tudo mais complicado. Eu preciso dar entrada na papelada sozinha. Eles poderiam intimá-lo no trabalho, como se ele fosse algum tipo de criminoso. Parece terrível.

— Tão terrível que você não passaria por isso?

Olhei para Kara e vi esperança cintilando em seus olhos. Será que ela realmente achava que isso fosse uma má ideia? Ou ela estava apenas tentando me salvar de todo o stress?

— Você realmente acha que eu estou cometendo um grande erro? — Tentei evitar o tom de acusação em minha voz, mas não consegui esconder por completo. De repente, eu me senti traída.

Ela chupou o lábio inferior e o soltou em seguida, pensando em tudo o que ela precisava dizer.

— Kate, a grama não é sempre mais verde do outro lado. As coisas não vão ficar melhores como num passe de mágica. Você não vai encontrar a pessoa perfeita e viver feliz para sempre. Viver feliz para sempre não existe. Nunca vai existir. Mesmo que você tente resolver tudo amigavelmente, este divórcio vai ser confuso; vai machucar Nick e vai te machucar. Honestamente, vai te destruir. Eu te amo. Eu não quero ver você passar por tudo isso.

— E o meu casamento? E se eu continuar em um relacionamento com Nick, e nós só brigarmos pelo resto das nossas vidas? E se ele nunca quiser crescer e me desprezar para sempre porque estou pedindo isso a ele? E se ele pensa que eu sou uma chata destruidora de sonhos, uma bruxa podre e insensível? Como posso viver comigo mesma se meu marido pensa *dessa forma*? — Minha voz ficou mais alta e mais histérica a cada palavra. Eu estava à beira das lágrimas, gritando e me afogando em tequila barata quando isso terminasse.

Kara, apesar da minha histeria, me encarou com um olhar sério e respondeu.

— Eu não sei, Kate. Eu não sei o que vai acontecer se você ficar com ele e não sei o que vai acontecer se você se divorciar. Eu só sei que

nenhum dos dois vai ser fácil. E nenhum dos dois vai fazer você se sentir automaticamente melhor.

Eu estava respirando rápido, através das lágrimas violentas que nadavam em meus olhos. Ouvi alguém na porta e sabia que era minha deixa para sair. Juntei minha bolsa e sem me despedir de Kara e fugi de seu escritório.

Minha próxima aula era em quinze minutos, e a única coisa que eu conseguia pensar em fazer para passar esse tempo era ligar para Nick.

Claro, eu tinha trabalhos para corrigir, aulas para planejar, eu provavelmente deveria ter comido alguma coisa... Mas eu precisava ouvir a voz dele. Eu precisava ouvir a certeza, a incerteza, ou qualquer outra coisa que eu estivesse procurando.

Peguei meu telefone e disquei seu número. Ele chamou por um longo tempo e eventualmente, caiu na caixa de mensagens. Deixei escapar uma maldição que não foi nenhum pouco adequada para o ambiente escolar e tentei de novo.

Depois de novo, e de novo e de nodo, até chegar na minha sala de aula e me trancar lá dentro.

Eu finalmente desisti e fiquei encarando a tela do meu telefone, me perguntando onde ele estava e por que não tinha atendido.

E se ele tivesse ido se encontrar com o seu próprio advogado hoje de manhã? Depois da discussão de ontem no gramado dos meus pais, eu não poderia culpá-lo. Talvez ele simplesmente não quisesse falar comigo. Talvez ele quisesse me evitar por tanto tempo quanto fosse possível.

Eu quase gritei quando minha tela finalmente se iluminou e mostrou o número de Nick.

— *Finalmente.* — Sussurrei. Mas apertei o botão direito e coloquei o telefone no ouvido. — Ei. — Falei fracamente.

— Kate? — Ele parecia confuso e sem fôlego. Eu podia ouvir barulho da cidade e do vento ao fundo, como se ele tivesse acabado de sair.

Ou talvez ele já estivesse do lado de fora. Ele poderia estar trabalhando, pelo que eu sabia, e eu simplesmente o interrompi no trabalho.

— Kate? — Ele disse de novo, desta vez mais alto.

— Oi. Desculpe. Estou aqui.

Mais alguns minutos constrangedores se passaram até que ele disse.

— Ei, Kate, eu queria mesmo falar com você, especialmente, uh, sobre ontem. Mas eu estou no meio de uma coisa. Então, se não for urgente, eu provavelmente deveria deixar...

— Eu fui ver um advogado hoje de manhã. — As palavras saíram da minha boca como cobras venenosas. Eu não consegui mais manter elas dentro de mim. Elas estavam me infectando... Me matando. Eu tinha que tirá-las. Eu tinha que derramar o veneno em mais alguém.

Ele deixou escapar um som que era metade um grunhido, metade um 'huff' de surpresa.

— Um advogado.

— Eu precisava fazer alguma coisa. Eu precisava resolver isso.

Ele estava tão silencioso que se eu não pudesse ouvir o ruído ao fundo, eu pensaria que ele tinha desligado na minha cara.

— Você *precisava*...

— Eu não quero brigar com você Nick. Eu só queria que você soubesse. Foi uma ligação por educação. — Era mesmo? Por que eu precisava ligar para ele tão desesperadamente?

— Faz só seis meses. — Ele respondeu. Desta vez, sua voz era firme, resoluta. — Kate, vamos esperar mais um tempo.

Ignorei o seu pedido.

— Se dermos entrada juntos... Amigavelmente, então todo o processo vai ser mais simples e...

— Eu não vou fazer isso.

Eu estava tão chocada com a certeza em sua voz que eu tive que me sentar.

— O-o quê?

— Vá em frente e faça o que você quiser, mas eu não vou fazer isso de forma amigável.

— Por que não?

— Não importa o porquê. Você só precisa saber que eu não vou.

Eu não tinha ideia do que responder. Eu estava mais confusa do que nunca. Ele estava tentando ser um pé no saco? Ele estava tentando fazer isso o mais difícil possível?

Obviamente.

Mas *por quê*? Só para me irritar? Ou será que ele realmente achava que tinha direito a receber mais do que os cinquenta por cento que ele receberia?

Ou Kara estava certa? Será que ele realmente não queria passar por isso?

Me atrapalhei, tentando pensar em algo para dizer.

— Bem, você provavelmente deveria arranjar um advogado, então.

Sua resposta foi nítida e direta.

— Eu já tenho um advogado.

Depois de um longo minuto de silêncio, percebi que ele desligou na minha cara. Olhei para o meu telefone, atordoada e completamente em estado de choque, até que o sinal tocou e os alunos começaram a entrar na sala de aula.

Então o domingo tinha sido uma mentira? Uma última tentativa? Se ele tinha um advogado, então ele queria o divórcio.

Ele iria fazer com que a minha vida fosse tão difícil quanto possível, mas o divórcio definitivamente iria acontecer.

Com minha mente girando a mil quilômetros por hora, e minha vida pessoal em frangalhos completos, era seguro dizer que o resto da tarde foi terrível.

Capítulo doze

19. Ele está **propositadamente** fazendo a minha vida mais difícil.

Algumas semanas se passaram, e o único progresso em relação ao divórcio foi a entrega dos papéis. Eu ponderei por mais tempo que o necessário se deveria deixá-los no trabalho de Nick. Eu queria confrontá-lo por causa de sua recusa em tornar as coisas mais fáceis.

Se ele queria brincar, então a humilhação pública poderia ter algum efeito.

Mas no final eu tinha me acovardado. Eu não poderia fazer isso. Eu não poderia machucá-lo dessa forma.

Aparentemente, por mais difícil que ele fizesse a minha vida, eu ainda me preocupava com os seus sentimentos.

Meu advogado achava que isso era um obstáculo particularmente desagradável, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Então ele arranjou para que os documentos fossem entregues ao advogado de Nick - que por acaso era um dos melhores advogados de divórcio da cidade.

Eu honestamente não sabia como Nick estava pagando por seus serviços. Eu tive que poupar, economizar e controlar o meu vício por bolsas para conseguir pagar o meu. Não foi fácil.

Quando nós tínhamos nos separado, foi assustadoramente fácil dividir nossas finanças. Fechamos nossa conta conjunta no banco e cada um abriu uma para si. Ambos concordamos em deixar as nossas poucas economias guardadas, por enquanto, e eu confiava nele para não tocá-las.

Além disso, o montante era tão insignificante que se ele usasse cada centavo, eu realmente não ficaria chateada.

Embora eu nunca fosse dizer isso a ele.

A única coisa que ainda compartilhávamos era a conta do celular, que ele se ofereceu para continuar pagando até que resolvêssemos tudo

e pudéssemos seguir caminhos separados sem pagar taxas astronômicas.

De qualquer maneira, era eu quem nos sustentava, e além de empréstimos estudantis, água, luz e a nossa hipoteca, não tínhamos outras contas. Nossos pais tinham nos ajudado a mobiliar a casa e nós tínhamos acumulado posses devagar o suficiente para que não houvesse dívidas. Ele tinha o cartão de crédito dele, eu tinha o meu.

Eu sempre paguei a maioria das nossas contas, então eu tinha que ficar com a casa. Ele saiu de casa. Parecia justo que eu continuasse a pagar a hipoteca, água e luz.

Era um pouco deprimente que nossas finanças tenham sido divididas tão facilmente. Na época, eu esperava uma discussão... Ou até uma briga. Mas nós tínhamos lidado com tudo tão facilmente quanto tínhamos terminado nosso casamento.

Enquanto organizava minha sala de aula para ir embora, me perguntei como ele estava pagando o advogado. Isso estava me incomodando seriamente.

De onde o dinheiro estava vindo?

Dos pais dele?

De jeito nenhum. Eles tinham muito dinheiro, mas ele nunca iria pedir.

Pelo menos eu não acho que ele iria.

Ele estava tão desesperado para me ferrar com o divórcio que iria atrás dos seus pais...?

Eu achava que eles gostassem de mim. Talvez nossa relação tivesse sido tensa e forçada, mas não mais do que seu relacionamento com Nick. Eles nunca estiveram por perto.

Nick sempre foi o filho rebelde e selvagem que seus pais bem-sucedidos não levavam a sério. E eles sempre tinham sido parte da vida que ele educadamente tolerava. Eu achava que tinha criado uma espécie de ponte pacífica entre eles.

Aparentemente não.

Aparentemente, eles me odiavam tanto quanto Nick.

Claro, eu não tinha ouvido falar deles desde que Nick e eu nos

separamos, mas eu não achava que eles iriam querer tomar todas as minhas posses terrenas e me deixar de fora no frio.

Eles sempre tinham sido bons. Distantes, mas agradáveis.

Aparentemente distantes-mas-agradáveis significava que eles tinham internalizado algum tipo de ódio intenso por mim. Pelo menos agora, eles tinham algo em comum com Nick.

Kate Carter, unindo famílias desde 2008.

Seja bem vindo.

Se Nick estava tão desesperado para pedir dinheiro aos seus pais, então ele realmente queria me fazer sofrer.

Larguei minha garrafa térmica de café no chão quando todo meu mundo começou a girar fora de controle. Nick não poderia me odiar tanto.

Claro, nós tínhamos tido um casamento terrível, mas será que eu merecia isso? Eu era uma pessoa assim tão terrível?

— Você deixou isso cair.

Eu quase gritei com a intrusão. Saí imediatamente do meu colapso interno e pisquei, focando minha visão em Eli.

— Oh meu Deus. Você me assustou. — Pousei minha mão em meu coração vibrante e inalei oxigênio suficiente para que meu cérebro pudesse processar seu aparecimento súbito.

Ele me deu um sorriso brincalhão.

— É meio que fácil de te surpreender.

As palavras de Nick ecoaram na minha cabeça. *É ridiculamente fácil de te surpreender.*

Era mesmo?

— Desculpe. — Tentei sorrir. — Eu estava perdida nos meus pensamentos.

O sorriso de Eli ficou paciente.

— Eu imaginei.

Ele estendeu minha garrafa de café, e eu a peguei da mão dele.

— Obrigada.

— Não tem problema. — Ele mexeu seus pés enquanto eu tentava recuperar meu juízo. — Então, uh, você parecia um pouco em pânico quando entrei. Está tudo bem?

Eu concordei sem pensar.

— Tem certeza? Você está um pouco pálida. Você quer sentar?

Olhei para minha mesa conscientemente. Levei alguns minutos para descobrir o que dizer. Eu tinha problemas em desembaraçar meus pensamentos desenfreados. Finalmente, levantei meu olhar para encontrar o seu bravamente, e perguntei.

— Eu sou uma pessoa terrível?

As sobrancelhas de Eli levantaram com surpresa.

— Você está falando sério?

— Sim. — Sussurrei. — Eu só preciso saber se sou uma vadia completa. Eu não saberia dizer.

— Bem, isso deve te dizer alguma coisa. — Ele respondeu sem um pingo de diversão na voz.

— Estou falando sério. Você pode ser honesto comigo. Eu posso aguentar.

— Não. — Ele disse rapidamente. Por um segundo pensei que ele estivesse se recusando a responder minha pergunta, até que ele colocou a mão suavemente no meu ombro e continuou. — Você não é uma pessoa terrível. Você definitivamente não é uma vadia completa. Você não é nenhuma dessas coisas. Por que você pensaria isso?

Me senti um pouco melhor. Mesmo que eu não acreditasse nele totalmente, aquilo satisfez minha vaidade.

— Eu estava pensando no divórcio. — Expliquei calmamente. — De repente, Nick está se recusando a resolver tudo de forma amigável. Ele ameaçou fazer as coisas da forma mais difícil possível. Eu só... Eu estava me perguntando se ele poderia estar talvez me punindo por ter sido terrível com ele durante o casamento.

As sobrancelhas levantadas de Eli caíram e se torceram sobre a ponte do seu nariz.

— Eu pensei que você tivesse dito que esta foi uma decisão que

vocês tomaram juntos?

— Nós tomamos. Pelo menos eu pensei que nós tivéssemos tomado. Mas o comportamento dele tem sido... Confuso.

— Será que ele mudou de ideia?

— O que você quer dizer?

Eli franziu a testa.

— Será que ele não quer mais se divorciar?

Eu dei um passo para trás, me sentindo abalada e instável.

— Claro que ele quer se divorciar.

— Então por que ele está tornando as coisas mais difíceis? — A pergunta de Eli saiu com a delicadeza de um tanque rodando por cima de mim.

Eu balancei a cabeça, impotente.

— Eu não sei.

Ele não disse mais nada sobre Nick. Não havia realmente mais nada a dizer.

— Sinto muito, Eli. Tenho estado extremamente perdida nos meus próprios pensamentos desde que você entrou. Você precisa de alguma coisa?

Ele soltou uma risada nervosa e eu imediatamente me arrependi da forma como elaborei minha pergunta. Ele segurou o meu olhar e perguntou.

— Eu queria saber se você tem planos para hoje à noite.

— Hoje à noite? — Eu soei como uma idiota, repetindo o que ele tinha falado, mas estávamos no meio da semana. Em vista disso, eu esperava uma terça-feira normal...

Como se estivesse lendo os meus pensamentos, ele sorriu e disse.

— Eu não vou te manter fora de casa até tarde. Mas pensei que nós pudéssemos tomar uma xícara de café?

— Café?

— Ou qualquer outra bebida. Quer dizer, não precisa ser

necessariamente café. Em vez disso poderíamos tomar um refrigerante. Ou um chá gelado. Ou até mesmo água, se nenhum dos outros, uh, servir.

Eu percebi que repetir suas palavras estava deixando Eli nervoso. E mesmo que isso fosse completamente adorável, não era minha intenção o fazer sofrer. Eu ri, na esperança de dissipar a tensão.

— Na verdade, um café parece ótimo. Eu estou precisando de um pouco de cafeína. — E então, porque eu ainda era uma idiota e não queria que ele pensasse que a única razão pela qual eu tinha concordado em sair com era porque eu estava com sono, completei. — Vai ser divertido passar um tempo com você! — E então, porque eu não tinha certeza se isso era um encontro ou não, e eu aparentemente tinha um vício em colocar os pés pelas mãos, eu não parei de falar e disse. — Nós nunca chegamos a sair apenas nós dois!

Oh meu Deus, alguém me ataque.

Pare de falar.

A expressão de Eli me disse claramente que ele não tinha mais nem ideia do que pensar de mim, mas ele me presenteou com um sorriso gentil e acenou com a cabeça uma vez.

— Ótimo.

Eu coloquei o último dos meus papéis na bolsa e me atrapalhei com as chaves da sala de aula.

— Você tem um lugar preferido?

— Sim. — O sorriso dele veio mais naturalmente enquanto eu desliguei as luzes e caminhamos até o corredor silencioso para que eu pudesse trancar a porta atrás de mim. — Porém não é um Starbucks. Isso te incomoda?

— O quê? — Eu balancei a cabeça para ele. — Há outros lugares para tomar café além do Starbucks? Você só pode estar mentindo.

Ele riu do meu sarcasmo.

— Eu não mentiria sobre algo assim. Eu levo meu café muito a sério.

— Bem, eu nunca gostei muito desses cafés. — Acenei minha garrafa térmica de café no ar. — Eu sempre trago o meu de casa.

— Estou contente em ver que nós compartilhamos a mesma filosofia — Eli disse de forma séria.

— Não posso mentir, a minha se resume mais em estar atrasada todas as manhãs. Eu nunca tenho tempo para parar e comprar algo.

Ele jogou a cabeça para trás e riu enquanto eu admirava sua garganta. Deus, eu precisava disso. Eu precisava respirar um pouco e esquecer a loucura do meu divórcio.

Seu olhar encontrou o meu novamente, e com uma doçura que eu não sabia que ainda existia nos homens, ele respondeu.

— Posso te levar? Podemos voltar até a escola para pegar o seu carro.

Parei por um segundo, para que eu não tropeçasse na minha língua.

— Sim.

Nós conversamos sobre nossos dias e o ano letivo enquanto deixávamos minhas bolsas no meu carro e em seguida, caminhamos até o seu. Meu coração começou a bater três vezes mais rápido, e eu estava me sentindo um pouco suada.

Eli e eu éramos amigos por tanto tempo que eu não deveria me sentir tão nervosa. Eu tinha prestado atenção apenas na metade de nossa pequena conversa durante a curta viagem de carro, porque por dentro eu não conseguia parar de surtar por tempo o suficiente para me concentrar em qualquer coisa.

Todo o caminho até o café, meu estômago estava se revirando ansiosamente, minha boca estava seca e as palmas das minhas mãos estavam coçando. Eu me mexia impacientemente no banco de sua camionete, mas tentei desesperadamente não ser óbvia.

Ele com certeza já me achava louca. Eu não precisava reforçar sua opinião sobre mim.

Porém, ele me convidou para sair.

E esse era o problema, não era?

Eu tinha uma tendência de pensar em tudo demais. E assim, nos poucos momentos em que eu não estava obcecada com a minha própria vida miserável e o divórcio, eu tinha pensado em Eli, e se alguma coisa poderia acontecer entre a gente. Eu realmente não achava que ele iria

me convidar para sair tão cedo, mas eu sabia que havia química entre nós. Kara tinha dado dicas o suficiente, e eu já tinha começado a me preparar mentalmente para o dia em que ele me convidaria para sair.

Mas eu não esperava que fosse *hoje.*

Eu achava que ele iria esperar até que o divórcio saísse, e que eu estivesse separada do meu marido há mais do que seis meses. Eu pensei que iríamos continuar construindo nosso relacionamento lentamente, aproveitando primeiramente nossa amizade e em seguida, no futuro, em um futuro distante, fôssemos levados naturalmente a um envolvimento romântico.

Talvez.

Se eu em algum momento conseguisse superar meus sete anos de azar, er, meu casamento.

E, no entanto, ele me chamou para sair hoje. Justo hoje quando eu percebi que, com uma grande probabilidade, teria que passar os próximos meses tendo audiências com o meu ainda-não-ex-marido. Justo hoje quando tudo o que eu queria fazer era ir para casa, colocar os pés para cima e derramar uma garrafa de vinho em uma taça e beber de uma vez.

Talvez eu nem sequer precisasse de uma taça.

Talvez eu fosse beber direto da garrafa.

Isso parecia muito mais fácil.

Eu era uma pessoa prática.

— Você está me ouvindo? — O olhar escuro de Eli encontrou com o meu.

Arruinei qualquer aparência de interesse que eu tinha quando perguntei estupidamente.

— Huh?

Ele olhou para sua enorme xícara de café e sorriu para aquelas profundezas negras. Eli tinha me levado a uma cafeteria rústica ao estilo das montanhas, que era bonita do tipo acabei-de-atirar-em-um-cervo. Ele estava bebendo seu café amargo, preto como a meia-noite e infinito. Eu gostava de café com leite e açúcar. Eu gostava de frescuras e bebidas que não me dessem azia. Eu queria um pouco de chantilly. Muito chantilly. Quando fiz meu pedido, o caixa olhou para mim como

se eu estivesse pedindo uma ratazana líquida.

— Tem certeza? — Ele disse. Como se eu fosse reconsiderar meu pedido, e escolher ácido de bateria ao invés disso.

Mas no final das contas eu reconsiderei. Eu era muito autoconsciente para continuar com isso.

— Só um café regular então. — Murmurei. — Com um pouco de leite.

No entanto, eu não me decepcionei nenhum pouco com o ambiente. Apesar do meu início atrapalhado, Eli tinha me levado até poltronas de couro tão grandes que eu podia dobrar meus pés debaixo de mim. Agora que estávamos reclinados em nossas respectivas poltronas, conversando através do café quente, enquanto uma chuva leve caía naquela tarde de outubro sombria, eu estava mais relaxada naquele lugar - mesmo que minha bebida amarga estivesse derretendo minhas entranhas.

Só que eu arruinei aquele momento potencialmente romântico, deixando minha mente vagar.

— Sinto muito. — Eu disse a ele honestamente. — Eu só... Eu não tenho uma desculpa.

Eu estava muito envergonhada para encará-lo, mas ouvi o perdão em sua voz quando ele respondeu.

— Sim, você tem. Tem muita coisa acontecendo com você.

Levantei meu olhar timidamente.

— Eu odeio que nossas conversas sejam sempre sobre mim e os meus problemas.

— Não se desculpe. Eu gosto de falar sobre você.

Suas palavras me deixaram ruborizada, o que eu tomei como um bom sinal. Você vê? Eu estava interessada em Eli. Eu gostava dos seus elogios. Eu gostava de ter a sua atenção.

Mas então tudo isso foi arruinado quando uma onda de náusea me abateu e tive vontade de vomitar.

Engoli rapidamente meu café preto com muito creme, e dei um sorriso trêmulo.

— Obrigada por me convidar para um café, mesmo que eu tenha

estragado a conversa.

Ele me olhou por um longo momento. Algo brilhou em seus olhos, os escurecendo ligeiramente. Eu não o conhecia bem o suficiente para saber o que ele estava pensando, mas eu tinha certeza de que ele estava decepcionado.

Eu mordisquei o lábio de forma autoconsciente e tentei pensar em algo para falar.

—As suas turmas estão melhores? — Ele perguntou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Me concentrei nele.

— Um pouco. Acho que a turma do primeiro ano está tentando fazer com que eu me aposente mais cedo. Realmente cedo. Possivelmente até as férias de Natal. Mas, além disso, é principalmente brigar com os calouros para que eles se lembrem de tudo o que precisam para a aula e com os veteranos que pensam que estão se formando amanhã, em vez de em maio.

— Seu ano parece muito com o meu. — Ele riu. — Os calouros deste ano são algo especial.

— Seria de esperar que eu já soubesse como lidar com eles, já que estiveram comigo pelos últimos dois anos. Mas eles estão além de todos os limites este trimestre. Na verdade, eu tenho uma turma com calouros e veteranos, que é realmente um desafio. Eu tive que separar uma briga que começou ontem por causa de uma série da HBO. Pensei que eles iriam enviar uns aos outros para o hospital.

— Quem foi?

— Jay Allen e André Gonzalez. — Ele acenou para mim com simpatia. — Se esses dois meninos fossem capazes de unir seus egos, acho que iriam inaugurar o armagedon. Eu nunca tive esses maníacos egoístas na sala de aula ao mesmo tempo antes. Eles são incontroláveis.

Eli soltou uma gargalhada e se inclinou para frente. Seus dedos roçaram os meus, mas eu tive que ser honesta comigo mesma e dizer que não senti nem um único formigamento ou borboleta.

Era cedo demais para mim.

Isso era muito claro.

— Eles são realmente de outro mundo. — Ele concordou. — Se os

dois conseguirem chegar até a formatura, vai ser um milagre.

Isso me acalmou um pouco.

— Espero que eles cheguem. Essas duas crianças precisam de diplomas do ensino médio. Eu não quero pensar no que vai ser dos seus futuros se eles desistirem.

Ele inclinou a cabeça e os cantos de seus lábios caíram.

— Eles podem ter um futuro de qualquer maneira.

Eu inalei profundamente e apertei os lábios para não concordar com ele. Este era o preço que pagávamos como professores. Não importa se trabalhássemos em uma escola do centro da cidade ou em uma escolha particular de ricos nos subúrbios, poderíamos investir tudo o que tínhamos em nossos alunos e eles ainda assim poderiam sacrificar suas vidas depois da formatura. Nós poderíamos dar a eles todo nosso arsenal educacional, e eles ainda assim poderiam tomar decisões terríveis que arruinariam qualquer chance de um futuro com sucesso que os esperava.

Esse era o problema de se importar tão profundamente com as crianças que eu ensinava. Eu não era realmente responsável por elas. Eu não tinha controle sobre suas vidas ou sobre as decisões que eles tomavam. Eu dava, dava e dava, e em seguida, esperava, esperava e esperava que eles aprendessem alguma coisa de mim.

Eli bebeu o resto do seu café e pôs a xícara na pequena mesa que estava entre nós.

— Obrigado por sair comigo.

Agarrei minha xícara enorme e cinza com as duas mãos.

— Obrigada por me convidar.

Ficamos em silêncio por muito tempo, quando finalmente ele disse.

— Você não está pronta para isso.

Meus olhos se arregalaram e respondi rapidamente.

— O quê?

Sua voz era baixa e suave.

— Eu, uh, eu pensei que você pudesse, você sabe, estar pronta

para algo. Você não está. Está bem. Obviamente, não tem problema. Eu só entendi tudo errado. Eu queria pedir desculpas.

— Não, não é que eu não esteja pronta... Bem, eu não diria que *estou* pronta. Mas não estou... *Não* pronta. Eu só... Eu não sei... O que eu estou tentando dizer é... — Parei de falar. Aquilo não estava nos levando a lugar nenhum. Respirei fundo e encontrei seu olhar firme novamente. — Ok, talvez eu não esteja pronta.

Ele riu e eu quis morrer, exceto pelo fato de que seus olhos estavam brilhando novamente, e seu sorriso parecia genuíno.

— Você não está pronta, Kate. Me desculpe, eu te pressionei.

— Para ser honesta, eu não sabia que você estava me pressionando. Eu achei que estava... Você sabe... Pronta para seguir em frente.

— Está tudo bem. — Sua mão pousou na minha e ele a apertou. — Minhas expectativas eram irreais, eu suponho.

— Foi fácil para você seguir em frente? Quer dizer, só se passaram seis meses. Fomos casados durante sete anos. Mas eu acho que você estava casado por mais tempo do que isso, não é?

Seus olhos quentes pareciam chocolate derretido quando se encheram de simpatia por mim.

— Quando Naomi e eu nos separamos, ambos já estávamos mais do que prontos para seguir em frente. Tínhamos passado tantos anos na garganta um do outro que ansiávamos por alguma mudança, então quando finalmente nos afastamos um do outro, ambos encontramos a paz que não tínhamos conhecido por um bom tempo. Acho que isso fez com que seguir em frente fosse mais fácil.

— Oh. — Meus pensamentos desabaram. Não era o mesmo que tinha acontecido com Nick e eu? Era só eu que estava tendo dificuldade de seguir em frente?

— Isso não significa que ir a encontros é mais fácil do que era antes. Definitivamente é tão ruim quanto eu me lembrava.

Sorri para ele.

— Você quer se casar de novo? Mesmo depois do seu primeiro casamento?

Ele não hesitou.

— Definitivamente. Naomi e eu não demos certo, mas isso não significa que eu seja a pessoa errada para todas as outras, ou elas sejam erradas para mim. Há alguém lá fora para mim.

— Há *alguém* lá fora para você. — Respondi a ele honestamente. — Você é um bom homem, Eli. Sinto muito que isso não tenha dado certo.

Ele limpou a garganta e murmurou, pensativo.

— Eu também.

Me levantei depois disso. Eu não sabia mais o que dizer. Ao contrário de Eli, eu não tinha a mesma perspectiva. Meu casamento tinha me destruído. Eu não podia fazer isso comigo mesma de novo. Eu não queria.

O pensamento de sofrer tanto de novo me aterrorizava.

Eu tinha certeza que não ia sobreviver.

E francamente, eu não poderia machucar alguém de novo, como machuquei Nick.

Eli também se levantou e colocou sua mão no meu ombro, mas aquele gesto não era nada além de afeição amigável. Pelo menos da minha parte.

— Vou te levar de volta para a escola, assim você pode pegar o seu carro. — Ele ofereceu.

— Obrigada.

Nos separamos amigavelmente. Eu não acho que havia interesse o bastante por parte dele a ponto de ele ficar realmente chateado por eu querer me afastar. E honestamente, eu não sabia que queria me afastar até que saímos juntos.

Eli era todas as coisas que eu pensava que queria. Ele era preocupado. Ele era muito atencioso. Ele *tentou*. Mas mesmo com tudo isso, se eu fosse realmente honesta comigo mesma, ele era *tudo* o que eu queria, mas ainda assim não era *o que* eu queria.

Fui para casa me perguntando se as coisas teriam sido diferentes se ele tivesse me dado mais tempo, ou se eu tivesse sido mais propensa a deixar meu casamento - que eu achava que mal podia esperar para esquecer - para trás.

Me perguntei quanto tempo levaria para que eu superasse Nick. Se algum dia eu estaria pronta para seguir em frente.

Me perguntei se algum dia eu iria me curar.

Se algum dia eu iria me encontrar novamente.

Capítulo treze

20. Ele não pede **desculpa**.

Na semana seguinte era Dia das Bruxas, e eu estava no pior humor da minha vida. O divórcio não tinha avançado. Nick estava dificultando as coisas, como sempre, e eu não tinha energia para brigar com ele. Eli não tinha só parado de me perseguir; ele tinha parado com tudo. Eu senti como se tivesse perdido um amigo, o que me machucou mais do que eu estava disposta a admitir.

Na verdade, a solidão se instalou como blocos de concreto no meu tornozelo, e eu estava preocupada que se mais uma coisa desse errado na minha vida, eu me aproximaria de uma doca e me jogaria no oceano.

Eu estava sendo muito dramática?

Talvez. Mas eu também sabia que nunca tinha me sentido tão profundamente sozinha antes.

Saí de casa com dezoito anos e me mudei diretamente para o dormitório na faculdade, que compartilhei com Fiona por quatro anos. Sempre passei as férias de verão em apartamentos baratos com meus amigos. Depois da formatura, enquanto eu planejava nosso casamento, morei com meus pais. Depois, obviamente, fui morar com Nick. Bem ou mal, ele tinha sido meu companheiro de quarto por toda minha vida adulta.

Eu nunca tinha vivido sozinha. Eu realmente nunca tinha estado por minha conta antes.

Eu sabia que eventualmente iria me acostumar com isso. Inicialmente era até divertido, talvez um pouco estranho, mas na maior parte do tempo era divertido. Eu podia fazer o que quisesse sem me preocupar com outra pessoa. Mas rapidamente aquilo deixou de ser novo e divertido, e a solidão rastejou para cima de mim. Ela tinha revestido a casa que eu amava e contaminado minhas atividades.

A escola se tornou minha vida, porque quando eu saía de lá sabia que teria que ir para uma casa vazia, sem ninguém para contar sobre o

meu dia ou compartilhar meus esforços, além de Annie. E ela raramente compartilhava sua opinião.

Claro, eu tinha Kara, mas até mesmo minha melhor amiga tinha se distanciado por causa dos meus problemas. Além disso, ela tinha sua própria vida para viver. Por mais próximas que fôssemos, toda a nossa relação girava em torno do meu casamento. Ela sempre se desdobrava para atender às minhas necessidades, para sair quando eu não tinha outros planos.

Agora as coisas tinham se invertido.

Sua vida não gira em torno de mim. Eu entendia isso.

Era difícil que minha vida *estivesse* girando em torno da de outra pessoa.

Agora eu me sentia perdida. À deriva em uma tempestade no meio do mar.

Um girassol em um dia sem sol. Uma flor que não tinha luz para onde inclinar seu rosto.

Um ano atrás eu estava tão animada para o Dia das Bruxas. Realmente era um dos melhores feriados. Era muito divertido. Não havia obrigações familiares para cumprir ou presentes para comprar ou tortas para assar. Eu podia simplesmente celebrar algo sem o stress extra.

Além disso, eu sempre achei que era uma ótima maneira de começar as férias.

Até este ano.

O Dia das Bruxas caiu em um sábado, e eu não tinha planos. Nenhum.

Bem, a menos que eu considerasse o convite de Kara para ser vela no seu terceiro encontro com o cara que ela conheceu na academia.

Não, obrigada.

Eles iriam para uma festa muito divertida, e eu não conseguia reunir energia suficiente nem para colocar meus sapatos.

Ajustei minha tiara de orelhas de gato na cabeça e sentei na poltrona do hall de entrada. Uma enorme tigela de doces estava no meu colo, e eu estava usando cada gota de autocontrole que tinha disponível

para não me afundar no açúcar e inundar minha casa com embalagens vazias.

Aparentemente, eu tinha saltado da Dieta-do-Divórcio para a Dieta-de-Comer-Todo-Meu-Peso-em-Chocolate.

O que parecia realmente incrível neste momento.

A campainha tocou e dei um pulo, mesmo que eu estivesse esperando por isso. Fui até a porta e a abri, pronta para a turma do 'doces ou travessuras' que eu sabia que estaria inundando minha porta.

— Doces ou travessuras. — Nick sorriu para mim.

Tentei esconder minha surpresa, enquanto Annie dançava aos seus pés e lambia suas canelas.

— Supostamente, eu é que deveria *te* entregar os doces. — Olhei para as sacolas que ele tinha nos braços e tentei decidir se deveria ficar furiosa ou explodir em lágrimas.

Ele encolheu os ombros casualmente.

— Eu queria contribuir para a causa.

— Você não precisa.

Ele deu um passo para dentro da casa, mesmo que eu não tivesse convidado.

— Essa costumava ser a minha casa também. Eu acho que ainda não estou completamente pronto para desistir dos nossos vizinhos.

Deixei escapar um suspiro cansado.

— Ainda é sua casa. Pelo menos até que você assine os papéis.

Eu pensei que ele iria se virar e começar uma briga. Em vez disso, ele inclinou a cabeça para o lado e sorriu.

— Você é um rato?

— Eu sou um gato! — Ajustei a tiara estúpida que eu tinha pegado no posto esta manhã e tentei não fazer uma careta.

— Oh.

— O que significa isso? *Oh?* E o que você é? Um ladrão?

Ele balançou a cabeça e sorriu amplamente.

— O Hamburglar[9]. Obviamente.

— Hamburglar?

— Do McDonald's. Se lembra?

— Oh, a máscara. E o chapéu estranho. Entendi.

Ele deu outro passo até que pudesse fechar a porta atrás dele.

— Você não parece impressionada.

Eu estou me perguntando como essa roupa pode cair tão bem em você...

— Estou confusa.

— Por quê?

— Por que você está aqui, Nick?

— Essa conversa de novo? Honestamente, Katie, nós conversávamos sobre qualquer outra coisa além da minha localização quando estávamos casados?

Eu queria dar um soco nele. Em vez disso dei um passo para trás, longe dele, do seu perfume, da sua fantasia adorável e dos sacos de doce em suas mãos. Se ele podia mudar de assunto sem aviso prévio, eu também podia.

— Eu pensei que você tivesse um show hoje à noite.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não estou mais na banda, lembra?

— Definitivamente? Eu pensei que fosse só temporariamente? — Alguma coisa quente floresceu dentro de mim. E ficou mais quente, quanto mais eu olhava para ele. Cada vez mais quente, até que estivesse fervendo dentro de mim, até que virou lava, magma e a temperatura do sol.

A campainha tocou, interrompendo nossa conversa. Ele abriu a

[9] Mascote do McDonald's



porta porque estava mais perto e sorriu para as crianças pequenas, vestidas como um robô e um dinossauro, enquanto segurava Annie para trás com um pé. Ela queria atacar as crianças. Parecia que eles queriam fugir, gritando de terror.

Meu cão de guarda.

Com todos os seus nove quilos.

Nick colocou seus sacos de doces na poltrona que eu estava sentada e pegou alguns punhados de doces da minha tigela.

Fiquei ali sentada como uma idiota. *O que estava acontecendo?*

Depois que eles saíram, ele fechou a porta de tela, mas deixou a porta de madeira aberta.

— Eu não estou mais na banda, Kate. Eles encontraram outro vocalista.

— Oh meu Deus, você ficou chateado?

Ele jogou um sorriso por cima do ombro enquanto pegava mais doces para a próxima rodada de doces ou travessuras.

— Eu vendi meus amplificadores antigos e dei minha bênção a eles. Eu, uh, me aposentei.

— Você se aposentou? — Eu odiava que esse divórcio tinha me transformado em um papagaio. Eu estava perdendo a capacidade de pensar logicamente como um efeito colateral do trauma do divórcio?

Ele distribuiu mais doces enquanto eu estava ali, sem entender. Mais crianças vieram até a porta, arrastando seus pais com eles.

Enquanto eu estava lá assistindo em silêncio, Nick falou algumas merdas com nosso vizinho, discutindo coisas mais mundanas do que nunca. Nenhum deles prestou atenção em mim. Chris, nosso vizinho, nem sequer me notou. Ou, pelo menos, fingiu que não.

Depois que ficamos sozinhos novamente, tentei me concentrar nas palavras.

— Você saiu da banda?

— Eu prefiro o termo aposentar, mas sim, acho que é isso que aconteceu.

— Mas... Mas... *Por quê?*

Ele mexeu os ombros e foi a primeira vez que notei sua tensão desde que ele chegou. Suas costas estavam tensas com alguma emoção que eu acreditava ser frustração ou raiva. Mas eu não conseguia acreditar.

Eu não podia mais ler ele. Seus olhos estavam escondidos de mim, atrás de uma máscara preta. Eu não podia vê-los. Tudo que eu tinha era sua linguagem corporal, e seu corpo magro não falava muito debaixo de uma camiseta preta e branca despojada, e suas familiares calças jeans de cintura baixa. Não era uma fantasia tão elaborada, mas por algum motivo realmente tinha me encantado.

Me incomodava que ele estava tão bonito, e ainda mais, que ele tinha aparecido na minha casa com doces extras.

Ele queria fazer nosso divórcio o mais difícil possível, e minha vida um inferno. E ainda assim ele estava aqui. Desse jeito.

Não era justo.

Ele não estava sendo justo.

O calor dentro de mim se tornou uma força escaldante que realmente estava me machucando.

— Você estava certa Kate. Estava na hora.

— Eu estava certa? — Minhas palavras saíram de meus lábios com descrença. — É isso? Nós decidimos terminar as coisas e *então* você sai da banda? Você está falando sério?

Ele se virou para me encarar.

— Eu disse que você estava certa.

— Eu ouvi o que você falou! Mas por que você não poderia ter falado isso enquanto ainda estávamos casados? — Me senti sem fôlego, cega de raiva.

— Nós *ainda* estamos casados.

— *Nick!*

Ele inclinou a cabeça com arrogância e apertou a mandíbula.

— Teria importado?

— Sim! — Eu não consegui colocar convicção o suficiente na palavra, então continuei. — Talvez. — Eu dei um passo para trás,

segurando a enorme tigela de plástico com doces no meu peito. — Você poderia ter tentado! Você poderia ter pelo menos tentado!

Suas palavras eram suaves, mas não gentis. Seu tom duro zumbiu na minha pele, arrepiando os cabelos na parte de trás do meu pescoço.

— Eu tentei.

Eu mal o escutei.

— Que diferença faz agora? Por que sair da banda *agora?* Por sete anos isso foi a coisa mais importante da sua vida e agora... Não é mais? — Eu estava histérica. Estava gritando com ele como uma lunática, incapaz de controlar o volume da minha voz ou minhas emoções enlouquecidas.

— Não. Não é. Tem coisas mais importantes do que a banda.

— Mas por que você esperou para descobrir isso *agora?* Deus, é sério! Não posso acreditar. Não posso acreditar que eu tenha implorado por anos para que você saísse, para que você seguisse em frente, para que você fizesse outra coisa, e você não tenha me escutado nem uma vez. Nem uma única vez. Então nós terminamos e de repente você descobre *que existem coisas mais importantes.*

A campainha tocou, mas nenhum de nós se virou para atender. Em vez disso, Nick fechou a porta com tanta força que ela fez um barulho muito alto, direto nos rostos perplexos de algumas crianças pequenas.

Olhei freneticamente para a porta, querendo saber qual era o vizinho que eu teria que pedir desculpas amanhã. Nick deu um passo para ficar na minha frente, trazendo minha atenção de volta para ele.

— Por que você se importa Kate? Você quer se divorciar de mim, não importa o quê, então porque você se importa com o que eu estou fazendo com minha vida? Huh? Por que você se importa tanto?

— Porque sim! — Todo o ar saiu de meus pulmões e tive que me esforçar para não vacilar. Minha fúria era demais para meu corpo. Me senti como uma força da natureza, como um furacão que destrói qualquer coisa no caminho de minha raiva. — Porque é tudo o que eu queria de você! Porque eu me esforcei tanto pelo nosso casamento, em fazer as coisas funcionarem com você. E você nunca me deu nada! Você não tentou nada! E agora... Agora é tarde demais e de repente a decisão é fácil para você. Não importa que nós tenhamos brigado

incessantemente sobre isso! Não importa que eu tenha implorado, que eu tenha suplicado que você tentasse algo diferente. Não importa que eu tenha te apoiado de qualquer jeito, mesmo contra minha vontade, contra o que eu queria, só porque eu te amava e desejava que você tivesse sucesso. — Lágrimas quentes saíram dos meus olhos, caindo nas minhas bochechas e lábios. Eu não consegui impedir. Eu não conseguia mais lutar contra elas.

A ira de Nick era tão grande quanto a minha. Ele deu mais um passo para frente, e eu me forcei a não recuar ainda mais.

— Sério? Você me apoiou de qualquer jeito? — Ele soltou uma gargalhada irônica. — Então por que estamos aqui? Por que você providenciou a documentação e me chutou para fora de casa? Por que, se tudo o que você desejava para mim era o sucesso, você está aqui dormindo sozinha e eu estou vivendo no sofá do meu irmão?

Eu dei um passo para trás de qualquer maneira. Eu era uma covarde. Ou talvez sua frustração fosse tanta que me empurrou para trás. Meus ombros bateram contra a parede, e um dos meus quadros balançou ao lado da minha cabeça.

— Por que você não tentou por *mim*? Por que você não decidiu isso há seis meses?

Seus lábios pressionaram em uma linha reta antes de ele responder entre dentes.

— Eu não estava pronto.

O som que eu fiz era meio torturado, meio furioso.

— E porque agora você está?

Eu esperei por sua resposta, enquanto seus ombros sacudiam com a intensidade de sua emoção, e sua mandíbula se apertava e relaxava. Mas ele não disse nada. Em vez disso, ele me assustou pra caralho, arrancando a tigela de doces das minhas mãos e a jogando contra a parede do outro lado.

O plástico colidiu contra a parede e os doces voaram por toda a parte. Eu só tive tempo de suspirar de forma assustada antes de seus lábios se encontrarem com os meus bruscamente.

Ele me beijou como se estivesse me castigando. Ele me conhecia intimamente. Ele sabia exatamente como me beijar. Exatamente como fazer o meu corpo responder. Levou apenas um segundo para que eu

estivesse o beijando de volta.

Eu tinha tanta emoção borbulhando dentro de mim. Eu tinha passado por muitos traumas ao longo dos últimos meses, muito tempo sozinha. Eu não conseguiria negar esse beijo a Nick.

Se pelo menos tivesse parado por aí.

Mas isso não aconteceu.

Nossas bocas guerreavam entre si, sua língua perseguindo a minha, seus lábios se movendo sobre os meus com necessidade gananciosa. Tomei seu lábio inferior em uma mordida afiada, o puxando entre meus dentes e provando realmente a plenitude suave de sua boca.

Suas mãos apertaram minha cintura antes de mergulharem sob meu suéter preto. Sua pele queimava a minha; meus pulmões queimando lutavam com o esforço para respirar. Encontrei minhas próprias mãos agarrando sua camisa, a apertando em meus punhos e o segurando mais perto de mim.

Deus, isso era *muito familiar.*

Muito bom.

Fazia *muito tempo.*

Seu corpo pressionava contra o meu com uma possessividade que eu nunca tinha sentido antes. Era como se ele estivesse declarando que eu ainda era dele, que eu ainda era sua esposa.

Até que o último documento fosse assinado, eu ainda pertencia a esse homem.

E eu sabia que isso era uma coisa ruim... Que isso nos tornava completamente disfuncionais e nos transformava em um clichê constrangedor lá fora, mas eu não conseguia parar.

Eu não tinha o suficiente dele.

Eu *não queria* ter o suficiente dele.

Suas mãos se moveram sobre meu corpo, se lembrando de cada curva, cada centímetro de mim. Minha tiara de orelhas de gato caiu com um baque surdo no chão de madeira. Minha blusa veio em seguida. Ele praticamente arrancou o suéter do meu corpo, no esforço de obter mais de mim.

Eu estava igualmente desesperada para tocar seu peito. Joguei seu chapéu em algum lugar na escada, sua máscara foi a próxima e finalmente, sua camiseta.

Assim que seu peito estava nu, ele apertou seu corpo contra o meu e nós dois gememos na boca um do outro. A sensação dele, sua pele contra a minha, seu coração batendo contra o meu... Era demais. Era muito. Muito daquela doce angústia. Muito do que era bom e certo em nosso casamento.

Havia tantas razões pelas quais nós não deveríamos estar juntos.

Mas essa não era uma delas.

Essa era uma das razões pelas quais ficamos juntos por tanto tempo.

— Kate. — Ele gemeu, arrancando seus lábios dos meus para explorar meu pescoço e peito. Ele passou sua língua e dentes, beliscado o topo dos meus seios. Empurrei meu peito para cima, ansiosa para ter mais dele e ele ter mais de mim.

O gemido agudo que eu não consegui segurar o deixou no limite. Ele estava feroz, selvagem, completamente frenético de excitação e desejo. Ele empurrou seus quadris contra os meus, e meus olhos rolaram para a parte de trás da cabeça. *Deus, esse homem.*

Esse homem que eu não podia suportar.

Esse homem de quem eu estava me divorciando.

Ele trabalhou rapidamente em meu sutiã, usando seus dedos hábeis para abri-lo. Ele o arrancou dos meus braços sem um pingo de gentileza ou consideração. Era como se ele não conseguisse se conter. Como se ele não tivesse autocontrole. Sem restrições.

E sua energia não fez nada além de me deixar mais excitada.

Nossas calças vieram em seguida. Nós arrancamos os botões e as chutamos freneticamente de nossas pernas. Minhas mãos escorregaram no cós da sua cueca boxer e eu gemi novamente ao sentir esta área familiar. Minhas mãos desceram por suas pernas levando a cueca com elas, saboreando o calor delicioso do seu corpo.

Minha calcinha foi a próxima. Mas ele não a arrastou pelas minhas pernas e me tocou com reverência. Ele as rasgou; ele as empurrou para baixo e lutou desesperadamente para arrancá-las dos

meus tornozelos. Ele não estava com vontade de amável ou doce. Ele tinha necessidade, completamente perdido neste desejo feroz.

Por um instante a realidade iluminou minha mente, e eu soube que estávamos cometendo um grande erro. Tentei expressar minha objeção. Tentei lembrar a ele que não estávamos mais juntos, e que isso só iria nos confundir.

Mas era como se ele pudesse ler a minha mente. Assim que eu comecei a falar, sua boca tomou a minha novamente em outro beijo que me consumiu.

Logo, eu não consegui pensar em nada racionalmente. Não havia tal coisa como lógica ou boas escolhas.

Havia apenas ele e eu, e os nossos corpos nus.

Havia apenas o calor familiar que sempre existiu entre nós, e a intensidade escaldante enquanto nós levávamos um ao outro de uma nova maneira.

Nós já tínhamos feito sexo de reconciliação antes. Nós já tivemos grandes brigas, e usávamos o sexo para superá-las.

Mas isso era algo completamente diferente. Isso não era um pedido de desculpas. Isso era guerra. Uma guerra entre os nossos corpos, nossas vontades... Nossas almas.

Ele me tomou ali mesmo. Direito contra a parede.

Eu envolvi minhas pernas em seu corpo e ele me segurou firme enquanto me lembrava de como era o ter como marido. E ao mesmo tempo, revelou um lado dele que eu nunca tinha conhecido.

Coloquei meus braços ao redor de sua cabeça enquanto ele alternava entre beijar minha boca e meus seios. Sua barba curta raspou minha pele de uma forma familiar que eu gostava, que eu *amava*. Nossos corpos suados se moviam juntos no ritmo de algo que já tínhamos feito inúmeras vezes, mas nunca tinha sido assim.

Apesar da estranheza, ele ainda sabia exatamente o que fazer para que meu corpo respondesse ao dele. Ele sabia como me tocar. Ele sabia como se mover dentro de mim. Ele sabia o momento em que eu estava chegando ao limite.

E ele sabia como fazer o meu mundo explodir.

Gritei com o choque e a intensidade de um orgasmo como

nenhum outro. Minhas unhas cravaram em suas costas e minhas coxas apertaram sua cintura, desesperada para fazer com que esse sentimento durasse para sempre.

Ele chegou lá em seguida, enterrando seu rosto no meu pescoço e afundando os dentes na minha carne macia. O momento pareceu se prolongar, até que ele caiu contra a parede e eu desmoronei em seus braços.

Quando ele me colocou no chão, eu estava além de atordoada e ainda mais confusa. Não surpreendentemente, a raiva tinha sido toda drenada e me deixou com um desejo estranho que eu não conseguia explicar.

Pesar e desapontamento pelo meu comportamento surgiram em seguida, e eu não sabia se seria capaz de me levantar com a força daquelas emoções.

Eu queria correr e me esconder.

Eu queria chorar de novo, sem parar.

Eu esperava que fosse fazer as duas coisas.

Assim que eu descobrisse o que diabos Nick estava pensando!

— Nick...

— Não. — Ele rosnou, e a profundidade de sua voz fez com que eu calasse a minha boca imediatamente.

Ele puxou suas calças e as abotoou com movimentos furiosos. Seu olhar encontrou com o meu, e o calor por trás de seus olhos me paralisou.

Eu estava errada. Nós não precisávamos conversar.

Nós definitivamente não precisávamos conversar.

Nós nunca mais precisávamos conversar.

Nós poderíamos apenas manter a comunicação desse jeito.

Contra a parede.

Ele agarrou sua camiseta e a colocou. Ela estava do avesso, mas não seria eu que falaria isso para ele.

Fiquei ali, nua, cobrindo meus seios desajeitadamente.

— Tudo o que você está pensando agora Kate, pare.

— Eu não estou pensando em nada. — Sussurrei.

— Não minta para mim.

Seu tom era muito brutal para que eu o ignorasse.

— Tudo bem.

— Eu estou indo embora. — Sua voz tremia como se ele estivesse com dificuldade de se controlar neste exato momento, então tudo o que eu fiz foi assentir. — Eu vou te ligar amanhã.

Eu assenti novamente. Mesmo que o meu maior desejo agora era pedir para que ele não ligasse. Era pedir para que ele esquecesse o que aconteceu.

Mesmo que eu soubesse que era impossível.

Mesmo que eu soubesse que iria me lembrar daquela intensidade, daquela conexão de abalar a alma... Do desespero profundo com o qual tínhamos tomado um ao outro, até o meu último suspiro.

Eu nunca ia me esquecer disso.

E eu tinha a impressão alarmante que iria comparar esse momento em relação a cada outro momento no futuro.

Mas, caramba.

Nick deu um passo à frente, e por um segundo horrível, pensei que ele fosse me beijar novamente. Eu não suportaria. Se ele me beijasse, eu iria quebrar.

Ele pareceu perceber isso e parou.

— Eu ligo para você amanhã. — Ele repetiu enquanto cainhava até a porta.

— Ok. — Sussurrei.

Mas quando ele ligou no dia seguinte, eu não atendi.

E quando ele continuou a ligar, pelos próximos três dias, eu continuei não atendendo. Depois disso, ele não ligou de novo.

Capítulo catorze

21. Ele é completamente **imprevisível**.

A próxima vez que vi Nick foi uma semana antes do dia de Ação de Graças, na nossa primeira sessão de aconselhamento. Meu advogado tinha sugerido aceitar a ajuda de terceiros, depois que Nick permaneceu sem colaborar. Eu esperava que o aconselhamento fosse a resposta. Eu não queria ir a julgamento, e eu acreditava que Nick também não. Eu realmente acreditava que poderíamos resolver tudo de forma civilizada.

Pelo menos eu esperava que sim.

Eu tinha garantido ao Sr. Cavanaugh que Nick e eu poderíamos ser educados e maduros, mas meu advogado tinha em torno de cinquenta anos, e aparentemente já tinha o bastante de esposas amargas e maridos odiosos.

Ele não tinha a mais positiva das atitudes quando dissolução de casamentos estava em pauta.

Então, novamente, ele tinha o tipo de comportamento de quem geralmente espera o pior. Sob seu cabelo branco e desgrenhado havia uma face que nunca parecia satisfeita. As rugas profundas se espalhavam em sua testa e se reuniam nos cantos de seus olhos. Sua boca era perpetuamente voltada para baixo e seus ombros largos caídos sob seu terno barato e amassado. Ele me lembrava um cachorro de caça. Um cachorro de caça *velho*.

Mas ele conhecia as leis do divórcio e me prometeu conseguir o que eu precisava – que era um divórcio. Ele só não tinha esperança de que o processo seria fácil.

E ele provavelmente estava certo.

Eu entrei no elevador do prédio da Whitney, Boggs e Stone e ignorei o gosto de vômito em minha boca e a bile em meu estômago. Nossa primeira reunião era no escritório do advogado de Nick. E ele era imaculado.

Eu precisava de um minuto para acalmar os nervos e me

preparar para a batalha, mas as paredes de vidro e o saguão movimentado me impediram de ficar sozinha. Eu estava em exposição desde o momento em que entrei no edifício.

Não que eu realmente achasse que todas essas pessoas estavam prestando atenção em mim. Mas eu sentia como se elas estivessem. Minhas emoções estavam manipulando meu cérebro, até que eu tive que me esforçar para não esconder o rosto em minhas mãos.

Era bobagem. Especialmente quando divórcio era algo tão comum nos dias de hoje.

Mas eu me sentia completamente transparente, para todo mundo ver. Como se houvesse um sinal de néon gigante me perseguindo, piscando uma flecha em minhas costas e declarando: 'Ela está se divorciando! Ela não conseguiu fazer seu casamento funcionar! Ela é um fracasso! Ela é um fracasso! *Ela é um fracasso!*

Deus, eu precisava de uma bebida.

E talvez um pouco de terapia. Com alguém que não fosse Kara.

Olhei para os números aumentando enquanto o elevador subia, e me perguntei qual era a estatística sobre o divórcio deixar as pessoas loucas. Eu nunca tinha me preocupado com minha saúde mental antes.

Não até os últimos meses, quando até mesmo suportar meu dia a dia tinha se tornado uma luta épica.

Agora eu me sentia frágil e despedaçada. Eu me sentia a beira de perder cada gota de sanidade precária que me restava.

O elevador se abriu no décimo primeiro andar e entrei na recepção. Sr. Cavanaugh estava me esperando perto da porta, olhando para o relógio, impaciente. Notando sua aparência amarrotada, de repente eu me senti muito autoconsciente. Eu alisei minhas calças marrons com as mãos e ajustei meu suéter dourado.

Um gemido saiu de meus lábios quando percebi que entraríamos na sala de conferência igualmente amarrotados. Estávamos igualmente desgrenhados.

O que não era nada bom para nós.

Nick tinha sido legal o suficiente para agendar nosso aconselhamento depois do horário escolar, e eu vim direto para cá. Passei o dia inteiro evitando manchas de mostarda e café. Eu quase não

tinha conseguido escapar de uma barra de Twix voadora à tarde, mas apesar de tudo, saí da escola ilesa.

Ainda assim, passei o dia inteiro com essas roupas. Eu dificilmente estava no meu melhor. E eu odiava o tanto que isso me incomodou.

Eu odiava não porque eu queria parecer profissional ou adulta. Eu odiava porque eu queria parecer bem para que Nick pudesse ver o que ele estava perdendo. Eu queria que se arrependesse disso... Se arrependesse de me perder.

E eu queria que ele reconhecesse a mulher da qual ele não conseguiu manter as suas mãos longe, há três semanas.

Eu era doente.

Tinha alguma coisa de errado comigo.

— Sra. Carter. — Meu advogado cumprimentou, infeliz.

— Sr. Cavanaugh, espero que você não esteja esperando por muito tempo.

Ele fez um grunhindo, eu não sabia como interpretar.

— Eles estão nos esperando. — Seu braço enrugado fez sinal em direção a um corredor. — Por aqui.

O segui pelo corredor até virar a esquina, e encontramos Nick encostado no batente da porta que eu podia ver que levava à sala de conferências. Nervos tomaram conta do meu corpo. Começou no topo da minha cabeça e inundou todo o meu ser com arrepios e um suor frio.

Eu não deveria estar aqui.

Não, espere. Era exatamente por isso que eu estava aqui.

Eu tinha que o enfrentar.

Eu tinha que acabar com isso.

Meu coração se apertou com suas sobrancelhas franzidas e a preocupação feroz em seus olhos azuis. Oh, Deus, por que eu tinha desejado que eles voltassem à vida? Por que eu tinha esperado que ele fosse me ver novamente? Eu deveria ter desejado que seu olhar continuasse sem vida.

Pelo menos em torno de mim.

Era demais.

Ele era demais.

— Está tudo bem Sra. Carter? — A mão do Sr. Cavanaugh caiu com um baque sob meu ombro. — Sra. Carter? Kate?

Pisquei até meu advogado voltar ao foco.

— Huh?

— Você está bem? — Ele repetiu.

Coragem, exigi do meu corpo. *Força,* sussurrei desesperadamente.

— Por que não eu estaria?

Suas rugas na testa triplicaram com preocupação.

— Você parou de caminhar.

Minha fachada corajosa estremeceu.

— Eu, uh, eu... Eu pensei que estivesse pronta para isso, mas...

Ele se inclinou e eu tentei não enrugar o nariz por causa do seu perfume. No entanto, aquilo foi o suficiente para me tirar do torpor induzido por Nick.

— Ele não pode tirar nada de você a menos que você deixe, Sra. Carter. Nós vamos lutar até o último suspiro se for necessário.

Deixei escapar um suspiro trêmulo e assenti, embora eu soubesse que suas palavras eram uma mentira. Nick não precisava esperar para tirar algo de mim. Ele já tinha tirado o suficiente.

Tinha tirado de mais.

Minha felicidade. Meu coração. Minha alma.

Então, por que ver ele me machucava fisicamente? Por que eu tinha uma compulsão quase inegável de me lançar em seus braços e nunca o deixar ir?

A mão do Sr. Cavanaugh caiu até meu cotovelo, e ele me arrastou para frente. Não demorou muito antes atingirmos um ritmo acelerado, correndo em direção à sala de conferências como se nós mal pudéssemos esperar para estar lá.

Eu inalei profundamente e segurei a respiração enquanto

passávamos por Nick. O Sr. Cavanaugh se afastou para deixar que eu entrasse primeiro, e eu esperava que pudesse cruzar por Nick sem incidentes.

Ele estendeu sua mão e agarrou meu pulso.

— Nós precisamos conversar. — Ele disse em voz baixa, rouca.

Eu balancei a cabeça, para que ele soubesse que não iríamos discutir qualquer outra coisa além de nossas razões para estar aqui.

— É por isso que estamos aqui, não é? Nós vamos falar sobre isso de forma madura. Nós vamos agir como adultos.

— Dois minutos. — Ele exigiu. — Eu preciso de dois minutos. — Ele puxou sua orelha com a mão livre e minha tenacidade foi drenada para fora. Ele não estava sendo justo.

A palavra estava na ponta da minha língua para concordar. Não era só ele que queria dizer alguma coisa sobre a outra noite. Eu precisava ter certeza de que ele sabia que tinha sido uma única vez.

Eu precisava que ele reconhecesse que foi um erro.

Eu estava com medo deste momento. Do momento em que eu estaria diante dele e começasse a questionar a minha vontade própria.

— Kate? — Meu advogado chamou atrás de mim. — Precisamos começar.

Os olhos safira de Nick se lançaram na direção do meu advogado.

— Ela está pagando por hora não está? Cobre ela.

Cobre ela? Espere um segundo...

— Muito charmoso. — Sr. Cavanaugh murmurou.

— Vamos acabar com isso, Nick. Eu não quero estar aqui mais do que você.

Ele ficou ereto e fixou seu olhar de aço em mim.

— Sim, mas nossas razões não poderiam ser mais diferentes.

De repente, minha boca parecia uma lixa. Deus, desde quando ele tinha começado a falar em código? Por que não isso não podia ser fácil?

Ou, pelo menos, mais fácil?

Entrei na sala de conferências e fechei os olhos contra a frieza doce que encontrou meu rosto. Esta sala estava extremamente gelada, e embora o frio de novembro já estivesse virando gelo, eu estava excessivamente aquecida desde que entrei neste edifício.

Sério, eu estava no limite aqui. Toda essa energia nervosa me trouxe ondas de calor direto do inferno.

O advogado de Nick era jovem e atraente. Ele exalava uma energia que fez com que eu me sentisse um peixinho no meio de um oceano infestado por tubarões, e eu sabia que ele era bom no que fazia antes mesmo de ele abrir a boca.

A sala de conferências combinava com ele. Uma enorme mesa reluzente estava no meio da sala, cercada por altas e confortáveis cadeiras de couro. As janelas iam do chão ao teto e tomavam uma parede inteira, ostentando uma bela vista da cidade e do tráfego intenso logo abaixo.

Voltei a olhar para o bom e velho Sr. Cavanaugh e percebi que ele não tinha me falado seu primeiro nome. Eu sabia seu primeiro nome desde que pesquisei suas referências, mas ele me pediu para chamá-lo especificamente de Sr. Cavanaugh.

Nick estava, sem dúvidas, em uma relação de 'primeiro nome' com seu advogado. Eles provavelmente iam jogar golfe aos sábados, porque esse era o tipo de serviço que este escritório fornecia. Então Nick receberia uma conta de seis mil dólares pelo correio, e um convite para jogarem novamente.

Eu odiei o cara antes mesmo de ele projetar sua mão para frente e se apresentar como Ryan Templeton.

— Kate Carter. — Eu respondi e graciosamente afastei minha mão da dele.

— Normalmente eu diria que é um prazer te conhecer Kate, mas...

— Não é. — Terminei a frase para ele.

O sorriso dele revelou que ele estava acostumado a receber essa resposta. Ele acenou para que eu sentasse em uma das cadeiras, e eu sentei rapidamente, assim não teria que ficar de conversinha com ele.

— Eu só vou avisar Marty que estamos prontos.

Marty Furbish era o homem contratado como mediador. Ele foi

altamente recomendado pelo Sr. Cavanaugh, e aparentemente, o advogado de Nick tinha concordado. Eu esperava que ele fosse tão bom quanto o seu nome. Eu tinha um sentimento de que iria precisar de toda a ajuda possível hoje.

O Sr. Cavanaugh sentou-se ao meu lado e abriu sua maleta em cima da mesa para tirar os documentos que precisávamos. Ele me entregou um bloco de notas e uma caneta, e disse que eu poderia tomar minhas próprias notas se quisesse.

Eu achei prestativo da parte dele. Imediatamente rabisquei meu nome e a data de hoje no canto direito. Hábito de professora.

Nick sentou na cadeira diretamente à minha frente, e minha respiração ficou um pouco mais relaxada com a grande mesa entre nós. Ryan guiou Marty Furbish pela sala, indicou seu lugar na cabeceira da mesa, e em seguida, se sentou ao lado de Nick.

Estávamos oficialmente prontos para começar.

O início do processo foi extremamente entediante. Foram muitos termos jurídicos e uma longa releitura de tudo o que eu já sabia. Eu era a autora, pedindo o divórcio ou dissolução do casamento. Nick tinha decidido ser um idiota e fazer as coisas tão difíceis quanto fosse possível e assim por diante, assim por diante.

Ryan deslizou até minhas mãos uma lista detalhada de todos os bens materiais que Nick considerava seus.

— Além dos itens que listamos aqui, que meu cliente alega serem seus... — Comecei a ler todos lentamente, assinalando com aprovação relutante. — Meu cliente também gostaria de obter a propriedade plena da casa. A Sra. Carter pode voluntariamente desistir da sua parte ou vender cinquenta por cento do valor...

— O quê? — Meu olhar assassino encontrou com o de Nick, e se olhares pudessem matar, eu não precisaria pedir o divórcio, eu seria capaz de requerer um seguro de vida.

Nem seu olhar, nem sua voz vacilaram.

— Eu quero a casa, Katie.

— Mas você não pode pagar a casa!

— Eu posso.

— Você não pode.

— Eu posso.

— Você esqueceu que eu sei o quanto você ganha, Nick. Você não pode pagar a casa! Além disso, você já concordou em deixar ela comigo!

O Sr. Cavanaugh tentou me acalmar.

— Sra. Carter, se você puder...

A voz de Nick se sobressaiu à do Sr. Cavanaugh.

— Você não tem ideia do quanto eu ganho, Kate. Você nem sequer sabe onde eu trabalho.

O tom de Ryan se sobrepôs ao dos dois.

— Se você dar uma olhada neste documento acho que vai perceber que o meu cliente é perfeitamente capaz de pagar a casa e todos os custos relacionados a ela.

Olhei para o pedaço de papel que Ryan me entregou. Analisei os números e figuras dispostas diante de mim. Aquilo não fazia sentido. Olhei para os dados insensatamente, me odiando por estar à beira das lágrimas novamente... Odiando por me sentir tão estúpida, porque eu não conseguia compreendê-los.

A sala ficou em silêncio enquanto eu absorvia o novo salário de Nick.

Finalmente, com uma gentileza que eu não merecia, ele explicou.

— Eu tenho um novo emprego.

— Eu estou vendo. — Me odiando por ter sido rude quando ele tinha sido tão legal comigo, levantei meus olhos e encontrei os seus. — Onde?

— Em uma gravadora.

— Em uma gravadora?

— Thrash e Sway. — Ele continuou suavemente. — Eles são uma gravadora nova no mercado...

— Eu sei quem eles são. — Eu sabia mesmo. Eu tinha sido casada com Nick por tempo suficiente para ter uma ideia de quem era quem na indústria da música de Chicago. Thrash e Sway Productions era um sonho para Nick. Eles agenciavam o tipo de banda que ele participava, focavam na cena indie e tinham um futuro promissor. —

Então você está trabalhando lá?

Seu sorriso era um pouco autodepreciativo quando ele respondeu.

— Eu comecei como estagiário. Busquei muito café. E eu quero dizer muito café mesmo. Fui promovido a assistente logo depois que comecei, e comecei a receber um salário de verdade. Pensei que ia ficar lá só por um tempo, mas recentemente tenho trabalhado com Mike Stanson; ele é produtor e diretor, e faz algumas outras coisas também... De qualquer maneira, eles me promoveram para o cargo de olheiro recentemente.

— É um trabalho dos sonhos para você. — Minhas palavras saíram em um sussurro. Eu não conseguia respirar por causa da bola em minha garganta, as lágrimas começaram a brotar dentro de mim, ameaçando inundar a sala. Talvez todo o prédio e escritórios.

Me senti traída. Me senti enganada. Me senti... Pisada.

Não, *pisoteada.*

Isso era tudo o que eu queria para ele. Isso foi tudo o que desejei por anos para ele. Eu nunca quis que ele se afastasse da música completamente. Eu só... Eu não queria mais as madrugadas. Os fins de semana cheios de shows em lugares de merda que não eram remunerados. Eu estava cansada das meninas se jogando em cima dele, e do cheiro de fumaça e bebida. Eu estava cansada de olhar para o seu rosto quando ele voltava para casa... Aquele que me dizia que ele merecia mais.

Aquele que me machucava tão profundamente que eu achava que iria morrer ali mesmo, no chão do nosso quarto.

— É. — Sua voz era igualmente baixa.

Minha visão ficou borrada quando as lágrimas emergiram para a superfície. Eu pisquei rapidamente, tentando desesperadamente mantê-las afastadas.

— Kate. — Ele sussurrou. — Eu não fiz isso para te machucar.

— Mas você me machucou de qualquer maneira.

— Podemos continuar? — A voz suave de Ryan penetrou o ar abafado, e fiquei ereta no meu lugar.

Eu tinha esquecido que havia outras pessoas na sala. Bati em minha bochecha com a palma da mão e me esforcei para me recompor.

— Vamos embora. — Nick sugeriu. — Vamos dar um tempo para ela pensar sobre isso.

— Eu não tenho nada para pensar. — Minha voz tremeu, mas havia aço por trás dela. Frieza. Eu não ia recuar.

Aquela era a minha casa.

Aquela era a única coisa bonita que eu ia ter depois disso tudo.

— Certo, vamos retomar o foco. — Ryan murmurou sarcasticamente. — O próximo tópico, guarda compartilhada. — Ele deslizou mais papéis na minha direção.

— A guarda compartilhada de *quê*? — Pisquei para outros papéis que eu não entendi.

Ryan não parecia tão confuso.

— Da criança.

— *Que criança?* — Minha raiva e mágoa rapidamente ficaram fora de controle. Honestamente, do que diabos ele estava falando? Seria possível que Nick estivesse casado com outra pessoa? E eles também estivessem passando por um divórcio? E tinham tido um filho?

E que os papéis daquele divórcio tinham de alguma forma se misturado com os do meu divórcio???

Porque essa era a *única* explicação que fazia sentido aqui.

— A criança da qual você pode estar potencialmente grávida. — Ryan explicou de forma concisa.

— A criança... *O quê?!* — Deslizei para frente na minha cadeira, quase caindo para fora.

Senti o olhar duro de Ryan em mim, mas eu não conseguia ver nada. Sua voz ficou mais dura quando ele perguntou.

— Você teve ou não teve relações sexuais com o meu cliente recentemente? Recentemente do tipo, a menos de vinte dias atrás?

— Eu... Eu... Eu...

Ryan não tinha terminado.

— E você usou ou não usou algum contraceptivo, ou tomou medidas preventivas?

Eu fechei meus olhos e esfreguei minha testa com a palma da mão. Oh meu Deus. Isso não poderia estar acontecer. *Isso não poderia estar acontecendo.*

Mantive os olhos bem fechados, porque eu não conseguiria olhar para qualquer um desses homens no momento, e comecei a gaguejar.

— Quer dizer, eu acho... — Aquela noite brilhou em minha mente. O corpo de Nick contra o meu. Seu corpo nu contra o meu igualmente nu. O calor em meu corpo, fervendo com intensidade. Senti cada centímetro da minha pele ficar vermelho brilhante. A boca de Nick na minha. Suas mãos em cima de mim, me dando o que eu queria... O que eu precisava. Nick dentro de mim, me fazendo sua de novo... Provando que eu nunca tinha sido nada além de sua. — Oh, Deus. — Engoli em seco e abri os olhos para escapar das imagens vívidas que não estavam fazendo nada para suavizar meu rubor. Encontrei o olhar de Nick imediatamente, com uma expressão de satisfação e um sorriso perverso nos lábios. Aquele bastardo arrogante! — Não, eu não estou grávida! — Eu praticamente gritei. O Sr. Cavanaugh me cutucou nas costelas. Eu tinha surpreendido ele.

— Você tomou todas as medidas para evitar uma gravidez? — Ryan perguntou novamente.

— Não. — Eu respondi. Nós não tínhamos tomado medidas para evitar uma gravidez por mais de dois anos.

— Então você pode estar errada. — Concluiu Ryan.

Levantei meu olhar e o encarei.

— Eu *estou* certa. Nós não precisamos evitar uma gravidez, porque eu não posso engravidar.

Ryan levantou uma de suas sobrancelhas, e eu sabia que essa pergunta tinha sido induzida por Nick. Quer dizer, eu não podia provar, mas se eu tivesse que apostar minha vida, diria que ela veio diretamente dele.

— Isso é um diagnóstico médico?

Perdi completamente minha cabeça, levantei da minha cadeira e fiquei em pé.

— É um diagnóstico do tipo que nós tentamos engravidar por mais de dois anos e nunca conseguimos! Sim, é um maldito diagnóstico. Eu não estou grávida! — Eu estava com tanta raiva que

meu corpo começou a tremer. Pressionei minha mandíbula com tanta força que eu tinha certeza que quebraria alguns dentes. Voltei minha atenção para Nick. — Como você se atreve. — Ele abriu a boca como se quisesse responder, mas eu falei novamente. — Como você se *atreve*.

Ele também ficou de pé e me encarou, olho-no-olho. Ele se inclinou para frente de forma ameaçadora e apoiou as duas mãos sobre a mesa. Marty Furbish, que não tinha falado absolutamente nada até agora, tentou nos acalmar balançando suas mãos. Eu o ignorei. Eu ignorei todos na sala, exceto meu futuro ex-marido.

Com uma voz áspera que parecia um soco, Nick argumentou.

— A verdade é, *Katie,* que nós *não* usamos proteção. E eu não vou abrir mãos dos direitos que tenho sobre o *meu* filho, ignorando a possibilidade muito real de você estar grávida.

Também me inclinei para frente, sentindo como se eu estivesse prestes a cuspir veneno.

— Tudo bem, Nick. Se você quer acreditar que eu posso estar grávida, então bom para você. Mas além de me humilhar, não sei por que você sentiu a necessidade de falar sobre isso agora, antes mesmo de nós sabermos se isso é ou não verdade! Eu *nunca* iria te afastar do seu filho! Eu nunca iria tirar seus direitos de pai!

Nick olhou para mim, seus olhos penetrantes mais profundos do que eu pensava ser possível. Ele levantou uma sobrancelha de forma zombeteira para mim, me desafiando. Ele não confiava em mim. Ele não confiava que eu daria permissão para ele ver o nosso filho. Se nós tivéssemos um.

O que nós não teríamos.

Era impossível.

Minhas mãos pousaram no meu estômago, e eu tive que lutar com todas as minhas forças para não desmoronar na frente dessas pessoas. Eles não tinham ideia do isso significava para mim, o quanto isso tinha me machucado.

Eles viam duas pessoas agindo como loucas, mas eles não entendiam como as acusações de Nick eram dolorosas.

Ter um bebê era a coisa que eu mais desejava na vida. Eu não queria nada além de minhas noites sendo interrompidas por mamadas e meus braços preenchidos com alguém parecido com Nick ou comigo.

Meu coração sofria com a necessidade. Meus ossos doíam e meu espírito se quebrava com a frustração e a decepção de não ser capaz de engravidar.

Isso era o mais baixo que ele poderia ir.

Isso era o limite.

Fiquei ereta e funguei.

— Já chega. — Comecei a recolher os meus papéis. — Terminamos por hoje. Nós vamos ter que remarcar.

Ryan tentou argumentar.

— Mas nós nem...

O Sr. Cavanaugh saltou em minha defesa.

— É uma ótima ideia, Sra. Carter. — Ele voltou sua atenção para Ryan. — Nós vamos entrar em contato para remarcar.

Ryan olhou de forma selvagem para Nick.

— Está tudo bem. — Nick assentiu. — É o bastante por um dia.

Meu queixo tremia com o esforço para conter as lágrimas. Engoli em seco e passei a mão no canto do olho.

Dei um passo para trás e coloquei suavemente a cadeira de couro de volta no seu lugar.

— Tem mais um tópico que ainda não discutimos. — A voz fria de Ryan me paralisou antes que eu pudesse sair da sala. — Eu acho que é do seu interesse que seja discutido agora. Dessa forma, você pode pensar em todas as exigências.

Minhas palavras tinham gosto de areia e terra.

— E o que é?

— O cachorro, Sra. Carter. — Ryan respondeu friamente. — Meu cliente gostaria de ter a propriedade do cachorro.

Eu vi vermelho. Minha visão literalmente se cobriu de vermelho vivo e pensei por um segundo que eu voaria sobre a mesa e sufocaria Nick. Eu não conseguia sequer ver o rosto dele quando respondi. Eu não conseguia ver nada, além de vermelho, violência e fúria.

— Foda-se. — E com essa resposta graciosa e elegante, saí da

sala de conferências e do prédio. Se eu tivesse para onde ir longe de Chicago, eu teria saído do estado também.

Em vez disso, voltei para minha casa e me arrastei para a cama sem trocar de roupa ou até mesmo tirar o casaco. Annie subiu na cama comigo, e com uma doçura que só ela tinha, lambeu meu nariz e colocou sua pequena cabeça na minha mão. Foi quando eu finalmente desabei. Completamente.

Eu a segurei perto do peito enquanto ela deixou e chorei, não, *solucei* até o sol nascer.

Deus, eu odiava o divórcio.

Capítulo quinze

22. É **tarde demais** para nós dois.

— Estou atrasada? — Kara jogou o casaco na cadeira vazia entre nós e colocou a bolsa no chão. Suas bochechas pálidas estavam rosadas por causa do vento tempestuoso lá fora e seu cabelo estava selvagem depois da curta caminhada até o café.

Um Starbucks. Não o café alternativo de uma realidade paralela que fui com Eli.

— Não, eu cheguei mais cedo. — Sorri para ela, mas meu rosto parecia estranhamente esticado e desconfortável.

O barista no final do balcão chamou seu nome, e ela me deixou por um momento para pegar seu macchiato gigante. Ela se sentou um minuto depois, levantando a mão para que eu ficasse quieta enquanto ela tomava o primeiro gole da sua bebida.

Meu sorriso desta vez foi pequeno, mas natural.

— Você parece mal pra caralho. — Ela murmurou.

— Eu me sinto mal pra caralho.

— Como foi o dia de Ação de Graças?

Lembrei como tinha sido o dia de ontem na casa dos meus pais. Josh e Emily não estavam lá. Eles viajaram para passar a semana na casa dos pais de Emily, em Minnesota. Foram seis horas estranhas. Meu pai tinha passado o dia inteiro assistindo jogos de futebol e minha mãe tinha passado o dia inteiro tentando me dar comida e me interrogando sobre Nick.

O peru demorou duas horas a mais do que deveria para ficar pronto e minha torta não tinha dado certo - um fato que minha mãe não pôde deixar de apontar. Mais do que uma vez.

— Horrível. — Eu finalmente disse para Kara. — Como foi o seu?

— Igualmente terrível. Ano que vem vamos fazer nossa própria

celebração. Vamos iniciar novas tradições, bebendo vinho o dia todo e usando moletom.

Me animei um pouco.

— Isso parece incrível. Somos adultas, afinal de contas. Temos de ser capazes de aproveitar o dia como nós queremos.

Ela também se endireitou.

— Só porque não temos nossas próprias famílias, não significa que temos de ser entregues ao sofrimento com nossos pais em todos os feriados. Por que não fazer o que nós queremos?

Meu espírito crescente teve uma queda acentuada, e pensei que fosse vomitar. Eu não queria tornar isso algo sobre mim. Eu não queria gastar toda nossa Black Friday psicanalisando minha depressão. Mas eu não consegui formar as palavras.

Eu não consegui fazer qualquer coisa sair da minha boca.

Kara notou minha mudança de humor imediatamente.

— Sinto muito. — Ela sussurrou. — Eu não estava tentando te insultar.

— Você não me insultou. — Corri para assegurá-la. — É só que... Eu costumava ter uma família, sabe? Ela não era lá essas coisas, mas era minha. E agora... Agora eu não sei. É estranho. É, uh, surreal. Eu não tenho certeza se compreendo totalmente o conceito de estar sozinha de novo.

— Oh, querida. — Kara suspirou. — Você ainda não tem que entender nada disso. E juro que não estava tentando esfregar isso na sua cara. Eu simplesmente não pensei antes.

— Eu sei. Deus, eu sinto muito. Eu odeio ser tão egoísta. Sei que você já está cansada de tudo isso, mas eu simplesmente não consigo parar. Pensei que ia ficar mais fácil... Em vez disso, só parece ficar cada vez mais difícil.

— Eu não estou cansada de você. — Kara me assegurou. Ela colocou seu cabelo vermelho selvagem para longe do rosto e se inclinou para mim. — Na verdade, eu te entendo mais do que você pensa.

— O que você quer dizer?

— Eu nunca te disse isso antes porque, bem, honestamente, eu

realmente não falei para ninguém há um bom tempo... É difícil falar. *Realmente difícil.* Eu não deveria ter escondido isso de você. É só que... Eu não conseguia dizer as palavras — A observei atentamente, com medo de que qualquer mudança na minha expressão iria assustá-la. Eu não tinha ideia do que ela iria dizer, mas sabia que era algo importante. Finalmente, depois de uma longa pausa que ela parecia precisar para se recompor, ela disse calmamente: — Eu, uh, eu já fui casada.

— Espera aí, *o quê?* — Deslizei para frente da minha cadeira, até que eu fiquei empoleirada na beirada. Kara nunca sequer tinha feito alusão a um casamento antes. Eu sabia que ela tinha sérios problemas com homens, mas eu *nunca* imaginei que fosse por causa de um casamento! Inalei profundamente e tive a péssima sensação de que não conhecia realmente minha melhor amiga, que ela era um grande mistério, como o resto do mundo.

— Não olhe para mim desse jeito. — Ela resmungou. — Não é como se eu não confiasse em você ou quisesse manter isso em segredo, é só que... Bem, é embaraçoso! Eu tento não pensar sobre isso, muito menos falar sobre isso. Além do mais, foi há muito tempo e não tem nada a ver com quem sou hoje.

— Com certeza tem algo a ver com quem você é hoje. — Argumentei.

Sua expressão se amassou, e me dei conta de que toda a sua bravata era exatamente isso... Apenas uma demonstração de bravura para esconder seus machucados do passado... Sua agonia do passado.

— Você está certa. — Ela suspirou. — Tem sim. Mas estou falando sério quando digo que foi há muito tempo atrás. Eu sou uma pessoa diferente hoje em dia. Segui em frente com a minha vida. Eu literalmente construí uma nova vida. Eu só queria que você soubesse que eu realmente entendo o que você está passando. E também sei que vai ficar melhor... Que não vai te machucar assim para sempre.

— O que aconteceu? Me conte, por favor?

Ela revirou os olhos para meu tom suave, mas se mexeu de uma maneira que me deixasse saber que ela estava se preparando para uma conversa que não queria ter, mas teria por mim.

— Você sabe que eu tenho uma... Relação precária com os meus pais? — Ela levantou as sobrancelhas, esperando que eu concordasse. Assenti, e ela continuou. — Eles sempre foram arrogantes, completamente impossíveis. Desde que me lembro, eles sempre

quiseram... Me controlar. Sempre foi difícil conviver com suas expectativas, especialmente durante o ensino médio e mais ainda quando eles começaram a decidir o meu futuro e como eles gostariam que eu vivesse. Eles tinham certas demandas que queriam que eu cumprisse, e eu só queria, sei lá, ser uma criança... Ser livre. Eu só queria viver longe do controle deles.

Ela parou por um instante, parecendo perdida no passado. Estendi a mão e apertei a dela. Era um movimento suave e de simpatia da minha parte, mas ela se afastou do meu contato, afastando qualquer memória que tivesse a aprisionado momentaneamente.

— Naturalmente... — Ela continuou. — Agarrei a primeira oportunidade de ficar longe deles. Essa oportunidade veio na forma de Marcus Henry, meu namorado da escola. Nós estávamos tão apaixonados. Sério Kate, você não teria sequer me reconhecido. Eu estava fora de controle. O mundo girava em torno de Marcus. O sol nascia e se punha com ele. E quando ele quis casar, assim que saímos da escola, nem sequer pensei duas vezes. Eu vi uma oportunidade de ficar longe dos meus pais e como bônus eu estaria casada com o homem dos meus sonhos.

— Você se casou com dezoito anos? E eu achava que *eu* tinha me casado jovem! Puta merda, Kara!

Ela deixou seu rosto cair em suas mãos.

— Eu sei. — Ela gemeu. — É embaraçoso. Não tenho ideia do que eu estava pensando. E olhando para trás agora, percebo como eu era estúpida. Eu não estava apaixonada, eu estava enfeitiçada. E não havia nada entre nós para qualquer coisa duradoura.

— O que aconteceu?

— Bem, nós nos casamos sem que meus pais soubessem. Nós simplesmente fomos até o cartório e casamos. Eu nem sequer mudei o meu nome. Eu nem sequer sabia que precisava! Pensei que fosse algo automático.

Sorri para a versão de dezoito anos de idade da minha amiga.

— De qualquer forma, meus pais ficaram furiosos, como você pode imaginar. Não, eles ficaram além de furiosos. Nunca na minha vida eu os vi tão indignados. Eles me cortaram completamente e pela primeira vez na minha vida, fui apresentada ao mundo real. Marcus ficou igualmente furioso. Aparentemente, seu plano de garoto

apaixonado incluía viver da riqueza dos meus pais. Seus pais eram um pouco mais indulgentes e nos deixaram morar no porão da casa deles, mas não podiam nos ajudar muito mais do que isso. Todos nossos planos para faculdade foram abandonados quando começamos a trabalhar em empregos de tempo integral que pagavam pouco e no meio disso, tentávamos levar nossas vidas como recém-casados. Meus pais são loucos, não me interprete mal. Mas eu tinha um futuro promissor, mesmo que não fosse o que eu teria escolhido. De repente eu estava diante de uma vida que eu não queria com um menino que eu não amava... Eu não tinha nem mais certeza se sequer gostava dele.

— Levou exatamente dezoito meses para que decidíssemos que nenhum de nós estava disposto a lutar pela felicidade em um casamento infeliz que estava indo a lugar nenhum. E então... Então ele começou a me trair. Ele nem sequer tentava esconder. Acho que ele queria que eu soubesse ou descobrisse. Acho que ele queria desistir, mas não queria ser o responsável por terminar tudo. Não que ele também não fosse responsável. Mas ele era assim. Ele nunca assumia a responsabilidade pelos seus erros. Ele não conseguia ficar em um emprego pelo mesmo motivo. Eu aguentei as traições por mais tempo do que deveria. Não sei por quê. Eu sabia que minha vida estava tão no fundo do poço quanto era possível, mas estava com medo do que mais poderia acontecer se eu o deixasse. Pelo menos com Marcus, eu tinha um teto sobre minha cabeça.

Meu coração se partiu por minha amiga. Eu queria dar um abraço nela, mas percebi que não deveria tocá-la no momento. Ela estava com as costas rígidas e os ombros dolorosamente tensos. Ela estava por um fio. Se eu fizesse qualquer coisa, ela iria desabar.

— O que você fez? — Perguntei cuidadosamente.

— A única coisa que eu jurei nunca fazer. — Ela me deu um sorriso triste e derrotado. — Voltei para a casa dos meus pais. Implorei por seu perdão e por sua ajuda.

— E eles te deram. — Concluí. Hoje em dia ela conversava com eles, mas parecia muito contra sua vontade.

— Eles deram. — Ela confirmou. — Eles me ajudaram com o divórcio, ou melhor, a *anulação*. Eles deixaram que eu voltasse a morar com eles. Na verdade, depois que voltei a morar com eles, nunca mais vi Marcus, exceto pela última vez no tribunal. Eles buscaram minhas coisas na casa dele e assinaram todos os documentos que precisavam ser assinados ou qualquer coisa do tipo. Eles me salvaram. E então,

pagaram minha faculdade. Eles me ajudaram a seguir em frente, como se eu nunca tivesse os deixado.

Sentindo o que a ajuda deles tinha custado, sussurrei.

— Eu sinto muito.

Ela acenou para meu pedido de desculpas como se não fosse necessário.

— Eu fiz o que queria, afinal de contas. Eles acharam que eu abriria uma clínica depois de me formar, algo que eles pudessem se gabar para os amigos do clube de pais e recomendar para todas as esposas troféu miseráveis que conheciam. Eles nunca imaginaram toda a coisa de conselheira orientadora em uma escola no centro da cidade. Isso ainda os deixa irritados.

Nós compartilhamos um sorriso vitorioso.

— E eu me perguntava por que você parece muito mais velha do que eu.

Ela mostrou a língua.

— Só três anos. Não é como se eu fosse aposentada.

— Obrigada por me contar tudo isso.

Ela encolheu os ombros timidamente.

— Eu só queria que você soubesse que falo sério quando digo que vai ficar melhor. Dói. Deus, dói. Mas não vai ser assim para sempre.

— Eu precisava ouvir isso. Continue falando. Não pare.

Ela deu um sorriso triste.

— É meio que legal, no entanto.

Perdi todo o ar, e pensei que iria me asfixiar por um segundo.

— O quê?

— Nick. Pelo menos ele está lutando por você. Marcus não fez nada disso. Pelo menos eu nunca soube de nada se ele fez, mas tenho quase cem por cento de certeza que ele só assinou o que quer que meus pais empurraram na frente dele e nunca mais pensou em mim. Nós não éramos certos um para o outro, não me interprete mal. E o que fizemos foi completamente estúpido. Mas quando me lembro do que aconteceu...

Não sei... Seria legal se ele tivesse lutado por mim. Eu teria algo para acalmar meu ego, depois de todo esse tempo. Eu não me sentiria tão... Descartada.

Um milhão dos meus próprios pensamentos surgiu na minha cabeça, mas eu os coloquei de lado por agora e disse.

— Você não foi descartada, Kara. Ele era um idiota. Vocês eram muito jovens. *Ele* era muito jovem e imaturo para perceber como você era incrível.

Ela inclinou a cabeça para olhar para fora da janela.

— Eu não fui atrás dele desde aquela época. Nunca. Sei que ele está no Facebook, porque vejo nossos amigos em comum da escola comentando seus posts algumas vezes, mas fico com muito medo do que vou encontrar. Sei o que eu *quero* encontrar. Quero que ele esteja sozinho, miserável e trabalhando em um emprego de merda, ou ainda esteja vivendo no porão da casa dos seus pais. — Seus lábios bonitos viraram para baixo em uma carranca. — Mas estou com muito medo de que ele tenha um casamento feliz com uma instrutora de yoga e seis filhos perfeitos que poderiam ser modelos da GAP.

Deixei escapar um riso surpreso.

— Ele não é casado com uma instrutora de yoga, e se ele tiver seis filhos, eles devem ser todos de mães diferentes.

Ela torceu o nariz.

— Isso seria perfeito.

— Você é um bom partido, querida. Qualquer cara teria sorte em ter você.

O olhar dela encontrou com o meu novamente, e seus olhos cinzentos brilhavam como prata por causa das lágrimas não derramadas.

— Você também, Kate. O que aconteceu com Nick não te define. Tem alguém melhor lá fora. E você vai encontrá-lo.

— Talvez. — Sussurrei. Mas o que eu realmente estava pensando era *não*. Não tinha alguém melhor lá fora. Ele era um dos bons... Um dos *ótimos*, e eu tinha estragado tudo. Eu tinha arruinado tudo.

Eu tinha destruído tudo.

Eu não merecia alguém melhor depois que destruí tudo.

— Bem, se não é a harpia terrível que está destruindo a vida do meu irmão.

Um tom áspero e gutural veio de cima de mim. Sentindo o café que eu tinha acabado de ingerir revirar na minha barriga, lentamente levantei o olhar para encarar fixamente a última pessoa no mundo que eu queria ver.

Jared Carter. O irmão mais novo de Nick.

— Oi Jared. — Sorri pacientemente, apesar do sentimento podre dentro de mim e do desejo de correr gritando para fora do café, acenando com os braços sobre a cabeça como uma lunática.

Jared era muito parecido com Nick, e realmente me machucava ver ele aqui. Porém, onde os músculos de Nick eram magros e ágeis, os de Jared eram volumosos e firmes. Nick era um corredor durante faculdade, e Jared jogava futebol em um time de segunda divisão, onde derrubava pessoas para que seus companheiros de equipe pudessem marcar pontos. Eles tinham o mesmo cabelo castanho claro, mas o de Jared se destacava com os raios de sol. Os olhos de Jared também eram de um azul mais escuro do que os de Nick. Os olhos de Nick pareciam chamas azuis e os de Jared eram tão escuros que você tinha que se aproximar, para ter certeza se eles eram realmente azuis. Jared também era cinco anos mais novo. O corpo de Nick era cheio de virilidade. O de Jared, assim como sua atitude, ainda estava em desenvolvimento.

— Kate, gostaria de poder dizer que é bom ver você. — Ele zombou.

— Não, você não gostaria.

Sua boca se abriu em um sorriso cruel.

— Você está certa. Não, eu não gostaria.

— Você conhece minha amiga, Kara. — Inclinei a cabeça na direção dela.

Jared assentiu.

— Kara.

Ela clicou suas unhas pintadas sobre a mesa de madeira.

— Jared.

— Você sabe o que eu estou fazendo aqui, Kate? Por que eu escolheria este Starbucks em particular, em uma sexta-feira agitada?

— Porque você não tem um emprego? — Me inclinei para frente, atipicamente maldosa. — Ou uma vida?

Seu sorriso desapareceu.

— Vim buscar um café para o meu irmão. Ele está trabalhando hoje. Eles estão o deixando trabalhar na produção. Eles gostam dele lá. Eles falaram que ele tem um talento *natural.*

Lutei para engolir minha saliva enquanto minha garganta parecia fechar.

— Isso é muito gentil da sua parte.

Ele continuou parado ao nosso lado e não se moveu mesmo depois do barista chamar seu nome.

Deixei escapar um suspiro de frustração. Ele estava arruinando a minha tarde.

— O que você quer, Jared?

Sua mandíbula flexionou, assim como a de Nick teria feito. Passei a língua em meus lábios secos e tentei não bater com as mãos em cima da mesa e exigir que ele saísse.

— Ele está sofrendo. — Jared finalmente colocou para fora. — Ele... Ele não consegue superar você.

Meu coração que batia dolorosamente contra minha caixa torácica parou de bater completamente.

— Eu também não consigo superar ele. — Finalmente admiti. — Mas não é disso que se trata.

— Você não sabe o que está fazendo. — Jared insistiu.

Kara deixou escapar um som de pura irritação, e respondi.

— Eu sei exatamente o que estou fazendo. E Jared, ele também. Eu não sei o que ele falou para você, mas ele também queria isso. Tomamos essa decisão juntos.

— Então por que ele está fazendo tudo o que pode para te impedir?

Minhas sobrancelhas subiram até meu couro cabeludo.

— É *isso* o que ele está fazendo? Ele está tentando me reconquistar, tomando tudo de mim?

— Você não entenderia. — Ele murmurou.

— Mas não é esse o ponto? Se ele está tentando me reconquistar, eu não deveria entender o que ele está fazendo? Até agora ele não tem feito nada além tornar isso mais terrível do que precisava, me machucando além do que eu posso aguentar. Se Nick não quisesse o divórcio, ele não teria ido atrás do advogado que ele foi, ou escrito uma lista de exigências como ele escreveu! Se Nick não quisesse o divórcio, ele nunca teria saído da nossa casa!

O lábio superior de Jared se enrolou para trás com desgosto.

— Isso mostra exatamente como você não o conhece bem. — Abri minha boca para iniciar outra discussão, mas antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele acrescentou. — E mostra como você mal percebe os danos que causou.

Ele se virou e saiu da loja, esquecendo seu café no balcão. Eu o assisti ir embora, me perguntando se deveria ir atrás dele com os copos abandonados ou se deveria sair antes que ele voltasse para buscá-los. No final das contas, fiquei lá parada, e ele nunca mais voltou.

O barista confuso, eventualmente, jogou o café fora.

— Deus, ele é um idiota. — Declarou Kara.

— Um grande idiota.

— Como ele se atreve! — Ela continuou, iniciando um discurso retórico sobre sua estupidez e como ele nunca tinha feito nada da vida, e nunca faria.

Porém eu só ouvi metade de suas palavras. Eu não conseguia tirar as palavras dele da minha cabeça ou ignorá-las completamente.

Isso mostra como você não o conhece bem.

Isso mostra como você mal percebe os danos que causou.

Eu falava para os meus alunos o tempo todo que se eles quisessem fazer algo com suas vidas, eles tinham que assumir a responsabilidade pelas suas ações. Era por isso que eu escolhia clássicos. *A Letra Escarlate... Romeu e Julieta... Ethan Frome.*

Eu praticamente pregava a responsabilidade.

Ainda assim, eu não tinha feito nada além de culpar e culpar e culpar Nick por destruir o nosso casamento... Por fazer com que o nosso divórcio fosse tão terrível quanto possível.

Eu deixei que ele levasse toda a culpa, sem tomar responsabilidade pela minha parte.

Kara e eu terminamos nosso café e fomos fazer algumas compras para aproveitar a Black Friday. Mas eu não consegui superar a acusação de Jared.

E eu não consegui afastar a sensação amarga de que ele estava certo.

Capítulo dezesseis

23. Ele **não consegue pensar** direito.

Podemos nos encontrar para jantar?

Eu quero conversar.

Por favor, Kate. Só me escute.

Deslizei meu telefone celular para frente e para trás em minha mão e analisei minha última hora de aula. Eu desejei com veemência que pudesse pedir a opinião deles sobre o convite louco de Nick. Claro, eles eram calouros... Jovens... Imaturos... Com espinhas. Mas talvez se eu explicasse a situação, eles teriam algum tipo de insight genial e me dariam o conselho que eu estava precisando.

Ou talvez eu tivesse começado a usar LSD acidentalmente, e já não conseguisse mais separar minhas alucinações da realidade.

Será que isso era possível?

Olhei para minha garrafa térmica cor-de-rosa.

Talvez esses pequenos bastardos tivessem colocado algo dentro dela enquanto eu não estava olhando.

— Sra. Carter! — Um garoto desengonçado chamado Gabe gritou do fundo da sala. Eu fiquei tão assustada com seu tom de voz que tudo o que pude fazer foi olhar para ele. Ele entendeu isso como uma permissão para continuar. — Você quer que a gente responda todas essas perguntas? Ou só as que nós sabemos?

Eu pisquei para ele.

— Isso é uma prova.

— Sim, mas eu não sabia se você queria que nós tentássemos chutar ou não. — Ele esfregou o nariz com a palma da mão, e pude ouvir o barulho do ranho daqui.

— Você não deveria ter que chutar, Gabe. Você deveria ter

estudado ontem à noite, para que você soubesse todas as respostas hoje. — Honestamente, ele nunca tinha feito uma prova antes? Será que ele realmente *não* entendia o conceito?

Ele inclinou a cabeça para o lado e pareceu tão confuso como sempre.

— Então você *quer* que a gente chute?

Alguns de seus colegas de classe riram de sua perplexidade, e eu os calei.

— Sim, Gabe. Responda todas elas. Talvez você consiga acertar alguma.

— Eu não vou acertar nenhuma. — Ele murmurou.

Pressionei meus lábios para evitar outro comentário. Apertei meu telefone entre as mãos e decidi que seria uma ideia muito, muito ruim perguntar uma opinião para essas crianças.

Eles não entenderiam as intenções de Nick mais do que entendiam os *Contos de Canterbury.* E isso não era muito.

Segurei meu telefone sob a mesa e digitei discretamente.

Onde?

Se ele falasse Starla's, eu usaria isso no tribunal contra ele.

Sua resposta foi imediata.

No Purple Pig.

Ooh, chique.

Eu provoquei.

Por minha conta.

Hesitei por um minuto. Ergui os olhos e observei a classe por alguns minutos, me certificando de que eles sabiam que eu iria pegá-los se eles tentassem colar.

Finalmente, quando tive certeza de que todo mundo estava fazendo o que deveria fazer, me virei para o celular e digitei.

Vou ter que ir para casa e trocar de roupa antes.

Dois minutos se passaram antes que ele respondesse. Meu

batimento cardíaco triplicou, e eu não tinha certeza do que fazer com meus nervos. Eu não sei por que minhas mãos estavam suadas ou porque minhas pernas estavam de repente tão inquietas.

Quando sua próxima mensagem veio, foi completamente inesperada.

Eu poderia ir te buscar.

Imediatamente seguida de outra.

Se você quiser.

Quando eu inalei, meus pulmões tremeram.

Eu prefiro ir dirigindo

Completei rapidamente.

Que horas?

7.

Olhei para sua resposta simples e me preocupei que eu tivesse deixado ele chateado. Então me preocupei por estar tão preocupada por ter deixado ele chateado. Então eu desejei que pudesse rastejar para baixo da minha mesa e me esconder pelo resto da noite.

O sinal tocou, seguido por um gemido coletivo dos calouros ainda tentando terminar sua prova. Tentei não sorrir maliciosamente. Se eles acharam essa difícil, imagino o que achariam da prova final.

Muahahaha.

Talvez eu devesse exigir um pouco mais na revisão da prova e deixá-los remoer aquilo por algumas semanas. É claro que eles não iriam tomar a iniciativa e estudar por conta própria.

Deus me livre se eles mostrassem um pouco de iniciativa.

Eu recolhi suas provas enquanto eles saíam da sala de aula e ouvi suas desculpas e queixas com a paciência de Gandhi.

Olhei para o relógio da sala calculado o trânsito, um banho, e um pouco de tempo para uma garrafa de vinho. Talvez duas. Eu precisava começar a me mover se quisesse encontrar com Nick na hora certa.

Eu me importava em estar lá na hora certa?

Decidi não responder essa pergunta.

Fechei a sala de aula em tempo recorde, joguei as prova na minha pasta enquanto tranquei a porta e não verificar minha caixa de correio. O que quer que estivesse lá, poderia esperar até amanhã.

Passei por Kara no corredor, mas ela estava envolvida em uma conversa com o nosso diretor, Sr. Kellar, um homem careca de meia-idade que era tão alto que fazia Kara parecer uma anã. Mas uma anã gostosa.

Acenei para os dois, ignorado a curiosidade penetrante de Kara saí para a tarde congelante de dezembro.

Limpar meu para-brisa e esperar meu carro velho aquecer nunca tinha sido mais irritante. Mas finalmente, eu estava a caminho de casa.

Até o momento que estacionei na calçada, eu já estava extremamente nervosa, o que não tinha nada a ver com o fato de que meu ar condicionado não chegou nem perto de funcionar durante todo o trajeto.

Fiquei repetindo nossa conversa por mensagem na minha cabeça e verificando meu telefone a cada dois minutos. Por que eu tinha concordado em jantar com Nick? Eu queria dar um soco na cara dele por causa do que tinha acontecido durante o aconselhamento.

Ou pelo menos, atropelar ele com meu carro.

Espere, isso era melhor ou pior que socar ele?

Ele tinha sido tão rude comigo, tão ofensivo.

Mas parte de mim pensava que poderíamos ter uma conversa civilizada e que eu poderia convencê-lo a desistir da casa. Eu poderia tranquilizá-lo de que eu não estava grávida, e talvez isso fosse aliviar um pouco sua mente.

Talvez suas demandas irrealistas fossem resultado do medo de perder um filho?

Seu filho.

Nosso filho...

No entanto, ele não tinha nada com que se preocupar. Eu definitivamente *não* estava grávida. E quando minha menstruação veio exatamente quatro dias depois do nosso aconselhamento fracassado, eu tinha odiado ele ainda mais.

Por mais que eu soubesse que era impossível, a pequena centelha de preocupação por uma criança em potencial de Nick tinha reacendido a esperança dentro de mim.

Durante aqueles poucos dias, me perguntei se havia uma possibilidade... Se talvez meu útero não estivesse atrofiado e murcho.

Se talvez a maternidade não fosse um sonho inalcançável.

Mas então minha menstruação veio... Mais forte e mais terrível do que nunca - como se fosse uma vingança - e era como se o destino estivesse fazendo algum tipo de piada de mau gosto comigo.

Você está vendo? Minha mente sussurrou. *Você nunca vai engravidar. Você nunca vai ter um bebê.*

Você nunca vai ser mãe.

Eu tinha ficado novamente furiosa com Nick. Eu tinha escrito uma dúzia de mensagens de ódio que nunca foram enviadas. Eu até escrevi um e-mail, vomitando cada pensamento terrível que pude imaginar.

Mas no fim das contas, eu não tinha enviado. Não porque eu tinha mudado de ideia, mas porque eu não queria que ele se sentisse tão terrível como eu me sentia. Mesmo depois de tudo o que nós tínhamos passado, mesmo depois do comportamento dele durante o aconselhamento, eu não conseguia dar aquela notícia para ele novamente.

Eu não conseguia decepcionar ele novamente.

Presumi que ele já tivesse percebido isso por agora.

Tomei um banho e coloquei um vestido preto simples. Não era a coisa mais bonita que eu tinha, mas dava a ilusão de curvas que eu sabia que ele gostava.

Eu iria congelar com este tempo, e iria me odiar por usar saltos quando tivesse que caminhar por pelo menos uma quadra do estacionamento até o restaurante. Mas eu não podia *não* parecer bem hoje à noite.

Eu não sabia se aquilo era para impressioná-lo ou puni-lo.

E não analisei meus sentimentos por tempo suficiente para descobrir.

Quando entrei no elegante bar de vinhos, a quantidade de pessoas me surpreendeu. Eu não estava esperando esse tipo de multidão em uma noite de quarta-feira.

Empurrei através dos corpos para encontrar a recepcionista, mas Nick chamou minha atenção antes que eu pudesse perguntar a ela se ele já havia chegado. Ele estava sentado no bar com suas calças jeans cinza elegantes e um suéter preto que o vestia perfeitamente. Sua barba estava aparada, e ele tinha cortado o cabelo recentemente. Seu cabelo castanho estava sobre a testa exatamente do jeito certo, um pouco despenteado e perfeitamente brilhante como o sol, mesmo que estivéssemos no auge do inverno.

Ele estava lindo.

Ele estava muito lindo.

Os cantos de sua boca levantaram quando nossos olhares se encontraram, e ele levantou a mão em um pequeno olá. Eu não sorri de volta. Ou acenei.

Usei cada gota de energia que eu tinha para me recompor antes de ter de falar com ele.

Quando o sentimento de um curto circuito sempre que nos encontrávamos iria parar? Quando o sentimento de que a terra havia chegado a um ponto insuportável, e eu era impelida para frente com uma força de propulsão e ímpeto e todos os outros termos científicos, até que ele tornasse o meu mundo inteiro iria acabar? Até quando ele seria tudo o que eu via, ouvia, cheirava e respirava?

Quando essa minha atração por ele iria morrer?

Deus, eu estava uma bagunça.

Ele se inclinou quando coloquei minhas mãos na cadeira alta do bar.

— Ei. — Ele murmurou. — Foi difícil de estacionar?

Passei a língua em meus lábios secos.

— Estacionar é sempre complicado por aqui.

Ele se mexeu nervosamente e puxou sua maldita orelha.

— Você, uh, se importa de sentar aqui? Fiz uma reserva mais cedo, mas eles disseram que ainda vai demorar um pouco. Posso

perguntar para eles novamente se você prefere...

— Aqui está bom. — Interrompi. Aqui realmente era melhor. Sentar no bar era infinitamente menos íntimo do que em uma mesa contra a parede.

Pendurei minha bolsa em um gancho sob o bar e tirei meu casaco, o pendurando na parte de trás da minha cadeira. Depois que eu me acomodei, Nick me entregou o menu de bebidas.

— O que você está bebendo? — Perguntei a ele enquanto estudava os vinhos.

— Manhattan[10].

Eu enruguei o nariz e o vi sorrir pela minha visão periférica.

— Eles têm Cabernet Franc[11]. — Ele murmurou.

Eu me animei instantaneamente. Era o meu favorito.

Eu fiz meu pedido ao barman, que respondeu.

— Nós só vendemos esse em garrafa.

— Oh. — Meus olhos voltaram para o menu, procurando por algo diferente.

— Nós vamos querer uma garrafa. — Nick anunciou.

O barman nos deu as costas imediatamente e balancei a cabeça para enfrentar meu ex-marido.

Futuro ex-marido.

— Você está tentando me embebedar? Acha que vai ser mais fácil lidar comigo depois que eu estiver bêbada?

Ele riu levemente.

— Eu sei que não vai ser mais fácil lidar com você. Eu já vi você bêbada. — Eu o encarei, porque eu não queria rir. Percebendo que ele não iria conseguir outra reação de mim, ele explicou. — É o seu favorito. Além disso, eles podem colocar a rolha de volta no final do jantar e você pode levar o resto para casa. Não é grande coisa.

Comprar uma garrafa do vinho favorito de sua esposa, da qual

[10] É um coquetel feito com uísque, vermute doce e bitter.
[11] Vinho

você está se divorciando, só porque é o vinho favorito dela, na verdade, é grande coisa. Mas decidi não ressaltar este detalhe.

Em vez disso, assenti e disse.

— Obrigada.

Ele se inclinou, e senti o cheiro tentador de seu perfume e de sua pele.

— De nada.

O barman reapareceu com meu vinho. Levou alguns minutos para desarrolhar ele na nossa frente e passar pelo processo tedioso de me deixar provar antes de encher meu copo.

Como se eu fosse recusar.

Claramente, ele não me conhecia.

Depois que ele finalmente desapareceu mais uma vez, examinei o menu de comida.

— Você não pode olhar para o menu a noite toda. — Nick brincou. — Isso não é só um jantar grátis. Você tem que se esforçar pelo seu jantar.

Ele estava sendo legal comigo, e eu não tinha ideia do que fazer. Será que ele estava só tentando me amolecer para que pudesse conseguir o que queria? Ou ele estava sendo sincero?

Abaixei meu menu.

— Eu não acho que seja um jantar grátis.

— Eu estava só brincando com você, Kate.

— Oh.

— Você já sabe o que quer pedir? — Seu tom era menos brincalhão.

Eu me odiei por ter deixado ele chateado.

— Acho que sim.

— Eu também.

— Tudo bem, ótimo.

Ele remexeu com os cantos de seu menu por um minuto, e de

repente, eu achei difícil de engolir. Eu podia sentir que ele estava planejando alguma coisa, sentir a energia dentro dele se expandindo e contraindo até se encontrar com a minha... Até que ela invadisse cada centímetro de mim, cada polegada do meu corpo.

O barman voltou antes que qualquer um de nós pudesse falar novamente, e fizemos nossos pedidos. Ele nos fez uma quantidade ridícula de perguntas, e no momento que ele se virou novamente, eu tinha decidido que deveria expressar uma queixa formal.

Só que ele não estava fazendo nada mais do que o seu trabalho. Meus nervos tinham deixado minha ansiedade no limite. Tomei um gole do meu vinho e apreciei o sabor, na esperança de me controlar.

Na esperança de me manter firme.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu durante o aconselhamento. Eu não... Eu não esperava que você tornasse as coisas tão difíceis.

Olhei para ele, incapaz de formar palavras por um longo minuto. Finalmente, sussurrei.

— Qual parte?

— Você precisa saber que, se tivéssemos um bebê... Se você estivesse grávida, eu faria tudo em meu poder para dar a ela a melhor vida possível.

— Eu não estou grávida. — Eu disse a ele rapidamente. — Você não tem porquê se preocupar.

Ele se encolheu. Assisti dor encher seus olhos azuis e seus ombros ficarem tensos com a decepção.

O vinho se agitou em meu estômago, e tive vontade de chorar. Será que ele não sabia o que sua decepção fazia comigo? Será que ele não entendia o quanto minha incapacidade de fazer essa única coisa do jeito certo me destruía, rasgava minha alma em pedaços... Envenenava meus pensamentos sobre o futuro e transformava todas as minhas esperanças e sonhos em cinzas?

— Achei que você ficaria aliviado. — Minha voz foi tão rouca que eu não sabia se ele tinha conseguido ouvir, com todo o barulho do restaurante.

Ele se inclinou novamente, ignorando meu comentário completamente.

— Eu não tinha percebido o quanto isso te afetava até o aconselhamento. Eu deveria ter percebido. Deus, eu deveria saber que iria te destruir até mesmo falar sobre isso. Mas... Antes de nos separarmos você parecia, eu não sei... Era como se você tivesse desligado todas as suas emoções sobre ter um bebê. Eu pensei que você... Eu pensei que talvez você fosse...

— Insensível? Sem coração? — Levantei uma sobrancelha. — Você pensou que eu não me importava?

— Sim. — Ele admitiu com tristeza. — Sim, eu pensei que você não se importava.

— Começou a doer muito. — Admiti. — Eu não... Eu não conseguia mais manter a esperança todos os meses, que finalmente seria diferente. Eu não podia continuar esperando todos os meses, só para provar que eu estava errada. Teria me matado.

Ele balançou a cabeça, lutando para engolir.

— Eu sinto muito, Kate. Me desculpe, eu não percebi. Me desculpe, eu estava cego demais para perceber o quanto você estava sofrendo.

Senti um beliscão no peito, e meu coração bateu dolorosamente.

— Você não tem mais que se preocupar com isso, Nick. Como eu já disse, eu não estou grávida. Está feito. Você pode tirar isso das suas exigências.

Ele levantou meu queixo com as pontas de seus dedos.

— Ei, olhe para mim. — Eu obedeci, mas ele não me deu muita escolha. Seus profundos olhos azuis me perfuraram, corpo e alma. Senti-me fascinada... Paralisada... Presa pela intensidade de sua expressão. — Eu não posso mudar o passado, mas quero que você saiba que eu acho que você vai ser uma mãe maravilhosa. Eu acho que você vai ser perfeita. A *melhor*. — Sua voz áspera, se aprofundou. — E sei que um dia, você vai ser mãe. Sei que isso vai acontecer para você.

Lágrimas brotaram nos meus olhos e desejei que eu pudesse sair correndo dali, mas eu não conseguia me mover. Eu não conseguia fazer nada, além de deixar ele olhar para mim e me manter no lugar com sua sinceridade.

— Você não pode ter certeza. — Sussurrei.

— Eu tenho. — Ele jurou. — Você é bonita demais para não ter um filho, para não ser mãe. Isso *vai* acontecer, Kate. Eu sei que vai.

Uma lágrima solitária deslizou para fora do meu olho e escorreu por minha bochecha. Ele a pegou com o polegar e a afastou.

O barman reapareceu com nossas refeições e eu finalmente arranquei meus olhos dos dele. Olhei para o Osso Buco[12] elegantemente preparado, e me perguntei como eu iria comer aquilo. Não importa o quão bom ele fosse, ainda assim teria gosto de poeira. Eu ainda teria que lutar para manter ele no meu estômago.

— Por que você me convidou para vir aqui, Nick? Era realmente só para se desculpar por isso?

Ele empurrou o garfo em torno do seu prato, apunhalando sua carne de porco com uma frustração selvagem. Quando ele olhou para mim, toda a ternura de sua expressão se foi, substituída por algo feroz e primitivo.

— Eu não vou parar, Kate. Eu preciso que você saiba disso.

— Parar o que?

Ele não respondeu especificamente. Em vez disso, sua voz ficou baixa e sua mão pousou no meu joelho, as pontas de seus dedos deslizaram por baixo da barra do meu vestido.

— Eu não vou desistir.

— Do divórcio? — Adivinhei. — Você não pode ficar com a casa. Você não ficar com Annie.

— Eu quero mais do que a casa e Annie.

Suas palavras fizeram um arrepio de medo deslizar por minha espinha.

— Por que você está fazendo isso?

Seus olhos brilharam com algo escuro e familiar. Desejo, eu imaginei a principio. Mas então... Talvez algo mais também.

— Porque eu não posso parar. — Ele parecia estar sentindo tanta dor e desespero quanto eu. — Eu não posso desistir.

Eu não sabia se ele estava falando de mim ou o divórcio. Eu não

[12] É um prato tradicional italiano da região da Lombardia.

sabia se ele estava falando de nós ou das nossas coisas. Eu não fazia ideia.

Eu não podia perguntar.

Eu fiquei em pé e ele segurou o banquinho do bar antes que eu pudesse derrubá-lo.

— Nós não deveríamos ter feito isso.

— Não seja um covarde agora, Kate. — Ele me desafiou. — Não recue *agora*.

O encarei, mesmo quando meu coração parecia que ia se dividir em dois.

— Estou indo embora.

— Vá. — Ele fez sinal com o queixo em direção à porta. — Corra se você quiser. Mas isso não acabou. Eu não vou parar só porque você não consegue me encarar.

Eu balancei a cabeça, incapaz de pensar algo para dizer. Peguei minha bolsa, meu casaco, e tropecei através do restaurante, me forçando a chegar até a porta.

O vento gelado foi como um tapa no meu rosto logo que pisei do lado de fora, mas não foi o suficiente para afastar as ameaças de Nick... Ou o calor que ainda queimava entre nós.

Era como se eu fosse viciada nele. Por que não podia simplesmente seguir em frente? Superar ele?

Por que eu era sugada de volta para seu campo gravitacional todas as vezes?

Finalmente as coisas ficaram óbvias. Este divórcio iria me matar.

Eu iria morrer antes do fim do meu casamento.

Capítulo dezessete

24. Sou eu. Eu estou mais do que **danificada.**

As férias de Natal estavam ao meu alcance. Se eu pudesse aguentar mais este dia, teria três semanas e meia felizes de férias.

É claro que a maioria dos meus planos incluía assistir Netflix até cansar... Mas o principal era que eu não teria que tirar meu pijama por dias.

Isso era glorioso.

Especialmente porque este inverno Chicago estava insuportável, e meus pijamas eram quentes, de lã e celestiais.

Nick costumava me provocar, dizer que eu me transformava em um esquimó durante as férias de inverno. Ele estava certo. Hamilton era terrivelmente fria durante os meses de inverno. O prédio da nossa escola era dolorosamente antigo e a calefação nunca funcionou corretamente.

Condenada a parecer um pouco mais profissional todos os dias, eu tinha que passar tremendo a maioria das minhas aulas e me perguntar se meu seguro de saúde cobria congelamento.

As férias de Natal eram o indulto que eu tinha entre novembro e março. Eu finalmente podia ficar aquecida por dias a fio. Meus dentes conseguiam parar de bater, e meus dedos podiam recuperar o tato.

Eu só tinha que ficar firme até o fim do dia. Hoje à noite eu tinha um encontro com uma caneca enorme de chocolate quente e sopa de batata com queijo, que eu estava determinada a fazer a partir do zero, como nos filmes antigos de Natal.

Foi a primeira vez que eu esperei por algo em meses, e era difícil de conter minha emoção.

Corrigi algumas provas durante meu período de planejamento e tentei não rabiscar sobre elas. Era difícil explicar corações e estrelas nas bordas dos artigos dos meus alunos. Normalmente, eu esquecia e

acabava fazendo um rabisco estúpido, e em seguida tinha que escrever algo positivo ao lado, como se eu tivesse a intenção de colocá-lo lá.

Mas esses artigos em específico eram excepcionalmente ruins. E eu não pude encontrar força de vontade para escrever 'Ótimo!' ou 'É bom pensar fora da caixa'.

Estes eram, sem dúvidas, dentro da caixa. Dentro da grande-caixa-de-pensamentos-mínimos.

Algo bateu contra os armários do lado de fora da minha sala de aula e eu gritei de surpresa. Meu coração acelerou imediatamente com as possibilidades do que significava aquele som.

Não, me encolhi. *Não no último dia.*

Por favor, não me faça chamar a polícia.

Eu realmente não queria preencher papelada hoje, menos do que qualquer outro dia. Eu só queria sobreviver às provas finais, ir para casa e me enrolar em algo até que somente meus olhos pudessem ser vistos. E meus dedos, quando eu precisasse apertar os botões do controle remoto.

Isso era pedir demais?

— Eu vou matar você, *filho da puta*. — Outro corpo, ou talvez o mesmo, bateu no armário novamente e eu fiquei em pé.

Eles, quem quer que fossem, pareciam estar falando sério.

Uma onda de adrenalina pulsou através do meu corpo e me atrapalhei com a gaveta trancada por um minuto. Quando eu finalmente consegui abri-la, peguei meu telefone e saí deixando a gaveta aberta. Eu não tinha tempo para me preocupar com alguém roubando minha carteira agora.

Além disso, eu não iria receber o pagamento até sexta-feira. Tudo o que alguém conseguiria de mim hoje seria um limite de crédito vergonhosamente baixo e trezentos dólares na minha conta corrente.

Eu corri para o corredor e deslizei até parar. Eu deveria ter olhado primeiro. *Porra, eu deveria ter chamado alguém para ajudar primeiro.*

Andre Gonzalez estava pressionando Jay Allen contra os armários do meu lado do corredor, com uma faca encostada em sua garganta. Uma gota de sangue escorria de um pequeno corte no pescoço de Jay, e engoli com dificuldade frente ao pânico que tomou conta de mim.

— O que você está fazendo? — Minha voz parecia assustada, assim como eu, e eu odiava parecer tão fraca.

Dois dos amigos barra pesada de Andre estavam ao seu lado. Nenhum deles tinha uma arma na mão, mas eu não era estúpida a ponto de pensar que eles não tinham nada com eles. Eles me olharam com tanta selvageria que derrubou meu estômago aos meus pés.

— Volte para a sua sala de aula, a Sra. C. — Andre instruiu. — Você não quer se envolver nisso.

Ele não estava errado.

Jay empurrou contra Andre, trazendo a atenção de todos novamente para ele.

— Você está morto, *filho da puta.* Você *nunca* deveria ter colocado suas mãos em mim.

— Como... Como você conseguiu passar pelos detectores de metal? — Apertei o celular contra minha mão e me perguntei onde estavam os outros professores. Onde estavam os outros alunos? Essa ala da escola era normalmente tranquila nesse horário. Olhei para as duas direções, mas a maioria das salas de aula estava escura.

Andre sorriu, me deixando enjoada. Havia uma maldade calculada lá, que não parecia certa.

— Não preocupe sua linda cabecinha com isso, professora.

— Andre por favor, deixe ele ir. Você não pode matar ele aqui na escola. Estamos quase nas férias de Natal. Você não pode matar ele durante elas?

Andre inclinou a cabeça para trás, com surpresa. Um sorriso e uma risada genuína se propagaram em seu rosto.

— Ele vai fugir. Eu nunca mais vou o encontrar se o deixar ir agora.

— Por favor, não o mate. — Implorei. Todo meu corpo tremia. Eu mal conseguia ficar de pé. Lágrimas tomaram meus olhos, e adrenalina correu por meu corpo, fazendo com que tudo parecesse extremamente brilhante, extremamente real.

Andre se levantou de repente e pressionou os dedos contra o lado cego da faca para fechá-la. Ele a colocou de volta no bolso e deu de ombros casualmente.

— Sra. Carter, isso era só para fazer um ponto. Eu não ia matar ele de verdade.

Eu assenti para tranquilizá-lo, mas não acreditava nele. De forma alguma.

— Eu sei. — Sussurrei.

O olhar assustador de André se voltou para Jay.

— É melhor você conseguir o meu dinheiro.

Jay empurrou o queixo para cima.

— Eu vou conseguir.

Andre deu um passo em direção a ele novamente, numa tentativa de me proteger de sua próxima ameaça.

— É melhor você se cuidar até que o dinheiro esteja no meu bolso, *idiota.*

A mandíbula de Jay se apertou perigosamente.

— Eu disse que eu iria conseguir.

Andre recuou novamente e voltou sua atenção para mim.

— Você nunca viu essa faca.

Entendi o que ele queria dizer. Eu não discuti.

— Tudo bem.

— E você não tem nenhuma testemunha. Jay não vai falar. Não é, Jay?

Jay não falou nada, mas ele não precisava. No entanto, eu falei. Eu precisava tranquilizar Andre, confirmar que eu não iria entregá-lo.

— Tudo bem, Andre. Eu não vou falar nada.

— Não importa se você falar ou não. — Andre sorriu. — Não tem ninguém para confirmar a sua história.

Assenti. Eu não conseguia parar de concordar.

— Entendido.

Seu sorriso morreu e ele me prendeu com um olhar firme.

— Ótimo.

Andre e seus capangas caminharam pelo corredor com tanta arrogância, que percebi que eles acreditavam que eram completamente intocáveis. Eles acreditavam que podiam agir como bandidos, ameaçar professores e segurar facas nas gargantas de outras pessoas, e nada de ruim iria acontecer com eles.

Eu os assisti ir embora e me perguntei se veria Andre novamente. Às vezes coisas como essas aconteciam, e o aluno agressor nunca mais voltava. Assim que sua autonomia era questionada, eles desistiam da escola e partiam para a vida que eles acreditavam que era inevitável. A vida nas ruas.

Eu não conseguia decidir se queria Andre de volta ou não.

Por um lado, ele era esperto. Muito esperto. Ele poderia fazer algo com sua vida. Ele poderia ir a lugares. Fazer coisas.

Por outro lado, ele havia me *ameaçado.*

Na escola.

Minhas pernas finalmente cederam e deslizei para baixo dos armários até que me transformei em uma pilha esparramada no chão. Parecia que eu iria explodir em lágrimas, mas as segurei. Eu tinha que aguentar até o fim do dia. Eu não podia desmoronar agora.

Eu iria esperar até mais tarde... Até que eu estivesse trancada em segurança na minha casa... Até que eu estivesse longe desse lugar.

Jay deslizou para baixo ao meu lado, e pulei. Eu tinha esquecido que ele estava aqui.

Ele se sentou a alguns centímetros de distância; suas pernas esticadas e cruzadas nos tornozelos. Ele também cruzou os braços sobre o peito e olhou para seus sapatos, pensativo.

Eu não sabia o que falar. Eu sabia o que eu queria falar. Eu queria gritar com ele, por se meter em algo tão estúpido. Eu queria bater na sua nuca e perguntar o que diabos ele estava pensando. Eu queria saber por que ele devia dinheiro para Andre, e como ele planejava sair dessa bagunça.

Eu não falei nada.

Ele não teria respondido nenhuma das minhas perguntas. E honestamente, eu ainda estava tentando recuperar a capacidade de

formar palavras.

Eu era uma bagunça, tremendo e apavorada.

— Obrigado Sra. C. — Jay finalmente disse em voz baixa, de forma sincera.

Eu olhei para ele, tentando afastar um arrepio especialmente ruim e balancei a cabeça.

— Nunca deixe que isso aconteça perto de mim novamente.

Ele arregalou os olhos e me encarou.

— Eu não estava planejando isso.

Minha convicção ficou evidente quando respondi.

— Estou falando sério, Jay. Da próxima vez eu vou chamar a polícia antes de pisar para fora da minha sala de aula. Não pense que estou blefando.

— Você deveria ter feito isso hoje! — Seu olhar me disse que ele estava falando sério. — Na verdade, você nunca deveria ter saído! Porra Sra. C., o que você estava pensando? Não existe uma regra da escola, ou alguma merda dessas? Da próxima vez chame a polícia e tranque a porra da sua porta.

Ignorei todos seus pontos válidos e rosnei.

— Porra, Jay! É melhor não ter uma próxima vez.

Seus lábios tremeram, como se ele estivesse tentando não rir, e desejei poder bater nele de novo.

— Não vai ter. Pelo menos não na escola, de qualquer maneira.

— Você não deveria se meter com essas coisas. — Deixei meu rosto cair em minhas mãos para que minhas palavras fossem abafadas, mas altas o suficiente para ele ouvir. — Você deveria ter mais cuidado. Você é inteligente demais para essas merdas.

— Essas merdas? — Desta vez eu o ouvi rir, mas escolhi ignorar. — Além do mais, Sra. C., você tem que falar esse tipo de coisa. Você é minha professora.

Eu deixei minhas mãos caírem no colo.

— Talvez eu tenha que falar esse tipo de coisa, mas elas não

deixam de ser verdade. Você é brilhante, Jay. Você poderia usar sua inteligência para algo bom.

— Não de onde eu venho.

— Então se mude! Se forme no ensino médio e vá embora. Esse bairro não te define. Essa cidade não te define. É uma coisa que você tem que decidir. É a *sua* escolha.

Sua mandíbula ficou firme novamente, e comecei a me preocupar que estava o pressionando além do limite.

— Você faz isso parecer tão fácil.

— Porque é. — Prometi. — Fale com a Sra. Chase sobre as oportunidades que existem para você na escola. Fale com ela sobre as maneiras de pagar por isso, a ajuda financeira que está disponível para você. *Especialmente* para você, Jay.

Ele não falou nada por um bom tempo, e quando falou, não foi exatamente reconfortante, mas foi melhor que nada.

— Talvez.

— É tudo o que eu peço. — Dei um sorriso trêmulo. — E que você fique vivo até o fim do ano letivo.

— Isso eu posso te certificar. — Ele sorriu de volta. — E quanto a você? Você vai ficar bem?

Olhei para minhas mãos trêmulas.

— Acho que sim. Eu preciso de algo forte para beber, mas acho que vou ficar bem. — Olhei para ele rapidamente. — Quer dizer, café. Eu preciso de uma xícara de café bem forte.

Seus dentes brancos brilharam com a luz do corredor.

— Eu não quis dizer depois de hoje. Quis dizer se você vai sobreviver a toda essa merda que está passando.

Meus olhos se estreitaram com desconfiança.

— Como você sabe que estou passando por alguma merda?

Ele zombou.

— Qualquer um que te vê sabe que você está passando por algo intenso. Você está sempre olhando para o nada e tentando não chorar.

Você está uma bagunça, Sra. C.

Eu sorri severamente para sua avaliação honesta.

— Estou passando por um divórcio.

— Ele bateu em você?

— Deus, não. — Pensei em perguntar por que ele pensaria dessa forma, mas me contive. Se abuso tinha sido seu primeiro palpite, isso dizia algo sobre sua vida em casa, e eu tinha certeza que ele nunca compartilharia isso comigo. — Nós simplesmente... Nós não nos damos muito bem.

— *Boo hoo*[13]*.* — Jay provocou. — Eu não conheço nenhum casal que se dê bem. — Ele bateu o calcanhar no chão de ladrilhos. — Pensando bem, na verdade, eu não conheço muitos casais.

— Seus pais não são casados?

— Somos só eu e a minha mãe. Nunca conheci meu pai.

Assenti para confirmar que eu tinha ouvido. Quando colocava minha vida em perspectiva com a de Jay, ele estava certo. *Boo hoo.* Ele veio de pobreza extrema, nunca conheceu seu pai e parecia ter se recuperado terrivelmente rápido do fato de ter sua vida ameaçada.

Meus problemas eram pequenos.

Nick e os meus problemas eram pequenos.

O sinal tocou e fiquei em pé, alisando a parte de trás da minha calça. Olhei para Jay de forma mais séria.

— Vá falar com a Sra. Chase, Jay. Pergunte sobre a faculdade. Seja a única coisa na minha vida que deu certo.

Ele sorriu para mim, ainda sentado no chão, parecendo mais um garotinho do que quase um homem.

— Ok, Carter. É o mínimo que posso fazer depois de você ter salvado a minha vida.

Virei-me e falei por cima do ombro.

— Ele não teria te matado dentro da escola.

---

[13] Imitação de choro, buá.

Ele não respondeu, o que só me deixou ainda mais nervosa. Entrei em minha sala de aula, piscando contra as luzes fluorescentes.

Corri até minha cadeira, para que eu pudesse sentar novamente. Algumas lágrimas deslizaram pelo meu rosto, mas eu rapidamente as sequei.

Os alunos começaram a entrar na sala de aula e eu tive que me controlar.

Eu precisava.

Além disso, tudo o que eu tinha que fazer era aplicar uma prova. Eu poderia sentar na minha mesa pelo resto da aula e surtar o quanto fosse necessário.

Eu sabia que não poderia manter isso em segredo. Eu teria que falar para Kellar. Mas eu também sabia que André não estava mentindo. Nós nunca iríamos encontrar aquela faca. Eu também sabia que Jay era tão propenso a entregar Andre, quanto Andre era propenso a o entregar. Ninguém confirmaria a minha história.

Kellar iria acreditar em mim, mas não havia nada que pudéssemos fazer.

E eu não correria o risco de tentar punir Andre com uma suspensão, porque eu tinha muito medo que ele tentaria se vingar.

Pedi que meus alunos sentassem e dei início ao exame. Essa era minha turma do segundo ano, e a única deste semestre que eu tinha certeza que realmente aprendeu alguma coisa.

Assim que eles começaram a prova me sentei, incapaz de ficar em pé, pois minhas pernas pareciam geleia. Minhas mãos ainda tremiam e meu estômago estava no limite.

Antes eu queria ir para casa mais cedo.

Agora eu estava desesperada para ir para casa mais cedo.

Passaram-se alguns minutos, e eu continuava sem conseguir me acalmar. Peguei meu celular de dentro da gaveta e o encarei.

Eu precisava contar para alguém, não detalhe por detalhe mas pelo menos o suficiente para que eu me sentisse melhor. Eu precisava de alguém que se importasse.

Eu precisava de alguém que ficasse feliz por eu não estar

sangrando no corredor.

Estou viva.

Depois de pressionar o botão enviar, percebi que era uma mensagem estranha para enviar a alguém.

Depois de um minuto, Nick mandou uma mensagem de volta.

E em algum momento sua vida ficou em perigo?

Um tremor poderoso sacudiu meu corpo.

Meio que sim...

Sua resposta foi instantânea dessa vez.

Você precisa de mim? Me fale onde você está.

Estou bem. Eu estou na escola. Foi só assustador por um minuto.

Kate...

Eu funguei e tentei afastar uma nova onda de lágrimas.

É sério, estou bem. Só queria contar para alguém.

Se você precisa de alguém para conversar, me ligue.

Meu peito se inundou com algo quente e doce.

Eu estou na sala de aula. Talvez mais tarde, hoje à noite.

Estou aqui se você precisar de mim. Não importa a hora.

Obrigada.

Inalei profundamente, e minha respiração ficou mais estável e nivelada. Minhas mãos se acalmaram. Minhas pernas pararam de tremer. Minha mente se tranquilizou, e senti como se tivesse voltado a ser eu mesma novamente.

Está vendo? Eu só precisava contar a alguém.

Não importa que a primeira pessoa que pensei foi Nick.

Não importa que com apenas algumas mensagens tranquilizadoras, ele me acalmou completamente.

Ele estava lá por mim.

Ele estaria lá por mim, se eu precisasse mais tarde.

Eu sabia disso sem dúvidas.

Era exatamente por isso que eu não iria chamá-lo.

Capítulo dezoito

25. Eu só quero ser **feliz**.

Os primeiros dias das férias de Natal foram tão gloriosos quanto eu pensei que seriam. Certamente eu tinha ganhado cinco quilos só comendo cookies, mas estava aquecida, assistindo Netflix, tomando chocolate quente e sem conseguir dormir por três dias.

As coisas não poderiam ficar muito melhores do que isso.

Tudo bem, para ser honesta, minha vida não era exatamente um mar de rosas e felicidade... Mas eu estava no caminho.

A campainha tocou, coloquei meu Kindle no sofá e fui atrás de uma camiseta. Relutantemente, coloquei uma roupa de verdade pela primeira vez desde que as férias começaram, mas estava tentada a tirá-las assim que possível.

Abri a porta e fui cercada por pequenos minions. Eles correram em círculos em volta de mim, agarrando minhas roupas, partes do corpo e tudo mais que conseguiam alcançar. Annie saltou junto no bolo, dividida entre me proteger dos selvagens e tentar chamar a atenção.

Eu sabia que deveria ter ficado com minhas calças de yoga e a camiseta velha de Nick.

— Olhe só para vocês! Estão tão grandes! Como isso aconteceu?

O minion do meio parou de pular, olhou para mim e falou.

— Ve-gê-tá.

Levantei uma sobrancelha curiosa para minha antiga colega de faculdade, Fiona, e repeti.

— Ve-ge-tá?

Ela sorriu para mim, com seu sorriso de Fiona clássico, e disse.

— Ve-ge-tais.

Dei um passo para o lado, para que Fi pudesse entrar e colocar

todo seu bando para dentro. Ela colocou o bebê conforto no chão e fechou a porta. Depois de tirar a touca, luvas, casaco e botas de cada uma das crianças, ela voltou sua atenção para o bebê. Eu estava ansiosa para conhecer o pequeno, mas neste momento ele estava enterrado debaixo de um abrigo com zíper e uma montanha de cobertores.

— Ele consegue respirar aí dentro?

Ela me lançou um olhar por cima do ombro.

— Sim. Mas esse inverno está me deixando doida. Quase não saio de casa porque tenho medo que um dos meus filhos se transforme em um picolé.

— Aposto que é a Gigi. Ela é a mais parecida com um picolé. — Gigi franziu o nariz para mim e quando sua mãe voltou a atenção para o bebê, enfiou a língua para fora.

— Menina inteligente. — Me inclinei e belisquei seu nariz. Fiquei em pé novamente, anunciando para Gigi, de três anos de idade, e Jack, de seis anos. — Tem um jogo de lego e livros de colorir em cima da mesa, para quem estiver interessado. — Quando nenhum deles se moveu, tive que tomar medidas mais desesperadas. — E petiscos. — Eles correram para a cozinha.

Fiona levantou com o bebê nos braços, e senti como se estivesse piscando.

— Me dê, me dê, me dê.

Ela entregou o bebê, Jonah, e o abracei contra meu peito. Bebês tinham o *melhor* cheiro do mundo. Annie lambeu minha calça jeans na altura da perna, perturbada por eu ter outra coisa para me aconchegar.

Fiona parecia um pouco perdida sem nada para segurar ou repreender. Seus olhos se moveram da minha porta de entrada até a sala de estar, procurando algo novo ou quebrável para afastar do alcance de seus filhos.

Ela sempre foi extraordinariamente linda. Seu cabelo comprido era castanho, suave, sedoso e caía em ondas brilhantes como em um comercial de shampoo. Seus olhos eram quase da cor de café com leite. Ela tinha ganhado um pouco de peso desde que teve as crianças, mas lhe caía bem. Ela ficou com um corpo curvilíneo, estilo pinup. Ela era um daqueles seres humanos afortunados que aumentava somente nos lugares certos. Como nos peitos. Quando eu ganhava peso, meus seios

nunca aumentavam. E sempre quando perdia, era o primeiro lugar que diminuía. Meu corpo me odiava.

Satisfeita com sua análise inicial, ela se virou e perguntou.

— E o que é que vamos fazer daqui a cinco minutos, quando eles tiverem comido tudo o que tem na casa, e se entediado com os brinquedos novos?

— Depois temos a Netflix.

— Deus, você é boa.

Eu sorri para ela.

— Qualquer coisa para poder passar um tempo com você! Quer algo para beber? Ou para comer? — Comecei a andar em direção à cozinha. — Eu fiz cookies.

— De que tipo? — Ela me seguiu. — Estão queimados?

— Com gotas de chocolate. Metade deles está.

— Dê os queimados para as crianças.

Eu ri para ela.

— Será que eles não vão perceber?

— Enquanto eles sentirem o gosto de açúcar, vão literalmente comer qualquer coisa. Eles são como gafanhotos.

Eu me virei e a puxei para um abraço, mantendo o bebê suavemente fora do caminho.

— Eu senti tanto a sua falta.

— Eu senti a *sua* falta! — Nos soltamos e ela se sentou à mesa, pegando imediatamente alguns legos para montar. — Mas eu estava esperando que você tivesse ganhado algum peso. Pelo menos uns cinquenta quilos. Eu odeio ver você magra desse jeito.

Sabendo que ela estava apenas sendo sarcástica, ignorei seu comentário petulante.

— Sim, bem, o divórcio faz essas coisas com você.

— Eu ainda não posso acreditar que você e Nick estão se divorciando! Não parece possível. Vocês sempre foram perfeitos um para o outro!

Suas palavras machucaram. Havia uma acusação silenciosa lá, que eu só percebi porque a conhecia muito bem. Me concentrei em servir os cookies.

— Obviamente não. Nós brigávamos *o tempo todo.* Eu não conseguia fazer ele feliz, e ele não conseguia me fazer feliz. Você não esteve por perto nos últimos dois anos, Fi. Tem sido ruim.

Ela soltou um suspiro paciente e pegou mais alguns legos.

— Vamos lá, Kate. A quem você quer enganar? Vocês não eram perfeitos um para o outro porque nunca brigavam. Vocês eram perfeitos um para o outro porque ainda conseguiam amar um ao outro, mesmo com as brigas.

— Mas eu estou *tão* cansada disso. Estou cansada de discordar sobre tudo, de estar sempre na defensiva. Estou enjoada e cansada de odiar a mim mesma.

O olhar dela se encontrou com o meu, e seus olhos brilhavam com a gravidade do momento.

— Então pare.

— É isso que estou tentando...

— Não, eu não me refiro a se divorciar para que você não tenha que lidar com ele. Eu quero dizer para você parar de brigar com ele. Parar de estar na defensiva. Parar de discordar e desrespeitar ele.

Inclinei meu queixo teimosamente.

— Não é assim tão fácil, e você sabe disso.

— É sim, Kate. Se controle. Controle suas palavras e ações. Assuma o controle, se ele não vier naturalmente para você. Faça algo diferente do que jogar fora um homem perfeitamente bom e um casamento perfeitamente bom, porque você está cansada de passar por aquilo que qualquer outro casal no planeta passa.

Suas palavras me bateram com a sutileza de uma bomba atômica, e desejei poder me enterrar nos armários para me esconder. Como ela ousava.

— É fácil para você falar isso. Você tem o Austin.

Seu olhar, que até agora tinha sido firme e suave, se estreitou perigosamente.

— Você acha que nós não brigamos? Kate, todo mundo briga. Espere só até vocês dois terem filhos.

Suas palavras foram como um chute no estômago, e recuei fisicamente. Annie correu em volta dos meus pés, sentindo a tensão.

Fiona ficou em pé, sua cadeira raspando contra o chão.

— Kate, eu sinto muito.

Eu balancei a cabeça, desesperada para afastar as lágrimas.

— Eu não quis dizer isso. — Ela sussurrou. — Eu não quis dizer... Porra.

Gigi e Jack riram e repreenderam sua mãe por usar uma palavra ruim, mas ela os ignorou. Ela deu alguns passos cuidadosos na minha direção. Suas mãos pareciam mais vazias do que o habitual e a angústia em seu rosto era clara.

Segurei Jonah contra meu peito, como se ele pudesse deixar alguns germes de bebê em mim. Talvez se eu o aconchegasse por tempo suficiente, o segurasse em meus braços por tempo suficiente, talvez então o meu corpo descobrisse o que fazer.

Talvez meu útero fosse acordar das profundezas do inferno.

— Kate, por favor. — Ela implorou. — Eu sinto muito.

Fiona e eu nos conhecíamos há muito tempo, e sempre tínhamos sido sinceras uma com a outra. Nós não éramos tão próximas como eu e Kara, mas só porque não nos víamos todos os dias. E porque Kara e eu não tínhamos filhos; Podíamos sair juntas sempre que quiséssemos. Fiona não tinha esse tipo de liberdade. Porém, mesmo que ela não soubesse de todos os detalhes da minha vida, ela sabia de todas as coisas importantes.

Ela sempre soube sobre as coisas importantes.

Como por exemplo, há quanto tempo Nick e eu estávamos tentando ter um bebê. Ela foi a primeira e única pessoa para quem eu contei quando começamos a tentar. Eu não tinha sido capaz de controlar minha excitação.

Eu pensei que seria fácil.

Fiona esteve comigo o tempo todo. Me incentivando. Gritando de frustração comigo. Dando conselhos, truques e sugerindo coisas que ela

tinha visto na internet. E ficando furiosa quando eu não aguentei mais as decepções.

Porque esse foi o resultado. Decepções.

O que havia de errado com *o meu* corpo?

Por que todas as outras mulheres do mundo engravidavam, menos *eu*?

Isso era o universo tentando me dizer que eu não tinha nascido para ser mãe? Que eu era de alguma forma imprópria?

Que eu era de alguma forma indigna?

— Deus Kate, não fique assim. — Fiona estava ao meu lado, os braços em volta dos meus ombros e o queixo pressionado na minha têmpora.

Ela não era muito mais alta do que eu, mas em algum momento, abaixei minha cabeça e tentei me enrolar em uma bola. Segurei Jonah contra meu peito e deixei a tristeza me levar.

Eu não chorei. Eu não podia mais chorar por causa disso. Eu tinha derramado muitas lágrimas e lidado por muito tempo com meu coração partido.

Não que eu não quisesse chorar. Era só que isso não resolveria nada. Se chorar curasse minha infertilidade, eu já teria centenas de filhos por agora.

— Não é justo, Fi, — Funguei.

Com o tom que só uma mãe pode carregar, ela sussurrou.

— A vida raramente é. — Ficamos ali até que Jack pediu a ajuda de sua mãe, e Gigi ficou inquieta.

Eventualmente, nos mudamos para a sala, onde as crianças poderiam se enroscar com nós e assistir a um filme. Fiona pegou Jonah de volta para alimentá-lo. Troquei o bebê de verdade pelo meu bebê de pelos. Annie se arrastou até o meu colo e cutucou minha mão com seu nariz frio e molhado até que eu acariciei suas costas e cocei atrás de suas orelhas.

Gigi finalmente adormeceu ao meu lado, e Jack voltou para a cozinha, querendo jogar com os legos novamente. As crianças da minha amiga eram surpreendentes. Bem comportadas e corajosas. Eles

poderiam ser um furacão, mas eram muito doces e respeitosos.

Na faculdade, Fiona foi um pouco selvagem. No início do casamento, ela e Austin adoravam sair e ir a festas. Mas assim que ela descobriu que estava grávida de Jack, ela mudou. Era como se ela tivesse encontrado seu propósito na vida, seu significado.

Eu a assisti crescer, transformar a menina da fraternidade em uma supermãe do dia para a noite, e não poderia estar mais orgulhosa.

Eu me perguntei se isso fazia diferença. Eu queria ser mãe, mas também amava a minha carreira. Nada doía mais do que não ser capaz de ter um filho, mas ao mesmo tempo, eu não conseguia me imaginar desistindo de dar aulas.

Eu não conseguia imaginar não ir trabalhar todos os dias ou não receber um salário.

Era essa a diferença? Foi por isso que Fiona conseguiu engravidar só por estar ovulando e eu não consegui engravidar nenhuma vez, não importando a quantidade de livros que li, quantos óleos estranhos esfreguei na minha barriga, quantas vezes inclinei meus quadris na posição certa e monitorei meus ciclos como uma maníaca obsessiva?

A primeira vez que Nick e eu fizemos sexo espontâneo, em mais de dois anos, foi no Halloween. Éramos escravos do meu ciclo... Da ovulação.

Não é de admirar que a noite de Halloween tenha sido tão excitante.

— Me desculpe por ter ficado com raiva de você. — Respondi calmamente.

O sorriso malicioso de Fi me disse que ela já tinha me perdoado.

— Me desculpe por ser tão mandona. Eu já deveria ter aprendido a manter a boca fechada, por agora.

Enruguei meu nariz para ela.

— Babe, se você ainda não aprendeu a manter a boca fechada até agora, duvido que vá aprender.

A risada dela agitou Jonah, que estava dormindo contra seu peito. Ela olhou para ele, o balançando suavemente para que ele voltasse a dormir.

— Isso vai acontecer com você, Kate. Eu sei que vai.

Meu coração caiu até meu estômago.

— Eu não tenho certeza. — Ela abriu a boca para protestar, mas levantei minha mão para detê-la. — Eu já tenho trinta anos Fi. E estou passando por um divórcio. Quem sabe quando, ou se algum dia, vou encontrar outro cara. E quero ser bem clara ao ressaltar que não estou pronta para entrar em outro relacionamento. Meu relógio biológico está correndo. Não, não correndo. Ele é um temporizador em contagem regressiva. E está ligado a uma bomba, escondido no estacionamento subterrâneo de um shopping. As chances de desligar essa coisa são quase nulas.

— Então o que você está me dizendo é que precisa do John McClane[14].

— Ou do Jack Bauer[15].

— Tom Cruise? — Quando eu dei a ela um olhar engraçado, ela esclareceu. — O Tom Cruise de *"Missão Impossível"*.

Eu ri.

— Sim, é disso que eu preciso. Eu preciso do Tom Cruise de "*Missão Impossível"*, aquele que não tinha uma religião estranha e não pulava no sofá.

— Como você entendeu a referência sobre John McClane, mas não entendeu a de Tom Cruise?

— Nick adorava os filmes "*Duro de Matar"*.

— Austin também.

— Esse costumava ser nosso filme de Natal. Nada de "*A felicidade não se compra"* ou "*Uma história de Natal"*. Não, nós assistíamos "*Duro de Matar"*.

Ela sorriu para mim.

— Isso é adorável.

— Ele ficava citando as falas do filme por semanas. 'Agora eu tenho uma metralhadora, ha ha ha'. — Cutuquei a costura do meu sofá. — na verdade, senti falta disso esse ano. Não consigo me obrigar a

[14] Personagem principal de Duro de Matar, interpretado por Bruce Willis.
[15] Personagem principal da série 24 horas, interpretado por Kiefer Sutherland.

assistir qualquer outro filme estúpido. Só quero o Bruce Willis com cabelo.

Com uma voz suave e cuidadosa, ela disse.

— Talvez você só queira o Nick.

Dessa vez as lágrimas vieram. Tentei impedir, mas já era tarde demais quando senti seu calor contra meus olhos.

— É tarde demais para nós, Fi. Garanto que é. Sei que você é toda sobre arco-íris e unicórnios, mas não tem como consertar nosso relacionamento. Estamos mais do que destruídos.

Eu percebi que ela queria falar mais, mas desta vez ela não falou. Ela estendeu sua mão e apertou a minha, então nossa conversa mudou para fofocar sobre nossos colegas antigos de escola.

Fiquei surpresa por ela ter sido capaz de manter contato com todos. Ela era como um detetive da internet.

Na verdade, era um pouco assustador.

Uma hora depois, Gigi acordou, e nossa tarde tranquila se transformou em confusão. Gigi não tinha acordado feliz, e Jack estava entediado com os legos agora que sua irmã estava por perto para incomodar. Fiona os vestiu com todas as roupas novamente e os conduziu em direção à porta. Nos despedimos, e ela prometeu fazer isso de novo em breve.

Provavelmente iria demorar meses, mas a promessa era o suficiente para nos manter otimistas.

— Eu vou até sua casa da próxima vez. — Falei. — Desse jeito, você não tem que fazer isso de novo. — Acenei para os casacos, toucas, luvas, botas e todas as outras coisas que tomaram vinte minutos para estarem no lugar, mesmo trabalhando em conjunto.

— Não se atreva. — Ela bufou. — Você ficaria horrorizada com a bagunça. Além disso, é bom que possamos sair um pouco de casa. Juro por Deus, às vezes parece que sou uma prisioneira.

— Pare. — Eu ri. — Você é tão dramática.

— Deve ser por isso que somos tão amigas. Nós nos entendemos.

Engoli em seco, surpresa com seu comentário.

— O que isso significa?

Ela piscou para mim, pegou o bebê conforto e cambaleou.

— Nossa, essa coisa é pesada.

— Essa coisa, no caso, seu bebê?

Seus olhos se arregalaram na defensiva.

— Sim! Ele é enorme!

— Amo você, Fi.

— Eu também te amo, K. — Ela beijou meu rosto e me deu um aperto rápido. — E eu não vou desistir de Nick. — Ela sussurrou. — Ou de você.

Depois disso, ela se virou e gritou para que seus filhos entrassem no carro antes de *congelar até a morte.* Não tive a chance de perguntar o que ela quis dizer com isso, ou por que ela não podia simplesmente nos deixar em paz. Ela desapareceu pela porta antes que eu pudesse formular uma frase.

Eu a assisti ir embora com uma leve sensação de tontura. Minhas mãos pousaram em meu abdômen e não pude evitar em me sentir decepcionada por minha noite com Nick não ter rendido frutos.

Eu não tinha pensado na possibilidade de ter engravidado até ele falar sobre isso em nosso aconselhamento. Eu tinha parado de pensar sobre essas coisas há muito tempo.

Mas eu também não conseguia entender o motivo de eu querer um bebê. O que Fiona e Austin tinham era incrível. Eles se amavam mais do que qualquer outro casal que eu já tinha conhecido. Eles também adoravam ter filhos. Seus filhos tinham nascido em meio ao amor e respeito que eles tinham um pelo outro. Nasceram em uma casa cheia de sorrisos e carinho. Foram criados por pais que amavam um ao outro.

Quando Nick e eu começamos a falar sobre ter um bebê, parecia mais como uma maneira de corrigir nosso casamento despedaçado, do que qualquer outra coisa. Eu achava que uma criança iria forçar ele a crescer... A conseguir um emprego de verdade. E eu tinha noventa por cento de certeza que ele achava que se tivéssemos um filho, eu sairia do seu pé.

Mas quanto mais tempo nós tentamos, sem obter resultados, mais eu percebia o quanto queria um filho. Eu tinha um buraco dentro

de mim... Um vazio. Eu *queria* ser mãe. Eu queria ver o resultado que sairia da mistura de Nick e eu.

Será que ele teria os olhos de Nick?

Será que ela teria a minha pele?

Eu queria aumentar nossa pequena casa, e nos transformar em algo mais do que apenas um casal. Eu queria nos transformar em uma família.

Eu não sabia se Nick se sentia da mesma forma. Nossos esforços se tornaram tediosos e nenhum pouco românticos. Sexo não era nada mais do que uma tarefa... Uma atividade cansativa, com a qual nós dois já estávamos desapontados antes mesmo de começar.

E realmente era uma tragédia. Nick e eu sempre tivemos relações sexuais incríveis antes de tentar ter filhos. Foi o que alimentou os primeiros dois anos do nosso casamento. Eu era tão louca pelo meu marido quanto apaixonada.

Mas isso tinha diminuído, e em seguida, morrido completamente, quando se tornou algo sobre gráficos, ovulações e fazer tudo certo.

Eu não tinha percebido isso até agora. Parecia bobo, mas talvez eu estivesse tão presa no momento que não conseguia ver todo o cenário.

Deus, eu odiava que tínhamos perdido aquele tesão... Aquela centelha que nos fazia querer tocar um ao outro o tempo todo.

Mas talvez não fosse só culpa da infertilidade?

Talvez todos os casais, eventualmente, perdessem o tesão. Meus pais perderam. Não que eu quisesse pensar sobre isso, mas não conseguia me lembrar da última vez eles tinham tocado um ao outro.

Kara e seu primeiro marido tinham. E muito rápido.

Fiona e Austin não tinham... Mas eles deviam de ser algum tipo de anomalia. Eles não eram normais. Sexo se tornava algo chato para a maioria dos casais. Uma tarefa árdua para quem tinha filhos, para quem queria filhos, ou nunca teve vontade de ter.

Era simplesmente impossível ficar sexualmente atraído por uma pessoa pelo resto de sua vida.

Voltei a olhar para a parede no corredor de entrada.

Não, isso não era verdade. Era uma mentira. Eu nunca tinha ficado mais excitada com Nick do que naquela noite. Minha pele corava e aquecia quando eu pensava em seu corpo pressionado contra o meu, ou a sensação de seus lábios, quando ele provou minha pele e me pediu para dar a ele tudo o que eu tinha. Tudo o que eu era.

Mas não importava, porque aquilo tinha sido um erro.

Um erro louco.

Mesmo que fosse impossível me arrepender completamente. Principalmente porque eu sabia que nunca faria um sexo como aquele de novo.

Eu nunca mais me sentiria tão excitada novamente... Como se a minha pele estivesse em chamas... Como se seus lábios me transformassem em um fogo inextinguível e seu toque incinerasse cada centímetro de mim.

Até o momento em que terminei de limpar a cozinha, a mesa cheia de legos e a sala de estar, já tinha quase me convencido de que nossa vida sexual teria se tornado maçante e chata, não importava o quê. Não era culpa do bebê. Era culpa da vida. Não era a frustração de não engravidar. Era o casamento, os anos passando e tudo o que aconteceu entre nós.

E já tinha quase me convencido a parar de pensar no Halloween.

Quase.

Mas não era bem assim.

Capítulo dezenove

26. Eu **mereço** alguém que me ame como eu sou.

Quando entrei pela porta de casa na noite de Natal, estava mais exaurida do que nunca. Passar o Natal com meus pais tinha sido além de cansativo. Mesmo que Josh e Emily tenham vindo com as meninas, minha mãe estava com um humor terrível.

Era como se sua tarefa da noite fosse me lembrar de como eu era sozinha. Não que ela precisasse se esforçar muito. Meu status de solteira nunca foi tão claro.

Além de Josh, Emily e seu amor eterno um pelo outro, eu fui forçada a assistir meus pais paparicarem um ao outro.

O Natal fazia isso com as pessoas. Eu sabia. Até mesmo Nick e eu éramos capazes de conviver no Natal. Mas eu sempre imaginei que meus pais continuavam juntos porque nunca tocavam um ao outro.

Não esse ano.

Coloquei meus presentes abertos sobre a mesa da cozinha, para que eu pudesse me abaixar e cumprimentar Annie.

— Desculpe eu ter te deixado sozinha o dia todo. — Murmurei para ela. — Eu deveria ter levado você junto. — Ela pulou com suas lindas patinhas pequenas e lambeu minhas mãos.

Abaixei-me e a peguei no colo, incapaz de deixá-la afastada do meu coração dolorido. Uma única lágrima escorreu pelo canto do meu olho e não consegui entender por que senti vontade de chorar de repente.

Meus pais geralmente me deixavam no limite, mas raramente me faziam chorar.

Passando a palma da mão contra o show idiota de emoção que eu não conseguia entender, decidi que eu estava sendo apenas exageradamente emocional. Esse era o primeiro Natal que eu estava passando sozinha.

Eu estava mais do que chateada. E confusa. E nostálgica. E com o coração partido.

Eram sentimentos completamente normais para alguém que tinha acabado de entrar em uma casa escura e vazia, sem ninguém além de seu cachorro para conversar.

Acariciei o pescoço de Annie, e meus dedos se depararam com algo desconhecido. Afastei-me para encontrar uma linda coleira cor de rosa no pescoço dela.

— O que é isso? — Minha frequência cardíaca aumentou, mesmo quando percebi que deveria ser de Nick.

Ela lambeu meu queixo, ansiosa para que eu voltasse a acaricia-la.

— Será que Nick esteve aqui? — Perguntei para minha cachorrinha. Ela só continuou a me lamber. — O que mais ele trouxe?

Ela não respondeu.

Acendi as outras luzes. Eu não tinha medo de Nick, de jeito algum, mas simplesmente saber que alguém esteve na minha casa, enquanto eu tinha saído me assustava. Eu precisava seriamente pegar suas cópias da chave.

Entrei na sala de estar para me certificar que ele tinha trancado a porta da frente depois de sair, quando tropecei em uma caminha de cachorro nova ao lado do sofá.

— Mas o que é isso?

Annie pulou dos meus braços para sua nova cama. Ela correu em círculos, como se exibindo para mim, antes de se deitar com um grande suspiro. Seu pequeno narizinho repousou sobre as patas dianteiras estendidas, e me encontrei sorrindo.

— Ele está estragando você. — Havia um grande osso de couro escondido no canto, e um brinquedo de mastigar novo sob a mesa de café. — Eu suponho que você o ame mais agora. Eu só comprei uma escova nova.

Ela soltou outro grande suspiro, e levei isso como um sim.

— Bem, ouça, se o advogado dele te questionar, você poderia me escolher, por favor? Eu também posso te mimar.

Seus pequenos olhos castanhos se levantaram e me encararam de forma insensível.

— Sim, certo.

Mostrei a língua para ela e caminhei até a porta da frente.

— Ele não vai ter você. Pode esquecer.

Eu me sentia enjoada só de pensar que ele estava considerando tirar Annie de mim. Ela era a *minha* cachorrinha. Fiquei feliz por ele não odiá-la como eu pensava. Mas isso não significava que ele poderia ficar com ela depois do divórcio.

E eu o odiava por tentar.

Pelo menos a porta estava trancada. Isso deveria ter acalmado um pouco da minha raiva, mas depois de conferir, comecei a ficar realmente incomodada.

O que tinha começado como uma tristeza melancólica rapidamente se transformou em fúria ultrajada. Como ele ousava tentar tirar Annie de mim! Como ele ousava tentar tirar minha casa e ficar com a guarda compartilhada de uma criança que nem sequer existia!

Se ele queria que esse divórcio tanto quanto eu, por que ele tinha que deixar as coisas tão difíceis?

Por que ele não podia simplesmente me deixar em paz?

Por que ele não podia simplesmente ir embora e me deixar com os restos remanescentes da minha vida despedaçada?

Quando me virei e vi Annie feliz, relaxando na cama nova que ele comprou para ela, vi vermelho. Ainda por cima era cinza, para combinar com a sala de estar, como se ele achasse que não ficaria só com a casa, mas com tudo dentro dela também!

Peguei meu telefone e disquei seu número. Ele tinha oficialmente arruinado meu Natal.

Tudo bem, talvez não fosse só culpa dele, pra ser sincera, mas ele tinha sido a gota d'água. Ele me deixou no limite e agora ouviria um pouco do que eu estava pensando.

— Você achou? — Ele perguntou com a voz áspera e baixa. Sem 'Alô', sem 'Feliz Natal', só aquela pergunta um pouco nervosa, e que me desarmou completamente.

— A caminha de cachorro?

— A imagem.

— Que imagem?

— Você me ligou por causa da caminha de cachorro?

— Eu te... Eu te liguei... Que imagem?

— Onde você está?

— Em casa.

Ouvi sua risada baixa através do telefone e senti minha raiva começar a se desintegrar.

— Eu quis dizer, em que lugar da casa você está?

— Oh. — Soltei uma respiração profunda. — Na sala de estar. Do lado da caminha de cachorro.

— Olhe para frente.

Eu obedeci. Olhei para a parede oposta e o novo quadro pendurado lá. Ele tinha uma moldura ornada em dourado. *Como uma antiguidade,* pensei imediatamente. A imagem não era de pessoas, mas de palavras. Eu não consegui ler de onde estava. Elas foram escritas com uma letra preta trabalhada em um fundo cinza claro.

Mesmo que eu não soubesse o que estava escrito, ele combinava com tudo perfeitamente. Parecia incrível na parede. Fez tudo se encaixar e adicionou um pouco de glamour.

Mas por que esse quadro estava na parede?

— O que é isso? — Sussurrei.

— Você leu? — Ele diminuiu o tom de voz, tentando disfarçar os nervos. Se eu não o conhecesse tão bem, não teria notado. Mas eu o conhecia. Eu o conhecia muito bem.

Eu não me mexi.

— Kate. — Ele sussurrou como se pudesse ver meus pés presos no lugar e a forma como as minhas mãos tremiam. — Vá até lá para ler.

Eu balancei a cabeça, mas ele não podia me ver.

— Por favor.

Foi sua voz rouca e seu apelo que fizeram eu finalmente me mover. Eu não poderia dizer não a ele. Não importa o quanto eu quisesse. Não importa o quanto eu quisesse acreditar que poderia seguir em frente, eu não conseguia. Não se ele me pedisse desse jeito.

Não quando parecia que ele precisava que eu olhasse para a imagem mais do que ele precisava respirar.

Eu só tinha ligado uma luz da sala de estar, por isso ainda estava bastante escuro enquanto eu caminhava até a parede. Topei com a mesinha de centro e cortei minha canela, porque não me importei em prestar atenção para onde estava indo.

Ficou cada vez mais difícil de engolir enquanto eu me aproximada da parede. Levou só alguns segundos, mas eu estava tão nervosa que até o momento em que cheguei à frente da imagem, fiquei com medo que fosse desmaiar.

Apoiei um joelho no sofá e me inclinei.

Amor que é o suficiente.

Amor que é grande o suficiente para dois.

Amor que é infinito o suficiente para mais.

Amor que é só entre eu e você.

Minha voz tremeu quando perguntei.

— O que é isso?

Ouvi sua respiração trêmula antes de ele perguntar.

— Você gostou?

— Nick, *o que é isso?*

Seu suspiro foi uma resposta melhor do que qualquer palavra. Ele não queria me falar o que era. Ele não queria explicar suas ações, motivos ou qualquer coisa. Ele só queria que eu gostasse.

Mas eu não podia fazer isso. Eu tinha que saber. Eu tinha que saber o porquê disso.

O que o fez fazer isso?

— Você se lembra da ex-namorada de Jared? Aquela artista esquisita? — Inalei profundamente quando ele fez uma pausa.

Finalmente, ele admitiu: — Ano passado. Eu pedi para ela fazer isso para você no Natal do ano passado.

— E por que você não me deu? — Fechei os olhos para conter as lágrimas que ameaçavam transbordar. Ano passado ele tinha me dado um Kindle novo. O meu tinha parado de funcionar, e eu pedi outro de presente. Ele comprou exatamente o que eu tinha escolhido.

Foi um ótimo presente. Exatamente o que eu queria.

Mas isso... Isso era algo... A mais.

Seu riso foi amargo.

— Você se lembra do Natal do ano passado?

— Sim. — Sussurrei. — Não... Quer dizer, eu não sei.

— As coisas entre nós não estavam muito bem. — Sua voz parecia grossa e áspera através do telefone. — Jared pediu dinheiro emprestado e nós discutimos. Eu tive que trabalhar na véspera de Natal, você ficou louca e... E me acovardei. Eu não queria mais te incomodar. Eu não queria brigar com você no Natal. Foi mais fácil comprar o que você queria.

Meu coração bateu dolorosamente contra o peito.

— Por que você acha que isso iria me incomodar? — Até mesmo eu sabia por que ele pensava isso. Mesmo que eu soubesse, eu poderia ser má.

Mais do que má.

Eu poderia ser má do tipo uma-casa-cai-em-cima-de-mim-porque-eu-sou-a-bruxa-mais-má-do-mundo.

— Eu estava com medo de te lembrar sobre... Sobre ter um bebê. Você estava tão confiante que nunca iria acontecer. Você ainda está.

— Nick. — Eu solucei. Eu não queria brigar com ele sobre isso de novo. — É... — *Tarde demais.* — Adorável.

— Nós somos uma bagunça, Kate. — Sua voz parecia mais forte. Estava absolutamente silencioso do seu lado da linha, por isso, quando ele trocou de orelha, percebi que ele estava na cama. Imaginei ele usando shorts e uma camiseta, suas longas pernas estendidas à sua frente, seu cabelo despenteado porque seus dedos estavam passando por ele o dia todo.

— Queria que você tivesse me dado isso no Natal do ano passado. — Passei a língua em meus lábios secos e parei de lutar contra as lágrimas.

Sua voz parecia infinitamente triste quando ele sussurrou.

— Eu também. — Houve silêncio entre nós por um minuto, mas não me senti compelida a desligar.

Apesar da dor do momento, da sensação pungente de perda, eu precisava estar perto dele de alguma forma. Era como se estivéssemos reconhecendo a magnitude do que tínhamos perdido. Nós dois estávamos admitindo como as coisas poderiam ter sido diferentes entre nós.

Quando o momento pesado passou, Nick deixou escapar um longo suspiro e perguntou.

— Como foi seu Natal?

— Argh. — Suspirei. — Minha mãe estava extremamente excepcional hoje à noite.

Juro que pude ouvir seu sorriso através do telefone.

— Geralmente ela é extremamente excepcional.

— Que seja. — Resmunguei. — é como se ela fosse sua nova melhor amiga. Tudo o que eu escuto é como você é ótimo e como eu sou a maior idiota do mundo por ter te deixado escapar.

— Bem, isso é algo bem claro para todos nós. — Ele brincou.

Eu deveria ter me irritado, mas ao invés disso sorri.

— Pelo menos seu ego ainda está intacto.

— Agradeça a sua mãe por isso.

Ri de seu sarcasmo.

— Eu tenho certeza que estava tudo bem com o seu ego muito antes da minha mãe decidir aprovar você.

— Mas é estranho, tenho que confessar. — Quando não concordei imediatamente, ele acrescentou. — De repente ela quer ser minha amiga. Sofri anos no inferno com aquela mulher, e agora ela decide que gosta de mim.

— Oh, meu Deus, foi exatamente o que eu pensei! — Sentei na cadeira em que eu estava de joelhos, incapaz de continuar olhando para o quadro. — Você acha que é por causa do seu novo emprego?

— Não. — Ele respondeu imediatamente. — Ela não sabe. A menos que você tenha contado para ela.

— Oh. — Eu tinha, mas não até recentemente. Quando ela o convidou para o almoço de domingo, ela não sabia.

— Tenho certeza que ela teve um derrame. É a única razão que eu consigo imaginar.

— Não acho que você esteja errado. — Senti o sorriso em meu rosto, mesmo que tudo estivesse girando e fora de controle. Obriguei-me a formar as palavras e perguntar. — Como foi o seu Natal?

— Foi tudo bem. — Ele suspirou. — Jared e eu fomos para a casa dos nossos pais. Jogamos Super Nintendo o dia todo e comi demais. Me senti com treze anos de novo.

Sorri novamente para a imagem. Jared podia ser um idiota absoluto, mas sempre gostei do relacionamento dele e de Nick. Eles eram bons irmãos um para o outro.

— Ele me contou o que aconteceu quando te viu no Starbucks. — Nick acrescentou. — Ele não vai falar com você daquele jeito de novo, Kate. Eu prometo.

Meu coração bateu forte no peito. Eu acreditava nele.

— Obrigada. — Depois de um minuto em silêncio, perguntei, — Como seus pais estão lidando com o divórcio?

Ele tossiu de repente e percebi que ele não queria responder a pergunta.

— Não tão bem quanto os seus.

— Eles me culpam.

— Eles culpam nós dois.

Eu não sabia mais o que falar depois disso. Olhei de volta para a imagem que ele tinha feito para mim e senti um novo tipo de tristeza.

— Foi você quem escreveu?

Ele sabia exatamente do que eu estava falando.

— Foi.

— Para mim?

— Não é a primeira música que escrevo para você.

— É uma música?

Ele não disse nada por um minuto. Eu não sabia nem se ele estava respirando. Só havia silencio do seu lado da linha, tanto que eu tive de verificar se ele não tinha desligado.

— É uma música. — Ele finalmente respondeu.

Algo que eu não pude nomear zumbiu através de mim e me deixou sem fôlego.

— Eu já escutei?

— Ninguém escutou.

— Cante. — Eu tinha que escutar. Eu tinha que saber. Eu tinha que ouvir aquelas palavras que ele escreveu para mim há um ano, as palavras que ele teve muito medo de compartilhar comigo enquanto ainda estávamos casados.

— Kate...

— Por favor. — Sussurrei.

E assim como eu, ele não poderia dizer não.

— Eu, uh, espere um segundo.

Ouvi movimento do seu lado da linha enquanto ele se movia pelo quarto. O tempo todo em que fiquei esperando por ele, me encontrei desejando *não desligue, não desligue, não desligue.*

Mas eu não sabia se era para ele ou para mim.

Fiquei congelada onde estava, com muito medo de me mover, com muito medo de assustá-lo. Quando os primeiros sons das cordas da guitarra me atingiram, percebi o que ele estava fazendo.

— Isto vai ser difícil. — Ele alertou. Então em voz baixa, ele murmurou. —Não consigo acreditar que estou fazendo isso.

Pressionei meus lábios em antecipação. Eu estava quase chorando de novo, mas não sabia por quê.

Quando ele começou a cantar meus joelhos ficaram fracos, e eu teria caído se já não estivesse sentada. Sua voz, tão familiar e dolorosamente doce, envolveu minha pele e penetrou em meus ossos. Fechei os olhos e o ouvi cantar sobre duas pessoas tão apaixonadas que respiravam um ao outro. Ele cantou sobre o mundo se colocando entre eles e os destroçando. Ele cantou sobre seu amor ser grande o suficiente para atravessar o mundo, e se encontrar novamente. Ele cantou sobre amor e perda, esperança e tristeza, ele cantou sobre uma garota que queria mais, mas um garoto que tinha o suficiente. Então ele cantou o refrão.

Amor que é o suficiente.

Amor que é grande o suficiente para dois.

Amor que é infinito o suficiente para mais.

Amor que é só entre eu e você.

Ele não terminou. Ele parou no meio do segundo verso e falou que não se lembrava do resto.

— Isso foi lindo. — Sussurrei. Emoção entupindo minha garganta e lágrimas silenciosas correndo por meu rosto. — Nick, isso foi...

Ele limpou a garganta, desconfortável. Eu consegui imaginar ele puxando o lóbulo da orelha.

— Eu deveria ter cantado isso para você no ano passado.

Eu não consegui responder. Eu estava sem palavras. Sem capacidade de falar. Ficamos ali, sentados em silêncio por mais um minuto. Então, de repente, eu precisava desligar o telefone. Eu não conseguia falar com ele mais um segundo.

Além disso, o que eu estava fazendo? Nós estávamos nos divorciando! Por que estávamos relembrando um passado que nenhum de nós poderia mudar?

Eu queria jogar meu telefone contra a parede por causa da frustração.

Forcei algumas palavras educadas.

— Feliz Natal, Nick.

Depois de mais um momento em silêncio, ele repetiu.

— Feliz Natal, Kate.

Desliguei antes que pudesse falar qualquer outra coisa. Deixei meu celular cair na cadeira como se ele pudesse me queimar ou se transformar em ácido e corroer minha pele. Levantei da cadeira tão rápido que Annie gritou em surpresa.

Tropecei para trás da parede e em seguida, em direção a ela. Eu precisava fazer alguma coisa. Eu não podia me sentir daquele jeito. Eu não conseguia nem sequer descrever o que estava sentindo. Era só... Tudo. Minha pele se arrepiou e meu sangue correu pelas veias. Minha cabeça começou a latejar por causa de uma dor de cabeça.

Deus, eu estava uma bagunça.

Olhei para a imagem que ele pendurou para mim e desejei poder ser mais forte, rasgá-la da parede e jogá-la fora. Eu tinha que me livrar dela. Eu tinha que afastar ela de mim.

Em vez de rasgar tudo em pedaços, cuidadosamente a retirei do lugar e a coloquei no armário do corredor. Ela era mais pesada do que eu tinha imaginado. Não era muito grande, mas o quadro era bom e resistente.

Não era só um pôster colado com cartolina de qualquer jeito. Nick tinha feito ela com cuidado... Para durar.

Ao contrário do nosso casamento.

Eu a coloquei no armário do corredor ao lado do aspirador de pó e fechei a porta. Deixei escapar um suspiro agonizante e me senti um pouco melhor.

É isso.

Naquele lugar eu não poderia vê-la.

Ela não iria me assombrar se eu não pudesse vê-la.

Olhei para minha casa e senti a solidão se agitar dentro de mim. Os cantos escuros pareciam me pressionar, se alimentando da luz fraca e das lembranças felizes que eu tinha dessa casa.

Incapaz de suportar isso por mais um segundo, chamei Annie e arrastei meu corpo cansado para a cama. Minha mente girava e girava enquanto eu me preparei para deitar, e horas mais tarde, enquanto eu olhava para o ventilador de teto girando em círculos lentos.

Incapaz de encontrar o sono ou a paz, arrastei-me para fora da cama e saí para o frio da noite. Arrastei-me até lá embaixo como se eu

fosse uma ladra na minha própria casa. Eu sabia que não havia mais ninguém lá, mas não podia deixar de sentir como se estivesse fazendo algo errado.

Ou talvez eu estivesse fazendo a coisa certa, pela primeira vez em um bom tempo.

Peguei a imagem do armário e com as mãos trêmulas, e recoloquei na parede.

Dei um passo para trás e a encarei.

Não foi uma solução, mas eu me senti um pouco melhor.

Pelo menos quando deitei na cama, eu finalmente consegui dormir.

Capítulo vinte

27. **Segundas chances** são um mito.

Em meados de janeiro, as aulas voltaram e Nick e eu tivemos nossa segunda sessão de aconselhamento.

E não tínhamos chegado a lugar algum.

Nenhum de nós estava disposto a desistir da casa ou do cachorro.

O Sr. Cavanaugh estava exausto no fim da sessão, e até mesmo a testa de Ryan Templeton piscava assassinato de primeiro grau. Eu não tinha certeza para quem, mas se tivesse que adivinhar, teria escolhido eu.

Ele provavelmente queria me atropelar com seu carro esporte caro. Aposto que era algo mais do que pretensioso.

Pobre Marty, o mediador, estava além de esgotado. Ele queria falar com nós dois separadamente. Nem Nick, nem eu, concordamos.

Não era que eu não confiava em Nick. Eu não confiava em seu advogado pegajoso.

Eu tinha começado a odiar o advogado de Nick com a força do fogo de mil sóis. Ele não era o único pensando em homicídio durante o aconselhamento.

Toda vez que Nick parecia perto de aceitar, Ryan sussurrava algo em seu ouvido que fazia Nick apertar a mandíbula e ficar completamente irracional.

Ryan Templeton era como um diabo no ombro de Nick, sussurrando todos os tipos de coisas más.

Nick precisava de um anjo falando pra ele fazer coisas boas e agradáveis. Coisas que terminassem com o aconselhamento, e com ele dando o cachorro e a casa para mim.

Certo, talvez não fosse Ryan o diabo em seu ombro. Talvez fosse eu.

Eu já tinha tentado analisar isso racionalmente ou pelo seu ponto de vista. Mas eu não consegui. Minha dor me consumia. Minha necessidade de manter as coisas que eu amava, e que ainda me amavam, estava me consumindo. Eu não podia deixar que Nick tivesse nada disso.

Eu não me importava se ele ficasse com a TV, os móveis ou até mesmo o meu carro. Mas eu precisava da casa.

E eu precisava do cachorro.

Eu não seria capaz de viver sem essas coisas.

Eu balancei a cabeça e tentei me concentrar no meu dia. Minha segunda e terceira aulas tinham trocado. Os alunos abriram a porta enquanto conversavam animadamente.

Continuei a me preparar para a aula enquanto os alunos sentavam em seus lugares. O segundo sinal finalmente tocou e fiquei feliz em ver que a maioria deles estava em seus lugares. Os poucos retardatários correram quando o sinal parou de tocar, e acenei minha mão em seus rostos suplicantes.

— Cheguem no horário amanhã. — Os adverti.

Eles prometeram que sim, mesmo que ambos soubéssemos que eles estavam mentindo. Amanhã eu teria que chamar a atenção deles novamente. Mas era apenas segunda-feira.

Eu dava passe livre nas segundas-feiras, porque segundas-feiras eram a definição de terríveis.

Olhei ao redor da sala e notei algumas mesas vazias. Duas das crianças tinham sido dispensadas das aulas de hoje porque estavam em um grupo de debates, mas nenhum deles tinha aula comigo.

— Alguém sabe onde está o André Gonzalez? — Um silêncio gelado rastejou através da sala, e imediatamente olhei para Jay Allen. — Ele não está marcado como ausente hoje. Ele foi para casa?

Eu ainda não tinha saído da minha sala de aula hoje. Se houvesse fofocas sobre o seu paradeiro, eu ainda não tinha ouvido.

Minha classe ficou em silêncio assim que os pressionei.

— É melhor que vocês me falem logo. — Quando eles continuaram a me encarar, senti um medo familiar. — Ele está ferido? Doente? Aconteceu alguma coisa com ele?

— Preso. — Alguém falou da parte de trás da sala. — Ele foi preso ontem à noite.

Não foi a notícia mais surpreendente do mundo, mas ainda senti um golpe doloroso.

— Droga. — Sussurrei. Olhei para cima e vi o medo refletido nos olhos de meus alunos. Medo e a resignação. — Quantos anos ele tem?

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo, até que alguém disse.

— Dezoito.

Fiquei extremamente triste e por um momento, pensei que fosse passar mal. Eu odiava que ele já fosse adulto. Eu odiava que ele não tivesse sido inteligente o suficiente para sair dessa vida por conta própria. Mas eu odiava mais sentir alívio por ele estar longe das ruas.

Então me senti extremamente arrependida.

Ele tinha me aterrorizado antes das férias de Natal. E eu não tinha ido até o Sr. Kellar para contar o que aconteceu. Eu tive muito medo de que Kellar fosse expulsá-lo.

Tinha sido estúpido da minha parte. Até mesmo perigoso. Mas eu queria dar uma chance de Andre terminar o ensino médio. Eu queria ajudá-lo.

Mas eu não tinha ajudado. Eu não tinha ajudado nenhum pouco. Eu tinha o deixado continuar sua jornada rebelde, e agora ele estava preso.

Meu olhar se arrastou para Jay Allen, que estava sentado com a cabeça baixa, batendo em seu caderno com um lápis curto. Ele não olhou para mim. Era como se ele soubesse o que eu estava pensando.

Porém eu duvidava que Jay tivesse a mesma sensação de perda.

Levei alguns minutos para me recompor o suficiente e conseguir iniciar a aula. Esforcei-me até encontrar o ritmo novamente. A turma em nenhum momento ficou completamente envolvida comigo. Todos sentiam a falta de um de seus colegas.

Infelizmente, isso acontecia muitas vezes nesta escola. Os alunos nem sempre eram presos. Às vezes, simplesmente desistiam.

Às vezes, eram mortos.

Um calafrio deslizou por minha espinha quando lembrei como Andre era inteligente... Como ele poderia ter ido longe.

Quando o sinal finalmente tocou, eu sabia que poderia ter feito muito mais. Aqueles não foram meus melhores momentos como professora.

Caí para trás em minha cadeira e tentei me recompor para suportar o resto do dia. A próxima hora era meu período de planejamento, então eu tinha um pouco de tempo, mas ainda parecia uma façanha impossível.

Dedos longos bateram na borda da minha mesa, e levantei o olhar para encontrar Jay ali parado com uma expressão determinada no rosto.

— Posso te ajudar em alguma coisa Jay?

— Eu sei que você não disse nada para o Kellar.

Sua acusação parecia estranha, como se ele quisesse discutir, mas havia algo mais. Levantei minha sobrancelha, o desafiando a falar o que ele quisesse.

— Por quê? — Ele perguntou finalmente. — Por que você não falou nada? Ele te ameaçou. Ele *me* ameaçou!

— Você está bravo porque não o entreguei por ter te ameaçado?

Ele revirou os olhos e esfregou a mão sobre sua cabeça raspada.

— Não seja ridícula. — Ele me deu um olhar de soslaio, que interpretei como um pedido de desculpas por ter sido rude. — Mas não é seu trabalho falar alguma coisa?

— Sim. — Admiti. — Eu deveria ter falado algo. Ele poderia ter ameaçado outro estudante. Ele poderia ter trazido outra arma para a escola. Ele poderia realmente machucar alguém. Eu *deveria* ter falado alguma coisa.

— Então por que você não falou? — Seus olhos castanhos e profundos analisaram os meus atentamente, esperando pela verdade.

Então eu a dei a ele.

— Se eu tivesse falado alguma coisa, ele teria sido expulso.

Jay soltou uma risada zombeteira.

— E daí! Ele acabou na *prisão*, Carter. Isso é muito pior do que ser expulso.

Engoli a bola de golfe que parecia trancar minha garganta.

— Sim, e se ele tivesse sido expulso? Teria mudado alguma coisa?

Jay bufou.

— Não, ele só teria sido preso antes.

— Exatamente. Eu queria que ele evitasse ser preso e fugisse do estilo de vida que estava tão determinado a levar. Eu queria que ele tivesse uma chance de se tornar algo melhor. Eu quero a mesma coisa para você e todo mundo que entra nesta sala de aula. Eu dei uma segunda chance para Andre, e ele a desperdiçou. Ninguém está mais chateada com isso do que eu.

— Você não sabe do tipo de bairro que Gonzalez é. Eles não dão bolsas de estudo para pessoas como ele. Suas celas estão reservadas e prontas, porque eles sabem que é apenas uma questão de tempo.

Eu esperava que Jay estivesse feliz com o destino de André, mas percebi uma interessante mistura de pesar e medo em sua expressão. Querendo saber se essa era finalmente a minha chance de me aproximar dele, falei.

— Eles dão bolsas de estudo para as crianças de todos os tipos. Não importa o bairro, classe social ou de que família você vem. Se você tentar o bastante. Se você se *esforçar* o bastante, você vai encontrar uma faculdade que vai te aceitar.

— Você está dizendo que Andre tinha uma chance real de entrar na faculdade?

— Andre era brilhante, Jay. E você também é. Qualquer aluno que vem para a escola e se esforça tem uma chance. Mas nós não podemos obrigar você a fazer nada. Você precisa decidir o que quer... Querer fazer algo melhor do que ir para a prisão ou qualquer outra coisa.

Ele se balançou sobre os calcanhares enquanto pensava sobre isso.

—A faculdade não é fácil, Jay. E talvez seja tarde demais para uma bolsa de estudos. Mas você pode conseguir ajuda financeira. Existem opções. Você já falou com a Sra. Chase? — Ele balançou a

cabeça. — Fale com ela. Por favor. Ela pode te orientar sobre isso muito melhor do que eu.

— Talvez.

— De que você tem medo?

Seu olhar se fixou no meu de forma letal.

— Eu não tenho medo de nada. Você me viu com a porr... Com uma faca na garganta. Eu pareci estar assustado?

Minha respiração acompanhava as batidas rápidas do meu coração.

— Então por que você não quer tentar?

— Não é que eu não queira tentar.

Levantei-me e coloquei as duas mãos sobre a mesa, tentando parecer intimidadora.

— É sim. Você tem que fazer algo com sua vida Jay, ou você vai acabar como Andre.

Ele deu um passo para trás, pronto para fugir.

— Você não me conhece.

— Eu sei que a vida é difícil. Eu sei que crescer é a coisa mais difícil que você vai fazer na vida, e se você não tentar alguma coisa, se você não fizer alguma coisa, não vai ser nada. Isso o que Andre fez? Esse é o caminho mais fácil. Sair do seu bairro e entrar em uma faculdade? Vai precisar de muita dedicação. Mas *vai* valer a pena. Eu juro, vai valer a pena. As melhores coisas da vida têm um preço. Você precisa trabalhar duro por elas. Tão duro que nunca mais alguém vai chamar você de preguiçoso.

Os lábios de Jay se contorceram e prendi a respiração, esperando que tivesse conseguido colocar alguma coisa na cabeça dele.

— Você jura mais do que qualquer outro professor que eu conheço.

— É porque eu sou a professora mais legal que você conhece.

Pelo olhar em seu rosto, ele não acreditou em mim.

— Essa é a minha segunda chance, Sra. C?

Eu sorri para ele.

— Eu sabia que você era inteligente.

Ele olhou para os lados de forma dramática.

— Shh, você vai arruinar minha credibilidade nas ruas.

Revirei os olhos e peguei meu bloco de bilhetes de justificativa.

— Você precisa de um desses? Está atrasado para a próxima aula?

— Sim, mas é com o Sr. Bunch, e ele não dá a mínima. — Ele começou a andar para trás, saindo da minha sala. — Ao contrario de você.

— Isso parece um insulto.

— Talvez. Eu ainda não decidi.

Eu ri, apesar de tudo.

— Vá para a aula, Jay.

Ele me deu uma saudação sarcástica e desapareceu pela porta.

Sentei-me novamente, completamente perplexa.

Kara apareceu cinco minutos depois com seu almoço na mão e duas cocas diet. Ela entregou uma para mim.

— O que aconteceu? — Ela perguntou.

— Você ficou sabendo que André Gonzalez foi preso ontem à noite?

Seus olhos brilharam com decepção.

— Sim. Parece sério. Eles o pegaram por posse e venda de drogas para menores de idade.

— Oh meu Deus.

— E ele tem dezoito anos. — Acrescentou.

— Fiquei sabendo.

Ficamos em silêncio por um minuto.

— Talvez Jay Allen vá conversar com você.

— Quem? — Eu estava prestes a explicar quem era quando ela completou. — Ah, eu sei quem é. Ele esteve no meu escritório na semana passada por assediar um professor.

— Qual professor?

— O Sr. Bunch.

Eu quase sorri, mas me controlei.

— Eu acho que ele vai ir conversar com você novamente.

— Quem, o Sr. Bunch?

Eu abri o jogo com ela.

— Não, Jay. Estou tentando convencer ele a ir para a faculdade.

Suas sobrancelhas abaixaram e seus ombros caíram.

— Você acha que ele está falando sério?

— Eu não sei. Acredito que sim.

— Eu também. — Ela se sentou na borda da minha mesa e abriu seu refrigerante com suas unhas longas e cor-de-rosa. — Como está o andamento do divórcio?

Meu estômago afundou. Eu tinha acabado de pensar em enviar uma mensagem de texto para ele, contando sobre Jay e Andre. Aparentemente, velhos hábitos custam a mudar. Muito.

— Uh, ainda estamos em um impasse. Nenhum de nós quer ceder.

— Quando é a próxima sessão de aconselhamento?

— Só em março. Acho que nunca tinha percebido quanto tempo isso está levando. — Encarei minha mesa cheia de papéis para corrigir, para devolver, lápis, marcadores de quadro branco e outras coisas. — Você acha que estou cometendo um erro? — Perguntei, encarando a bagunça.

Kara ficou em silêncio por um longo tempo e quando finalmente falou, sua voz era suave e cautelosa.

— *Você* acha que está cometendo um erro?

Olhei para ela, tentando decidir.

— É normal se questionar sobre coisas como essa, não é? Pelo menos eu acho que sim. Só que não consigo parar de me questionar. Não consigo parar de pensar sobre meu casamento, e sobre a noite que decidimos nos divorciar. Não consigo parar de pensar que poderíamos ter feito mais. — Respirei fundo e tentei descobrir o que eu estava tentando falar. — Acabei de falar para um aluno que as melhores coisas da vida exigem trabalho duro e que ele não deveria desistir só porque teria que se esforçar mais. Que ele teria que tentar mais e mais, até conseguir o que ele quer. Eu não deveria aplicar isso também? Comigo e com Nick?

Kara franziu a testa.

— É por isso que demorei tanto tempo para te contar sobre o meu divórcio. Eu *precisava* deixar o Marcus. Ele era uma pessoa horrível. Mas com você... As circunstâncias são completamente diferentes. Nenhum de vocês dois são pessoas ruins, vocês só... Eu não sei, vocês só esqueceram o amor. Isso acontece muito. As pessoas se divorciam por milhares de razões. Nenhuma razão é certa ou errada, só diferentes.

Mas o meu motivo parecia errado. Todos os meus motivos pareciam errados.

Eu tinha uma lista deles na minha cabeça. Sempre tive. Tudo o que ele fez de errado, tudo o que eu fiz de errado, tudo o que fizemos de errado juntos. Eu tinha todos na minha mente, como um tipo terrível de placar. Eu costumava utilizar essa lista para brigar com ele, e a utilizei também para sugerir o divórcio. A usei para atacá-lo, para mostrar a ele que precisávamos nos separar, e continuei a utilizando desde então.

Será que isso significava que não deveríamos nos divorciar?

Talvez ele não fosse tão terrível como eu tinha pensado, mas ainda havia os fatos. Nós não nos acertávamos. Nós não suportávamos um ao outro. Estávamos melhores separados.

Certo?

Encontrei o olhar preocupado de Kara e falei.

— Sinto muito por você ter passado por isso. Sinto muito por você ter sido machucada.

Ela acenou.

— Foi há muito tempo atrás.

— Mas ainda te machuca.

Seus olhos cinzentos brilharam como prova do quanto o divórcio ainda a machucava, como se alguém tivesse morrido. Como se algo santo tivesse morrido... Algo sagrado e separado. Casamentos, não tanto os curtos quanto os longos, eram selados por votos e promessas feitas pela alma. Cortar esse laço era como assassinar uma parte sua.

Eu sentia aquilo todos os dias. E sabia que nunca iria embora.

Kara podia falar de forma arrogante sobre como ela tinha esquecido tudo, mas ela ainda estava machucada. Ela ainda lamentava. Ela ainda deixava aqueles votos secando e morrendo.

— Obrigada. — Ela sussurrou, piscando os olhos brilhantes. — Você é uma boa amiga.

— Você também é uma boa amiga.

— E graças a Deus temos uma a outra. Podemos ser solteironas juntas.

— Podemos ter um gato?

— Baby, nós podemos ter vários gatos. Dezenas deles. Tantos que nossas roupas ficarão cobertas de pelos, e vamos ter que tirar eles de nossa comida.

— Isso é nojento. — Mas eu sorri, porque realmente gostei do que estava imaginando. Gostei da ideia de que nunca ficaria completamente sozinha. Eu poderia me tornar uma senhora louca por gatos com Kara e pegar carona com ela para o trabalho todos os dias.

Meu futuro não seria tão sombrio quanto eu pensava.

Ela suspirou.

— Ok, eu tenho que voltar ao trabalho. Acho que eu deveria estar em uma reunião há cinco minutos.

— Com quem?

— Kellar e aquele garoto que inundou o vestiário masculino.

Soltei uma risada.

— Boa sorte com isso.

— Eu não preciso de sorte. — Ela murmurou enquanto estava

saindo. — Preciso que alguém inunde o outro vestiário, para que eu não precise fazer isso.

A assisti saindo e esperei mais um minuto antes de pegar meu telefone na bolsa. Abri minha caixa de mensagens com a intenção de enviar uma para Nick. Eu tinha que falar com ele...

Alguma coisa.

Eu não sabia o que, eu só... O quê? Eu precisava ouvir ele?

Mas por quê?

Meus dedos ficaram paralisados sobre a tela. Eu não tinha nada para falar para ele. Era para eu estar furiosa por causa dos problemas que ele causou durante o aconselhamento. Eu não deveria ter nada a ver com ele.

E ainda assim eu não conseguia parar. Era como se o meu corpo estivesse possuído pelo fantasma do Natal passado.

Ou um demônio.

Um demônio que não conseguia superar seu ex-marido.

Maldição, havia algo de errado comigo.

Joguei meu telefone na mesa e cruzei os braços. E as pernas. E bati os pés.

Quando eu não consegui mais aguentar, peguei o telefone novamente e visualizei algumas mensagens antigas. Finalmente, cheguei a uma mensagem da minha mãe. Aquilo servia.

Quer que eu leve algo para o almoço no domingo?

Três minutos mais tarde, ela mandou uma mensagem de volta.

Só chegue na hora.

Oh, meu Deus. *Mãe.* Eu precisava estabelecer limites com a minha família. Eles literalmente iam me deixar louca se eu não desse um fim a isso.

O sinal tocou e dei um suspiro de alívio. Eu poderia guardar meu telefone e não corria mais perigo de cair em tentação. Pelo menos não por enquanto.

Inclinei-me e abri minha gaveta. Mas então, como se eu estivesse

realmente possuída, encontrei o número de Nick e mandei uma mensagem.

Você acha que poderíamos ter feito mais?

Apertei o botão enviar e meu coração parou de bater. Fiquei totalmente sem ar e desejei poder voltar no tempo imediatamente. Eu queria excluir, deixar de ver, apagar este momento completamente.

Eu precisava de uma máquina do tempo, do Doutor, da porra do Michael J. Fox e do DeLorean.

Larguei meu telefone dentro da bolsa e fechei minha gaveta. *Idiota.* Eu era um idiota.

Não olhei meu telefone até o fim do dia. Até chegar ao carro.

Então finalmente, me permiti conferir se ele tinha respondido minha mensagem.

Ele tinha.

É claro que ele tinha. Em nenhum momento duvidei disso.

Sim.

Foi tudo o que ele escreveu. Um simples, confuso, incompreensível e frustrando s*im.*

Capítulo vinte e um

28. Eu **não consigo** fazer isso **sozinha**.

A primavera chegou do dia para a noite. Em um dia, parecia que meus dedos iriam cair se eu colocasse os pés para fora de casa, e no outro, o dia amanheceu quente, brilhante e pronto para derreter cada polegada de neve em Illinois.

Foi incrível.

Eu nunca tinha ansiado tanto por uma mudança de estação. Este inverno tinha sido o mais escuro e sombrio até agora, e eu não acho que poderia sobreviver por muito mais tempo.

Graças a Deus, eu não precisava.

O início de março trouxe todos os tipos de esperança e expectativa para o que estava por vir. Senti meu coração inchar no peito e meu espírito se recolher do chão imundo. Era um novo dia, um novo amanhecer, e se eu tivesse uma voz de anjo como Michael Bublé, teria cantado de felicidade.

Em vez disso, decidi levar Annie para uma caminhada depois da aula. Eu estava usando galochas, para que pudéssemos caminhar pelas pilhas de neve derretendo. Ela estava adorando cada segundo. Eu sabia que teria que dar um banho nela assim que chegássemos, mas tínhamos ficado enfiadas dentro de casa por tanto tempo que eu não me importava.

Nós só precisávamos respirar o ar livre e movimentar nossos corpos atrofiados pelo inverno.

Caminhar foi mais do que terapêutico. Eu não estava cansada só por ficar dentro de casa por meses; Eu estava cansada da minha própria pele... Da minha própria cabeça. Estava exausta de mim mesma.

Mas hoje eu estava me sentindo diferente. O fim do ano letivo estava à vista, o fim do meu divórcio também. Talvez.

Eu esperava.

E amanhã era o meu aniversário. Trinta e um.

Eu quase tive um colapso quando fiz trinta. Eu não conseguia suportar a ideia de envelhecer mais uma década. Eu não estava pronta para deixar meus vinte anos, e a juventude que eles representavam, para trás. Trinta anos parecia maduro demais para mim. Tão adulto.

Mas Nick tinha feito tudo ficar mais fácil. Ele tinha me enviado buquês de trinta coisas durante todo o dia. Tantos que minha mesa não tinha mais espaço, e tive que colocar o restante na janela.

Trinta rosas cor de rosa. Trinta latas de Coca-Cola Diet. Trinta barras de Snickers. Trinta marcadores de texto vermelhos. Trinta dólares para meu Kindle. Trinta dólares no Garmans Deli. Trinta pacotes da minha bala de goma favorita.

Eu tive que fazer três viagens até o carro para carregar tudo, mas ele estava me esperando em casa, para ajudar a levar tudo para dentro. Depois disso, ele me levou até um bar chamado Thirty and Clover. A comida era horrível, e rimos sobre isso a noite toda. Ele se inclinou sobre a mesa no final da noite e disse: *'Está vendo? Fazer trinta não é tão ruim assim'*.

No dia seguinte, brigamos por algo estúpido. Eu não conseguia lembrar por que. Mas eu lembrava que não no falamos por quatro dias.

Dois meses depois, eu pedi o divórcio.

Annie e eu caminhamos até voltar para a esquina da nossa quadra. Eu conseguia ver nossa casa sobre a colina. A grama tinha começado a aparecer debaixo das pilhas de neve derretendo. Ela ainda estava morta e marrom, mas pelo menos estava aparecendo.

Um sinal de esperança.

Um sinal de mudança.

Sra. Dunn estava do lado de fora verificando sua caixa de correio, e parei para falar com ela. Eu não tinha visto ela há alguns meses. Ela era uma mulher idosa. A maioria das pessoas na nossa rua eram casais idosos ou jovens, com crianças selvagens correndo por toda a parte. Poucos fugiam à regra.

— Oi Sra. Dunn. — Sorri para ela e parei na calçada. A guia pendia em minhas mãos enquanto Annie pulava em torno do terno de

veludo cor-de-rosa da senhora Dunn.

— Oi Kate. — Ela se inclinou para dar um tapinha na cabeça de Annie. — Olá garota bonita. Saindo para uma caminhada?

— O dia está tão bonito. Nós não conseguimos resistir. — Do outro lado da rua, crianças jogavam basquete em uma garagem.

— Parece que todo mundo resolveu sair de casa hoje. — Sra. Dunn sorriu em direção ao outro lado da rua, onde as crianças brincavam. — Você já conheceu os Jacksons? É uma ótima família. As crianças são encantadoras. — Ela me deu um olhar de soslaio. — Barulhentas, mas encantadoras.

Não pude deixar de sorrir. A Sra. Dunn achava até o carteiro muito barulhento.

Olhei para o outro lado da rua no momento em que a bola de basquete bateu na borda da cesta e caiu de volta. Ela rolou para fora da calçada, através da rua. Assisti com horror quando uma das meninas mais novas correu até a bola justamente quando um carro passou voando pela rua, rápido demais para um bairro.

Fiz sinal com minhas mãos e a adverti para parar, mas seu irmão mais velho a agarrou pela parte de trás da camisa no último minuto. Soltei uma respiração ofegante, porque meu pesadelo ainda não tinha acabado.

No momento em que entrei em pânico por causa da menina, deixei cair a guia. Annie tinha corrido até a rua para pegar a bola. O carro a viu, mas não conseguiu parar a tempo, e minha pobre menina Annie foi arrastada para debaixo do pneu.

Assisti a tudo como se fosse um pesadelo em câmera lenta. O carro não conseguiu desviar a tempo. Ouvi seu grito aflito e me movi. A segui até a rua, segurando seu corpinho em meus braços no momento em que afundei de joelhos no asfalto frio e úmido. Ela estava imunda e encharcada por conta de nossa caminhada. Sangue se misturava com seu pelo molhado e sujo, tornando tudo de uma cor marrom doentia.

Afundei meus dedos em sua roupinha pegajosa, além de assustada com a possibilidade de ela ter morrido, de que o monstro no carro a tivesse matado. Seus pequenos pulmões tremiam com o esforço para respirar. Eles balançavam seu pequeno peito, enquanto sua cabeça rolou apaticamente em meus braços.

Retirei a guia e a coleira nova que Nick tinha comprado. Não

consegui descobrir onde ela estava sangrando, ou o que exatamente havia de errado com ela. Minha mente girava, girava e girava, e tudo o que consegui fazer foi entrar em pânico. Eu fiquei totalmente inútil. Estúpida. Completamente histérica. Nada além de apavorada e com medo.

Eu mal podia ver Annie através das minhas lágrimas. Eu não sabia o que fazer. Eu sabia que tinha que fazer alguma coisa. Eu *precisava* fazer alguma coisa. *Mas o quê?* Não a minha Annie.

Por favor, não a minha Annie.

Por favor, por favor, por favor.

Eu precisava de Nick. Oh, Deus. *Nick saberia o que fazer.*

O motorista saiu de sua máquina assassina e tentou falar comigo, mas eu estava muito desesperada para entender tudo o que ele disse. Sra. Dunn tentou intervir, mas nem mesmo ela conseguiu traduzir meus soluços de pânico.

A pobre Annie só chorou e se contorceu em meus braços enquanto eu a segurava com força contra meu peito.

A embalei tão gentilmente quanto possível. Eu não podia deixar ela morrer. A parte racional do meu cérebro falava para eu me mover, me levantar e fazer alguma coisa. Mas o medo de perder a única coisa que ainda me amava completamente era extenuante. Sufocante.

— Kate, para quem eu posso ligar? — A voz da Sra. Dunn penetrou lentamente minha névoa de pânico. — Kate, precisamos ligar para alguém.

— Nick. — Engasguei. — Eu preciso ligar para o Nick. — Enfiei minha mão limpa no bolso do casaco e com os dedos trêmulos, toquei os botões certos.

Sussurrei, tentando acalmar Annie enquanto esperava que ele atendesse. Por favor, atenda. *Por favor, por favor, por favor, atenda.*

Finalmente, na segunda tentativa, ele atendeu.

— Alô?

— Nick. — Chorei. — É a Annie!

— Kate? — Ele parecia confuso, mas eu precisava que ele resolvesse isso. Agora.

— Ela foi atropelada por um carro. — Eu soluçava.

— Espere, o que? Annie foi atropelada por um carro?

— Sim! — Minha voz saiu em um soluço miserável. Annie estremeceu novamente e minhas lágrimas caíram mais rápido.

— Ela está viva?

— Por pouco.

— Onde você está? — Seu tom mudou de apavorado para decidido em um segundo. Fechei os olhos para afastar uma nova onda de lágrimas. De alívio. Eu sabia que ele assumiria o controle. Eu sabia que ele saberia o que fazer.

— Eu estou na frente da nossa casa. Acabou de acontecer. Eu não... Eu não sei o que fazer.

Ele xingou baixinho.

— São cinco e meia, vou demorar quarenta e cinco minutos para chegar até aí por causa do trânsito. Tem alguém aí que pode te levar? Eu posso te encontrar no veterinário.

Olhei para a Sra. Dunn.

— Você pode me levar até o veterinário? É perto daqui. Nick vai me encontrar lá.

— Claro que sim. — Ela disse rapidamente. Notei que ela trocou algumas informações com o estranho, mas eu não conseguia nem olhar para ele.

Ele quase matou Annie. Eu o odiava. Eu não me importava que tivesse sido um acidente. Eu não conseguia suportar ver ele.

Eu sabia que acabaria me acalmando, mas não neste momento. Primeiro eu precisava ter certeza de que ela ficaria bem.

— A Sra. Dunn vai me levar. — Eu respondi a Nick com a voz um pouco mais firme. Mas em seguida, ela quebrou novamente quando perguntei em um sussurro rouco. — Você promete que vai vir?

— Estarei lá assim que eu puder, Katie. Eu juro.

— Obrigada.

— Agora levante. — Ele ordenou. — Leve ela até alguém que

possa ajudar.

— Diga que vai ficar tudo bem. — Eu chorei. — Diga que ela vai ficar bem.

Sua voz ficou baixa com a sinceridade e o compromisso.

— Vai ficar tudo bem, Kate.

Me levantei e segui a Sra. Dunn, porque eu acreditava nele.

* * *

Uma hora mais tarde, eu havia sido banida para a sala de espera no veterinário, e minhas lágrimas viraram pânico doentio, que esmagou minhas entranhas e transformou tudo em lama.

Deus, eu estava uma bagunça.

Mas eu não podia perder Annie. Eu *não podia.*

O veterinário não tinha se aproximado com nenhuma notícia boa, mas também nenhuma ruim. Olhei em torno da sala de espera brilhante e pisquei contra aquela brancura absoluta.

Nós frequentávamos este veterinário desde que Annie era um filhotinho. Um amigo de Nick no trabalho nos indicou ele. O Animal Doctor pertencia a um homem grisalho de quase setenta anos. O Dr. Miller tinha um sorriso que me lembrava do de um cavalo, com todos os dentes grandes e o rosto comprido. Mas ele sempre nos atendeu muito bem. Sua filha também trabalhava aqui, a segunda geração de veterinários que, presumivelmente, assumiria a clínica. Ela acalmou meus nervos em frangalhos enquanto eu não conseguia parar de olhar para as mãos trêmulas do seu pai.

Ela colocou seus dedos gelados em volta do meu antebraço e sorriu pacientemente.

— Annie está em boas mãos. — Prometeu. — Nós vamos cuidar dela.

Ela tinha me acompanhado até a mesa da recepcionista, que havia perguntado se tinha alguém que ela poderia ligar para ficar comigo.

— Meu marido está a caminho. — Expliquei. Não parecia uma mentira. Não parecia estranho. Nick ainda era o meu marido. Talvez não por muito tempo. Mas hoje eu precisava que ele desempenhasse seu papel de marido.

Além disso, eu não tinha certeza se as visitas à Annie seriam restritas à família. Eu não queria que ele fosse impedido de vê-la.

Será que eles faziam isso aqui também?

Minha cabeça girava, e me deitei em uma das cadeiras de plástico branco da sala de espera. Branco sempre me pareceu uma escolha estranha para um lugar onde havia animais o dia todo. E não era qualquer branco. Não era branco-acinzentado, branco-amarelado ou branco-desbotado. Era um branco *branco.* O tipo de branco que me lembrava de dentes com clareamento sob a luz negra.

Como eles conseguiram esse branco?

Como eles conseguiam *manter* esse branco?

— Kate? — Subitamente, Nick estava ajoelhado na minha frente, com suas mãos quentes, suaves e reconfortantes sobre minhas coxas. — Como você está se sentindo?

Engoli com dificuldade e encarei seus olhos azuis como o oceano. Eu não conseguia falar. Eu não conseguia dizer as palavras. Eu balancei minha cabeça de uma forma assustada e mais algumas lágrimas escaparam.

— Venha aqui. — Ele murmurou, me puxando contra seu peito.

Joguei meus braços em volta do seu pescoço e não o soltei mais, mesmo quando ele cambaleou, vacilando. Ele nos levantou, me colocando em pé para que pudéssemos pressionar nossos corpos um contra o outro.

Um de seus braços circulou minha cintura e me segurou com força contra seu corpo, enquanto sua outra mão parou em minha nuca, seus dedos acariciando meu cabelo. Enterrei meu rosto em seu pescoço, enquanto meu corpo inteiro tremia.

— Você pode me dizer o que aconteceu? — Sua voz rouca e baixa era como uma cascata sobre minha pele, como uma carícia morna. Senti seu peito vibrar com as suas palavras e seus dedos flexionarem contra a lateral do meu corpo.

Pedaços de mim que tinham começado a se fragmentar, quebrar e flutuar, como se eu fosse algum tipo de foguete à deriva no espaço, encontraram sua gravidade com a presença de Nick. Todas as cicatrizes e lascas irregulares voltaram para o seu lugar, e me tornei inteira novamente.

— Nós saímos para uma caminhada. — Funguei. — Eu parei para conversar com a Sra. Dunn e não estava prestando atenção. Havia uma bola de basquete, e ela correu atrás, mas... Mas havia um carro... E... — Minha explicação morreu em um soluço.

Nick entendeu a essência do que tinha acontecido, de qualquer maneira. Ele me apertou com mais força. Seus braços fortes me envolveram como um escudo protetor, que estava me garantindo que tudo ficaria bem. Nós nos encaixávamos tão perfeitamente. Seu corpo era alto o suficiente para se elevar sobre o meu do jeito que deveria ser. Eu conseguia dobrar meus braços sob os seus ou envolvê-los em torno de seu pescoço, estando de qualquer uma das duas formas em uma posição confortável. Quando estávamos deitados na cama, seu corpo poderia cobria minhas costas perfeitamente. Suas pernas tinham o comprimento exato para se entrelaçam com as minhas, fazendo com que eu me sentisse minúscula. Seus braços eram do comprimento perfeito para me segurar contra ele.

Eu realmente nunca tinha notado, pelo menos não dessa maneira, completamente boquiaberta.

Se eu deixasse este homem, eu algum dia encontraria outro corpo tão adequado para o meu? Éramos como duas peças de um quebra-cabeça. E eu não sabia se algum dia me encaixaria em outro quebra-cabeça.

Talvez eu não quisesse.

— O veterinário falou alguma coisa?

Fechei os olhos ao ouvir o som de sua voz. A forma como eu me sentia era angustiante. Eu sabia que ele tinha parado de sair para caminhar com Annie da forma que ele sempre fazia desde que nos separamos. Eu sabia que ele queria tirar ela de mim no acordo do divórcio. Mas eu nunca tinha acreditado que ele era realmente tão apegado à nossa cachorrinha.

Sempre achei que ele estivesse tentando me torturar.

— Não. Nada.

— Mas ela ainda não está morta, não é? Eles estão tentando salvar a vida dela.

Assenti.

— Eles estão tentando. Mas ela estava tão fraca. Deus, Nick, ela parecia estar por um fio. Você tinha que ter visto. Ela mal conseguia respirar, e seu corpinho estava mole.

Ficamos ali em silêncio por um bom tempo. Nenhum de nós estava disposto a sair do lugar. Eu não sei o que teria acontecido comigo se Nick não estivesse lá para me apoiar. Eu teria desmoronado completamente. Eu não teria sido capaz de sobreviver à espera interminável, e aos minutos que se estendiam como se fossem horas.

A sala de espera ficou muito brilhante, então fechei meus olhos, sabendo que estava segura nos braços de Nick... sabendo que ele iria me manter inteira.

Depois de um longo tempo de silêncio, me afastei do abraço de Nick. Eu ainda queria seu conforto, mas meus braços começaram a dormir e minhas pernas estavam cansadas. Minhas mãos percorreram seu peito, e ele arrastou meus pulsos até o seu coração. Seus olhos azuis perfuraram os meus, procurando alguma coisa, ou talvez apenas a certeza de que eu estava bem o suficiente para ficar sozinha.

Ele se inclinou para frente e eu inalei seu perfume novamente, respirando sob sua pele. Ele deu um beijo delicado no canto do meu olho e em seguida, como se ele não pudesse evitar, deu outro no canto dos meus lábios.

Quando ele me soltou, senti como se tivesse cortado meu braço. Eu queria me jogar em cima dele. Eu queria chorar em seus braços, e fazer com que ele prometesse não me soltar nunca mais.

Annie, minha mente racional sussurrou. *Você está apenas preocupada com a Annie.*

A situação com nossa cachorrinha tinha me deixado muito emocional. Era como se eu estivesse perdendo todas as coisas que eu já tinha amado ou me preocupado. Parecia minha culpa ela estar aqui, e também Nick e eu estarmos do jeito que estávamos. Parecia que eu envenenava qualquer coisa que tocava, destruía tudo com um olhar ou matava apenas por me importar.

Argumentei com minhas emoções. Elas estavam excessivamente sensíveis por causa do que havia acontecido. Essas coisas não eram

verdade. Não podiam ser.

Me afastei completamente e sentei em uma das cadeiras da sala de espera. O plástico rígido arranhando minha coluna e as costas das minhas coxas. Me mexi, frustrada com o desconforto.

— Você veio direto do trabalho?

Nick sentou na cadeira ao meu lado e virou todo seu corpo para me encarar.

— Sim.

— Me desculpe por ter feito você vir.

— Você não me obrigou a nada. — Ele respondeu imediatamente. — Eu quis vir.

— Você pode sair quando quiser? Ou, uh, um, me contar sobre o seu novo emprego.

Seu olhar me perturbou, era muito intenso, muito fixo em mim. Quando sua língua se arrastou sobre seu lábio inferior, tive que me lembrar de engolir.

— Eu tenho um banco de horas, então se eu precisar sair, como hoje, eu posso. Meu chefe é muito legal com coisas como essa.

— E as funções de olheiro? Elas fazem parte de suas tarefas diárias?

Seu sorriso foi breve, mas por um segundo ele esteve lá.

— Sim, de certa forma. Elas são consideradas obrigatórias, mas ninguém no estúdio se preocupa com isso. No entanto, os shows que eu compareço são para complementar o que eu faço durante o dia.

— Parece movimentado. Você nunca fica cansado? Você não se cansa de música?

Ele se inclinou para frente.

— Vamos lá, você me conhece melhor do que isso.

Senti meus lábios se curvarem um pequeno sorriso.

— Sim, mas em quantos shows você tem que ir em uma semana? Nem todos devem estar prontos para assinar um contrato.

Desta vez ele riu, e a sala de espera pareceu de repente amarelada

e suja em comparação com seu brilho ofuscante.

— Não estão. Até agora eu só trouxe uma banda que pensei ter algum potencial para o estúdio. E assisti *muitas* bandas nos últimos meses. Mas nós tentamos não fazer mais do que dois shows por semana. Temos vários olheiros, então tentamos dividir as tarefas. Algumas bandas nós mesmos encontramos, mas de vez em quando, algumas pedem para sair e algumas são apresentadas através de recomendações. Esses nós podemos selecionar e escolher.

— Muito legal.

Seus olhos se estreitaram e seu sorriso desapareceu.

— Você não parece convencida.

— Eu estou! De verdade. Estou cansada de... — Fiz um gesto em direção à sala de espera. — Sério Nick, estou muito feliz por você. É um trabalho muito legal para você.

— É. — Ele espalhou suas mãos sobre as coxas e empurrou seu jeans para baixo, chegando até seus joelhos com uma energia nervosa. — É tipo um trabalho dos sonhos, de verdade.

— É mesmo? O que aconteceu com a banda?

Ele inclinou a cabeça, pensativo.

— Estou muito velho, eu acho.

— Você não está velho. Oh meu Deus. Você tem trinta anos. Não é nem perto de estar velho.

— Trinta e um. — ele corrigiu.

Engoli em seco, lembrando de seu aniversário tarde demais. Foi no mês passado. No dia dos namorados. Eu nunca tive problemas em me lembrar no passado, mas este ano ocupei muito tempo me sentindo sozinha e patética para pensar em mais alguém.

Importava que eu tivesse esquecido do aniversário dele? Eu deveria me lembrar? Não deveria, não é mesmo?

Nós não estávamos mais juntos. Desejar feliz aniversário para ele não era mais uma das minhas obrigações.

Olhei para a porta que dava para a sala de cirurgia e me perguntei por que eles estavam demorando tanto. *Curem ela, caramba.*

A voz de Nick me puxou de volta à nossa conversa.

— Eu só acho que... Eu honestamente acho que sou melhor nisso. É como se eu tivesse me encontrado. Eu achava que sabia quem eu era ou o que eu queria antes, mas no momento em que entrei no estúdio pela primeira vez, realmente entendi tudo. É lá que eu pertenço. Sempre pertenci ao mundo da música, mas esse é o como e o porquê de tudo isso.

— Nick, isso é incrível. — Minhas palavras saíram num sussurro ofegante, e eu sabia que estava perto de chorar novamente. Pisquei para afastar as lágrimas quentes e me esforcei para não chorar. Eu odiava que isso me incomodasse. Que ele tivesse encontrado essa coisa extremamente importante, descoberto partes dele que nem ele mesmo conhecia enquanto estava longe de mim. Eu odiava não ter nada a ver com isso. — Eu estou muito feliz por você.

Seu sorriso era pequeno e nervoso. Seu polegar e o indicador puxando a orelha.

— Kate, eu...

Mas eu nunca descobri o que ele iria falar. A segunda Dra. Miller, mais jovem e do sexo feminino, atravessou a porta de vaivém e entrou na sala de espera.

— Ela vai ficar bem. — Ela anunciou, e eu quase caí no chão ao ficar em pé para ouvir a notícia.

Nick me pegou pela cintura e me segurou firme. Dra. Miller sorriu simpaticamente para mim e gesticulou para que nos sentássemos novamente.

Ela caminhou até nós, seus saltos grossos clicando contra o chão com azulejos.

— Ela tem duas costelas e um dedo do pé quebrados. Tivemos que dar alguns pontos sobre seu olho e a lateral do corpo, mas ela vai sobreviver.

Murmurei algo ininteligível, então Nick assumiu o controle e agradeceu por nós dois.

— Nós vamos precisar manter ela por aqui hoje à noite em observação, mas amanhã ela já pode ir para casa. Ligamos para a Sra. pela manhã assim que tivermos mais informações.

A mão de Nick pousou no meu ombro, o apertando.

— Podemos ver ela? — Ele perguntou. — Só por um minuto?

— Ela ainda está dormindo, devido à anestesia da cirurgia. —A Dra. Miller alertou. — Mas vocês podem ver para garantir que ela ainda está viva. Eu sei como é assustador perder um ente querido.

Eu tinha certeza que ela sabia. Mas a possibilidade de perder Annie parecia absolutamente o pior tipo de dor. Eu não podia acreditar que qualquer outra pessoa amasse seu animal de estimação tanto quanto eu. Ninguém mais sentiria isso com tanta intensidade.

Nick pegou minha mão e me puxou para acompanharmos a Dra. Miller. Nós a seguimos até a sala de pós-operatório, onde Annie estava em cima de uma mesa de metal. Seus pelos estavam limpos, e raspados onde ela precisou levar pontos. Seu corpo estava enfaixado. Seu peito arredondado se movia para cima e para baixo, balbuciando um pouco entre as respirações rasas.

— Ela está com dificuldade para respirar no momento. — A Dra. Miller explicou. — Mas ela vai ficar bem.

Nick fez algumas perguntas sobre os cuidados em casa, enquanto eu caminhava até o lado dela e suavemente arrastava meus dedos sobre sua orelha peluda.

— Oi, pequeninha. — Sussurrei. Lágrimas brotaram nos meus olhos e caíram antes que eu pudesse contê-las. — Eu sinto muito. — Ela fez um barulho como se estivesse choramingando e levantou o nariz como se pudesse me cheirar. Abri meus dedos em suas costas e os enterrei na suavidade de seu pelo grosso.

Nick se aproximou de mim, pressionando seu peito contra a lateral do meu corpo. Ele estendeu a mão e cobriu minha mão com a sua.

— Você é durona, Anniezinha. — Ele murmurou. — Pequena, mas durona.

A sinceridade em sua voz transformou algo dentro de mim. Foi como uma bola de demolição, destruindo meu sistema, alterando tudo o que eu achava que sabia sobre a vida, o amor e viver.

— Você não dirigiu até aqui, não é? — Ele me perguntou. Seus dedos se moviam sobre os meus, acariciando gentilmente. Eu não sabia se ele estava acariciando Annie ou a mim.

— A Sra. Dunn me trouxe.

— Então vamos. — Ele murmurou. Seus lábios estavam no meu ouvido quando ele continuou. — Eu vou te dar uma carona para casa.

Ele pegou minha mão e me levou até a mesa da recepcionista. Fiquei ali em silêncio enquanto ele preenchia alguns papéis e entregava seu cartão de crédito. Houve uma pequena parte de mim que desejou se opor. Era eu quem deveria pagar por isso, não é mesmo? Eu não tinha certeza o que exatamente ele estava pagando.

No entanto, percebi que eu não estava com a minha carteira. Eu só estava com o meu celular e as chaves de casa. Minha bolsa ainda estava lá.

Nick terminou com a recepcionista e me conduziu para o lado de fora. O final de tarde já havia se transformado em uma noite escura. A brisa tinha ficado gelada novamente, e as poças de neve derretida estavam começando a congelar.

Meu corpo começou a tremer devido à mudança do clima. Meu casaco não era grosso o suficiente para me proteger do frio.

Nick notou imediatamente, envolvendo seus braços em volta dos meus ombros e me puxando contra seu corpo. Eu adorei a sensação de sua pele através de sua camisa de algodão. Eu adorei a dureza de seu corpo, a massa muscular magra que ele trabalhou tão duro para conseguir. Eu adorei aquilo parecer tão familiar, era isso que eu precisava.

Chegamos ao seu velho Subaru Forester e eu não pude deixar de sorrir. O carro dele era ainda mais antigo do que o meu, e já tinha rodado muitos quilômetros. Na verdade, era um carro realmente decente e confiável, mas muito velho. Nick sempre falava que, no momento em que ele parasse de funcionar de vez, ele compraria uma van para utilizar com a banda.

Graças a Deus que isso não aconteceu enquanto nós ainda estávamos juntos.

Ele abriu a porta para mim, e subi no carro dolorosamente familiar. Sentei no meu lugar de costume e inalei o perfume que era do seu carro, que era dele, que era dele em seu carro, e anos e anos de memórias.

Ele fez a volta pela frente do carro e entrou ao meu lado. Com um sorriso malicioso, ele perguntou.

— Você sentiu falta dela?

Me encontrei sorrindo de volta.

— Eu acho que sim.

Ele olhou para frente novamente e ligou o carro. O rádio estava ligado baixinho e ele apontou para lá.

— Esta é uma das bandas que estou pensando em ver um show.

Me sentei em silêncio, enquanto o som encheu o carro. A menina tinha uma dessas vozes instantaneamente memoráveis, rouca, sensual e etérea, tudo ao mesmo tempo. A instrumentação era incrivelmente boa. No entanto, estava faltando alguma coisa.

Nick notou e disse.

— Eles precisam de um baterista. E precisam evoluir um pouco. Mas eles são bons.

— Eles são bons. — Concordei.

Senti seus olhos em mim, mas eu não conseguia olhar para ele. Uma onda forte e repentina de tristeza me atingiu, e eu não sabia como me recuperar.

Eu percebi que este seria o único vislumbre da vida nova de Nick que eu teria. Eu o deixei. Eu deixei isso. Nós nunca mais conversaríamos sobre música novamente. Eu não iria mais a shows com ele, ou ouviria bandas que ele queria ir ver. Eu não ouviria mais ele tocando a sua guitarra ou fazendo novas canções - geralmente sobre algo obsceno.

Eu não veria ele viver esta nova etapa de sua vida. Eu não iria ver ele em seu emprego dos sonhos, ou até onde isso iria levá-lo. Eu perderia tudo.

Eu estava escolhendo perder tudo isso.

Ele parou na calçada, e eu não podia deixar a noite acabar. Eu não podia o deixar ir embora. Eu ainda não estava pronta para isso. O carro estava parado e em silêncio. Ele estava esperando que eu saísse.

— Você já comeu alguma coisa?

Ele se virou para mim. Eu não podia olhar para ele, mas senti a intensidade de sua expressão, a concentração em seu olhar.

— Não.

Inclinei minha cabeça e meu olhar caiu sobre seus longos dedos enrolados em torno da parte inferior do volante.

— Você quer entrar? O mínimo que eu posso fazer é te oferecer alguma coisa para comer.

Sua voz ficou baixa e áspera.

— Eu não estou com fome.

Lambi meus lábios secos.

— Entre mesmo assim.

Capítulo vinte e dois

29. Eu não sei **como parar** de amá-lo.

Pulei para fora do carro, nervosa demais para ouvir ele falando não. Me atrapalhei com as chaves no meu bolso e soltei uma lufada de ar quando ouvi o carro ser desligado, e sua porta ser aberta e fechada.

Eu ainda estava tentando colocar a chave na fechadura quando o calor de seu corpo esquentou minhas costas e uma de suas mãos tocou meu quadril. Sua outra mão cobriu a minha, que estava segurando as chaves, e a movimentou para mim, empurrando a chave na fechadura e abrindo a porta.

Nós tropeçamos para dentro da casa escura, meus pés causando problemas quando tropecei no tapete. Nick me segurou, apertando minha cintura e me puxando contra seu peito. Meu coração deu um pulo, e minha respiração acelerou em meu peito.

Sua palma deslizou para frente, se deslocando por cima do meu estômago, e pude sentir seu calor até mesmo através das camadas de roupa da minha jaqueta e camiseta de manga comprida.

Eu podia sentir o martelar de seu coração contra minhas costas, e sua respiração irregular fluindo de forma desigual.

Sua cabeça abaixou, até que senti seus lábios contra meu pescoço.

— Kate. — Ele sussurrou, e tremi com a sensação de cócegas causada por sua boca.

Houve uma pausa, como se o mundo tivesse parado de girar e o tempo congelado entre nós dois. Inalei profundamente e não expirei enquanto esperava... Esperava que ele fizesse alguma coisa, que ele não fizesse nada, que ele desse a volta e fosse embora.

E essa espera durou uma eternidade. Meus dedos formigavam por conta do silêncio ardente, da quietude absoluta. Pensei que eu fosse morrer de antecipação.

Então, tudo explodiu em só movimento, de uma vez.

As chaves fizeram barulho quando ele as arrancou da fechadura e as jogou no chão. Ele fechou a porta com uma batida, sacudindo as paredes com a força. Fiquei imóvel, com medo de me mover, muito covarde para fazer o que eu queria.

Afinal de contas, não precisei fazer nada. Nick fez por nós dois.

Sua mão se enrolou em meu bíceps, e me virei para encará-lo. Meus olhos estavam se ajustando à escuridão, e não tive a chance de fazer qualquer coisa antes de sua boca descer sobre a minha, me consumindo com seu beijo estonteante.

Sua boca se moveu contra a minha com uma fome que me deixou vulnerável. Respondi ao seu beijo imediatamente, tão desesperada e ávida por ele, quanto ele estava por mim.

Ele me provou com sua língua, dentes e todo o corpo. Tudo nesse beijo foi projetado para deixar de joelhos, reflexo do que eu ainda sentia por este homem... Do que eu sempre senti por ele.

Seus dedos se atrapalharam com o zíper da minha jaqueta, desesperados para arrancá-la. Eu não conseguia formar pensamentos racionais através da neblina de luxúria e emoções extenuantes. Eu não conseguia fazer nada além de sentir, tocar, e dar a Nick exatamente o que ele queria.

Mas eu também sabia que *eu* queria isso.

Ele.

Eu queria que ele.

Desejei isso por muito tempo. Já fazia muito tempo.

Apesar de nossa separação, meu corpo estava acostumado a ter esse homem sempre que queria. Havia uma familiaridade entre nós, uma intimidade que não podia ser negada. Eu conhecia cada centímetro desse homem; Eu conhecia a sensação de seus quadris em minhas mãos e de suas coxas nuas contra o interior das minhas. Eu poderia fechar meus olhos e relembrar de sete anos de noites íntimas, da luxúria em seus olhos e os toques perfeitos de suas mãos... De seu corpo.

Eu não podia dizer não a isso.

Eu não podia negar esta noite a ele.

Eu precisava muito dele.

Ele venceu a briga contra o zíper e arrastou a jaqueta por meus ombros, virando-a do avesso com sua fúria em tirá-la de mim. Borboletas se agitaram em meu estômago, batendo suas asas enormes com antecipação.

Ele atirou a jaqueta para longe enquanto me empurrou contra a porta. O movimento fez um baque e me agarrei em sua camisa, procurando por apoio.

Ele estava impaciente. Ele não se importava se eu estava decidida ou não. Eu adorava aquilo. Adorava sua avidez gananciosa... Sua necessidade intensa.

— Isso. — Ele murmurou, puxando minha blusa.

Eu o ajudei dessa vez. Nós a puxamos juntos. Meus dedos se moveram para a barra de sua camiseta.

— Isso. — Eu o imitei. Ele a arrancou com uma mão.

Nossos corpos colidiram novamente, ansiosos para sentir um ao outro. Meu corpo pressionou contra seu peito nu, e gemi com a sensação. Meus braços se enrolaram em seu pescoço e mergulhei meus dedos nas mechas macias de seus cabelos.

— Nick, eu não consigo parar. — Sussurrei.

— Não. — Ele ordenou de forma grosseira. — Não pare. Não se atreva a parar, porra. — Mas então ele parou.

Ele se afastou e olhou para mim. Mesmo na escuridão, pude ver a fome em seus olhos. Ele parecia prestes a me consumir, me puxar contra seu corpo até que fôssemos um só. Até que eu nunca mais pudesse me afastar dele novamente.

Inclinei meu queixo, sabendo que ele iria me beijar, sabendo que ele não conseguiria evitar. Só que ele não me beijou. Puxei seu pescoço, na esperança de trazer sua boca até a minha, mas ele manteve a distância.

— Não. — Suspirei com decepção. Tive um desejo abrupto de chorar. Mas então ele continuou. — Não desse jeito. Não aqui, de novo.

No próximo segundo, ele me ergueu em seus braços, embalando meu corpo contra o dele. Soltei um grito de surpresa, agarrando seu pescoço novamente quando ele se virou repentinamente e se dirigiu

para as escadas.

— Onde estamos indo?

— Para a cama. — Ele grunhiu enquanto subia os degraus de dois em dois. — Para a nossa cama.

Meus olhos se arregalaram. Eu não sabia o que pensar sobre isso. Tive vontade de protestar. Sexo selvagem contra nossa porta da frente ou contra a parede era uma coisa. Nós já tínhamos feito isso. Não houve quaisquer consequências.

Errr, não muitas, de qualquer maneira.

Mas na cama. *Na nossa cama?* Isso significava algo diferente... Algo mais.

Eu estava prestes a protestar ou sugerir algum outro lugar — como a mesa da cozinha — quando ele abaixou sua cabeça e mordeu meu mamilo. Eu gritei novamente, pega completamente desprevenida.

Seu grunhido em resposta fez alguma coisa com meu corpo. Como se ele estivesse completamente derretido. Sua cabeça caiu novamente e ele me lambeu através do sutiã, acalmando a pequena sensação de dor.

Ele tropeçou nos últimos degraus e quase me derrubou, porém me segurou bem a tempo e se estabilizou, rindo de sua falta de jeito.

Me encontrei sorrindo quando ele me jogou em nossa cama. Pousei em um emaranhado de lençóis e cobertores, saltando.

Ele não perdeu tempo. Puxou minhas botas de chuva, jogando-as sobre os ombros. As palmas de suas mãos esquentaram minha pele em seu caminho até minhas coxas, e ele abriu o botão da minha calça jeans.

Eu assisti, completamente fascinada. E ele me observou, tão fascinado quanto. Seus olhos percorreram meu corpo, se deliciando com cada centímetro de pele exposta. Seu olhar ardente me deixou em chamas, deixando meu corpo em uma bagunça ofegante.

Puxei as alças do meu sutiã. Eu não conseguia esperar. Eu queria que ele me visse. Eu queria que ele me admirasse completamente. Eu queria que ele me tocasse... Provasse... E nunca parasse.

Quando alcancei minhas costas e soltei meu sutiã, o afastando do meu peito, sua respiração ficou presa em seu peito e ele olhou para

meus seios como se ele não conseguisse desviar o olhar, como se ele fosse morrer se desviasse.

Sua boca desceu sobre meu mamilo e deixei escapar um gemido quando sua língua entrou em contato com minha pele. Era um som que eu nunca tinha feito antes. Eu tinha certeza. Eu nunca tinha estado tão desesperada... Tão necessitada. Eu nunca tinha precisado tanto dele antes. Precisado dele tanto quanto eu precisava respirar.

Precisado dele como se eu não pudesse viver sem ele, ou sem seu toque.

Pelo menos não por um bom tempo.

Depois que ele gastou tempo suficiente em cada peito, ele se levantou lentamente, com relutância. Seus olhos em nenhum momento deixaram os meus, mesmo quando suas mãos deixaram. Ele tirou sua calça jeans e depois sua cueca boxer.

Ele ficou diante de mim por alguns segundos de parar o coração, e foi a minha vez de observar. Meu coração pulava em meu peito, e meus dedos formigavam com a antecipação.

Será que existia algum homem mais bonito do que ele?

Deslizei novamente contra a cama enquanto ele engatinhava por cima de mim, me cobrindo completamente com seu corpo. Ele beijou meu quadril, e o empurrei para cima com a sensação. Seu sorriso fez com que seu hálito quente flutuasse por cima de mim, e tremi novamente.

— Cócegas. — Ele murmurou. Seus lábios se arrastaram sobre meu abdômen, e tentei não me mexer. Ele deu um beijo logo abaixo do meu umbigo e em seguida logo acima, antes de prosseguir.

Seu corpo pairou sobre o meu como um animal feroz, como uma criatura selvagem, de um mundo diferente. Ele era tão sexy, tão incrivelmente gostoso e tão perigoso.

Eu não pude deixar de me sentir ameaçada por seu poder, sua dominância absoluta sobre mim. Eu não pude deixar de reconhecer que ele estava prestes a me arruinar completamente.

Que eu nunca iria me recuperar.

Sua boca se moveu novamente até meus seios e me mexi embaixo dele, de repente irritada com o ritmo lento. Eu precisava disso agora.

Eu precisava *dele* agora.

Coloquei minhas mãos nas laterais de seu rosto e implorei.

— Nick, por favor.

Ele olhou para mim, luxúria, fome e algo muito mais profundo refletindo em seu olhar escuro.

— Você precisa de mim? — Seus dedos se aproximaram do interior da minha coxa, a empurrando para o lado.

Suas palavras me deixaram ofegante por alguma ação de verdade. Segurei seu rosto em minhas mãos e assenti, incapaz de falar.

Ele beijou meu pescoço, meu queixo e meus lábios. Em seguida ele se afastou, para que pudesse me ver enquanto empurrava dentro de meu corpo, me enchendo completamente.

Minhas costas arquearam contra a cama e passei meus braços em volta de seu pescoço novamente, puxando seu rosto contra o meu.

Ele me tomou descontroladamente; com uma necessidade selvagem e vigor implacável. Ele me tomou de uma forma que provava que ele estava tão desesperado quanto eu. Eu não pude fazer nada além de colocar minhas pernas ao redor de seus quadris e segurar.

Exatamente quando pensei que estávamos quase terminado, quando comecei a sentir aquele princípio de formigamento e insanidade perfeita, ele abrandou. A mudança abrupta de ritmo me surpreendeu e inclinei meus quadris, dizendo a ele o que eu queria.

Eu precisava que ele continuasse. Eu precisava que ele mantivesse o ritmo e nunca parasse.

— Nick. — Eu choraminguei.

— Kate. — Ele rosnou contra meu pescoço cheio de suor. — Desse jeito. — Ele pegou meus braços e os estendeu sobre minha cabeça. Ele os segurou lá com uma mão, enquanto usava a outra como alavanca. Eu não pude fazer nada além de apertar ainda mais minhas coxas em volta de sua cintura e ceder a seu controle. — Eu preciso de você desse jeito.

Eu achava que ele tinha sido perfeito até a alguns segundos, mas aquilo era algo completamente diferente. Suspirei de prazer, meus olhos fechados, incapazes de permanecerem abertos com a intensidade daquele momento.

Ele se transformou de algo desesperado e ganancioso para algo tão dolorosamente doce que me senti marcada. Ele estava deixando a sua marca, o seu nome tatuado em minha alma.

Recuperei o fôlego enquanto ele nos deixava mais perto. Ele estendeu cada momento, tornando aquilo tudo memorável, prometendo que eu nunca mais me sentiria tão bem, ou estaria mais completa.

Ninguém jamais faria eu me sentir assim.

Nada mais poderia me deixar chegar a este ponto absoluto de êxtase.

Quando ele finalmente me empurrou sobre a borda, todo meu corpo tremeu com a força. Ele me seguiu, em busca da mesma sensação com a qual eu ainda estava tremendo.

Ele caiu em cima de mim, sua pele aquecida e escorregadia com o suor. Estávamos estendidos em nossa cama diagonalmente, em um emaranhado sonolento de membros. Sua mão se moveu até meu abdômen nu e seu nariz se arrastou até a linha de minha mandíbula, seus dentes beliscando, seus lábios beijando, sua língua degustando.

— Deus, nós somos bons nisso. — Provoquei.

Ele respondeu sonolento.

— Mmm…

Aconcheguei meu corpo mais perto do dele. Ele se virou e imediatamente senti falta de seu corpo. O vazio entre nós era muito grande, muito frio. Seus braços circularam meu corpo e ele me puxou para mais perto, antes que eu pudesse entrar em pânico.

Nos ajustamos na cama até que seu peito estava contra minhas costas e seus braços em volta da minha cintura, me segurando contra ele com um aperto que fez com que eu me sentisse segura e satisfeita. Minhas pálpebras começaram a se fechar e a exaustão do dia, desde o acidente de Annie e do sexo mais alucinante da minha vida, me alcançaram de uma só vez. Eu não conseguia mais evitar.

Eu sabia que deveríamos conversar. Eu sabia que teria dúvidas na parte da manhã, seguidas rapidamente pelo arrependimento e meu coração partido. Mas eu fisicamente não conseguia fazer minha mente se preocupar com isso nesse momento. Eu não conseguia me importar.

Percebendo que eu estava quase dormindo, ele se inclinou sobre

meu corpo e esfregou sua nuca áspera contra minha bochecha. Sorri, mas não consegui fazer com que meus olhos se abrissem.

— Kate. — Ele falou em um tom cheio de alegria e diversão. — Katie. — Ele sussurrou. — Nós precisamos conversar.

— Mmm. — Concordei. — Amanhã de manhã. — Eu não queria estragar aquilo. Não queria estragar essa noite. Ela tinha sido muito perfeita... Além de perfeita. Ela tinha alterado todo o significado de perfeição para mim, e eu me recusava a mudar essa noite.

— Katie. — Ele murmurou. — Isso muda as coisas.

Eu bocejei. Eu não conseguia mais falar. O cansaço me derrubou, me enviando para um sono tranquilo, com sonhos descontraídos e a sensação maravilhosa do corpo do homem mais lindo do mundo entrelaçado com o meu.

Eu acordei durante a noite. Pisquei ao me encontrar no lado errado da cama, com os braços de Nick ainda me segurando contra o seu corpo e seus pés, quentes e pesados, entre os meus. Sua cabeça estava um pouco longe da minha, presumivelmente para que ele pudesse respirar sem se sufocar com o meu cabelo enquanto dormia, mas eu ainda conseguia sentir as batidas do seu coração contra as minhas costas e seu quadril se encaixando perfeitamente contra o meu.

Tive um momento de pânico quando percebi a realidade de nossas ações. Os pensamentos lúcidos me acordaram, e não consegui mais dormir. Senti o riso histérico em meu peito, mas o engoli.

Como é que isso continuava acontecendo com a gente?

E por que cargas d'água eu pensei que fosse uma boa ideia convidar ele para dormir aqui?

Tinha que ter algo de errado comigo.

Eu estava tão imóvel quanto era possível, com medo de acordá-lo. Tentei controlar meu colapso, racionalizar e raciocinar uma saída. Mas não consegui.

O que fizemos iria bagunçar completamente as coisas entre nós.

Nós tínhamos aconselhamento daqui a três dias.

Oh, meu Deus, ele iria abrir a possibilidade de eu estar grávida novamente.

Eu pensei que fosse vomitar.

Me concentrei no céu noturno. Eu não tinha fechado as cortinas hoje à noite, porque Nick e eu realmente não estávamos pensando sobre isso. As estrelas se espalhavam de um lado para o outro, brilhando como diamantes em um fundo de ônix e índigo. A lua crescente pendurada como um pingente no meio. Seu brilho leitoso se espalhava pelo céu tranquilo, transformando as nuvens finas em ouro. Me concentrei nessas coisas.

Firmei a respiração, deixando o ritmo lento do coração de Nick me acalmar para que eu pudesse voltar a dormir. Seu corpo estava deliciosamente quente. Ele nos cobriu com um edredom depois que adormeci, e nossos corpos extavam extremamente quentes, mas era incrível.

Ele era incrível.

Escolhendo adiar o pânico até amanhã de manhã, fechei os olhos novamente e adormeci.

Quando acordei pela segunda vez, ele estava acordado atrás de mim. Eu podia sentir seu corpo se contorcendo, seu olhar atento se intrometendo em meu sono.

Pisquei e abri os olhos para o mesmo céu que me fez dormir na noite anterior, mas a lua e as estrelas se foram, substituídas por uma cor violeta suave e um cinza escuro. O sol ainda não havia nascido. Ainda era muito cedo. Mas Nick estava acordado, e eu sabia, antes mesmo de abrir meus olhos, que nossa noite havia acabado... Que estava na hora de encarar as nossas ações.

Me movimentei e estiquei meu corpo preguiçosamente contra o dele. Eu ainda não conseguia deixar aquilo para trás. Só mais alguns minutos, prometi a mim mesma.

— Feliz aniversário, Kate. — Ele falou com uma voz áspera de sono. Seus dedos me surpreenderam, acariciando levemente meu quadril. — Como você dormiu?

Como eu dormi? Era provavelmente melhor não responder a essa pergunta. Aquilo só iria nos confundir. Em vez disso, deixei minha mão cair sobre a boca e murmurei.

— Eu preciso escovar os dentes.

— Eu também. — Pude ouvir o sorriso em sua voz. — Mas nós

estamos casados há quase oito anos, Katie. Isso não pode esperar mais um minuto?

Ainda escondendo minha boca, estreitei os olhos e perguntei.

— Por quê?

— Nós precisamos conversar.

— Por quê?

Sua risada baixa vibrou em seu peito.

— Noite passada…

— Foi um err…

A tensão que disparou através de seu corpo foi tão forte que fiquei em silêncio antes mesmo que ele pudesse me cortar.

— Não diga isso.

— Nick…

— *Porra, Kate.* — Ele murmurou. — Você está brincando comigo?

Sentei, puxando as cobertas comigo. Nós dois estávamos completamente nus e corei dos pés à cabeça, percebendo que estava prestes começar uma discussão com ele enquanto eu não estava nem sequer vestindo roupas íntimas.

Havia algo de errado com a minha boca, que simplesmente não conseguia ficar fechada e quieta.

Mas eu também não poderia ficar só o ouvindo. Eu não poderia evitar essa conversa só porque meus peitos estavam por toda parte.

— Estamos passando por um divórcio! — Apontei. — Temos aconselhamento em três dias Nick! O que nós estávamos pensando?

— Talvez tenhamos pensado que o divórcio é uma ideia estúpida. Talvez tenhamos percebido que não conseguimos ficar longe um do outro!

Minha respiração ficou ofegante e senti tonturas. Eu não conseguia… Eu não conseguia entender o que ele estava falando. Eu não conseguia transformar aquilo em pensamentos e ideias concretas em minha cabeça. Elas dançavam no ar, fora do meu alcance, me provocando… Rindo de mim.

— É isso o que você acha? — Perguntei, sem fôlego. Por um segundo, pensei que fosse desmaiar. Balancei a cabeça, desesperada para colocar sentido naquilo tudo. — Você acha que o divórcio é uma ideia estúpida?

Seus ombros caíram em derrota.

— Foi ideia sua, eu... Eu só...

Minhas emoções tomaram um rumo doentio, e minha cabeça girou novamente.

— Você está dizendo que a culpa é minha? — Lágrimas quentes escorreram contra meus cílios. — Que isso é *minha* culpa?

— Eu não estou te culpando. — Ele declarou com firmeza. — Eu só estou tentando raciocinar. Deus, Kate, tem momentos que eu acho que você me odeia. Que eu acho que você faria *qualquer* coisa para se livrar de mim. E depois... Depois acontecem coisas como a noite passada. E todas as outras vezes como ontem. Eu nunca me senti mais vivo do que quando estou com você.

Me sentei ereta.

— Nick, você ainda está me culpando. Eu sou a razão pela qual estamos nos divorciando. Eu sou a razão pela qual nós não damos certo! Eu sou a razão pela qual a sua vida está miserável, ou não está miserável, ou não sei o quê! Ontem à noite foi tudo minha culpa também?

Ele se sentou abruptamente. O cobertor caiu em seu colo, escondendo as partes importantes, mas expondo vários centímetros de pele lisa e musculosa. Seu cabelo castanho e despenteado caiu sobre sua testa quando ele se inclinou para mim. Ele nunca esteve mais bonito, um Adonis irritado e furioso.

— Eu não estou te culpando por tudo. Eu estou... Eu estou tentando colocar um sentido em tudo isso. E preciso que você descubra o que diabos você quer. Sou eu, Kate? Ou é isso? — Seus braços se abriram, apontando para o quarto. — Sem mim?

— Estamos no meio de um divórcio. — Repeti, mas dessa vez em frangalhos. Dessa vez aquela frase carregava todos os anos de dor e mágoa. — Estamos no meio de um divórcio.

Ele pulou da cama, como se queimasse compartilhar o mesmo espaço que eu.

— Você deixou isso bem claro. — Ele me deu as costas e foi até o armário. Assisti com horror enquanto ele abria gavetas e as fechava.

Lágrimas escorreram por meu rosto, molhando os lençóis que eu segurava firmemente em volta do meu tronco.

— O que você está fazendo?

— Indo para casa. — Ele rosnou. — Depois eu vou tomar banho. E depois eu vou para o trabalho. — Seu olhar queimou contra o meu enquanto ele colocava seus shorts velhos de corrida. — O que *você* está fazendo?

— Nick. — Eu solucei. Ele esperou. Ele ficou lá parado, com seus shorts e cabelos despenteados, sua mandíbula firme com a raiva, dor e cicatrizes que eu causei, cicatrizes que eu rasguei, esperando eu falar. — Sinto muito.

— Pelo quê?

Estremeci com a frustração.

— Por isso. — Acenei para o quarto. — Pelo divórcio. — Funguei para afastar uma enxurrada de lágrimas. — Pela noite passada.

Ele caminhou pelo quarto, seus pés se movendo com determinação e seu corpo tão cheio de tensão que eu podia sentir a vibração em ondas. Ele pairou sobre a borda da cama. Eu conseguia sentir o seu cheiro. Eu quase podia tocá-lo. Sua voz ficou baixa e séria.

— Eu não me arrependo. — Ele declarou. — Por nada disso.

Ele me deu mais um olhar abrasador, e em seguida, se virou e saiu. Seus passos barulhentos descendo as escadas em um ritmo cortante. Houve silêncio por um minuto e pude imaginá-lo vestindo o resto de suas roupas. Então a porta se abriu e se fechou atrás dele.

Eu estava sozinha — verdadeiramente sozinha. E tudo o que eu queria fazer era o perseguir e arrastar de volta para o quarto. Eu queria prender ele aqui até que esses sentimentos desaparecessem, até que essa fissura no meu coração parasse de me machucar.

Eu desabei e chorei depois disso. Chorei por muito tempo. Depois liguei para o trabalho, explicando sobre o meu cachorro, mas não sobre o meu marido.

Então deitei novamente e chorei o dia todo, no meu aniversário.

Eventualmente, o veterinário ligou. Annie se recuperou durante a noite. Ela ficaria bem.

Mas até mesmo as boas notícias sobre Annie não suavizaram meu coração, ou o fato de que eu tinha cometido um erro muito grande.

Se eu pudesse descobrir de qual dos meus erros eu deveria me arrepender.

Da noite passada?

Ou do divórcio...?

Capítulo vinte e três

30. Eu **não consigo** o **esquecer**.

Três dias depois, na manhã de nossa sessão de aconselhamento, rezei para pegar uma gripe.

Quando não comecei a vomitar imediatamente, rezei por um terremoto. Quando isso não funcionou, rezei por um tornado. Depois, uma invasão alienígena.

E finalmente, um apocalipse zumbi.

Então decidi que eu provavelmente deveria parar de desejar que milhares de pessoas morressem para que eu pudesse evitar de ver Nick novamente.

Eu não *queria* que milhares de pessoas morressem ou uma pandemia de zumbis devastasse o mundo. Não de verdade. Eu só pensei que talvez isso fosse mais favorável do que ficar cara-a-cara com um homem que estava tão chateado comigo que era como se minha casa inteira precisasse ser purificada.

Acessei o Google através em meu telefone. Será que eu conseguiria contratar um feiticeiro para fazer vodu em minha casa e ao mesmo tempo, me enviar em uma viagem não fatal para a sala de emergência?

Feiticeiros vodu na área de Chicago.

Meu telefone tocou, mudando a tela para exibir o nome de Kara. Atendi com um suspiro.

— Ei.

— Você parece triste.

Decidi que era melhor falar a verdade.

— Os únicos feiticeiros vodus que o Google encontrou estão no LinkedIn. Jurei a mim mesma que nunca teria um perfil no LinkedIn. Não importa quantos e-mails eles me enviem por dia.

— Você está louca. — Ela riu. — Você está oficialmente louca.

— Eu não estou louca. — Argumentei. — Eu só quero pegar uma gripe, ou talvez malária. Tifoide seria ótimo.

Kara demorou exatos trinta segundos, em silêncio completo, para se recuperar.

— Por favor, não traga tifoide para a escola com você. Eu não tenho certeza se o nosso plano de saúde cobre tifoide.

— Se eu encontrar o feiticeiro certo, você não vai ter que se preocupar com isso. Vai ser um incidente isolado. Eu acabei de decidir que não quero realmente matar milhares de pessoas.

— Kate?

— Sim?

— Como sua terapeuta, vou precisar que você esqueça seus delírios e me fale cinco coisas reais que aconteceram com você hoje manhã.

Um riso surpreso borbulhou dentro de mim, e comecei a me sentir só um pouquinho melhor.

— Infelizmente, você não é a minha terapeuta. Além do mais, isso funciona com os seus alunos?

— Como eu deveria saber? Eu acabei de inventar essa merda.

— Estou impressionada.

— Obrigada! Mas para ser honesta, a maioria das coisas sou eu que invento.

— Uau, a graduação de K. Summa na Northwestern está realmente vindo a calhar, não é?

Ela soltou um suspiro dramático.

— Eu faço o que posso. — Limpando a garganta de forma delicada e clara, ela acrescentou. — E foi uma graduação com honras. Por três décimos.

— Me desculpe.

— Você está perdoada. — Outra pausa. — Você vem para a escola hoje?

— Não.

— Aconselhamento?

— Sim.

— É a segunda vez que você está doente essa semana.

— Esse foi planejado.

Ela fez um som tsk com a língua e em seguida, completou.

— Faça com que ele sofra.

Foi a minha vez de remexer nervosamente. Eu não tinha contado para Kara nada a respeito do drama com Nick além de que ele veio até o veterinário quando Annie foi atropelada e me levou para casa. Mas eu tinha certeza que ela sabia que algo havia acontecido. Ela tinha me lançado olhares engraçados durante toda a semana. Eu também sabia que ela estava segurando a língua por minha causa, mas parte de mim queria que ela exigisse saber o que tinha acontecido.

Eu estava morrendo de vontade de contar a alguém. Eu queria ouvir outra opinião. Eu queria seu conselho, sua perspectiva, seus palavrões.

Mas eu não consegui falar nada. Em vez de deixar escapar o que tinha acontecido, eu ficava guardando aquilo dentro de mim. Parecia que eu tinha que proteger aquilo... Proteger Nick. Mesmo que Kara ficasse do seu lado na discussão, eu estava relutante em colocar o nosso casamento, ou o que restava dele, em julgamento.

Eu estava cansada da opinião das outras pessoas. Eu estava cansada de procurar respostas em outros lugares e ignorar a voz dentro de mim.

Eu estava enjoada e cansada de analisar todas as coisas que Nick já fez de errado, e entregar isso a um júri da minha escolha para decidir como se sentir por mim.

Eu precisava descobrir isso por mim mesma. E rápido.

Quando não respondi, Kara voltou atrás e disse.

— Ou faça com que ele tenha uma conversa muito educada e agradável.

Eu ri, apesar da importância dos meus pensamentos.

— Eu honestamente não sei o que ele vai tirar de mim hoje. Acho que só vou descobrir quando chegar lá.

Ela suspirou.

— Você não quer dizer a casa? Ou Annie. Você realmente ficou louca. Oh meu Deus, você já ligou para o feiticeiro vodu?

— Pare. — Eu ri. — Você é a única louca aqui. Não eu.

— Eu confio em você, Kate. Você sabe que eu confio. Mas esse ano tem sido emocionalmente desgastante para você. Eu só não quero ver você sofrendo porque está cansada. Prometa que você vai ter cuidado hoje... Que você vai analisar tudo? Mesmo que seja duro e que você ache que não vai conseguir?

Essas eram algumas palavras que eu poderia absorver.

— Eu prometo. — E eu falei sério. Eu faria exatamente o que ela pediu. — Obrigada por ser minha melhor amiga.

— Mwah! Eu amo você. Boa sorte hoje.

— Obrigada. Eu também amo você.

Nós desligamos, e me senti um pouco melhor.

Levemente.

Muito pouco.

A maior parte do meu corpo ainda estava uma pilha de nervos e poços de suor.

Eu tinha tirado o dia de folga, porque estava cansada de correr até o aconselhamento depois da aula, e também que o aconselhamento afetasse minhas aulas, pensamentos e funções motoras durante todo o dia.

Então hoje eu fiz as coisas como deveria. Annie ainda precisava de cuidados vinte e quatro horas por dia, então ela tinha passado os últimos dois dias com meus pais enquanto eu estava na escola. Eu iria pegá-la depois da sessão de aconselhamento hoje, e ficaria com ela durante o fim de semana.

Mesmo com todos os seus defeitos, meus pais eram muito bons com ela. Eu sabia que ela estava em boas mãos e eles responderam com uma surpreendente boa vontade quando pedi que ficassem com ela para mim.

Eu não tinha contado para Nick porque não tinha certeza qual seria sua reação.

Brincadeira, eu estava apavorada que ele exigiria ficar com ela.

E também, eu estava com medo de falar com ele.

Então eu não falei.

E ele não tinha tentado falar comigo.

Fiquei chateada por ele não ter ligado ou passado para me ver. Ok, mais que chateada. Profundamente chateada. Envergonhada, com o coração partido, e um milhão de outras coisas que eu não queria nem pensar. Mas eu também sabia que não era obrigação dele ficar o resto da vida correndo atrás de mim.

Por mais que eu quisesse.

Ele estava certo; Eu tinha que chegar a uma solução.

Eu tinha que decidir o que queria. E no meio disso, tinha que ir às sessões de aconselhamento e brigar com ele sobre quem ficaria com o cachorro.

O que eu tinha feito com a minha vida?

A sessão de aconselhamento foi marcada para o início da tarde, então tirei a manhã de folga para ficar descansando em casa. Tomei café da manhã, um café da manhã de verdade. Não só café. Na verdade, fiz um sanduíche com manteiga de amendoim e geleia.

Levei um bom tempo me preparando, me vestindo com cuidado, dando atenção à minha maquiagem e cabelo. Não que eu estivesse tentando impressionar Nick mais do que o habitual; Eu só nunca tive tanto tempo de manhã.

Normalmente, eu passava o secador como um furacão em meu cabelo e o penteava rapidamente, aplicava algumas camadas de rímel antes de colocar os brincos, colocava uma roupa adequada para o trabalho e agarrava um café enquanto corria pela porta.

Hoje de manhã, tomei café sentada no sofá enquanto assistia o *Today Show* e me arrumei sem stress. Tive certeza de que todo o meu cabelo estava seco e adicionei um pouco de bronzeador e blush à minha rotina de maquiagem.

Então basicamente, eu estava quase atrasada para a sessão

porque demorei muito para ficar pronta.

Meu prognóstico oficial? Ser uma mulher era oficialmente o pior.

Tínhamos que fazer muito para parecer minimamente apresentáveis. Para os homens era tudo tão fácil.

O aconselhamento foi mais uma vez no escritório de Ryan Templeton. O Sr. Cavanaugh foi o anfitrião da última sessão fracassada em seu pequeno escritório, situado na periferia da cidade propriamente dita. Foi uma mudança de cenário significativa em comparação com este escritório caro, ostentoso e no coração da cidade, mas eu me sentia muito mais à vontade lá. Eu não me importava com os móveis desbotados ou mesa de reuniões arranhada.

O Sr. Cavanaugh nos ofereceu até mesmo café e bolinhos. Eu comi dois. Ryan Templeton só oferecia água engarrafada de uma marca muito cara, sem lanches. Esses escritórios eram feitos para impressionar... E para intimidar.

E eles faziam isso, sem sombra de dúvida.

Eu liberei minha entrada com o guarda e caminhei lentamente até o elevador. Senti uma energia nervosa ganhando força e não tinha certeza do que estava por vir. Eu não tinha ideia do que pensar, ou o que eu gostaria de falar lá em cima. Minha mente parecia um furacão de tão confusa. Girando e girando e girando.

Para adicionar paranoia aos meus nervos já em frangalhos, esta sessão, por algum motivo, parecia a última. Eu não conseguia afastar a sensação de que tudo o que falássemos ou decidíssemos aqui seria permanente e definitivo.

Eu me sentia igualmente enjoada e ansiosa. Me debrucei contra a parede de trás do elevador vazio e fechei os olhos. Cruzei meus braços sobre o peito, segurando meu corpo em um casulo apertado e protetor. Se eu não relaxasse, iria desmoronar. Eu tinha que fisicamente me segurar, ou iria me dividir em mil pedaços.

Outra pessoa entrou no elevador antes que as portas se fechassem, e meus olhos se abriram, surpresos e não surpresos ao mesmo tempo.

Nick.

Eu senti sua presença antes mesmo de o ver. Sua energia era inexplicavelmente ligada à minha. Eu o senti na atmosfera, nos próprios

átomos que dançaram no ar, em torno de nós. Eu sentia seu cheiro. Sentia o calor de seu corpo, mesmo a alguns metros de distância.

Ok, talvez não no sentido real da palavra, mas eu conhecia a sensação tão intimamente que conseguia imaginar facilmente o calor de seu corpo me aquecendo, pressionando contra minha pele, transformando tudo dentro de mim em lava derretida.

— Nick. — Sussurrei, incapaz de evitar.

Ele não se virou. Ele não me cumprimentou. Ele ficou perto das portas com um dedo sobre botões.

— Você esqueceu de selecionar o andar.

Mordi meu lábio inferior e estremeci. Eu estava uma bagunça.

— Obrigada. —Murmurei debilmente.

O elevador se moveu com um baque e começou sua subida até o décimo primeiro andar. Prendi a respiração por tanto tempo quanto foi possível e expirei de forma forçada.

Observei as costas de Nick com admiração fascinada, querendo saber como enfrentá-lo. Sua coluna estava completamente reta. Seus ombros estavam tensos e de onde eu estava, pude ver sua mandíbula flexionando e relaxando.

Ele estava muito bem vestido novamente, calça cinza e uma camisa azul clara com um elegante colete cinza por cima, fazendo com que o conjunto parecesse caro e sob medida. Talvez *fosse* caro e sob medida. Seu cabelo estava arrumado e longe do seu rosto. Ele estava usando o relógio que comprei como presente de Natal há dois anos. Seus sapatos estavam brilhantes.

Oh, meu deus, quem era esse homem?

Meu coração bateu dolorosamente.

— Annie está melhor. — Eu soltei.

Ele virou a cabeça ligeiramente, ainda sem olhar para mim.

— Seu pai me ligou.

— Oh. — Meus pais eram traidores. Assim como a minha cachorrinha.

Assim como o meu coração.

O elevador parou e as portas se abriram. Tomada pelo medo e a dúvida, agarrei o pulso de Nick e o puxei para parar.

— Espere. — Implorei.

Ele não olhou para mim. Ele nem sequer virou a cabeça.

— Eu quero que isso acabe Kate. Eu quero isso termine.

Eu soltei seu pulso e ele moveu os ombros, ajustando sua camisa sem fisicamente tirá-la do lugar. Ele saiu do elevador de forma decidida, caminhando direto para a sala de reuniões.

O Sr. Cavanaugh estava esperando por mim na recepção mais uma vez. Sua expressão era de preocupação, e talvez algo mais... Talvez piedade.

— Sra. Carter. — Ele acenou com a cabeça quando finalmente encontrei coragem para sair do elevador.

— Bom dia Sr. Cavanaugh.

Sua voz suavizou e ele perguntou.

— Você está bem?

Eu engoli em seco e olhei para o corredor onde Nick tinha desaparecido.

— Será que alguém fica bem durante essas coisas?

Ele riu da minha sinceridade.

— Não Sra. Carter. Ninguém fica. — Nós ficamos ali parados por um momento antes de ele fazer um gesto em direção à sala de reuniões. — Vamos entrando?

Eu não respondi verbalmente, mas segui em frente — uma façanha que não achei que fosse capaz.

Nick estava no canto da sala fria, tendo uma discussão silenciosa com seu advogado. Ambos direcionaram seus olhares em nossa direção quando entramos na sala, mas só isso. Só um olhar amargo que sinalizava que eu tinha entrado em seu espaço. Isso era tudo o que eu receberia.

Me sentei em uma das cadeiras de couro com rodinhas e tentei não deixar a auto piedade me engolir completamente. Endireitei minha coluna e escondi minha expressão com falsa bravata. Eu não deixaria

ele me ver chateada.

Este homem esteve na minha cama, três noites atrás. Este homem me segurou a noite toda. Ele enrolou seus braços em volta de minha cintura como se nunca quisesse me deixar, e brigou comigo na manhã seguinte quando sugeri que o que fizemos foi um erro.

Ele não sentia indiferença por mim. Ele sentia o oposto disso.

Eu me agarrei a essa pequena porção de esperança. Me prendi a isso. Eu não poderia sentar aqui e entrar em uma discussão se realmente pensava que Nick me odiava.

Quando isso tinha mudado?

Estendi a mão para a garrafa de água fria que tinha sido servida para mim e tomei um gole trêmulo.

Nick se sentou na minha frente, e seu advogado ao seu lado. Marty Furbish entrou na sala e se sentou à cabeceira da mesa. Ryan nos lembrou de onde eram os banheiros e que deveríamos pedir se precisássemos de alguma coisa, mas mal ouvi o que ele falou.

Quando finalmente estávamos todos acomodados, Nick me encarou com um olhar de aço e falou com determinação.

— Eu quero que isso termine hoje. O que for necessário... O tempo que for necessário... Eu quero que isso seja resolvido.

Ambos os advogados me encararam. Forcei palavras para fora dos meus lábios. Palavras que eu não tinha certeza que sentia.

— Eu também.

Marty soltou um suspiro satisfeito. O Sr. Cavanaugh relaxou só um pouco, mas eu sabia por quê. Ele queria que isso terminasse tanto quanto eu.

— Bom. — Ryan Templeton assentiu. — Agora, se todos nós pudermos aprender um pouco a dar e receber, podemos terminar esta parte e passar para a próxima. Vocês vão estar separados antes que percebam. — Seu sorriso foi para aliviar a tensão na sala. Mas aconteceu o oposto.

Senti um ataque de pânico escorregando sobre minha pele, apertando meus pulmões e borrando minha visão.

Pensei que estávamos aqui porque não suportávamos um ao

outro? Pensei que essa fosse a questão de tudo isso?

Então por que parecia como se meu coração estivesse sendo triturado? Por que eu não conseguia respirar? Isso não era como antes, quando a tristeza do nosso casamento fracassado me assolou com tanta força. Essa nova dor me pressionou para os confins da terra... Ameaçando me enterrar viva.

E foi pior, de alguma forma. Fez com que eu sentisse como se nunca mais seria capaz de recuperar o fôlego. Fez com que eu sentisse que estava me afogando em um vazio tão profundo que ficaria perdida para sempre.

De alguma forma, eu tinha parado de me preocupar com o quanto machucamos um ao outro no passado e passei a me preocupar com o quanto machucaríamos um ao outro no futuro.

Há alguns meses, eu não conseguia imaginar viver minha vida na loucura em que estávamos presos. E agora eu não conseguia imaginar viver minha vida sem este homem nela.

O que eu estava fazendo?

Eu estava cometendo o maior erro da minha vida?

Sim.

Sim.

Eu tinha feito essa pergunta a mim mesma inúmeras vezes ao longo dos últimos meses, mas eu finalmente obtive uma resposta.

Sim.

Um alto e retumbante sim.

Esse *era* o maior erro da minha vida.

Meus lábios estavam extremamente secos. Parecia que minha boca tinha sido recheada com bolas de algodão. Minha garganta estava áspera e dolorida. Mas não havia água o suficiente que eu pudesse beber.

Eu não conseguiria saciar essa sede.

Minhas mãos tremiam, mas não havia nada que pudesse acalmar meus nervos.

Quando eu finalmente percebi que queria lutar pelo meu

casamento, já era tarde demais. Eu finalmente tinha percebido que esse homem era tudo para mim. Mesmo com suas falhas e imperfeições. Mesmo com nossa história e passado dolorosos. Este homem, *meu marido,* era a minha vida. Ele era tudo para mim. Ele era o meu passado e o meu presente. Ele era o meu futuro. Ele era o meu coração. Minha alma.

Mas eu já havia falado do nosso divórcio para todas as pessoas que conhecia.

Ele tinha ido embora.

Ele tinha começado uma nova vida.

Tínhamos contratado advogados.

Estávamos bem no meio de uma sessão de aconselhamento.

Eu tinha que passar por isso. Eu já tinha tomado uma decisão. Eu só tinha que resistir e passar por isso.

Essas eram as consequências pelas quais eu iria sofrer. Eu tinha feito a cama, agora eu precisava deitar nela.

Para sempre.

Para sempre, sempre e sempre.

Oh, porra.

Oh, merda.

Merda merda merda.

— Ela pode ficar com tudo. — Ouvi suas palavras, mas elas não fazem sentido. Nick continuou falando. — A casa, o cachorro. Tudo o que ela quiser, ela pode ficar.

— Nick. — Seu advogado cuspiu. — Eu recomendaria repensar seu posicionamento.

— Eu não quero isso. — Ele rosnou. — Eu não quero nada disso.

Lágrimas encheram meus olhos.

— Mas eu quero.

Eu tomei uma nova decisão. Eu decidi que não importava o que tínhamos feito, ou quem sabia sobre o divórcio, ou o que qualquer outra pessoa no mundo pensava.

Eu não poderia deixar esse homem ir.

Eu não podia.

— Sim, nós sabemos. — Ryan falou de forma pouco profissional. — É por *isso* que você vai ficar com tudo.

Levantei meu queixo e uma lágrima solitária escapou, rolando por meu rosto.

— Não, não é isso que eu quero dizer. Eu não quero só a casa, o cachorro, ou as nossas coisas. Eu quero tudo, Nick. Eu quero... Eu quero você.

Olhando para ele do outro lado da mesa, percebi algo tão importante que fiquei sem ar. Eu não queria me divorciar porque não o amava mais. Eu nunca tinha deixado de amá-lo. Apesar de tudo, apesar de todas as discussões que tive com ele e do nosso casamento... Eu o amava.

Seu corpo inteiro reagiu com minhas palavras. Ele se recostou na cadeira com um movimento rápido. Ele inclinou a cabeça para trás e seus olhos azuis brilharam com algo forte e penetrante.

— O quê?

— Eu me rendo. — Sussurrei asperamente. Qualquer coragem que eu tivesse escondida se revelou rapidamente para segurar seu olhar furioso.

— *Kate.* — Seu sussurro foi agonizante, cheio de choque e confusão.

Eu lutei para engolir e suavizar minha voz trêmula. Não ajudou.

— Eu me rendo, Nick. Para isso. — Acenei minha mão entre nós. — Para nós. Para *você.*

Tão abruptamente quanto se inclinou para trás, ele se moveu para frente e colocou uma mão sobre a mesa de reuniões brilhante.

— E você está fazendo isso *agora?*

Medo ferveu dentro de mim, minhas entranhas superaqueceram, fazendo com que eu me sentisse instável e fora de equilíbrio. Mas eu precisava colocar tudo para fora. Eu tinha que falar tudo ou iria me odiar pelo resto da minha vida.

— Eu não quero mais me divorciar.

O Sr. Cavanaugh entrou na conversa, tentando me auxiliar.

— Sra. Carter, eu acho que você precisa de um minuto para pensar sobre isso.

Balancei a cabeça, fazendo com que ele soubesse que o ouvi, mas sem querer perder tempo com ele.

— Nick, eu estava errada. Tão, tão errada.

— Você não pode fazer isso agora. — Ele parecia magoado, chocado e muito confuso. — Há apenas algumas noites...

— Eu não estou pedindo nada de você. Eu... Eu nem sei se eu realmente quero alguma coisa de você. Eu só... Eu simplesmente não posso fazer isso. Eu não posso continuar com isso. Sinto muito.

— Por quê? — Suas palavras foram como um soco no ar.

Me senti confusa e pensei que fosse vomitar. Mais lágrimas transbordaram e um soluço trêmulo se acumulou em meu peito. Eu me atrapalhei com minha bolsa, em algum lugar no chão.

— Por quê? — Nick perguntou. Ele levantou. Sua voz ficou mais alta, imponente, desesperada. — Por que Katie?

Olhei freneticamente ao redor da sala, meus olhos saltando de seu advogado para o meu e depois para a janela e o trânsito lá embaixo.

— Por isso. — Sussurrei. — Por tudo isso. Por tudo.

Nick caiu para trás em sua cadeira, derrotado e sem fôlego. Eu era o seu oposto — como de costume. Fiquei em pé e pela segunda vez desde que começamos as sessões, fugi da sala.

Assenti para Ryan Templeton e em seguida, me virei para o Sr. Cavanaugh.

— Sinto muito por desperdiçar seu tempo, Sr. Cavanaugh.

Tropecei em meus próprios pés enquanto corria para fora da sala. Eu precisava de ar fresco. Eu precisava encontrar algum lugar escuro para que eu pudesse me enrolar em posição fetal e ficar balançando em estupor.

Eu precisava de tequila.

Muita tequila.

Uma mão segurou meu braço no momento em que cheguei ao elevador. Por um rápido segundo, meus pulmões se encheram de ar e esperança deslizou através de mim. Mas quando me virei e vi que era o Sr. Cavanaugh e não Nick, todo o meu espírito se despedaçou.

— Sra. Carter... Kate, você tem certeza que quer isso? Tem certeza de que é isso o que você quer? Porque se você for embora hoje, estamos basicamente entregando tudo para ele. Vai ser muito mais difícil argumentar em seu favor.

— Sinto muito. — Funguei. — Mas eu tenho certeza. Cem por cento. Eu não posso... Eu não posso fazer isso.

— Bem, se você tem certeza.

— Eu tenho.

Sua expressão se suavizou e um pouco de sua preocupação diminuiu.

— Se isso ajudar, não acho que ele queira o divórcio mais do que você.

Dei de ombros, impotente. Meu queixo tremia violentamente, e não consegui responder. Eu não sabia se isso ajudava ou não. Eu não sabia se era verdade ou não. Eu não sabia o que dizer.

Vendo que eu não conseguia responder, ele bateu no meu ombro com a mão e me deu um sorriso triste.

— Boa sorte, Kate. Espero que as coisas deem certo para você.

— Eu também. — Sussurrei, mesmo sabendo que eu não merecia que as coisas dessem certo. Mesmo sabendo que provavelmente elas não iriam dar certo.

Entrei no elevador, e ele me deixou descer sozinha. Fiquei agradecida por isso. Fiquei agradecida por ele. Ele era uma pessoa boa, ou tanto quanto qualquer advogado de divórcio pudesse ser.

Não que eu conhecesse muitos.

As portas do elevador se fecharam atrás de mim e me levaram para o térreo. Deixei o prédio, caminhei até o meu carro e entrei.

Fui para casa. Caminhei dentro de casa. Deitei no sofá e comecei a chorar.

E não parei por um bom tempo.

Nick nunca chegou a vir atrás de mim.

Capítulo vinte e quatro

31. Eu o **amo**.

Minha mãe ligou no final do dia. Ela queria saber como foi a sessão. Ela queria que eu pegasse minha cachorrinha.

Eu não queria me mover pelos próximos quarenta anos.

— Como foi? — Ela perguntou impaciente.

— Nada bem.

— Você está divorciada? — Seu tom de voz parecia em pânico e preocupado. Ela raramente parecia em pânico ou preocupada. — Terminou?

Eu funguei.

— Não. Não, não terminou. — Eu não sabia como explicar para ela que não conseguimos terminar a sessão. Que havia mais coisas não resolvidas. Que já não importava mais, porque se dependesse de mim, eu nunca mais resolveria essas coisas. Nick teria que continuar a viver sua vida preso a mim para sempre. Eu seria a bola e a corrente que nunca o deixaria seguir em frente.

Ele teria que se tornar um polígamo se quisesse se casar novamente.

Oh Deus, e se ele quisesse se casar novamente?

Eu caí de lado e soltei um gemido agudo.

— Kate? Katherine? O que tem de errado? O que aconteceu?

— Eu não consegui ir em frente com isso. — Chorei.

— Ir em frente com o quê? — Sua paciência se esgotou. Ela tinha começado a gritar.

— Com o divórcio, mãe! Eu não consegui ir em frente com o divórcio!

— Oh. — Seu tom ficou mais suave e ela parecia irritantemente satisfeita. — Bem, isso é ótimo.

Comecei a chorar mais intensamente. Não era ótimo se Nick ainda queria isso.

— Oh, Kate. — Ela suspirou. — Vai ficar tudo bem. Vai dar tudo certo.

Ela nunca tinha falado isso antes. Nem uma única vez desde que contei a ela que Nick e eu estávamos nos separando.

— Como você sabe? — Resmunguei.

— Porque vocês se amam. Porque vocês passaram por alguns momentos difíceis, mas nunca deixaram de se amar.

Senhoras e senhores, minha mãe, uma romântica enclausurada.

Me apoiei no cotovelo. Algumas de minhas lágrimas secaram e respirei fundo.

— Ele não disse que quer acabar com o divórcio. Ele ainda pode querer se divorciar.

— Ele não quer. — Ela respondeu, confiante.

— Como você sabe disso?

Ela suspirou novamente, só que desta vez eu consegui ouvir o sorriso em sua voz.

— Porque ele é um bom homem, querida. Ele é um bom homem, e que te ama.

— Eu pensei que você o odiasse?

— Katherine Claire, eu sou a sua mãe. Eu sempre vou querer o que é melhor para você. Acho que eu era um pouco dura com Nick porque... Bem, porque eu não achava que ele estava te dando a vida que você merecia. Mas quando você o deixou, percebi que eu estava errada. — Ela limpou a garganta enquanto meu mundo inteiro desabava. Será que minha mãe acabou de dizer que ela estava errada? Eu tinha rezado um pouco demais pelo apocalipse zumbi? — Em comparação com a sua vida sozinha, ele é a melhor coisa para você. Não importa a sua profissão.

Eu deixei toda a atitude passivo-agressiva para trás e respondi honestamente.

— Obrigada, mãe.

— Eu amo você, Kate.

— Eu também te amo. — Me sentei e acrescentei. — Mas eu não posso mais ir almoçar aí todos os domingos. É demais. Eu amo você e o pai, mas só posso ir aí uma vez por mês.

— Duas vezes.

— O quê?

— Venha duas vezes por mês e não vou mais te incomodar sobre isso.

— Ok. — Eu ri. — Eu vou duas vezes.

— Nós também não podemos mais ficar com a sua cachorrinha. Seu pai está ficando muito apegado. Acho que vou ter que comprar um para ele, afinal de contas.

Achei que fosse minha exaustão e meu coração partido, mas nada do que ela estava falando fazia sentido.

— Comprar para ele um o quê?

— Um cachorro. — Ela murmurou. — Como o seu. Talvez eu também tenha que bater com o meu carro, só para que ele se sinta necessário.

— Quem?

— Seu pai, Kate. Você não está prestando atenção! Ele não assiste mais TV a menos que a cachorrinha esteja enrolada em seu colo. Isso é ridículo. Você tem que ver o jeito que ele fala com ela, como se fosse um bebê! Você vai me ajudar a encontrar a raça certa, não vai?

Me sentindo suficientemente exausta e completamente esquisita, assenti. Então percebi que ela não podia me ver e falei.

— Oh, ok. Se você acha que ele realmente quer um cachorro.

Meu pai nunca amou nada na vida. Nem mesmo eu! Ok, isso não era verdade. Mas animais definitivamente não estavam em sua lista. Eles estavam logo acima do trânsito, na lista de coisas que ele não suportava.

Eu não conseguia imaginar ele afagando Annie.

Eu não tinha certeza se queria imaginar ele afagando Annie.

— Tudo bem, durma um pouco. Seu pai vai levar sua cachorrinha para você amanhã de manhã.

— Obrigada mãe.

Ela desligou e deixei meu telefone cair na almofada ao meu lado. Essa foi a conversa mais estranha que já tive com a minha mãe.

Superou a conversa sobre passarinhos e abelhas[16] que ela tentou ter comigo quando eu tinha quatorze anos.

Já era tarde demais naquela época. Eu frequentei a escola pública e já existia uma coisa chamada televisão.

Eu já sabia tudo o que eu precisava saber.

Aprendi a logística mais tarde. Como Deus e minha sanidade pretendiam.

Me senti estranhamente em paz depois daquilo. As coisas não estavam completamente perdidas. Minha mãe acreditava que Nick ainda me amava, isso tinha que significar alguma coisa, certo?

Essa paz se arrastou pelo resto do dia e eventualmente, fui capaz de me levantar do sofá e pelo menos trocar de roupa.

Tirei minha saia lápis e blusa e as substituiu por uma calça de yoga e uma regata. Eram roupas de ginástica, mas eu não estava pensando em me exercitar.

A menos que eu considerasse consumir alguns litros de sorvete como me exercitar.

Mas principalmente, eu precisava daquelas roupas por causa de sua elasticidade.

Desci as escadas, ansiosa para começar minha maratona de sorvete, quando o vi. A visão dele ali, no corredor de entrada, parecendo tão alto e tão lindo, quase fez com que eu caísse de cara nos degraus restantes da escada.

Me segurei no corrimão, mas meu estômago levou um tombo de qualquer maneira.

---

[16] Ela fala em “birds and bees” que no inglês é uma expressão utilizada para falar com crianças sobre sexo. Não conseguimos alguma palavra no português que se encaixe à expressão.

— O que você está fazendo aqui?

Ele ficou lá parado, respirando pesadamente, seus ombros subindo e descendo como se ele tivesse corrido até aqui. Sua boca estava fechada em uma linha determinada. Seus olhos estavam tão atentos, tão intimamente focados... Talvez também um pouco perdidos. Ou talvez fosse mais profundo do que perdido. Algo profundo e permanente que também refletia em meus olhos. Algo finalmente sendo encontrado.

— Você ainda não sabe?

Balancei a cabeça e tentei engolir.

— Não.

— Você, Kate. Estou aqui por você.

Desci cuidadosamente o restante dos degraus e dei um passo em sua direção. Era estranho estar aqui. Parecia que minhas emoções tinham tomado um estimulante. Elas estavam por todos os lados. E estavam em guerra umas com as outras.

O homem que eu queria, o casamento que eu queria, estava bem na minha frente e ainda assim eu tinha que lutar contra meu orgulho e engolir humildemente. Eu tinha que deixar o nosso passado para trás e me agarrar à esperança de que teríamos um futuro. Tinha tantas coisas que eu queria falar para ele, mas eu precisava escolher as melhores... As coisas que nos moveriam para frente e nos curassem.

Não foi fácil. Foi o oposto de fácil. Foi traumatizante e contra a minha natureza. Eu sabia que era teimosa. Eu sabia que era uma maníaca por controle. Eu sabia que tinha um milhão de defeitos, que só esse homem conseguia amar.

Estávamos tão machucados. *Eu* estava tão machucada.

No entanto, eu queria isso mais do que qualquer coisa no mundo. Mais do que quis qualquer outra coisa em toda a minha vida.

E eu sabia, sem quaisquer dúvidas ou receios, que se eu o deixasse ir... Se eu desistisse do nosso casamento e fosse embora, eu me arrependeria todos os dias, pelo resto da minha vida.

Mais do que isso, eu estaria abandonando uma ótima vida. Eu estaria deixando a melhor coisa da minha vida ir embora. Eu teria que me resignar a viver em segundo plano *a minha própria vida,* e eu não

podia fazer isso.

Eu não merecia isso.

Ele não merecia isso.

Nós não merecíamos.

Antes que eu pudesse encontrar palavras, explicações ou desculpas para tudo isso, ele deu um passo a frente, diminuindo a distância entre nós, e falou.

— Eu sinto muito, Katie. Sinto muito por tudo isso. — Quando vi lágrimas refletindo em seus profundos olhos azuis, comecei a chorar imediatamente. Eu não consegui evitar. Eu nunca tinha visto ele assim antes.

— Nick, você não tem que...

— Eu tenho. Eu preciso falar tudo isso. São coisas que eu deveria ter falado há anos atrás. Eu nunca deveria ter nos deixado chegar a esse ponto. Eu nunca deveria ter te deixado. Nem uma única vez. — Mais lágrimas escorreram por meu rosto e assenti para que ele continuasse. — Sinto muito por não ter conseguido deixar a banda. Foi estúpido. Foi estúpido da minha parte me agarrar a ela por tanto tempo. Eu não queria aquilo, não de verdade, por um bom tempo. Mas eu odiava o gosto do fracasso e da decepção, e quando olhava para você, com a carreira que você amava e todo o seu sucesso, eu simplesmente não conseguia... Eu não conseguia lidar com isso. Eu fui teimoso de uma forma que nos machucou profundamente... *Te* machucou, e sinto muito por ter feito isso com nós dois. — Abri minha boca para responder, mas ele levantou a mão e falou com um pequeno sorriso. — Espere mais um pouco, por favor. Tem mais.

— Ok. — Sussurrei.

— Sinto muito por eu não te ajudar financeiramente. Eu sei que você daria aula, não importa o que eu fizesse, mas eu não deveria ter colocado você nessa posição. Eu nunca mais vou fazer isso. Não porque eu não ache que você seja capaz, ou que não estava dando conta. Eu sei que você é capaz, e eu sei que dava conta. Mas estamos juntos nessa. *Precisamos* estar juntos. Nós somos parceiros. Uma metade não é maior ou menor do que a outra. Somos duas metades que formam um todo. Me desculpe por ter impedido que fôssemos iguais.

Ele deu mais um passo em minha direção, e estávamos a menos de um centímetro de distância. Eu o senti, e dessa vez era de verdade.

Senti o calor de seu corpo. Senti seu cheiro único. Eu poderia estender a mão e tocá-lo se eu quisesse... Se eu não estivesse com tanto medo que ele fosse quebrar como vidro, provando que eu tinha imaginado tudo isso em meio à minha depressão.

— Sinto muito por ainda não termos um bebê. Sinto muito por eu não ter feito tudo em meu poder para descobrir o que há de errado e te dar a coisa que você mais quer. Sinto muito por ter te ignorado, te negligenciado e te tratado de forma tão cruel. Sinto muito por ter nos afastado enquanto estávamos juntos. Sinto muito por eu ter te deixado. E sinto muito por ter ficado longe por tanto tempo.

— Há tantas coisas entre nós, Kate. E eu sei que não podemos simplesmente consertar tudo do dia para a noite. Mas eu quero que você saiba que vou fazer tudo em meu alcance para que possamos ficar juntos. Vou me esforçar o tanto quanto for possível. Vou pensar em você em primeiro lugar e te mostrar como eu te amo... Te mostrar *o quanto eu te amo.* Eu não posso mais fazer isso. Eu não posso continuar brigando e fazendo com que você se machuque. Eu não posso continuar me machucando. Nós merecemos muito mais. — Seus olhos azuis se fixaram nos meus com um olhar aquecido, poderoso. — *Você* merece muito mais. Porque a verdade é que eu também me rendo. Para isso. Para nós. Para *você.* — Ele engoliu asperamente e em seguida, com uma sinceridade que penetrou no centro do meu ser, perguntou: — Você me perdoa?

As palavras ficaram presas em minha garganta, entupidas por causa da emoção e batalhando entre si para sair. Joguei meu corpo em direção ao dele, envolvendo meus braços em volta de seu pescoço e me apertando contra seu peito. Ele me segurou. Eu sabia que ele seguraria.

— Sim. — Sussurrei. — Sim, eu te perdoo.

Quando ele apertou os braços em volta da minha cintura, foi completamente diferente de antes. Ele me segurou como uma promessa, com esperança. Ele me segurou de uma forma tão permanente e duradoura que senti em meus ossos.

— Eu também sinto muito. — Chorei contra seu peito, molhando sua camisa. — Quase não sei por onde começar. São tantas coisas. — Seus dedos se arrastaram suavemente por meu cabelo, me dando coragem para ir em frente. — Sinto muito por não te respeitar. Sinto muito por não te apoiar. Sinto muito por não confiar em você. Sinto muito por isso tudo ter ficado tão complicado. — Levei um segundo para conseguir respirar através dos meus soluços trêmulos. — Mas

acima de tudo, também sinto muito por ter te deixado. Sinto muito por não ter tentado fazer tudo o que fosse possível para que ficássemos juntos antes de qualquer coisa. Sinto muito por ser tão egoísta.

— Está tudo bem. — Ele sussurrou contra o meu cabelo. — Vai ficar tudo bem. — Seus lábios tocaram minha testa e ele continuou. — Eu nunca deveria ter te deixado.

Alguns velhos medos levantaram sua cabeça feia e inclinei meu rosto contra o dele.

— Nós vamos ficar bem?

Ele se afastou para que pudesse me olhar novamente.

— Vamos. Nós já estamos a caminho de ficar bem. — Um sorriso trêmulo inclinou meus lábios, e ele o imitou. — Deus, Kate, eu nunca amei nada nem ninguém como eu te amo. Eu sei que vamos ficar bem porque você é a coisa mais importante da minha vida, e estou cansado de não te tratar dessa forma. Eu não posso te deixar. Eu não quero te deixar. Quero consertar as coisas, Katie. Quero colocar todas as besteiras de lado e me preocupar com o que importa... E o que importa somos nós. Eu amo você, Kate. Eu nunca mais vou te deixar.

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo na parte inferior de sua mandíbula. Ele não hesitou em abaixar a cabeça e encontrar minha boca. Sua língua varreu meu lábio inferior e em seguida, ele aprofundou o beijo, transformando-o em uma queda livre frenética de amor, paixão e desculpas.

Nós agarramos um ao outro com tanta força quanto era possível, como se o menor espaço entre nós dois fosse intolerável. Sua boca se moveu sobre a minha avidamente, com fome... Paixão.

Aquele era apenas um beijo, mas muito mais do que qualquer coisa que já tínhamos feito. Aquilo foi mais do que sexo, mais do que brigas, mais do que qualquer mágoa que um poderia ter causado ao outro.

Nós prometemos algo novo um para o outro, dizendo nossos votos novamente. Esse beijo se tornou o início de uma nova vida para nós, a fundação sobre a qual todo o resto seria construído.

Isso *não foi* apenas um beijo. Foi perdão. Foi cura.

Foi o nosso futuro.

Quando ele se afastou, foi para deixar uma trilha de beijos doces ao longo da minha têmpora e da minha bochecha até a linha da minha mandíbula. Ele sentiu o gosto de minhas lágrimas, e me senti amada.

Eu me senti amada novamente.

Ele pegou minha mão e me levou para o sofá. Nos sentamos, emaranhados um no outro com as palavras de sua música penduradas atrás de nós e a casa que tínhamos construído ao nosso redor.

— Foi tudo por você. — Ele murmurou.

— O trabalho?

— No início sim. — Ele concordou. Minha cabeça estava em seu peito, ouvindo a bela cadência de seu coração, mas o senti assentindo. — Na noite em que fui embora, eu sabia que tinha perdido a melhor coisa da minha vida. Eu sabia que tinha perdido tudo. Um trabalho era a primeira coisa. Eu sabia que não poderia voltar para você sem um. — Ele riu de si mesmo, passando a mão pelo cabelo. — Deus, eu pareço um caloteiro.

Me sentei rapidamente, de frente para ele, deixando que ele visse a verdade em minha expressão.

— Você não é. Nick, eu nunca pensei isso. Não importa o quanto nós brigamos ou o quanto nos machucamos, nunca pensei que você fosse um caloteiro. Eu queria apoiar seus sonhos. Eu apoiei por tanto tempo quanto pude, mas... Mas chegou um momento em que pensei que você não queria mais isso. Parecia que você estava só se prendendo àquilo porque era tudo o que você sabia. Eu via muito potencial em você, Nick. Me destruía ver você desistindo.

Sua mão, cheia de calos por causa das cordas da guitarra, segurou meu queixo.

— Eu sei disso. Eu via porque não queria. Eu queria alguém para culpar. Eu queria alguém para machucar. Eu queria que alguém se sentisse como eu me sentia. Sinto muito que foi você. Eu nunca mais vou deixar isso acontecer.

Mais lágrimas encheram meus olhos.

— Eu acredito em você.

Ele deu outro beijo, ainda mais suave, em meus lábios e levantou o rosto mais uma vez. Nós ainda não tínhamos terminado de conversar.

— Não foi só o emprego. Eu, ah, uh, as sessões de aconselhamento foram por causa de você também. Eu não conseguia te esquecer. Nem mesmo depois de você ter deixado claro que não queria ter mais nada a ver comigo. Contratei o melhor advogado que pude e fiz da sua vida um inferno, só para você não me deixar. Contratei Ryan Templeton para atrasar nosso divórcio por tanto tempo quanto fosse possível.

Senti meu estômago voar para fora do meu corpo e começar a girar descontroladamente. Como se estivesse em uma montanha-russa extremamente íngreme. Eu não conseguia recuperar o fôlego.

— Então você não queria a casa de verdade?

Sua voz ficou mais baixa.

— Eu queria a casa... Com você nela. — Um canto de sua boca levantou em um meio sorriso. — E eu queria Annie, enquanto ela também fosse sua. Eu queria a televisão, a mesa da cozinha, a cama no andar de cima e tudo mais que fizesse aquele advogado imbecil continuar brigando com você, porque todas essas coisas vinham com você. Eu não conseguia te esquecer, Kate. Até aquele dia de manhã, quando pensei que você fosse me deixar de qualquer jeito. Eu não sabia mais o que fazer além de te dar tudo o que você quisesse. Mas você precisa saber que se você tivesse ido até o fim, eu ainda pertenceria a você. Você me possui, Kate. Você vai me possuir para sempre. Você é minha esposa até que a morte nos separe.

Meu coração inchou dentro do meu peito, até que eu tive certeza que ele iria explodir. Até eu pensei que fosse morrer de felicidade.

— Obrigada. — Sussurrei. — Obrigada por lutar por mim.

Ele me puxou contra seu peito mais uma vez e fiquei lá. Naquele momento, eu me esqueci de tudo e simplesmente fiquei ali, sentindo o cheiro do meu marido.

Ele estava certo. Ele era meu. Eu era sua. Eu pertencia a ele, e ele me pertencia.

Até que a morte nos separe.

Ficamos lá pelo resto da tarde e da noite. Ficamos lá, no nosso sofá, e conversamos, conversamos e conversamos. Pedimos mais desculpas. Fizemos mais promessas. Decidimos procurar um terapeuta de casais que pudesse nos ajudar com a próxima parte dessa viagem. E finalmente, nós fizemos amor.

Bem ali, no sofá.

Depois disso, envoltos nas mantas da nossa sala de estar, comemos uma refeição de queijo, biscoitos e sorvete. Então caminhamos de mãos dadas até o nosso quarto, onde fizemos amor mais uma vez.

Dessa vez, quando Nick me envolveu em seus braços, eu não acordei em pânico. Caí no sono em seus braços alegremente, e não me mexi até de manhã.

E quando nós acordamos, nos beijamos sem escovar os dentes. Nos abraçamos com força e prometemos tudo de novo.

Não seria assim para sempre. Sete anos de casamento tinham nos ensinado que cada dia seria diferente, que a vida iria nos atirar bolas curvas de vez em quando, e que nem sempre nós nos daríamos bem. Mas agora os nossos olhos estavam abertos. Sabíamos o que queríamos. Queríamos um ao outro.

Ele me deixaria louca, e eu, inevitavelmente, o deixaria furioso.

Mas ele também me faria mais feliz do que qualquer coisa. Ele também cuidaria de mim, me adoraria, me amaria. E eu o amaria em troca. Eu o apoiaria. E eu o respeitaria.

Tínhamos um longo caminho a percorrer para nos curar, mas estávamos começando no lugar certo.

Estávamos começando de mãos dadas, juntos.

E nenhum de nós soltaria nunca mais.

Capítulo vinte e cinco

31. Ele me **ama**.

32. Ele **sempre vai me amar.**

— Você já acabou? — A bonita cabeça vermelha de Kara apareceu em minha porta, e ela entrou na sala com a rapidez de um relâmpago. — Você parece acabada.

Levantei de cima de uma caixa que estava fechando e estiquei as costas.

— Eu acho que sim. Nick vai vir me pegar e carregar tudo isso.

Ela sorriu para mim.

— Vantagens de se ter um bom homem. — Eu ri e balancei as sobrancelhas para ela. Ela entrou na sala completamente. — Esse ano passou tão rápido. Mal posso acreditar que já acabou.

Sorri ironicamente.

— Eu posso. Estou pronta para o verão. — Suspirei. — Estou realmente pronta para o verão.

Ela revirou os olhos para mim.

— Porque, Kate? Não é como se você tivesse um emprego no outono. O que importa para você?

Eu ri enquanto minha mão pousou suavemente sobre minha barriga ligeiramente inchada.

— Eu não achei que você fosse do tipo ciumenta. Pensei que você tivesse um propósito em trabalhar aqui.

Ela mostrou a língua para mim.

— Bem, meu propósito é principalmente irritar os meus pais. Esses criminosos são um efeito colateral de mau julgamento e rebelião obstinada.

— Você é uma mentirosa. Você ama as crianças daqui. E você está falando só parcialmente sério sobre irritar os seus pais.

— Vou ter que concordar sobre as crianças. Eu amo esses monstrinhos. Mas estou falando sério sobre os meus pais. Meu objetivo de vida é mandar eles bem cedo para o túmulo e receber sua herança.

Eu apenas balancei a cabeça. Não havia como discutir com ela.

— Eu *vou* voltar. — Respondi a ela. — Talvez não imediatamente... Mas vou voltar. Eu não posso parar de dar aulas para sempre.

Seus olhos cinzentos se encontraram com os meus, e eles brilhavam com lágrimas não derramadas.

— Eu sei que você vai. Você é muito boa no que faz para desistir disso para sempre. Você só vai ter que aproveitar essa vocação infinita em suas próprias crianças agora. Isso costuma levar algum tempo. Pelo que falam.

Ouvindo a tristeza em sua voz, tive que garantir a ela.

— Ainda bem que eles têm sua Tia Kara para dar um choque de realidade. Ouvi comentários que sou um pouco delirante por causa do meu otimismo às vezes.

Ela soltou uma gargalhada.

— Quem te disse isso?

— A maioria dos meus alunos. Os mesmos que estou tentando inspirar.

Ela sorriu para mim.

— Sabe, isso é muito melhor do que ser solteironas juntas. Eu provavelmente teria, eventualmente, te esfaqueado com minha agulha de crochê.

— Seríamos solteironas terríveis. — Concordei. — Somos muito gostosas para ter gatos.

Ela bufou.

— Porque só pessoas feias têm gatos?

— Ah não. Não foi isso que eu quis dizer.

Ela me dispensou.

— Eu sei o que você quis dizer. Seu ódio secreto pelas pessoas com gatos está seguro comigo.

Foi a minha vez de rir.

— Bem, eu sou uma pessoa de cachorros, como você bem sabe.

— Como você não seria? Um cachorro salvou o seu casamento *e* te engravidou.

— *Não* foi um cachorro que me engravidou.

Ela piscou para mim.

— Não foi o que eu ouvi.

Eu balancei a cabeça e me juntei a ela na porta.

— Preciso verificar minha correspondência.

Ela suspirou.

— Eu preciso ir preencher papelada. Aparentemente, seu poder de inspiração funcionou melhor do que o habitual. Jay Allen se inscreveu para as aulas de verão.

— Por quê? — Engasguei. — As notas dele na minha aula foram excelentes. Quais as aulas que ele vai precisar refazer?

Ela se inclinou como se estivesse contando um segredo.

— Ele não está refazendo nada, Kate. Ele está fazendo todas as aulas avançadas que eu autorizei. Aparentemente, ele quer entrar em uma boa faculdade.

— Você está brincando.

— Estou falando muito sério.

Meu sorriso ficou tão grande que eu praticamente reluzia. Lágrimas encheram meus olhos, e culpei os hormônios. Eu raramente chorava em circunstâncias normais.

Brincadeira.

— Ótimo. — Falei finalmente.

— Pensei que você ficaria feliz. — Chegamos ao corredor de seu escritório, perto da sala dos professores. — Eu te ligo mais tarde, tudo

bem? Andrea e eu estamos planejando um chá de bebê para você. Preciso da sua opinião.

— Oh meu Deus, o que há de errado com você?

— Foi ideia dela.

— Kara, eu não quero passar por isso. Você não pode me obrigar. Além disso, da última vez que fiquei sabendo, todo mundo me acha uma rainha do drama por desistir do divórcio.

Ela me deu um sorriso travesso.

— Mas agora que você está grávida, eles entendem por que você desistiu do divórcio. Você não pode criar um bebê sozinha. Além disso, ele tem um ótimo emprego. Claramente você está com ele por dinheiro.

Eu gemi.

— Eles não conseguem perceber que não havia jeito nenhum de eu saber que estava grávida quando desisti do divórcio? Ou que eu achava que era literalmente impossível eu ter um bebê? Eles são *idiotas*?

Seu sorriso esmaeceu.

— Cada um deles, temo que sim.

— E estas são as pessoas encarregadas de educar os futuros líderes da América. Estou realmente com medo. — Ela riu de mim, mas não discutiu. Me virei para ela e falei com seriedade. — Eu não quero fazer um chá de bebê.

— Se a vida fosse toda sobre as coisas que *queremos* fazer.

— Você é a pior conselheira que já existiu.

Ela me deu um beijo rápido na bochecha e desapareceu em seu escritório, falando por cima do ombro.

— Você não quis dizer isso. Eu salvei o seu casamento!

Eu não pude deixar de rir. Ela era absolutamente ridícula.

E eu a amava por isso.

Ela pode não ter salvado o meu casamento, mas definitivamente me salvou quando pensei que meu casamento tivesse acabado.

Talvez ela não fosse a pior conselheira que já existiu. Isso pode ter

sido um pouco de exagero.

Levantei minha cabeça e parei bruscamente quando vi Eli Cohen me observando atentamente da mesa ao lado de nossas caixas de correio. Ele estava sentado na borda da mesa, com as pernas esticadas e os tornozelos cruzados. Seus braços estavam cruzados sobre o peito e seus óculos de lentes grossas escondendo seus olhos de mim.

— Olá Sr. Cohen. — Eu falei, esperando ser casual. Nós nunca recuperamos nossa amizade depois do encontro no café. As coisas tinham sido tensas e forçadas desde então.

Foi estranho para mim, porque pensei que a nossa amizade tinha sido real. Mas foi difícil de levar ela adiante depois que ele tinha começado a me evitar como a peste, desde que percebeu que eu não estava interessada nele romanticamente.

E eu honestamente não queria dar mais corda.

— Oi, Kate. Como você está? — Seu sorriso foi genuíno, mesmo enquanto seu olhar desviou para a minha barriga pequena e redonda.

Era fim de junho, e eu estava com apenas três meses, mas havia uma barriga grande o suficiente para deixar claro que eu estava grávida. As crianças estavam fora da escola por três semanas, mas os professores ainda estavam por aqui, trabalhando em suas salas de aula ou dando aulas para as turmas de verão.

Eu estava guardando as coisas da minha sala de aula, já que ficaria fora por alguns anos. Eu tinha um bebê para criar. Uma família para focar.

Um marido para cuidar de mim.

— Eu estou bem. — Respondi honestamente. Dei um sorriso e repeti. — Estou bem de verdade.

— Você parece bem, Kate. — Sua cabeça se inclinou para indicar tudo de mim. Justo quando comecei a me sentir um pouco desconfortável, ele acrescentou. — Eu queria te falar uma coisa, só que eu sempre me senti um pouco desconfortável. Porém, eu queria dizer que estou feliz por você. Realmente feliz. Estou contente por ter dado tudo certo com Nick. Era óbvio que você nunca o superou.

Meu sorriso ficou no lugar. Senti sua autenticidade e respeitei isso.

— Obrigada, Eli. É muito legal de sua parte.

— Boa sorte com o bebê. — Ele acrescentou. — Você vai ser uma ótima mãe.

Ele se levantou e saiu da sala antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Mas eu realmente não tinha mais nada a dizer. Foi bom ter esse capítulo encerrado, mas não foi necessário.

No entanto, eu esperava o melhor para ele. Esperava que ele pudesse algum dia superar seu desgosto e encontrar alguém. Eu esperava que ele pudesse encontrar alguém que o entendesse e que o amasse tanto quanto ele merecia.

Meu telefone tocou em meu bolso. Nick estava aqui. Mandei uma mensagem falando para ele me encontrar na minha sala de aula e então recolhi os últimos papéis da minha caixa de correio.

Voltei para a minha sala lentamente, saboreando o cheiro dos armários de metal e do piso polido. Tinha um mofo impregnado no edifício que normalmente me fazia enrugar o nariz. Mas agora eu percebia que aquele era o cheiro da escola para mim. Era assim que eu sempre iria definir a Hamilton.

E eu sabia que sentiria falta daqui.

Lecionei aqui por nove anos, um pouco mais do que eu estava casada. Porém ao contrário do meu casamento, estava na hora de fechar essa porta. Estava na hora de seguir em frente.

Por enquanto.

Eu pensei em Jay Allen, e sabia que acabaria voltando algum dia. Eu não poderia desistir disso para sempre. Mas por agora, era a coisa certa a se fazer pela minha família.

Sorri para eu mesma. Deus, como era bom falar isso.

Nick e eu tínhamos feito tantos progressos ao longo dos últimos três meses. Não porque estávamos nos obrigando por causa do bebê, mas porque *nós dois* queríamos. Nós dois queríamos nos curar e criar um lar seguro e confortável para nosso pequeno.

Nós dois queríamos um ao outro, este casamento e uma felicidade autêntica e real.

E finalmente, depois de tudo o que tinha acontecido, nós a tivemos.

Em abril tínhamos comemorado nosso oitavo aniversário de casamento. Tínhamos saído para um jantar agradável e compartilhado uma garrafa de champanhe em casa. Nós nunca tínhamos sido tão felizes. Nunca estávamos tão empenhados em fazer a coisas funcionarem. Nunca tínhamos compartilhado uma vida tão maravilhosa.

Dois dias mais depois eu descobri que estava grávida.

Ninguém tinha ficado mais surpreso do que nós quando descobrimos sobre o bebê. Mas ninguém também tinha ficado mais feliz.

Nós também estávamos vendo um terapeuta. Queríamos nos curar de nosso passado e seguir em frente com as ferramentas necessárias para o sucesso. Eu ensinava aos meus alunos que conhecimento era poder. Não porque você poderia governar com ele, mas porque ele te preparava para o futuro e para o que estava por vir.

Eu tinha levado esse conselho no coração, e o aplicado no nosso casamento. Nos aproximamos mais e mais a cada dia, mas ainda havia muito trabalho a ser feito, e nem Nick nem eu sabíamos o que o futuro nos reservava.

Queríamos estar preparados.

Queríamos estar prontos para ficar lado a lado e enfrentar o que quer que o mundo atirasse em nós dois juntos.

Às vezes eu me perguntava se tinha me apaixonado por ele por todas as razões erradas. Mas eu também sabia que queria o deixar por todas as razões erradas.

A única coisa que importava agora era que eu queria ficar com ele pelas razões certas.

E que usávamos essas razões para amar um ao outro e ficar juntos, não importa quais os obstáculos que enfrentássemos.

Eu o amava.

Eu sempre escolheria amá-lo.

E ele faria o mesmo por mim.

— Porquê você está sorrindo? — Sua voz entrou pela porta onde ele se debruçou, me observando.

— Você. — Eu disse a ele honestamente. — Nós.

Ele caminhou em minha direção lentamente, o que me deu borboletas em todos os lugares certos.

— São motivos bons para sorrir. — Ele me abraçou, abaixando para beijar minhas mãos que descansavam em minha barriga. Quando ele se levantou novamente, seus olhos brilhavam com adoração: — Esse também é um motivo bom para sorrir.

Inclinei o corpo e passei meus braços em torno de sua cintura. Suas mãos me seguraram contra ele, uma delas esfregando padrões calmantes sobre minhas costas.

— Você vai sentir falta desse lugar? — Ele perguntou suavemente.

Assenti contra seu peito.

— Sim, eventualmente. Mas eu vou adorar ficar em casa também. Pelo menos por um tempo.

— Eu também vou amar que você fique em casa. — Ele riu. — Você pode fazer meu almoço todos os dias e passar minhas roupas.

Eu belisquei seu mamilo e o fiz gritar.

— Você pode fazer o seu próprio almoço, — O repreendi. — No entanto, eu *vou* passar as suas roupas. É mais barato desse jeito.

Ele soltou uma gargalhada.

— É verdade. Estou cansado de comprar camisas novas todas as vezes que destruo uma.

— Você é um homem inteligente, Nicholas. Não sei como você não consegue usar um ferro de passar.

Senti seu sorriso quando ele pressionou um beijo no topo da minha cabeça.

— É apenas uma das muitas razões pelas quais eu preciso de você, Katie. Nunca me deixe.

Eu levantei meu rosto para encará-lo.

— Nunca. — Prometi.

Ele me apertou com mais força contra seu corpo.

— Eu te amo.

Suas palavras eram poderosas. Tão poderosas que as senti em minha alma, em meu coração. As senti como algo permanente e duradouro. As senti como um juramento, uma verdade infalível... Uma convicção com a qual eu vivia minha vida.

Ele era meu marido.

Ele me amava.

Ele sempre iria me amar.

Isso era motivo suficiente para que eu o amasse também.

— Eu também te amo.

Ele me beijou devagar, lentamente e de forma nenhum pouco apropriada para a escola. Depois me ajudou a carregar nove anos de aulas e voltamos para casa, para começar o próximo capítulo de nossas vidas.

Juntos.